

ORGANIZADORAS

*Célia* Barbalho  
*Danielly* Inomata



*in*FORMAÇÃO *em*  
BIBLIOTECÔNOMIA



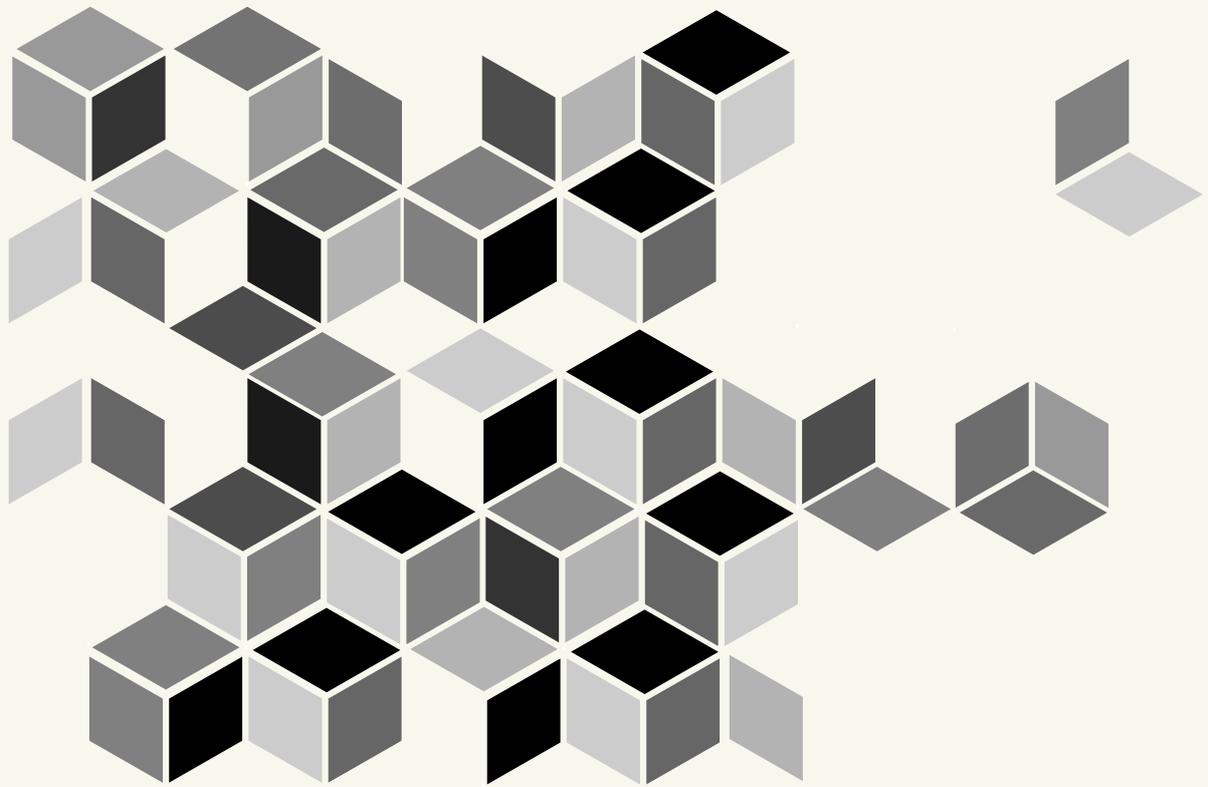


EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS



**UFAM**





# *in*FORMAÇÃO *em* BIBLIOTECONOMIA

ORGANIZADORAS

*Célia* Barbalho  
*Danielly* Inomata



# UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

## CONSELHO EDITORIAL

### PRESIDENTE

Henrique dos Santos Pereira

### MEMBROS

Antônio Carlos Witkoski

Domingos Sávio Nunes de Lima

Edleno Silva de Moura

Elizabeth Ferreira Cartaxo

Spartaco Astolfi Filho

Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel

### COMITÊ EDITORIAL DA EDUA

Louis Marmoz Université de Versailles

Antônio Cattani UFRGS

Alfredo Bosi USP

Arminda Mourão Botelho Ufam

Spartacus Astolfi Ufam

Boaventura Sousa Santos Universidade de Coimbra

Bernard Emery Université Stendhal-Grenoble 3

Cesar Barreira UFC

Conceição Almeida UFRN

Edgard de Assis Carvalho PUC/SP

Gabriel Conh USP

Gerusa Ferreira PUC/SP

José Vicente Tavares UFRGS

José Paulo Netto UFRJ

Paulo Emílio FGV/RJ

Élide Rugai Bastos Unicamp

Renan Freitas Pinto Ufam

Renato Ortiz Unicamp

Rosa Ester Rossini USP

Renato Tribuzy Ufam

**Reitor**

Sylvio Mário Puga Ferreira

**Vice-Reitor**

Jacob Moysés Cohen

**Editor**

Sérgio Augusto Freire de Souza

**Revisão Gramatical**

Karoline Alves Leite

**Revisão Técnica**

Zení Silva Jucá Bessa

**Capa**

Elton de P. B. Filho

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Elton de P. B. Filho

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jeane Macelino Galves CRB 11/463

I43  
2020

Informação em Biblioteconomia [livro eletrônico] / Célia Regina  
Simonetti Barbalho, Danielly Oliveira Inomata (org.). – Manaus, AM:  
Editora EDUA, 2020  
259 p.: il., color.

Inclui referências bibliográficas  
E-book  
ISBN: 978-65-5839-000-8

1. Biblioteconomia. 2. Ciência aberta. 3. Informação. I. Barbalho,  
Célia Regina Simonetti. II. Inomata, Danielly Oliveira. III. Título.

CDU 1997 – 027.7(045)

CDU 1997 -

Editora da Universidade Federal do Amazonas

Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM  
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Centro de Convivência – Setor Norte  
Fone: (92) 3305-4291  
E-mail: edua@ufam.edu.br



# apresentação



As especificidades da formação de bibliotecários na Região Norte do Brasil se configuram como a mola propulsora desta importante obra que reúne trabalho de docentes e pesquisadores das instituições públicas de ensino superior que ofertam esta formação no gigantesco espaço regional.

Esta obra, ao se propor a discutir os processos de formação, apresenta uma relevante contribuição para o dimensionamento das atividades em diversas organizações, sobretudo a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR), articulando uma rede de atores que contribuem de modo significativo para gênese de um profissional essencial no contexto do capitalismo cognitivo e informacional.

Reunida em dois eixos estruturantes, este e-book relaciona inicialmente a Gestão e a Tecnologia no processo formativo para posteriormente expressar as Dinâmicas da Formação sobretudo sob o ponto de vista do ensino, pesquisa e extensão, tripé indissociável da formação superior, agregando a inovação o elemento propulsor da integração com as demandas da coletividade.

Os capítulos expõem a trajetória dos cursos, suas práticas pedagógicas, os desafios, as perspectivas e as convergências da educação à distância e o ensino presencial, as vivências da formação por meio dos estágios profissionais, a realização da pesquisa por intermédio da iniciação científica e dos trabalhos de conclusão de curso bem como as implicações das atividades extensionistas no contexto da formação profissional almejada.

Trata-se, deste modo, da exposição de um olhar complexo sobre os diversos prismas que envolvem a formação de bibliotecários no imenso e intenso universo amazônico, articulado e coordenado por duas pesquisadoras da UFAM que reuniram a contribuição de professores, alunos e pesquisadores amazônidas com o intuito de contribuir para uma ampla reflexão sobre as estratégias regionais voltadas para construir uma educação que fortaleça a presença de profissionais comprometidos com a constituição de uma sociedade plena, ética e cidadã.

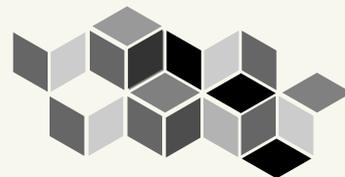
Por todos estes motivos, esperamos que a leitura desta obra contribua significativamente para a compreensão dos esforços realizados para favorecer a percepção da importância do fazer bibliotecário na sociedade contemporânea, múltipla e conectada em rede.

*Pós Dr. Sylvio Mário Puga Ferreira*  
*Reitor da UFAM (2017-2021)*





# prefácio



Ao aceitar o convite para escrever o prefácio da coletânea **inFormação em Biblioteconomia**, organizada pelas professoras Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM) e Danielly Oliveira Inomata (UFAM), tive a princípio dois sentimentos. Primeiro, senti-me honrada em prefaciá-la esta obra, que deixa marcada na Biblioteconomia a história da área e da formação de bibliotecários e bibliotecárias na região Norte do Brasil. Em seguida, percebi o desafio e a responsabilidade em abrir uma coletânea riquíssima em informações e com uma qualidade singular em termos de experiências vividas por suas personagens.

Assim, começo parabenizando todos os autores e todas as autoras desta obra pela garra, pela dedicação e pelo esforço em empreender os cursos de Biblioteconomia na Região Norte, onde as dificuldades decorrentes da dimensão geográfica são claras, mas que instigaram os pioneiros e os atuais integrantes dos cursos da região a não apenas criarem os cursos, mas consolidarem sua trajetória ao longo dos últimos 50 anos.

Por isso, parabenizo a todos e todas docentes, discentes, egressos e técnicos administrativos que ajudaram a escrever essa história tão rica e repleta de significados e memórias marcantes.

O texto da coletânea divide-se em duas grandes partes, e é por meio delas que as experiências foram sendo contadas, numa costura textual que chama a atenção pela riqueza de detalhes com que se apresenta. A primeira é denominada **Eixo 1: Gestão e Tecnologia**. A segunda parte denomina-se **Eixo 2: Dinâmicas para a formação**, cujos capítulos dividem-se em Ensino, Pesquisa e Extensão. Ao todo foram incluídos na coletânea 13 capítulos, os quais detalho a seguir.

No primeiro capítulo, intitulado **Ensino do serviço de referência e informação e a prática: diálogos e perspectivas do tradicional ao alternativo**, as autoras Danielly Oliveira Inomata e Dayse Enne Botelho apresentam uma pesquisa realizada com 11 bibliotecários de diferentes unidades de informação do Estado do Amazonas, a fim de saber como se dá a prática do serviço de referência desenvolvida por esses profissionais e qual a relação que eles veem acerca da teoria do ensino sobre o Serviço de Referência e a prática profissional. Também apresentam o percurso histórico da disciplina no curso de Biblioteconomia da UFAM, mostrando como se deu sua evolução, sendo denominada, no início do curso em 1966, como Bibliografia e Referência até a última atualização curricular de 2009, quando passou a se denominar Serviço de Referência e Informação. Ao final, as autoras concluem, conforme a análise dos dados, que vem sendo adotado, em sua maioria, o serviço de referência misto, mesclando o modelo tradicional com o modelo virtual, e que se mostra relevante o monitoramento pela academia das demandas que decorrem das mudanças sociais, que pedem uma formação profissional atualizada de forma a atender a um novo perfil de usuário que busca o serviço de referência.

No segundo capítulo, **Tics e retoques: relato de experiência da oferta da disciplina “Tecnologias Digitais Da Informação” no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia**, o Prof. Pedro Ivo Silveira Andretta demonstra a





importância da oferta da disciplina de Tecnologias Digitais da Informação no curso de Biblioteconomia da Universidade de Rondônia para a formação do futuro bibliotecário, e também de como essa disciplina pode enriquecer essa formação, na medida em que faz o discente perceber que, no universo digital, o bibliotecário tem inúmeras possibilidades de lidar com a informação, para além dos livros. Essa experiência, desenvolvida em 2019, levou os discentes à produção de apontamentos, assim denominada a produção bibliográfica a partir de leituras fundamentais, assim como à elaboração de produtos a serem usados para a divulgação nas redes sociais do curso. Ao final, o que chama a atenção é a importância que foi destacada para a formação de habilidades humanas, para além das habilidades tecnológicas, as quais extrapolam o simples manuseio de equipamentos tecnológicos e que fazem a diferença na atuação dos profissionais no mercado de trabalho.

Já os autores Célia Regina Simonetti Barbalho e Felipe Vlixio apresentam o texto intitulado **Histórias construídas, memórias resgatadas: a formação de bibliotecários no Amazonas**. Neste capítulo, os autores apresentam a trajetória do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas, utilizando-se, para tanto, da análise histórica da legislação e dos documentos institucionais que culminaram não só na criação do curso, mas na sua evolução e consolidação desde 1966, como também das narrativas de ex-professores que fizeram história no curso e na formação de bibliotecários durante décadas na região do Amazonas. As ricas experiências relatadas através das memórias dos ex-professores reforçam a importância do curso para a região e sua atuação protagonista na evolução do ensino da área através da atuação decisiva de seu corpo docente nos debates nacionais voltados para a formação de bibliotecários a nível nacional.

O capítulo intitulado **Memória organizacional das matrizes curriculares do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas: 1962-2009**, de autoria de Vanusa Jardim Borges e Andrezza Pereira de Oliveira, apresenta a memória organizacional do curso de Biblioteconomia da UFAM, construída a partir dos registros correspondentes aos documentos que marcaram a evolução do curso. Nesse sentido, as autoras destacam a evolução observada nos projetos político-pedagógicos do curso, que foram gradativamente passando de uma visão tecnicista e pragmática e incorporando novos conteúdos, visando atender às necessidades contemporâneas na formação do bibliotecário.

Escrito por Maurila Bentes de Mello e Silva, Marise Teles Condurú e Hamilton Vieira de Oliveira, o capítulo intitulado **O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará: de 1963 a 2020** traz a história da criação, manutenção e evolução do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (UFPA), que foi o 12º curso da área criado no Brasil, sendo o primeiro na região Amazônica. Chama a atenção neste texto a trajetória do curso, que saiu de uma condição de pouco valor perante os demais considerados “grandes” na UFPA, para ser reconhecido e valorizado institucionalmente, servindo de modelo para outros cursos da mesma universidade. Destaca-se que, mesmo com um período de dificuldades em relação ao corpo docente, devido à aposentadoria da maioria dos professores, o curso de Biblioteconomia da UFPA conseguiu se reerguer a ponto de contar hoje com um quadro de professores qualificados e que, aproveitando as parcerias





# prefácio

interinstitucionais e em sintonia com o curso de Arquivologia, aprovaram em 2016 o Mestrado em Ciência da Informação, grande conquista para a formação de profissionais qualificados na região Norte do país.

O capítulo escrito por Franciele Marques Redigolo, Telma Socorro Silva Sobrinho e Carlos Antônio Braga de Souza, com o título **Ensino, Pesquisa e Extensão nos 56 anos da Faculdade de Biblioteconomia da UFPA**, traz a história dessa faculdade que, ao longo de seus 56 anos, consolidou-se na região Norte a partir de ações voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão. Nesse sentido, os autores destacam uma observação relacionada ao aumento de estudantes do sexo masculino matriculados no curso, principalmente após a década de XX. Quanto à pesquisa, foram apresentadas três grandes fases que compõem o histórico do curso de Biblioteconomia na UFPA, envolvendo os primeiros projetos de pesquisa, a criação de grupos de pesquisa liderados por professores do Departamento e também a realização do Minter com o IBICT/UFRJ, que culminou, posteriormente, com a aprovação, em 2017, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPA. Em se tratando da extensão, muitos projetos foram desenvolvidos, os quais tiveram inicialmente uma perspectiva mais técnica, seguindo-se a partir da virada do século XX em projetos de extensão que evidenciaram o papel social da Biblioteconomia.

**O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia em tempos de transições: história, expectativas e desafios** é o capítulo de autoria de Pedro Ivo Silveira Andretta e Marcos Leandro Freitas Hübner, que tiveram como objetivo abordar brevemente o histórico e as perspectivas para o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, com foco na recente mudança curricular, e seus reflexos na formação dos novos bibliotecários em tempos de constantes mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas. Apesar de ter sido criado em 2008 como curso de bacharelado em Ciência da Informação com ênfase em Biblioteconomia, teve sua denominação alterada em 2012 para curso de bacharelado em Biblioteconomia. Em 2018, houve mudança no Projeto Pedagógico em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Biblioteconomia, que visaram desenvolver maior autonomia na formação do discente e atender às demandas locais. As alterações propostas foram debatidas a nível do NDE e aprovadas pelo Colegiado do curso.

As autoras Daiani Ludmila Barth, Ana Paiva Martins, Carlos Alberto Souza Santos e Isabelle da Silva Souza apresentam o capítulo **A dimensão imagética e artística na formação em Biblioteconomia: relato de experiência de ensino**, que traz como objetivo descrever a oferta e os encaminhamentos das disciplinas Discurso e Leitura de Imagens e História da Arte no âmbito da formação de bibliotecários do curso de Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir). Considerando a mudança no PPC de Biblioteconomia da UNIR, as duas disciplinas foram ofertadas em 2019, e as experiências relatadas pelos discentes que as cursaram reforçam a importância de conteúdos que contribuam para uma formação plural dos futuros bibliotecários, envolvendo a arte e a cultura como elementos imprescindíveis nessa formação.





O capítulo **Ativando a sala de aula: do EAD ao presencial**, de autoria de Danielly Oliveira Inomata e Orestes Trevisol Neto, trata do uso de metodologias ativas no curso de Biblioteconomia. Para abordar esse tema, os autores apresentam as experiências da aplicação dessas metodologias, primeiramente na graduação em Biblioteconomia ofertada pela Universidade de Chapecó, na modalidade a distância, e também em disciplinas no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas. Na experiência da UNICHAPECÓ, pode-se observar a inclusão da Aprendizagem Baseada em Problemas no Projeto Pedagógico do Curso, e na UFAM foram desenvolvidas atividades em disciplinas do curso como Representação Descritiva de Documentos I, Representação Descritiva de Documentos II, Metodologia da Pesquisa I e Normalização Documentária. Os resultados apontaram que as experiências se mostraram positivas, com uma boa recepção pelos discentes, enfatizando a importância de se conhecer o perfil do aluno para a escolha das metodologias ativas que melhor se aplicam em cada disciplina.

O texto escrito por Guilhermina de Melo Terra e Monick Cássia dos Reis Pinto, com o título **Estágio supervisionado em Biblioteconomia: o começo da personalidade profissional dos discentes da universidade federal do Amazonas**, apresenta um debate sobre a importância desse componente curricular na formação dos futuros bibliotecários. Nesse sentido, a caracterização e o planejamento do estágio supervisionado devem levar em conta as mudanças na sociedade e no mercado de trabalho, enriquecendo a formação do discente. Na UFAM, após mudanças no projeto pedagógico e ouvindo as demandas dos discentes, o estágio supervisionado passou por alterações, sendo ofertado desde o 4º período do curso, facilitando a interligação dos conteúdos teóricos com a prática profissional. Essa mudança se refletiu positivamente, pois possibilitou um contato maior do discente com os problemas reais da área profissional, ajudando-o a dar maior significado ao aprendizado obtido e a buscar soluções às questões profissionais apresentadas nas unidades de informação.

As autoras Amanda de Queiroz Bessa e Suely Oliveira Moraes Marquez trazem o capítulo com o título **A iniciação científica na universidade: um relato de experiência**, e o iniciam questionando como a prática científica pode contribuir para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Para responder a essa questão, apresentam as características da Iniciação científica no Brasil e, mais especificamente, na UFAM, agregando os resultados de uma pesquisa realizada com os estudantes que participaram da iniciação científica entre os anos de 2012 e 2018. Concluíram que os estudantes foram motivados a participar dos projetos de IC pela possibilidade de se inserir no universo da pesquisa científica, e a aprendizagem obtida com essa experiência, segundo os estudantes, contribuiu positivamente em sua formação, preparando-os para as exigências do mercado de trabalho.

No capítulo intitulado **10 anos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia (2009-2019): a trajetória apresentada por meio dos Trabalhos de Conclusão de Curso**, os autores Djuli Machado de Lucca, Joliza Chagas Fernandes e Alexandre Masson Maroldi abordam a trajetória dos primeiros 10 anos do curso de Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia, tomando como base os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos na instituição a





# prefácio

partir do ano de 2013, enfatizando, por meio de análise bibliométrica, a evolução temporal, o gênero das autorias e a análise das três primeiras palavras-chave utilizadas pelos autores dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Ficou confirmada a prevalência de estudantes do sexo feminino entre os discentes do curso como uma característica comum na área. A análise das palavras-chave apresentadas em 121 TCCs denota que as escolhas de temas e locais de estudo no curso situam-se no ambiente da biblioteca e na figura do bibliotecário, em sua maioria, e nas atividades que são próprias desses espaços, como a leitura e os estudos de usuários e fontes de informação, o que demonstra uma visão tradicional da área.

**A extensão universitária do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia: em foco a formação social e cidadã dos acadêmicos e o desenvolvimento social da região amazônica** é o título do capítulo escrito por Djuli Machado de Lucca, Angerlânia Rezende e Joliza Chagas Fernandes. Com o objetivo de apresentar as contribuições da extensão para o desenvolvimento da sociedade, com foco nas ações de extensão desenvolvidas no Departamento de Ciência da Informação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) durante os 10 anos de existência do curso, as autoras realizaram pesquisa bibliográfica e documental. Desse modo, destacaram ações de extensão, tais como: a “Feira de Livros e da Leitura: leia Zona Sul”; a Semana Acadêmica de Biblioteconomia; o Projeto Rondon: Operação Teixeira; o Projeto Amazon Saviours. Todos esses projetos contribuíram para desenvolver nos discentes a percepção do papel social que a Biblioteconomia exerce perante a sociedade, criando uma visão crítica e reflexiva a respeito de sua atuação profissional futura.

O capítulo escrito por Guilhermina de Melo Terra e Thaís Lima Trindade teve como título **A relevância da prática extensionista para a formação profissional dos bibliotecários** e destaca as ações de extensão voltadas para o desenvolvimento do gosto pela leitura entre jovens e adolescentes da cidade de Manaus. Dentre as ações, as autoras apresentam: contação de estórias por meio da hora do conto; narração de estórias por meio de fantoches; jogos, brincadeiras e gincanas; apresentação de filmes; atividades de desenhos e pinturas a partir das estórias e dos filmes. Também foi apresentada pesquisa realizada entre os egressos do curso de Biblioteconomia da UFAM que participaram dessas ações de extensão, onde ficou evidenciada a importância da participação nessas atividades para a formação dos bibliotecários, com vistas a exercer o seu papel na sociedade, incentivando permanentemente o hábito da leitura na comunidade.

No último capítulo da coletânea, os autores Wellington Marçal de Carvalho, Angerlânia Rezende, Aline Vitaliano Leal e Herta Maria Açucena do Nascimento Soeiro abordam sobre **A vivência na organização de eventos científicos: reflexões sobre o I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação, na Universidade Federal de Rondônia**. Segundo os autores, o I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação teve por objetivo despertar e estimular a comunidade geral e acadêmica sobre a importância do desenvolvimento da pesquisa científica no estado, evidenciando os papéis e cenários de atuação de atores com destaque para o bibliotecário enquanto agente e disseminador da informação científica. Foram apresentadas as metas e os objetivos do evento, assim como as comissões, as formas



# prefácio



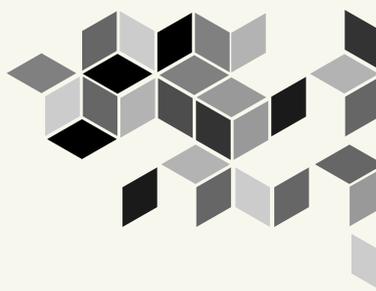
de divulgação, as inscrições e a programação. O evento ocorreu de 05 a 09 de novembro de 2018, no Audicine do SESC Esplanada, e contou com a participação de 117 pessoas, que puderam participar de palestras, apresentação de trabalhos, minicursos, atividades culturais e sorteios. Ao final, os autores concluíram que os resultados foram positivos e planejam realizar os próximos eventos superando a qualidade elogiada do I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação, na Universidade Federal de Rondônia.

Assim, percebe-se que essas histórias, contadas pelos sujeitos que as vivenciaram, revestem-se de um caráter único e reforçam a identidade desses cursos e o sentimento de orgulho que está implícito em cada linha desta coletânea. Trata-se de uma leitura não apenas rica em seu conteúdo, mas também de fácil assimilação, que com certeza será lida e relida por muitos.

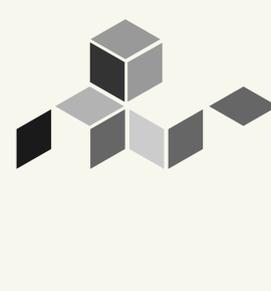
Por tudo isso, é assim que finalizo minha escrita, desejando a todos e a todas uma prazerosa leitura!

***Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Martha Suzana Cabral Nunes***  
***Presidente da ABECIN (2019-2022)***





# Cartografia da Obra



O percurso da Biblioteconomia na Amazônia enquanto elemento social e formador de recursos humanos qualificados se desenvolveu num profícuo espaço dinâmico e complexo, em meio a transformações, construções de conhecimentos, formações rizomáticas, ações e práticas. Apresentar este espaço de formação é um convite a uma cartografia social.

Cartografar é uma criação humana que implica em registrar sistematicamente algo implicando na existência de um alguém que elabora e de um outro que interpreta, ambos pautados em observações diretas ou análises ambientais.

Este é o sentido traçado para abordar a formação de bibliotecários na Amazônia, que remonta aos anos de 1960 quando se instalaram os dois mais antigos cursos de nível superior existentes na Região. Ao logo dos anos, muitas foram as construções coletivas realizadas em prol desta formação que aqui estão expostas em forma de relatos de observações, análises de trajetórias ou experimentações consubstanciando um saber a ser compartilhado para favorecer uma mobilidade em direção da melhoria do processo formativo.

Imbuídas no espírito de reunir as ricas experiências e os relatos sobre estes percursos e processos, de modo a resguardar a memória coletiva e a possibilitar o compartilhamento para fortalecer o desenvolvimento da profissão, procuramos compor esta obra a partir de expressões concretas das partes que compõem um todo intelectualmente organizado.

Este esforço coletivo representa um capital de conhecimento acumulado capaz de promover reflexões sobre ações passadas que influenciarão nas práticas e saberes no futuro, considerando a cartografia um instrumento de saberes e práticas, quando proporciona o conhecimento sobre um território e abre possibilidades para uma nova paisagem, novas relações, novas formas de existência e possibilidades.

Assim, cada capítulo reflete o ponto de vista atinente do autor, que aponta suas escolhas, sua forma de expressão, sua visão sobre aquilo que está a conjecturar considerando sua vivência e aprendizado nas teias do processo educacional.

Este aprendizado se reflete não só no contexto em que cada um dimensiona sua exposição, dialoga com os coautores que escolheu para debater e refletir, construindo suas percepções sobre o tema, o contexto e o foco, mas também pelos sentidos cartografados os quais, por uma



# Cartografia da Obra



aproximação alegórica, apontam elementos que corroboram com a reflexão e o entendimento do contexto construído na expectativa de favorecer a compreensão dos objetos, dos conceitos, das condições, dos processos e demais elementos que contribuem para a comunicação e interpretação das questões postas em exame e reflexão em cada capítulo.

Por se tratar de uma cartografia, entendida como um registro, cada capítulo representa a expressão de cada autor e coautor, único responsável pelas trilhas estabelecidas para assentar suas percepções e compor suas contribuições. A estes autores e autoras, as organizadoras agradecem pelos contributos oferecidos que vem cheios de luz para demonstrar o caminho percorrido, pelo pronto acolhimento ao convite de compor esta obra e pelo vigor de fortalecer a formação de bibliotecários na imensidão da Amazônia.

***Pós Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho***

***Dra. Danielly Oliveira Inomata***





# sumário



## eixo 1

**GESTÃO E  
TECNOLOGIA**



### 01

**O ENSINO DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO E A PRÁTICA: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS DO TRADICIONAL AO ALTERNATIVO.**

PAG. 18

CAPÍTULO

// *Danielly Oliveira Inomata e Dayse Enne Botelho*

### 02

**TICS E RETOQUES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFERTA DA DISCIPLINA “TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO” NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**

PAG. 40

CAPÍTULO

// *Pedro Ivo Silveira Andretta*



## eixo 2

**DINÂMICAS PARA  
A FORMAÇÃO  
(ENSINO)**



### 03

**HISTÓRIAS CONSTRUÍDAS, MEMÓRIAS RESGATADAS:  
A FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS NO AMAZONAS**

PAG. 59

CAPÍTULO

// *Célia Regina Simonetti Barbalho e Felipe Vlaxio*

### 04

**MEMÓRIA ORGANIZACIONAL DAS MATRIZES CURRICULARES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS: 1962 - 2009**

PAG. 79

CAPÍTULO

// *Vanusa Jardim Borges e Andrezza Pereira de Oliveira*



# sumário

- 05** O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: 1963 a 2020 **PAG. 102**  
CAPÍTULO // *Maurila Bentes de Mello e Silva, Marise Teles Condurú e Hamilton Vieira de Oliveira*
- 06** ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NOS 56 ANOS DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA NA UFPA **PAG. 118**  
CAPÍTULO // *Franciele Marques Redigolo, Telma Socorro S. Sobrinho e Carlos Antônio Braga de Souza*
- 07** O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA EM TEMPOS DE TRANSIÇÕES: HISTÓRIA, EXPECTATIVAS E DESAFIOS **PAG. 132**  
CAPÍTULO *Pedro Ivo Silveira Andretta e Marcos Leandro Freitas Hübner*
- 08** A DIMENSÃO IMAGÉTICA E ARTÍSTICA NA FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO **PAG. 151**  
CAPÍTULO // *Daiani Ludmila Barth, Ana Paiva Martins, Carlos Alberto Souza Santos e Isabelle da Silva Souza*
- 09** ATIVANDO A SALA DE AULA: DO EAD AO PRESENCIAL **PAG. 163**  
CAPÍTULO // *Danielly Oliveira Inomata e Orestes Trevisol Neto*
- 10** ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM BIBLIOTECONOMIA: O COMEÇO DA PERSONALIDADE PROFISSIONAL DOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS **PAG. 181**  
CAPÍTULO // *Guilhermina de Melo Terra e Monik Cássia dos Reis Pinto*



# sumário



## eixo 2

### DINÂMICAS PARA A FORMAÇÃO (PESQUISA)



# 11

CAPÍTULO

### A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

// *Amanda de Queiroz Bessa  
e Suely Oliveira Moraes Marquez*

PAG. 192

# 12

CAPÍTULO

### 10 ANOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (2009-2019): A TRAJETÓRIA APRESENTADA POR MEIO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

// *Djuli Machado De Lucca, Joliza Chagas Fernandes  
e Alexandre Masson Maroldi*

PAG. 204



## eixo 2

### DINÂMICAS PARA A FORMAÇÃO (EXTENSÃO)



# 13

CAPÍTULO

### A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: EM FOCO A FORMAÇÃO SOCIAL E CIDADÃ DOS ACADÊMICOS E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA REGIÃO AMAZÔNICA

// *Djuli Machado De Lucca, Angerlânia Rezende  
e Joliza Chagas Fernandes.*

PAG. 215

# 14

CAPÍTULO

### A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA EXTENSIONISTA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS

// *Guilhermina de Melo Terra e Thaís Lima Trindade*

PAG. 229

# 15

CAPÍTULO

### A VIVÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS: REFLEXÕES SOBRE O I SIMPÓSIO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, EM PORTO VELHO - RO

// *Wellington Marçal de Carvalho, Angerlânia Rezende,  
Aline Vitaliano Leal e Herta Maria Açucena do Nascimento Soeiro*

PAG. 244



# Eixo



# GESTÃO E TECNOLOGIA





# capítulo 1

---

## **O ENSINO DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO E A PRÁTICA: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS DO TRADICIONAL AO ALTERNATIVO**

---

- *Danielly Oliveira Inomata (UFAM)*
- *Dayse Enne Botelho (UFAM)*



### INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo traçar uma reflexão acerca do ensino da disciplina Serviço de Referência e Informação, e do seu percurso diante das mudanças de cunho tecnológico e da adaptação aos novos processos nas Unidades de Informação. Para isso, recolheu-se dados junto aos bibliotecários atuantes em Unidades de Informação localizadas na cidade de Manaus, onde é ofertado o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas.

O serviço de referência é mais que um expediente para a comodidade do usuário (GROGAN, 2001). A finalidade do serviço de referência e informação é permitir que as informações fluam eficientemente entre as fontes informacionais e quem precisa de informação. Neste processo, além do usuário, o bibliotecário também assume o papel de protagonista, sendo o principal interpretador entre a fonte e o usuário (neste caso, quando se pensa num serviço de referência tradicional).

No entanto, outro cenário vem sendo construído, no qual o usuário se torna mais autônomo em suas buscas informacionais, passando a utilizar o serviço de referência virtual/alternativo/educativo. Entende-se que este é um processo natural em função das mudanças tecnológicas que modificam as rotinas de trabalho; da evolução das gerações que alteram a forma como as pessoas lidam com as tecnologias, seja com relação à forma de acesso e compartilhamento de informações, seja com relação à forma como consomem e produzem informações; do próprio processo de globalização que afeta o funcionamento das organizações e, no caso da biblioteca, não é diferente, haja vista que, para Assmann (2000, p. 10), é “[...] elemento constituinte e instituinte das nossas formas de ver e organizar o mundo”.

Isso a literatura já vem sinalizando, como destacaram Jesus e Cunha (2012, p. 111): “A web 2.0 disponibiliza recursos de interação e compartilhamento que podem auxiliar no processo de desenvolvimento de setores importantes da biblioteca, como o setor de referência”. Assim sendo, Mata e Gerlin afirmam que:



A partir desse século o termo serviço de referência passa a remeter a uma ação em que se encaminha o “sujeito leitor” a um determinado contexto informacional, tornando-se necessário a considerar na sociedade atual as mudanças sofridas com a intensificação do uso das tecnologias de informação e comunicação. (MATA; GERLIN, 2018, p. 45).

É interessante voltar no tempo, para o que já sinalizava Figueiredo (1974, p. 175) quando afirmou que “o serviço de referência pode variar quanto aos seus objetivos e quanto a sua profundidade, dependendo do tipo de biblioteca onde se realiza, ou seja, de acordo com as características e as finalidades da biblioteca”.

A essência do conceito de referência é o atendimento pessoal do bibliotecário ao usuário. No entanto, face a essas mudanças, o foco das bibliotecas também está se voltando para as tecnologias que podem se aliar ao funcionamento interno e externo dessas unidades, bem como para a forma como os usuários lidam com as tecnologias e como a informação será repassada para eles, sendo um dos pontos-chave desse desenvolvimento (JESUS; CUNHA, 2012).

O serviço de referência, propriamente dito, refere-se ao serviço em si, à interação face-a-face entre os três pilares: Usuário X Informação X Bibliotecário, sendo que este último será o mediador de todo o processo. Ao mesmo tempo em que se coloca em evidência um cenário em que o usuário tem autonomia, destaca-se que “os serviços que podem ser oferecidos são os mesmos, e a mudança está no uso de ferramentas que agilizam este atendimento” (RESENDE, 2011, p.6), por exemplo, quando permite-se que, por meio de tecnologias de informação e comunicação (TICs), o usuário utilize os serviços da biblioteca em qualquer lugar, rompendo as fronteiras físicas da biblioteca.

Diante disso, indaga-se: como as mudanças tecnológicas e organizacionais afetam a oferta do Serviço de Referência e Informação nas Unidades de Informação? O que pensam os bibliotecários de referência neste contexto?

Muitos questionamentos são levantados. Desta maneira, indaga-se também como se posiciona o ensino do Serviço de Referência e Informação para atender todas essas mudanças em busca de formar um profissional ativo, habilitado para conectar teoria e prática.

### *BASE TEÓRICA CONCEITUAL DO ENSINO À PRÁTICA*

Dois elementos serão seguidamente discutidos: o **ensino** e a **prática**, para traçar as reflexões acerca do Serviço de Referência e Informação, ilustradas a partir do contexto da oferta da disciplina no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como aspecto constituinte e formador do profissional da informação, o bibliotecário.

Mata e Gerlin (2018), ao analisarem os currículos de Biblioteconomia, constatam que é evidente uma perspectiva voltada para o serviço de referência às ações de competência em informação, que requer:

[...] uma combinação de conhecimentos (saber), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber ser) no campo da informação, relacionando-se com a capacidade de buscar informações efetivas e saber usar equipamentos eletrônicos e ferramentas provenientes da era da Informação. (MATA; GERLIN, 2018, p. 48).



Entendendo-se que o fator humano mantém-se relevante nesse processo que envolve o usuário, a informação e o bibliotecário, com a tecnologia como apoio na prestação desse serviço.

### **OLHARES SOBRE O ENSINO DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas foi criado em 1966, pela Resolução Nº 29/66 de 14/11/1966 do Consuni (Conselho Universitário da Universidade Federal do Amazonas), e sua instalação ocorreu em 1967. A primeira turma foi diplomada em 19/08/1969 (LIMA, 1999). As transformações curriculares da Disciplina Serviço de Referência e Informação seguiram as normas que regeram o Curso. Naquela data, no currículo do Curso, a Disciplina nasceu com o nome Bibliografia e Referência. É possível que essa decisão estivesse relacionada à proposta de formar profissionais voltados à tecnologia de organização de bibliotecas.

A Universidade Federal do Amazonas, tendo sido a pioneira na oferta de Curso de Biblioteconomia no Amazonas, propôs-se a ser a instituição formadora para suprir as demandas da Universidade e as do Estado, em franco desenvolvimento econômico e tecnológico consequentes da Zona Franca de Manaus (LIMA, 1999).

Nos anos seguintes, a partir de 1969, com a formação da primeira turma de bibliotecários na Universidade Federal do Amazonas, os novos profissionais ocuparam os espaços, organizaram bibliotecas no campus universitário e na cidade, sob as administrações de órgãos de ensino, ciência e tecnologia, vinculados tanto ao governo federal quanto ao estadual e municipal.

Na reforma estrutural do Curso de Biblioteconomia, em 1974, a Disciplina Serviço de Referência e Informação permaneceu com o mesmo nome de 1967. O perfil da Disciplina Bibliografia e Referência, mais atado à construção tecnicista, ligado às exigências da época, era voltado ao atendimento do usuário na busca de livros e documentos nos acervos das bibliotecas.

É importante salientar que a Disciplina Serviço de Referência e Informação esteve, desde o início da sua criação, atada à formação de profissionais vinculados às necessidades tecnológicas no novo momento pelo qual passava a Universidade e o Estado. Como consequência, prevaleceram o atendimento ao usuário, as buscas pelas fontes e a disseminação de informações, que se tornaram objetivos prioritários.

Em 1985, antecedendo as enormes transformações nas tecnologias de informações, que vieram no ano seguinte com a explosão da internet no mundo, aconteceu outra reforma curricular no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas, que estabeleceu mudanças importantes tanto na estrutura quanto nos objetivos pedagógicos da Disciplina Serviço de Referência e Informação.

Essas mudanças foram baseadas nos novos estudos acadêmicos dirigidos às necessidades dos usuários cada vez mais ligados à ciência e às tecnologias de última geração, publicados em acervos de universidades e institutos de ciência e tecnologia.

As alterações foram as seguintes:





- *A antiga estrutura curricular da Disciplina Bibliografia e Referência foi desmembrada em quatro novas Disciplinas: Disciplina Fonte Bibliográfica I e II; Disciplina Disseminação de Informação I e II.*
- *As Disciplinas Disseminação de Informação I e II enfatizaram a abordagem histórico-conceitual da referência; a estrutura do serviço de referência; os recursos humanos; a educação e o treinamento de usuários; as diferentes formas de divulgação da informação; os eventos em bibliotecas; a disseminação seletiva da informação.*

As transformações começaram em 1985, com a mudança do nome para Disciplina Disseminação da Informação I e II. A partir daquele ano, as bibliotecas assimilaram outras funções: acrescentando o tecnicismo, a busca de livros e textos, a aderência à procura de informações, isto é, qualquer tipo de necessidade do usuário ligada aos documentos de muitas origens, sendo o bibliotecário mediador entre o usuário, a biblioteca e as diferentes fontes de informação.

Os objetivos pedagógicos formadores da Disciplina Disseminação da Informação I e II foram desenvolvidos para: a responsabilidade de responder às perguntas dos usuários; a interpretação do acervo da biblioteca; a orientação na busca de outras fontes externas.

Em 2009, aconteceu outro projeto político-pedagógico no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas, que alcançou a Disciplina Disseminação de Informação I e II, mudando o nome e reagrupando em uma só a Disciplina Serviço de Referência e Informação, tratando: da abordagem histórico-conceitual da referência; da estrutura do serviço de referência; dos recursos humanos, informacionais e materiais; das práticas de referência: disseminação, transferência, atendimento e treinamento de educação do usuário; das técnicas de disseminação da informação; dos perfis de usuários.

É importante destacar que em 2009, com a Disciplina Serviço de Referência e Informação, foram mantidos objetivos semelhantes aos de 1985, porém, enfatizando a relação humanizada entre o bibliotecário e o usuário, entendendo de forma profissional as características das demandas, procurando atender do melhor modo possível para alcançar os objetivos do serviço de referência, tanto presencial quanto virtual de ambos.

No seu processo histórico, a antiga Disciplina Bibliografia e Referência, e nos dias atuais com o nome Serviço de Referência e Informação, tem colocado na prática profissional, em diferentes tipologias de bibliotecas, no Estado do Amazonas e na Região Norte, profissionais qualificados prontos para atender os usuários e a sociedade.

Atualmente, o colegiado do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas está em processo de estudo para melhorias do projeto político pedagógico.



**PERSPECTIVAS DO ENSINO DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA E  
INFORMAÇÃO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS, AOS  
PROCESSOS, AOS MEDIADORES E AOS USUÁRIOS DA  
INFORMAÇÃO**

Tradicionalmente, quando se pensa no Serviço de Referência e Informação (SRI), os seus fundamentos remetem às respostas imediatas a uma consulta (FIGUEIREDO, 1992), com vistas a “[...] maximizar o uso dos recursos informacionais da biblioteca, por meio de interação substancial, entre diferentes grupos de usuários, em vários níveis” (MACEDO; MODESTO, 1999, p.43).

No que tange ao aporte conceitual, Grogan (2001, p. 29) diz que “a substância do serviço de referência é a informação e não determinado artefato físico.” Ou seja, “o objetivo do SRI é dar assistência aos usuários na busca das informações, independente do suporte em que elas se encontram e não se atendo a uma coleção específica de materiais”. (PEREIRA, 2012, p.4).

Como destaca Pinto (2017), o objetivo principal desse tipo de serviço em uma unidade de informação é fornecer a informação aos usuários, de modo a solucionar suas necessidades informacionais. As ações-chave nesse serviço são: informar, instruir/formar e guiar/orientar de maneira personalizada. Sendo que os principais serviços ofertados nesse setor são: comutação bibliográfica, orientação para o uso de bases de dados, capacitações, pesquisa bibliográfica, ação cultural, auxílio à normalização, disseminação seletiva da informação, digitalização e atendimento virtual. Desse modo, muitos dos desafios impostos estão relacionados às tecnologias de informação e comunicação, aos novos suportes de informação, ao bibliotecário como educador, à inclusão social e à educação a distância. Ademais, sabe-se que:

[...] a Educação de Usuário é uma das funções de destaque da moderna biblioteca universitária. Quer seja a forma de educação, direta ou indireta, formal ou informal, cuidados especiais devem ser dados a cada caso, tendo em vista nível e propósitos dos usuários. (BELLUZZO, 1989 apud CORREA; CRISTIANINI, 2008).

Assim como ocorre em outras tipologias de bibliotecas, embora muito mais evidente nas bibliotecas universitárias. Para Pinto (2017), uma mudança percebida é com relação aos próprios usuários, os quais se motivaram a ter “um papel mais ativo nas suas pesquisas, e o bibliotecário, um perfil de protagonista, sendo um agente ou guia orientador e avaliador da qualidade dos recursos, principalmente em formato digital” (PINTO, 2017, p. 241).

Na configuração de cenários mutáveis e inovadores, junto à educação de usuários, outro termo emerge, a competência informacional. Esta sendo, na sua natureza, conceituada como uma “série de habilidades e conhecimentos que nos permitem encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos, assim como filtrar a informação de que não necessitamos” (EISENBERG, 2008, p. 40, tradução nossa).

Embora não sejam objetos de estudo deste trabalho as relações entre o Serviço de Referência e a Competência Informacional, é importante destacar que esses componentes mantêm relações transversais, assim como ocorrem com outras disciplinas que trazem





conteúdos complementares, tais como estudo de usuários, fontes de informação, que convergem para conhecimentos acerca das atividades que a referência tem de fazer e que podem ser englobadas “nos serviços de atendimento, de informação e de orientação” (ROSTIROLLA, 2006, p. 30). O serviço fim da biblioteca consiste na satisfação do usuário, e ela é concretizada quando este tem acesso à informação da qual necessita, informação esta que pode estar encapsulada em (i) um livro (um bem da biblioteca), (ii) um relatório customizado, elaborado pelo bibliotecário de acordo com as necessidades informacionais do usuário, (iii) na indicação de uma fonte e informação, (iv) na cocriação de um conteúdo, dentre tantas outras formas de produtos (bem ou serviço).

Esse serviço pode ser ofertado de forma tradicional e/ou alternativa e também é conhecido como serviço de referência virtual, serviço de referência *on-line* ou serviço de referência educativo. Nesse sentido, o que mudou do Processo de Referência Tradicional (PRT) para o Processo de Referência Virtual (PRV)?

Pinto (2017) esclarece muito bem essa questão, afirmando que:

[...] a principal diferença entre o PRT e o PRV reside no espaço digital *on-line*, que permite novas formas de comunicação, mais interativas e colaborativas, além do tempo/espaço entre usuários/bibliotecários, facilitadas por recursos de informação digitais e ferramentas tecnológicas de comunicação síncronas e assíncronas. (PINTO, 2017, p. 246).

A característica fundamental do serviço de referência virtual/digital/*on-line* é o uso das TICs no processo de comunicação entre os atores desse sistema: usuários e bibliotecários de referência, alterando a forma de oferta desse serviço. Por exemplo, verifica-se que “os bibliotecários de referência *on-line* estão se especializando no uso das tecnologias e das obras de referência existentes na rede” (ARELLANO, 2001, p.9).

Os desafios do ensino do Serviço de Referência e Informação acompanham as mudanças que ocorrem no campo, portanto, no ambiente real de oferta dos serviços informacionais. Desse modo, verifica-se que a biblioteca está atingindo um espaço em que ela está se transformando para acompanhar uma abordagem multimodal (presencial, *on-line* e a distância), cujas exigências do seu cliente/usuário requerem recursos e serviços que não são limitados por tempo e espaço. Algumas mudanças são evidentes e, efetivamente, devem ser incorporadas no ensino/aprendizagem, sendo as seguintes:

- a) *As bibliotecas universitárias estendem seus serviços para atender às novas demandas da nova formação de alunos (NICHOLAS; WHITE, 2012), o mesmo ocorre com as outras tipologias de bibliotecas em função da nova formação de indivíduos por gerações;*
- b) *O serviço de referência digital estende o balcão de referência ao ambiente virtual para permitir que o bibliotecário de referência atenda às necessidades de pesquisa dos usuários *on-line* em tempo real (NICHOLAS; WHITE, 2012);*





- c) *Os recursos informacionais que removeram a barreira das paredes físicas da biblioteca e permitem ao bibliotecário manter seu papel como instrutores e avaliadores de informações e recursos (NICHOLAS; WHITE, 2012).*

### PERCURSO METODOLÓGICO

Quanto à caracterização da pesquisa, trata-se de um estudo de natureza aplicada, descritiva e exploratória quanto aos objetivos, pois busca-se conhecer: (i) como se formou o ensino da atual disciplina Serviço de Referência e Informação; e (ii) como os profissionais da informação lidam com o Serviço de Referência e Informação, ou seja, aqueles atuantes em diferentes tipos de bibliotecas alocadas na cidade de Manaus, que, em tese, têm em seu quadro de colaboradores bibliotecários formados no curso de Biblioteconomia da UFAM.

Para este estudo, adotou-se a abordagem de caráter qualitativo, com o estudo das estruturas curriculares e da aplicação de questionário eletrônico junto aos bibliotecários. Com relação ao instrumento, este foi encaminhado para 18 bibliotecários de sete instituições com bibliotecas, sendo três especializadas, três universitárias, uma escolar e uma pública, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Tipologia de bibliotecas e bibliotecários participantes da pesquisa

Quantidade e Tipo de Biblioteca	Instrumentos encaminhados	Participantes
3 Bibliotecas Especializadas	3	2
1 Biblioteca Escolar	2	-
1 Biblioteca Pública	1	-
3 Bibliotecas Universitárias	12	9
TOTAL	18	11

Fonte: Os Autores, 2019.

O instrumento foi composto por duas seções, sendo elas: **(i) caracterização do respondente**, com 12 questões para conhecer o tempo de experiência e atuação do bibliotecário, bem como aspectos de educação continuada; e **(ii) serviço de referência**, contendo oito questões voltadas, especificamente, para o serviço de referência, buscando o detalhamento das atividades, da oferta, das tecnologias, da avaliação, dos conhecimentos para a prática do serviço de referência.

Os resultados foram analisados por meio da análise de conteúdo para as questões abertas e com base nos gráficos gerados pela plataforma utilizada, no caso das questões fechadas.

### PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO NO MERCADO

Os resultados, seguidamente apresentados, versam sobre a (i) caracterização dos respondentes, quanto à idade, à experiência como bibliotecário e à atuação no setor de referência; bem como, a (ii) caracterização do serviço de referência propriamente nas Unidades de Informação. Assim, compõem-se uma estrutura de análise para conhecer e



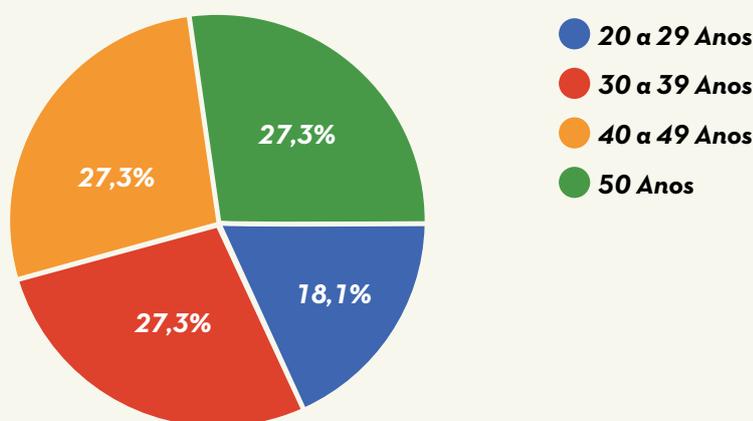


demonstrar como é avaliado o serviço em questão na perspectiva dos bibliotecários atuantes no mercado de trabalho da cidade de Manaus.

### CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Os 11 bibliotecários participantes da pesquisa, com base nos dados, têm mais de 30 anos (FIGURA 1) e são experientes na oferta do serviço analisado (QUADRO 2), sendo que a maioria deles tem entre 5 e mais de 10 anos de experiência (FIGURA 2), adicionados à experiência em outros setores da biblioteca (FIGURA 3), principalmente na área do processamento técnico e na área de gestão.

Figura 1 – Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: Os Autores, 2019.

Em conjunto buscou-se saber o tempo de atuação na biblioteca, conforme mostra o Quadro 2.

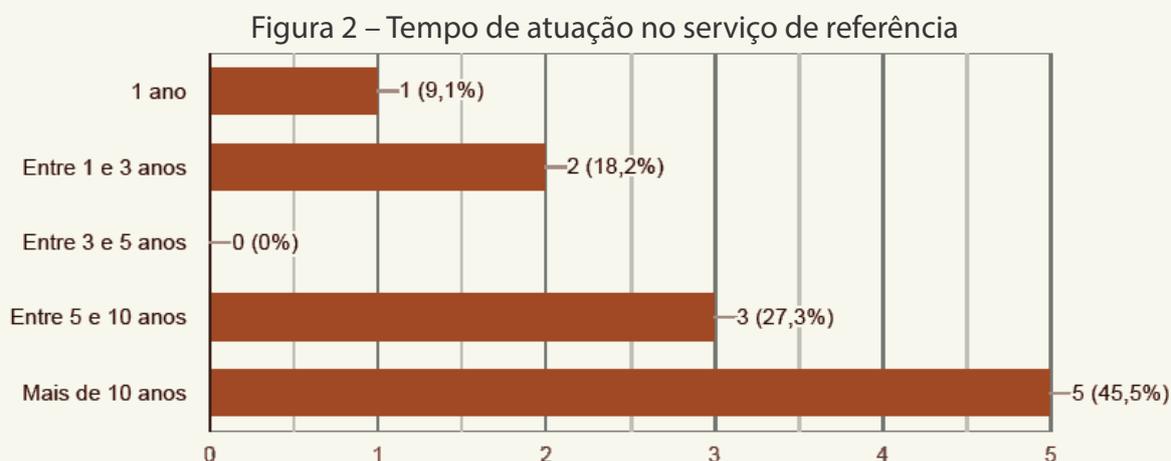
Quadro 2 – Tempo de atuação na biblioteca

<b>Participantes e Tipologias de Bibliotecas</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
<b>Bibliotecários da Biblioteca Universitária 1</b>	2 anos
	4 meses
	1 ano
	10 anos e 7 meses
	10 anos
<b>Bibliotecários da Biblioteca Universitária 2</b>	8 meses
	25 anos
	7 meses
<b>Bibliotecário da Biblioteca Universitária 3</b>	18 anos
<b>Bibliotecário da Biblioteca Especializada 1</b>	5 anos
<b>Bibliotecário da Biblioteca Especializada 2</b>	11 anos

Fonte: Os Autores, 2019.



No geral, observa-se que os bibliotecários têm um bom tempo de atuação no serviço de referência, em relação ao tempo de experiência, no que tange à atuação em biblioteca, demonstrando que estão habilitados ao campo de trabalho.



Fonte: Os Autores, 2019.

Buscou-se saber se os respondentes passaram pelo processo de educação continuada, pois como destaca Souza (2007, p. 5):

[...] a formação continuada confere acesso a novos conhecimentos, habilidades e atitudes profissionais sintonizadas com os novos paradigmas da sociedade contemporânea, provocando uma reflexão sobre os processos de trabalhos, que deve ser feita não de forma ingênua, mas com autocrítica.

Além de ser uma ferramenta fundamental para lidar com as novas exigências que surgem periodicamente em todos os ramos de atividade profissional (CRESPO; RODRIGUES; MIRANDA, 2006).

Com os resultados da pesquisa, verificou-se que mais de 70% dos participantes da pesquisa possuem pós-graduação em nível de especialização (*lato sensu*) nas seguintes áreas: Recursos Humanos; Gestão Pública, Gestão; Comunicação; Biblioteconomia e Ciência da Informação; Ciência da Informação – Gestão de Documentos e Informação; Sistema de Informação voltado para usuário e Serviço de Referência; e Gestão em Biblioteca Escolar. Um participante relatou que realizou apenas cursos livres, não reconhecidos como pós-graduação.

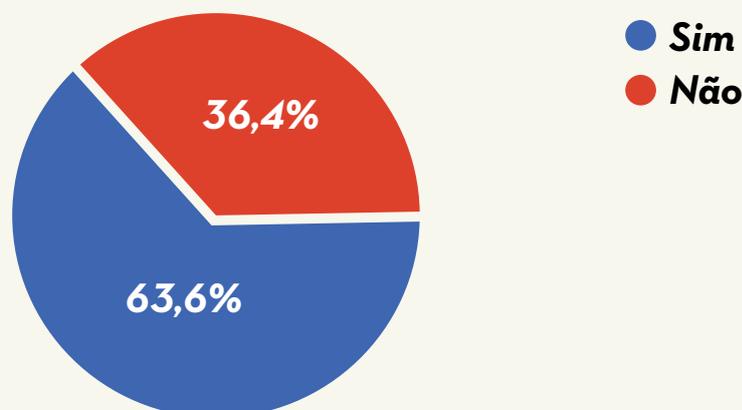
Ainda investigou-se se além da pós-graduação os respondentes participavam de eventos para o aperfeiçoamento profissional. No geral, mais de 80% dos respondentes informaram que participam.

Seguindo a caracterização dos respondentes, foi de interesse da pesquisa conhecer se esse profissional atuava em outro setor, além do serviço de referência (Figura 3).





Figura 3 – Atuação em outros setores além do Setor de Referência



Fonte: Os Autores, 2019.

A maioria dos respondentes atua em mais de um setor, sendo no processamento técnico (4), na função de coordenação (2), em repositório institucional (1), nas atividades administrativas, na vice direção (1). Um respondente destacou que atua “[...] há 7 meses no serviço de referência, [no entanto, atuou] 10 anos no serviço técnico [em outra instituição]” (Bibliotecário Respondente 10, 2019).

Assim como a educação continuada é o elemento concretizador do desenvolvimento profissional (MORENO *et al.*, 2007), a experiência, que traz o aperfeiçoamento da teoria na prática, é aspecto que somatiza para a formação da competência do bibliotecário.

#### CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA DO SERVIÇO DE REFERÊNCIA

A prestação do Serviço de Referência e Informação, como já sinalizado neste estudo, foi evoluindo em função do usuário (passando da perspectiva de leitor para usuário/cliente/interagente). Neste movimento, assiste-se à evolução de um serviço presencial acrescido de possibilidades de serviços de referência *on-line* e virtual. Ao investigar como ocorre a prestação do serviço de referência, o Quadro 3 apresenta uma compilação das respostas dos participantes da pesquisa.

Quadro 3 – Atividades de referência realizadas nas unidades de informação investigadas

ID	QUAIS AS ATIVIDADES DE REFERÊNCIA SÃO REALIZADAS NA SUA UNIDADE DE INFORMAÇÃO?
BR1	Atividades correspondentes à área como, atendimento ao usuário.
BR2	Atendimento ao usuário (empréstimo/devolução), treinamento de usuário para uso do Sistema Pergamum, consulta local, visita, suporte técnico e treinamento de colaboradores de bibliotecas setoriais, reserva e renovação de material informacional.
BR3	Atendimento ao público em geral.

▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼ Continua Na Próxima Página ▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼



Quadro 3 – Atividades de referência realizadas nas unidades de informação investigadas

ID	QUAIS AS ATIVIDADES DE REFERÊNCIA SÃO REALIZADAS NA SUA UNIDADE DE INFORMAÇÃO?
BR4	Atendimento (empréstimo, devolução, renovação de materiais), orientação no uso das ferramentas disponíveis, auxílio à pesquisa, treinamento, organização do acervo, controle do uso de computadores disponíveis para pesquisa.
BR5	Treinamento de usuário; orientação quanto ao uso do catálogo online; orientação aos usuários quanto ao uso da biblioteca; empréstimo automatizado; atendimento e orientação à comunidade interna e externa; orientação quanto ao uso dos catálogos e à localização de material de informação nos acervos; manutenção e organização dos acervos.
BR6	Elucidação de dúvidas do usuário quanto às normas (ABNT), auxílio no uso da biblioteca e de fontes de informação online (periódicos, base de dados).
BR7	Orientação aos usuários, levantamento bibliográfico, capacitação para normalização e busca da informação.
BR8	Pesquisa bibliográfica em bases de dados específicas para a área da saúde (Bireme, Pubmed, UpToDate e outras); Busca de documentos solicitados (geralmente artigos científicos) na rede, ResearchGate, Portal Periódicos da CAPES, UpToDate, COMUT e outros; Orientação no uso de Gerenciadores de Referências; Orientação no cadastro e atualização dos Lattes e Plataforma Brasil; orientação na estruturação de projetos de pesquisa na saúde; orientação e formatação de TCC, dissertações e teses.
BR9	Atendimento ao usuário, gestão da biblioteca.
BR10	Atendimento ao usuário com pesquisa bibliográfica/empréstimo e devolução/serviço de reserva de obras/acompanhamento ao acervo para entendimento das disposições de arrumação por classificação/visita guiada/treinamento nas bases de dados etc.
BR11	Levantamento bibliográfico, consulta à base de dados, empréstimo pessoal e empréstimo entre bibliotecas, treinamento de usuários.

Fonte: Os Autores, 2019.

Verifica-se no conjunto das respostas que o atendimento ao usuário (muito relacionado ao empréstimo e à devolução) seguido da orientação quanto ao uso das bases de dados foram as descrições mais citadas, o que de fato representa o serviço de referência.

É interessante notar que, embora seja um texto antigo, a compreensão de Shera (1966) acerca da prestação desse serviço ainda é evidente quando se coloca o usuário como elemento central (embora chamado de leitor) de acordo com suas necessidades: “o serviço de referência abrange todo o espectro que inclui desde uma vaga noção de auxílio aos leitores até um serviço de informação muito esotérico, muito abstrato e **altamente especializado**” (SHERA, 1966, p. 21, grifo nosso).





A partir das respostas (Quadro 3), infere-se que as bibliotecas especializadas estão bastante inclinadas à oferta de serviço altamente especializado, sendo que pode ser um serviço buscado pelo seu usuário: a busca em bases de dados especializadas, o uso de gerenciador de referência, a orientação e estruturação de projetos, o uso de fontes de informação *on-line*.

Com relação às ferramentas utilizadas como apoio ao serviço de referência e informação, o computador é a tecnologia mais empregada, por ser o meio que permite o uso das bases de dados, do sistema da biblioteca, dos catálogos internos e externos, do repositório institucional, das redes sociais, dos periódicos, conforme foi sinalizado por alguns dos respondentes:

- “Uso da base de dados Q-Biblio, Q-Acadêmico para pesquisa on-line, Redes sociais” (Bibliotecário Respondente 5, 2019);
- “Catálogo on-line, periódico CAPES, *Research Gate*, repositório institucional, catálogo coletivo nacional – CCN, Worldcat, chat, Redes Sociais entre outros” (Bibliotecário Respondente 11, 2019).

Em paralelo, buscou-se saber se o bibliotecário considerava que as ferramentas disponíveis eram suficientes para a realização do trabalho de referência. Apenas oito pessoas responderam essa questão, quatro responderam de forma positiva, uma delas salientou que “sim. No entanto, penso que outras ferramentas poderiam ser utilizadas: Instagram, Facebook” (Bibliotecário Respondente 7, 2019). Outros responderam que:

- “Conseguimos desenvolver nosso trabalho como que temos, mas melhorias serão sempre bem vindas. A tecnologia é uma grande aliada” (Bibliotecário Respondente 4, 2019);
- “[...] não são suficientes, mas tentamos de todas as formas atender às expectativas de quem nos procura, para o objetivo ser alcançado, ou seja, o usuário levar consigo a informação que veio buscar” (Bibliotecário Respondente 10, 2019).

Outro bibliotecário respondeu apenas que as tecnologias atendem parcialmente, e outro respondeu que não atendem.

Seguidamente, buscou-se saber *como as mudanças tecnológicas e organizacionais afetam a oferta do Serviço de Referência e Informação nas Unidades de Informação*, apenas um respondente disse que “[...] não afetam, mas ajudam” (Bibliotecário Respondente 3, 2019).

As demais respostas se relacionaram à:

- a) atualização dos bibliotecários com relação às tecnologias: “Exigindo dos profissionais as constantes atualizações junto às novas ferramentas, como redes sociais” (Bibliotecário Respondente 1, 2019).
- b) adequação às mudanças da oferta do serviço de referência: “O usuário adquiriu autonomia para realizar os serviços da biblioteca. A maioria ele consegue fazer sozinho no autoatendimento ou mesmo pelo conforto da sua casa ao renovar um



material emprestado” (Bibliotecário Respondente 2, 2019).

- c) justificativa ao comportamento dos usuários: “Observa-se uma queda na demanda por informação física (livros/biblioteca)” (Bibliotecário Respondente 6, 2019), bem como “no cenário da informação digital os serviços de referência estão muito mais centrados nas interações *on-line*, tanto mediada pelo bibliotecário quanto de forma automatizada, do que na forma de atendimentos presenciais” (Bibliotecário Respondente 11, 2019).

As mudanças tecnológicas e organizacionais exigem uma atualização constante das tecnologias para que possam fazer uso dela a fim de se mostrarem ainda úteis na sociedade. **Creio que aquele serviço tradicional de referência nunca irá acabar. Haverá sempre a necessidade do contato humano. Contudo, é inegável o efeito que as novas tecnologias e as novas possibilidades de organização do trabalho (por exemplo o *home office*) terão sobre várias profissões.**

Os serviços de referência terão que ser mais dinâmicos e não devem se prender ao horário de trabalho na unidade física. É preciso um comprometimento maior do profissional da informação desses serviços nas UI para que as respostas sejam realizadas no menor tempo possível, pois na mesma velocidade em que as solicitações chegarem, a resposta deverá ser providenciada sem esquecer da qualidade.

**Na medida em que você abre as opções de contato com o profissional da informação (e-mail, whatsapp, facebook, instagram e outros), o profissional terá que estar apto para responder o usuário** (mesmo que a resposta seja negativa ou apenas a sinalização de que você recebeu a mensagem e que irá providenciar a solicitação) em qualquer lugar e das mais variadas formas. (Bibliotecário Respondente 8, 2019, grifo nosso).

Sobre esse comportamento, Pessoa e Cunha (2007) já evidenciavam que, com o passar dos anos, as bibliotecas e as informações tornaram-se cada vez mais especializadas e os usuários passaram a exigir mais tempo e atenção dos bibliotecários, fenômeno percebido, primeiramente, nas bibliotecas universitárias e potencializado com o crescimento das bibliotecas especializadas. Isso está relacionado também ao fato de que:

Mudam as maneiras de se prestar os serviços conforme a realidade das bibliotecas, e, a cada dia, cresce o número de ferramentas que auxiliam na organização documentária e na busca e recuperação de informações.

[Processo iniciado com] O advento da indústria online, na década de 1970, [que] acelerou essa mudança com a produção de catálogos que se constituíam de citações bibliográficas e de índices. (PESSOA; CUNHA, 2007, p. 70).

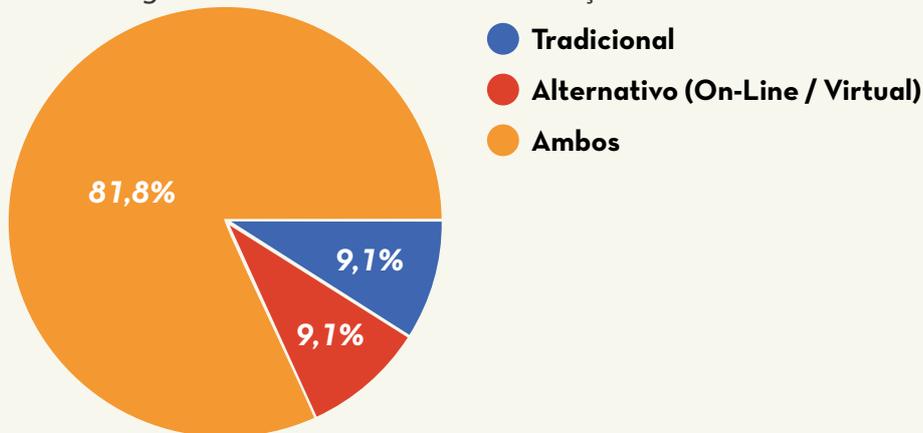
Tudo isso somado aos serviços de informação oferecidos pelas bibliotecas nesse novo ambiente tecnológico que adquirem uma dimensão mais ampla e interdependente devido à disponibilidade crescente de recursos informacionais acessíveis diretamente da *Web* (MARCONDES; MENDONÇA; CARVALHO, 2005), portanto, reflexo da evolução da *Web*, como bem levantado por Jesus e Cunha (2012).

Foi objeto de análise saber a forma de oferta do serviço de referência pelas bibliotecas investigadas. Com base nos informantes, mais de 80% delas ofertam tanto o serviço tradicional quanto o alternativo (FIGURA 4).





Figura 4 – Forma de oferta do serviço de referência



Fonte: Os Autores, 2019.

Este é um resultado alinhado ao que vem ocorrendo nas bibliotecas, sobretudo nas bibliotecas universitárias brasileiras. Ademais,

[...] a existência de serviços de referência prestados em tempo real já faz parte da realidade de vários países, com destaque para os Estados Unidos, país pioneiro na criação de projetos colaborativos nessa área que visam oferecer serviços mais ágeis e racionalizar recursos tanto financeiros como humanos e tecnológicos. (PESSOA; CUNHA, 2007, p. 71).

A pesquisa de Pinto, Inomata e Varvakis (2015) demonstra que no Brasil, no que tange ao cenário das bibliotecas universitárias, o movimento para a oferta do serviço de referência educativo é crescente nas bibliotecas universitárias.

O usuário aprende a explorar as fontes e recursos de informação e a utilizar adequadamente a tecnologia que possui a seu alcance. As consequências da capacitação do usuário podem ser observadas no atendimento às suas necessidades imediatas e também ao longo de toda a sua vida como usuário da informação (PINTRO; INOMATA; VARVAKIS, 2015, p. 1730).

Haglund e Olsson (2008) já alertavam que os bibliotecários têm que deixar o prédio da biblioteca e começar a trabalhar no ambiente da pesquisa, e devem estar atentos ao fato de que o uso do Google, entre outras ferramentas, é mais fácil em detrimento do uso da biblioteca, considerado mais complicado. Foi o que mostrou a pesquisa com três universidades de Estocolmo, na Suécia (HAGLUND; OLSSON, 2008).

Buscou-se saber se o serviço de referência passa por alguma avaliação. Seis respondentes informaram que não passa por avaliação. Outros responderam que:

- “Ocorre treinamento para melhorar o atendimento ao público” (Bibliotecário Respondente 4, 2019);
- “Sim, temos caixas de sugestões e críticas na biblioteca e o SISTEBIB faz avaliação anual das atividades das bibliotecas” (Bibliotecário Respondente 8, 2019);
- “Sim. O próprio usuário nos remete ao grau de satisfação que o serviço de



referência está atuando. Fora esse feedback, temos pesquisa de opinião e auto avaliação com os servidores lotados na setorial” (Bibliotecário Respondente 10, 2019);

- “Os serviços on-line são monitorados por meio do *Google Analytics* e por métricas próprias de cada sistema os serviços presenciais são avaliados por meio de questionário eletrônico disponibilizado no setor de referência” (Bibliotecário Respondente 11, 2019).

Um respondente sinalizou desconhecer a existência de avaliação do serviço:

Não tenho conhecimento de realização de avaliação dos serviços prestados pelas Bibliotecas do [sistema]. Existe uma avaliação voltada para o funcionário e seu desempenho, mas não para o nível de (in)satisfação do público atendido em relação aos serviços prestados. (Bibliotecário Respondente 5, 2019).

Verifica-se que boa parte das bibliotecas investigadas avaliam os serviços prestados, um resultado positivo, pois somente por meio da avaliação dos serviços é que se pode iniciar o processo de melhoria contínua, portando, de qualidade.

Buscou-se saber dos respondentes como eles analisam a transição entre o ensino/aprendizagem da teoria sobre o serviço de referência com a prática no mercado de trabalho, sendo sinalizado que ocorre relação entre o ensino e a prática:

- “O que se transmite nas universidades está bem próximo da realidade do mercado de trabalho” (Bibliotecário Respondente 1, 2019);
- “Estão de acordo porque permite identificar a diversidade de possibilidades, no entanto depende muito mais do profissional ser capaz de adequar isso conforme é posta a realidade” (Bibliotecário Respondente 7, 2019).

A teoria é mais complexa e tenta abarcar todos os possíveis entraves do serviço, bem como a apresentação das fontes e possibilidades de trabalho/atuação. Na prática, em sua maioria, o serviço é mais simplista, seja pelo perfil do usuário, seja pelas ferramentas que a própria instituição disponibiliza. (Bibliotecário Respondente 6, 2019).

No entanto, contraditoriamente a essa simplicidade declarada, alguns aspectos de extrema relevância devem ser considerados no que tange à preparação desse profissional da informação:

Considero que os conteúdos apresentados em sala de aula, quando fui estudante, **me prepararam em parte para o mercado**, no que condiz à importância da postura de escuta atenta, para conseguir entender e atender à necessidade dos que nos buscam com pedido de auxílio.

No ambiente em que venho atuando nos últimos anos, sinto cada dia **mais latente a necessidade de preparação do profissional para que possa lidar adequadamente com diferentes grupos sociais** que se apresentam em nosso balcão, e aqui me refiro ao atendimento de portadores de necessidades especiais (físicas, motoras, cognitivas), indígenas, estrangeiros, LGBTs, e outros. (Bibliotecário Respondente 4, 2019). (Grifo nosso).

Outros relatam que ocorre um distanciamento entre teoria e prática, como se verifica:





Durante todos esses anos tive contato com várias turmas do curso de Biblioteconomia no estágio supervisionado que a biblioteca proporciona e minha visão é a de que existe uma certa distância entre a teoria e a prática. Aliás, isso não é novidade e creio que não seja um problema específico da disciplina. [...] Enfim, creio que essa relação entre o ensino/aprendizagem e a prática profissional deveria ser encurtada. (Bibliotecário Respondente 8, 2019).

Contudo, deve-se considerar “[...] a graduação como a base, como ponto de partida, o amadurecimento profissional vem com a prática no mercado de trabalho, porém essa transição nem sempre é suave” (Bibliotecário Respondente 11, 2019).

Como destacou outro respondente: “Tudo é muito bonito na teoria, mas a prática é bem mais real, difícil, mas ao mesmo tempo, prazerosa, pois com dificuldades, falta de recursos humanos e de verbas, conseguimos desenvolver um trabalho digno, atuante e de qualidade” (Bibliotecário Respondente 10, 2019).

Para finalizar a análise junto aos bibliotecários, buscou-se conhecer como esses profissionais da informação, considerando a sua prática, consideravam quais eram os conteúdos e conhecimentos essenciais para atuar no serviço de referência. Para ilustrar, criou-se uma nuvem de palavras a partir do conteúdo das respostas (FIGURA 5).

Figura 5 – Nuvem de palavras dos conteúdos e conhecimentos essenciais para atuar no serviço de referência



Fonte: Os Autores, 2019.

Nota: Uso do site <https://www.wordclouds.com> para gerar a figura.



A Figura 5 deixa em evidência termos que estão diretamente associados ao serviço em questão. Chama-se atenção para três palavras que, neste levantamento, devem ser observadas: tecnologias, comunicação e WhatsApp, que denotam a importância de utilizar a tecnologia como meio de comunicação, e o uso de aplicativos pode ser um canal de informação adequado para esse ambiente competitivo, dinâmico, mutável no qual estão inseridos os usuários, os bibliotecários e a biblioteca. Sobre isso, destaca-se algumas falas para fundamentar as representações em evidência na nuvem de palavras.

Conhecer as principais ferramentas de comunicação e informação disponíveis na atualidade, traçar metas anuais, listar iniciativas e importância do setor para o trabalho fim da biblioteca, conscientizar e treinar os demais servidores do setor. (Bibliotecário Respondente 5, 2019).

Para fazer uso de tecnologias para aproximar a biblioteca do usuário, de forma mais efetiva, “[...] é essencial o conhecimento das fontes e o domínio das tecnologias digitais” (Bibliotecário Respondente 11, 2019), por meio do:

Uso de aplicativos de informação (WhatsApp e outros) e suas possibilidades no serviço de referência e o que o uso dessa tecnologia exigirá dos profissionais. Marketing no serviço de referência e o uso das tecnologias como ferramenta (Por exemplo, deveria ser prática em nossa profissão a troca de cartões de visita. O advogado faz, o psicólogo faz mas nós, aparentemente, fazemos muito pouco). [...] Domínio das plataformas presentes em qualquer área (Plataforma Lattes) e em áreas específicas (Saúde, Direito, Engenharia e outras). (Bibliotecário Respondente 8, 2019).

Não basta sermos somente educados com os usuários, temos que ir mais além, pois com a competitividade, se faz necessário sermos dinâmicos, criativos e audaciosos e temos que dar as mãos para as novas tecnologias, temos que falar a linguagem de todos os segmentos. Devemos trabalhar a comunicação, aceitando sugestões e críticas, partindo desse pressuposto de melhorias e ajustes, para benefício de todos. (Bibliotecário Respondente 10, 2019).

No que tange aos conhecimentos, foi sinalizado que “o currículo trabalhado na graduação trouxe disciplinas de suma importância para a prática das atividades por mim desenvolvida como: Estudo de usuário, Desenvolvimento de coleções, entre outras” (Bibliotecário Respondente 1, 2019), bem como conhecer e saber localizar as fontes de informação. Além disso,

[...] parecem necessários conteúdos acerca de relacionamento interpessoal, atendimento ao público - e aqui ser inserido o atendimento a públicos específicos, como citado anteriormente -, trabalho em equipe, colaboração e integração com os demais setores da instituição mantenedora da Biblioteca. (Bibliotecário Respondente 4, 2019).





[...] [Ter] Habilidades interpessoais: há casos que você terá que buscar a informação em outro lugar com outros profissionais. Uma pessoa tímida terá muita dificuldade em conseguir romper os muros da biblioteca em busca de uma informação que está sob a guarda de outro profissional. (Bibliotecário Respondente 8, 2019).

Apenas um respondente enfatizou a necessidade de ter o domínio sobre outro idioma. Outros apontamentos recaem sobre gestão, por exemplo. Com relação aos relatórios sobre a biblioteca, foi enfatizado por um respondente que no que se refere ao “relatório de atividades: devemos aprender a fazer relatórios objetivos para mostrar à alta direção que nós somos importantes” (Bibliotecário Respondente 8, 2019). Em contrapartida, outro destacou “a qualidade na gestão, compromisso no que faz, e ter uma forma de incentivo para os colaboradores” (Bibliotecário Respondente 3, 2019). Também é importante tanto a forma como o bibliotecário compreende a informação quanto a entrega ao usuário:

Encarar a informação como um produto e que, portanto, não deve ser entregue de qualquer jeito. Por exemplo: quando você for entregar um artigo/informação pelo WhatsApp, fazer um esforço para elaborar um texto conciso sem gírias ou abreviaturas. (Bibliotecário Respondente 8, 2019).

Essas colocações coadunam com o que a literatura da área vem sinalizando como necessidades a serem observadas, seja com relação ao ensino (de forma mais tímida, com menos estudos), seja com relação à prática (com mais representatividade), evidenciando os aspectos sobre as competências de atuação desse profissional da informação.

## CONCLUSÕES

Ao se verificar a trajetória da composição da disciplina Serviço de Referência e Informação do curso de Biblioteconomia da UFAM, é notória a sua busca por acompanhar as demandas da sociedade. Ao longo destes 50 anos de formação, em meados da década de 70, os primeiros bibliotecários passam a organizar as bibliotecas da cidade de Manaus; em meados da década de 80, o curso busca acompanhar as mudanças tecnológicas e preparar o bibliotecário para essa atuação mais dinâmica, por exemplo, com conhecimentos voltados ao atendimento e à orientação do usuário para que possa realizar buscas em fontes de informação externas à biblioteca. Em meados da primeira década dos anos 2000, o curso passou por nova reformulação e compreendeu que as Disciplinas Disseminação I e II poderiam ser condensadas na disciplina Serviço de Referência e Informação, mantendo os princípios dos objetivos de 1985, no entanto, dando ênfase à relação humanizada entre o bibliotecário e o usuário.

Ao se contrapor os resultados do levantamento junto aos bibliotecários, o fator das relações interpessoais foi apontado como elemento de destaque para a formação. Outro aspecto de atenção recaiu sobre o uso das tecnologias como suporte para a oferta dos serviços de informação.



No geral, verificou-se que os 11 bibliotecários participantes da pesquisa são experientes na oferta do serviço analisado, muitos com experiência em outros setores da biblioteca, principalmente na área do processamento técnico e na área de gestão. Esses profissionais afirmam passar por educação continuada e participar de eventos como forma de obtenção de novos conhecimentos.

Nas bibliotecas, mais de 80% já utilizam tanto o serviço de referência tradicional como o serviço de referência alternativo, uma tendência nas bibliotecas brasileiras e realidade nas bibliotecas internacionais dos países desenvolvidos.

Por fim, com a pesquisa de campo e a análise da estrutura curricular do curso, sobretudo no que compete à disciplina Serviço de Informação e Referência, observa-se que há um alinhamento entre a teoria e a prática, sendo esta última com responsabilidade de ambas as partes (entre a universidade, que forma ofertando conhecimentos e habilidades, e o bibliotecário, que atua buscando aprimorar os conhecimentos, as habilidades e inculcando atitudes). A oferta da disciplina exige o monitoramento constante daquilo que ocorre na sociedade. No caso do curso de Biblioteconomia da UFAM, deve-se perceber como as necessidades do desenvolvimento regional e do mercado vêm se posicionando, com vistas a preparar profissionais para atuar nos ambientes de informação de maneira sustentável e com competência.

Sugere-se que esta pesquisa seja aplicada juntamente com os discentes para conhecer o que eles esperam, traçando-se, assim, um paralelo daquilo que os bibliotecários e, também, o mercado esperam.

## REFERÊNCIAS

ARELLANO, M.A. MARDERO. Serviços de referência virtual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 2, ago. 2001.

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

CORREA, Regina Helena Vittoreto Garcia; CRISTIANINI, Gláucia Maria Saia. Estudo da eficácia do programa de educação do usuário, ministrado pelo serviço de biblioteca e informação do Instituto de Química de São Carlos da Universidade de São Paulo: relato do treinamento para uso de bases de dados. **Anais [...]**, 2008.

CRESPO, Isabel Merlo; RODRIGUES, Ana Vera Finardi; MIRANDA, Celina Leite. Bibliotecas universitárias e as fontes de informação eletrônica: o bibliotecário e as novas demandas. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 14., 2006. Salvador. **Anais [...]** Salvador: UFBA, 2006.





EISENBERG, Michael B. Information Literacy: essential skills for the Information Age. **DESIDOC Journal of Library & Information Technology**, v. 28, n.2, p. 39-47, Mar. 2008.

FIGUEIREDO, N. M. de. **Serviços de referência e informação**. São Paulo: Polis: APB, 1992.

FIGUEIREDO, Nice. Evolução e avaliação do serviço de referência. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v.2, n.2, jul./dez., 1974. Disponível em: [http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/04/pdf\\_e1ab55a9fc\\_0016327.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/04/pdf_e1ab55a9fc_0016327.pdf). Acesso em: 28 dez. 2019.

GROGAN, D. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

HAGLUND, Lotta; OLSSON, Per. The impact on university libraries of changes in information behavior among academic researchers: a multiple case study. **The journal of academic librarianship**, v. 34, n. 1, p. 52-59, 2008.

JESUS, D. L.; CUNHA, M. B. Produtos e serviços da web 2.0 no setor de referência das bibliotecas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, p. 110-133, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/38746>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LIMA, Raimundo Martins de. **A construção social da biblioteconomia brasileira: a dimensão político-pedagógica de fazer bibliotecários**. Manaus: EDUA, 1999.

MACEDO, N. D. de.; MODESTO, F. Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas. Parte I – do serviço de referência convencional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 1, n. 1, p. 38-54, 1999

MARCONDES, C.H.; MENDONCA, M.A.; CARVALHO, S.M. Serviços via Web em bibliotecas universitárias brasileiras. **Perspectiva Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, ago. 2005.

MATA, M. L.; GERLIN, M. N. M. Reflexões sobre ensino de biblioteconomia: ênfase curricular na função educacional do serviço de referência e da competência em informação. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 32, n. 1, p. 31-52, 2018.

MORENO *et al.* A formação continuada dos profissionais bibliotecários: análise do conteúdo dos sites das entidades de classe. **Revista ACB**, [s.l.], v. 12, n. 1, 2007.

NICHOLAS, Pauline; WHITE, Thelma. E-learning, e-books and virtual reference service: The nexus between the library and education. **Journal of Library & Information Services in Distance Learning**, v. 6, n. 1, p. 3-18, 2012.

PEREIRA, Suzana Zulpo. Identificação de serviços de referência na web em bibliotecas universitárias federais brasileiras dos Cursos de Medicina. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado, RS. **Anais [...]**, Gramado, RS: UFRGS, 2012.

PESSOA, P.; CUNHA, M. B. Perspectivas dos serviços de referência digital. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 69-82, set./dez. 2007.

PINTO, A. A. Os serviços de referência: mudanças, desafios e oportunidade na sociedade da informação. *In*: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. **Biblioteca do Século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2017. cap. 10, p. 353, p. 242- 279.

PINTRO, Sirlene; INOMATA, Danielly Oliveira; RADOS, Gregório Jean Varvakis. Serviço de referência de bibliotecas universitárias: tradicional e educativo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2015.

RESENDE, Érica dos Santos. O bibliotecário e a evolução do serviço de referência na biblioteca universitária. *In*: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**. Brasil, 2011.

ROSTIROLLA, G. **Gestão do conhecimento no serviço de referência em bibliotecas universitárias**: uma análise com foco no processo de referência. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SHERA, Jesse H. The challenging role of the reference librarian. *In*: Texas Library Association. **Reference, research and regionalism**. Austin, 1966. p. 21-34.

SOUZA, B. A. Uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) nos serviços de referência das bibliotecas dos centros federais de educação tecnológica (CEFETs) das regiões norte e nordeste do país. *In*: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE NORDESTE DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, 2., 2007. **Anais [...]** João Pessoa, 2007.



## SOBRE OS AUTORES



### DANIELLY OLIVEIRA INOMATA

*Vice-líder do Grupo de Pesquisa Gestão da Informação e Conhecimento na Amazônia. Professora do Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em Ciência da Informação (UFSC). Tem competência de atuar nas áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Gestão do Conhecimento, Gestão da Informação e Comunicação, Fluxos Informacionais e áreas relacionadas; Parque Tecnológico, Incubadora de Empresas, Empresas de Base Tecnológica e startup.*



### DAYSE ENNE BOTELHO

*Professora aposentada, do Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFAM). Tem competência de atuar na área de Ciência da Informação, com os seguintes temas: Biblioteconomia e Competência Profissional.*





# capítulo 2

---

## **TICS E RETOQUES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFERTA DA DISCIPLINA “TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO” NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**

---

- *Pedro Ivo Silveira Andretta (UNIR)*



### INTRODUÇÃO

A discussão sobre a presença e importância da “automação”, da “informática”, das “tecnologias da informação” ou ainda das “tecnologias digitais” nos currículos dos cursos de Biblioteconomia não é em nada recente! Exemplo disso, basta ver na literatura nacional alguns exemplos, como os trabalhos de Vieira (1972) e Cunha (1991), que abordam a temática no âmbito nacional, ou ainda os relatos de Brittain (1985) e Lancaster (1994) no contexto estadunidense.

Por outro lado, se a discussão é antiga, a inserção e o equacionamento da área de “Tecnologias da Informação” junto aos currículos de Biblioteconomia é ainda pouco explorada. Tal como indica o levantamento de Barros, Cunha e Café (2018), que, ao compararem os currículos de Biblioteconomia do Brasil, identificaram que, em média, na área curricular de “Tecnologias da Informação” a oferta de disciplinas obrigatórias é a menor, demandando em média 5,95% da carga horária dos cursos, atrás inclusive da área de “Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação”, com 7,01%. Vale dizer que no estudo de Barros, Cunha e Café (2018) os currículos de Biblioteconomia da Região Norte ficaram sub-representados, na medida em que os cursos não possuíam, até 2014, nem mesmo um site para armazenar e divulgar seus Projetos Políticos Pedagógicos, o que, no limite, refletisse, talvez, o pouco “crédito” dado à área de “tecnologias da Informação” nos cursos de Biblioteconomia da região.

Nesse sentido, o presente trabalho procura demonstrar aspectos do ensino da área de “Tecnologias de Informação e Comunicação” no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) do Projeto Político-Pedagógico de 2018. Para tanto, valemo-nos, particularmente, da descrição e reflexão sobre o encaminhamento da primeira oferta da disciplina “Tecnologias digitais da Informação”, ministrada pelo autor do presente texto, abordando, inclusive, sugestões para as próximas edições.

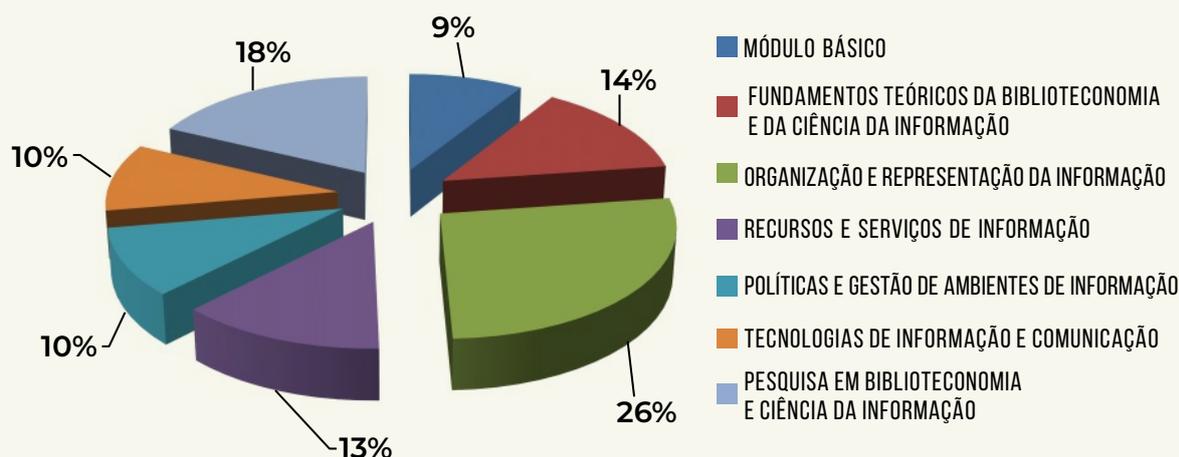
O relato de experiência que segue foi dividido em duas partes principais: os “Aspectos curriculares da disciplina ‘Tecnologias digitais da Informação’” e “A oferta da disciplina ‘Tecnologias digitais da Informação’: leituras, atividades e engajamento”, que procuram abordar o contexto da oferta da disciplina na área de “Tecnologias de Informação e Comunicação” e, de outro, a efetiva oferta, debatendo escolhas pedagógicas e tecnológicas da disciplina. Ao final, lançamos as “Considerações finais” relatando algumas aprendizagens, sugestões e alguns encaminhamentos para a reoferta da disciplina.

### ASPECTOS CURRICULARES DA DISCIPLINA TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO

O Curso de Biblioteconomia da UNIR foi criado em novembro de 2008 e passou a receber a primeira turma em julho de 2009. Decorridos quase 10 anos da criação do curso, em julho de 2018, a Universidade aprovou a Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia, mantendo sua oferta de 50 vagas para o período noturno, fixando um currículo com carga horária total de 2.520 horas e uma matriz curricular mais equilibrada.

Nessa nova matriz, as disciplinas foram distribuídas conforme 7 áreas temáticas: 1. “Módulo básico”, 2. “Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação”, 3. “Organização e Representação da Informação”, 4. “Recursos e serviços de Informação”, 5. “Políticas e Gestão de Unidades de Informação”, 6. “Tecnologias de Informação e Comunicação” e 7. “Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação”. A distribuição da carga horária das disciplinas nessas áreas temáticas segue como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Distribuição das disciplinas por áreas temáticas – Biblioteconomia UNIR



Fonte: UNIVERSIDADE [...], 2018, p. 18.



O Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia (UNIVERSIDADE..., 2018) prevê para a área de “Tecnologias de Informação e Comunicação” a seguinte ementa e os seguintes objetivos:

**Área 6-Tecnologias de Informação e Comunicação**

Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas em contextos informacionais distintos. Arquitetura de bibliotecas, bases de dados, repositórios, portais e outros recursos digitais. Análise e avaliação de redes, sistemas e software. Plataformas, sistemas e recursos tecnológicos aplicados a distintos contextos informacionais. Automação de ambientes de Informação.

**Objetivo:**

Empregar conceitos, métodos, instrumentos e recursos de tecnologia da Informação e Comunicação para o desenvolvimento, a implementação e a avaliação de recursos tecnológicos como repositórios, bases de dados, bibliotecas digitais, publicações eletrônicas, OPAC.

Para a área de “Tecnologias de Informação e Comunicação”, foram previstas disciplinas obrigatórias e optativas. As disciplinas optativas, vale destacar, podem ser ofertadas em qualquer semestre do curso, conforme disponibilidade de docentes e interesse do Conselho do Departamento, podendo ainda, segundo os mesmos interesses e disponibilidades, serem incluídas novas disciplinas. O quadro de disciplinas da área de “Tecnologias de Informação e Comunicação” é apresentado a seguir.

Quadro 1 – Distribuição das disciplinas da área de Tecnologias de Informação e Comunicação – Biblioteconomia UNIR

NOME DA DISCIPLINA	REGIME DE OFERTA	PERÍODO DE OFERTA	CARGA HORÁRIA
Editoração	Obrigatória	2º Semestre	80 horas
Tecnologias digitais da Informação	Obrigatória	2º Semestre	60 horas
Cultura e mídia	Obrigatória	3º Semestre	60 horas
Arquitetura da Informação	Optativa	Livre	40 horas
Bibliotecas digitais e repositórios	Optativa	Livre	40 horas
Configuração de ambiente web para unidades de Informação	Optativa	Livre	40 horas
Informática aplicada à biblioteconomia e ciência da Informação	Optativa	Livre	40 horas

Fonte: O Autor, 2019.

Considerando que o foco desse relato é a oferta da disciplina Tecnologias digitais da Informação, destacamos a seguir a ementa e os objetivos da disciplina, conforme o Projeto Pedagógico do Curso.





Ementa: Ferramentas e Tecnologias da Informação e Comunicação ligadas a Ciência da Informação e da Documentação. Software Livre e Opensource, Linguagens de Internet, Cloud Computing, Web 2.0 e Web 3.0. Tecnologias para PNE.

Objetivos

- Apresentar as tecnologias digitais de Informação como ferramenta para as atividades informacionais na atuação do profissional da Informação.
- Conhecer as ferramentas de tecnologias de Informação e Comunicação disponíveis.
- Descrever os processos de aplicabilidade das tecnologias de Informação e Comunicação no contexto informacional.
- Promover os conhecimentos da disciplina em uma aplicação prática. (UNIVERSIDADE..., 2018, p. 57)

Na próxima seção, abordaremos aspectos específicos da primeira oferta da disciplina Tecnologias digitais da Informação no Curso de Biblioteconomia.

### **A OFERTA DA DISCIPLINA: LEITURAS, ATIVIDADES E ENGAJAMENTO**

É importante, de início, destacar que atualmente, no Departamento de Ciência da Informação – UNIR, os professores, em consenso, escolhem as disciplinas segundo seu perfil, experiência e conhecimento sobre o conteúdo da ementa da disciplina, não havendo necessariamente disciplinas “fixas” para cada docente. Além disso, ressalta-se que, apesar da disciplina possuir uma ementa e objetivos fixos, é dado ao docente a autonomia para ministrá-la da maneira como acredita ser melhor conveniente, organizando os conteúdos e a dinâmica das aulas, dentro de suas possibilidades e limitações. Sendo que, antes mesmo de iniciar as aulas, o docente deve apresentar o Plano de Ensino da disciplina para o Conselho do Departamento, que faz a apreciação do documento, cabendo ao colegiado a aprovação do Plano ou, ainda, a recomendação de ajustes obrigatórios para a aprovação.

A disciplina Tecnologias digitais da Informação de 2019 foi ministrada nas terças-feiras, no laboratório de informática, compartilhado com os Cursos que compõem o Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas. O laboratório conta com 15 computadores Desktop, acesso ao Wifi, boa climatização e mesas compartilhadas para uso de notebooks. As aulas ocorreram no turno da noite, das 19h às 22h, sem intervalo, com liberdade para o aluno sair quando precisasse. A turma contava, inicialmente, com 47 alunos, portanto, um número muito superior à capacidade de computadores disponíveis. Diante disso, foi dada orientação para que, caso o aluno tivesse um notebook e condições de trazê-lo e levá-lo em segurança, levasse o seu próprio, disponibilizando máquinas para aqueles que não tivessem as mesmas condições.

A disciplina contou com 20 encontros, ocorridos entre 06 de agosto e 17 de dezembro. Do planejamento inicial foi necessário apenas um ajuste, em decorrência da participação do docente no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Esse ajuste demandou a necessidade de enviar uma atividade adicional aos alunos e juntar a aula do 18º e do 19º encontro. A seguir está indicado o cronograma das aulas, dos dias e dos conteúdos.



Quadro 2 – Cronograma da disciplina Tecnologias digitais da Informação  
– Biblioteconomia UNIR (2019 – 2º semestre) –

Aula	Dia	Conteúdo	Módulo
01	06.08	Tecnologias e tecnologias digitais	1
02	13.08	LINGUAGENS DE PROGRAMAÇÃO, PROGRAMAS, SOFTWARE LIVRE E OPENSOURCE	
03	20.08	INTERNET, WEB E LINGUAGENS E NAVEGAÇÃO PARA WEB	
04	27.08	FERRAMENTAS GOOGLE	
05	03.09	SISTEMAS DE GERENCIAMENTO DE CONTEÚDO	
06	10.09	EDITORÇÃO ELETRÔNICA	
07	17.09	SISTEMAS PARA COMUNICAÇÃO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	
08	24.09	REDES SOCIAIS E IDENTIDADE DIGITAL	
09	01.10	REDES SOCIAIS E PROSPECÇÃO DE DADOS	
10	08.10	REDES DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICAS E GESTORES DE REFERÊNCIA	
11	15.10	APLICAÇÕES DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA CI 1 (PROSPECÇÃO DE DADOS)	2
12	22.10	APLICAÇÕES DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA CI 2 (TRATAMENTO DE DADOS)	
13	29.10	APLICAÇÕES DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA CI 3 (ANÁLISE DE DADOS E INFORMAÇÕES)	
14	05.11	APLICAÇÕES DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA CI 4 (ANÁLISE DE DADOS E INFORMAÇÕES)	
15	12.11	APLICAÇÕES DE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA CI 5 (DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES)	
16	19.11	PREPARAÇÃO DO TRABALHO FINAL	3
17	26.11	PREPARAÇÃO DO TRABALHO FINAL	
18	03.12	APRESENTAÇÃO DO TRABALHO FINAL	
19	10.12	FINALIZAÇÃO DA DISCIPLINA	
20	17.12	REPOSITIVA	

Fonte: O Autor, 2019.

Conforme se vê no Quadro anterior, a disciplina ficou dividida em três módulos:

1. Conteúdos gerais: conceitos básicos sobre tecnologias digitais e aplicações comuns na atividade acadêmica, na apresentação e no exercício profissional, nivelando habilidades básicas com programas, sistemas de gerenciamento de Informação e redes sociais, e avançando, inclusive, para alguns sistemas de gerenciamento de sites, bibliotecas e periódicos digitais, e para a compreensão sobre redes sociais acadêmicas e altimetria;



2. Aplicações de tecnologias digitais para Ciência da Informação: conteúdos avançados para a prática profissional, abrangendo as atividades de prospecção e tratamento de dados até a análise e disseminação de Informação, inserindo o aluno, mesmo sem perceber, no universo das humanidades digitais e da ciência de dados;

3. Elaboração do Trabalho Final: apresentação de um produto elaborado coletivamente utilizando algumas das ferramentas e possibilidades apresentadas em sala de aula.

Para cada aula do módulo 1 e 2, havia uma bibliografia e a exigência de enviar um “Apontamento crítico” pelo ambiente SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas). Em cada encontro, a aula seguia um roteiro de softwares e sistemas, relacionados com aspectos da Bibliografia da aula/Apontamento. O roteiro de leituras das aulas e os apontamentos críticos estão listados no Apêndice 1, já o Plano de Ensino e os “Roteiros” estão disponíveis em: < <http://hdl.handle.net/10760/39493> >. A seguir, apresentamos aspectos que julgamos importantes para o desenvolvimento da disciplina.

### USO DO “SIGAA”

Desde meados de 2019, a UNIR conta com o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA, um sistema muito completo para suporte online dos cursos presenciais. Por meio do módulo “Turmas Virtuais”, é possível gerir uma “Sala Virtual”, por exemplo: enviar conteúdos e arquivos, criar tarefas e fóruns, gerenciar o andamento da disciplina, das notas e presenças. O SIGAA, para a gestão de salas virtuais, vale dizer, é quase tão robusto quanto o Ambiente Virtual Moodle, utilizado pelos alunos de Biblioteconomia da UNIR desde 2015.

A adaptação ao SIGAA causou um estranhamento inicial junto aos alunos, que passavam a usá-lo pela primeira vez. Superado o estranhamento inicial, em duas semanas os alunos já estavam inclusive monitorando suas notas e devolutivas. Inclusive, vale ressaltar que, com o SIGAA, o aluno consegue ver apenas a sua nota nas atividades, evitando qualquer constrangimento, competitividade ou comparação. A Figura 2, apresentamos uma parte da Sala Virtual.

Figura2 – Sala Virtual de Tecnologias digitais da Informação Biblioteconomia UNIR (2019 – 2º semestre)



Fonte: O Autor, 2019.

### OS “APONTAMENTOS CRÍTICOS”

Os Apontamentos críticos, apesar do nome, não se distanciaram da ideia de resenhas. A escolha dessa terminologia se deu para não se chocar com outros modelos de resenhas cobrados por outros professores do curso.

Nessa atividade era exigido que os alunos, em grupo de 3 (três) até 6 (seis), elaborassem uma redação, de 5 (cinco) a 6 (seis) páginas, relacionando os textos de leitura obrigatória de cada aula. A redação deveria usar a linguagem e as exigências próprias do trabalho acadêmico, sendo disponibilizado um arquivo, intitulado “Instruções para os apontamentos”, com indicações e cuidados para a escrita. A avaliação dessa atividade era qualitativa, conforme o quadro: “Formulário de Avaliação”, pré-determinado no Plano de Ensino disponibilizado logo na primeira aula.

A atividade era realizada fora do horário de aula e entregue por meio do SIGAA. Também por meio do SIGAA eram realizadas as devolutivas, que buscavam contemplar, detalhadamente, aspectos do trabalho encaminhado, aspectos positivos e negativos.

É importante destacar que as bibliografias para os “Apontamentos críticos” não evitaram:

1. Referências “incompletas”, sem o link para o acesso ao texto completo, forçando o aluno a utilizar as tecnologias digitais à disposição para localizar os arquivos;
2. Textos em inglês e espanhol, uma vez que logo nos primeiros roteiros foram dadas indicações de sites onde o aluno poderia traduzir textos e arquivos, caso não dominasse outro idioma além do português;
3. Textos disponíveis em bases de dados ou de acesso restrito, uma vez que logo nos primeiros roteiros foram dadas indicações de como o aluno poderia obter esses arquivos;
4. Textos de autoria do professor da disciplina, com o intuito de demonstrar o conhecimento dos assuntos abordados, mas também que a rigorosidade na correção dos apontamentos refletia uma experiência de escrita.

### OS “FÓRUNS”

Os Fóruns foram pensados para verificar a compreensão dos principais conceitos presentes na bibliografia. Nesse sentido, foram, inicialmente, propostas questões cujas respostas estavam nos próprios textos. Com o passar das aulas, foi notado que os alunos estavam efetivamente se apropriando da bibliografia, seja por meio dos apontamentos, seja por meio das questões e respostas dadas em sala de aula, sem a necessidade do reforço com os Fóruns. Com isso, as questões passaram a ser substituídas por resolução ou indicação de atividades práticas, relacionadas aos usos das tecnologias digitais apresentadas em sala de aula.

Os Fóruns do SIGAA e Moodle são bem semelhantes. Permitem, por exemplo, criar especificações sobre os usos e prazos, com a distinção de que, no SIGAA, não é possível pontuar notas nas respostas dadas, sendo preciso tabular as pontuações à parte em uma planilha e depois acrescentar as médias.





### **O “TRABALHO FINAL”**

Para o Trabalho Final, esperava-se que os alunos, em grupo de até 6 (seis) pessoas, construíssem coletivamente um produto para o Curso de Biblioteconomia da UNIR, a partir do uso das tecnologias digitais. Os integrantes dos grupos e o projeto seriam definidos pelo Professor, e a nota do trabalho seria coletiva.

O projeto e os grupos de trabalho foram apresentados pelo professor no dia 05 de novembro. O projeto consistiu na elaboração de 240 posts que serão publicados, em 2020, no Instagram do Curso de Biblioteconomia da UNIR ([https://www.instagram.com/biblioteconomia\\_unir/](https://www.instagram.com/biblioteconomia_unir/)), sendo para isso organizados 12 grupos, cada um responsável por um “Tema”, sobre o deveriam elaborar 20 posts, tal como especificado no quadro a seguir.

Quadro 3 – Grupos e Temas do Trabalho Final da disciplina de “Tecnologias digitais da Informação” Biblioteconomia UNIR (2019 – 2º semestre)

GRUPO	TEMA
1	INFRAESTRUTURA DA UNIR E DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
2	ALUNOS
3	CORPO DOCENTE
4	MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
5	FRASES E APRENDIZAGENS EM BIBLIOTECONOMIA
6	QUESTÕES DE CONCURSO
7	COMO CHEGAR NA UNIR CAMPUS
8	TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIR
9	DICAS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO
10	DICAS DE ABNT
11	BIBLIOTECAS DA CIDADE E FONTES DE INFORMAÇÃO
12	FERIADOS NACIONAIS, ESTADUAIS E MUNICIPAIS E DATAS COMEMORATIVAS

Fonte: O Autor, 2019.

Os Grupos para o Trabalho Final foram montados de maneira aleatória por meio do Microsoft Excel, que foi programado para gerar 11 grupos, sendo que um mesmo aluno poderia estar em até 5 grupos diferentes. Foi combinado que, por todos estarem trabalhando em rede, não haveria notas por “Grupos”, mas apenas uma nota pelo trabalho coletivo.

Essa forma de organizar os grupos foi pensada com uma tripla função:

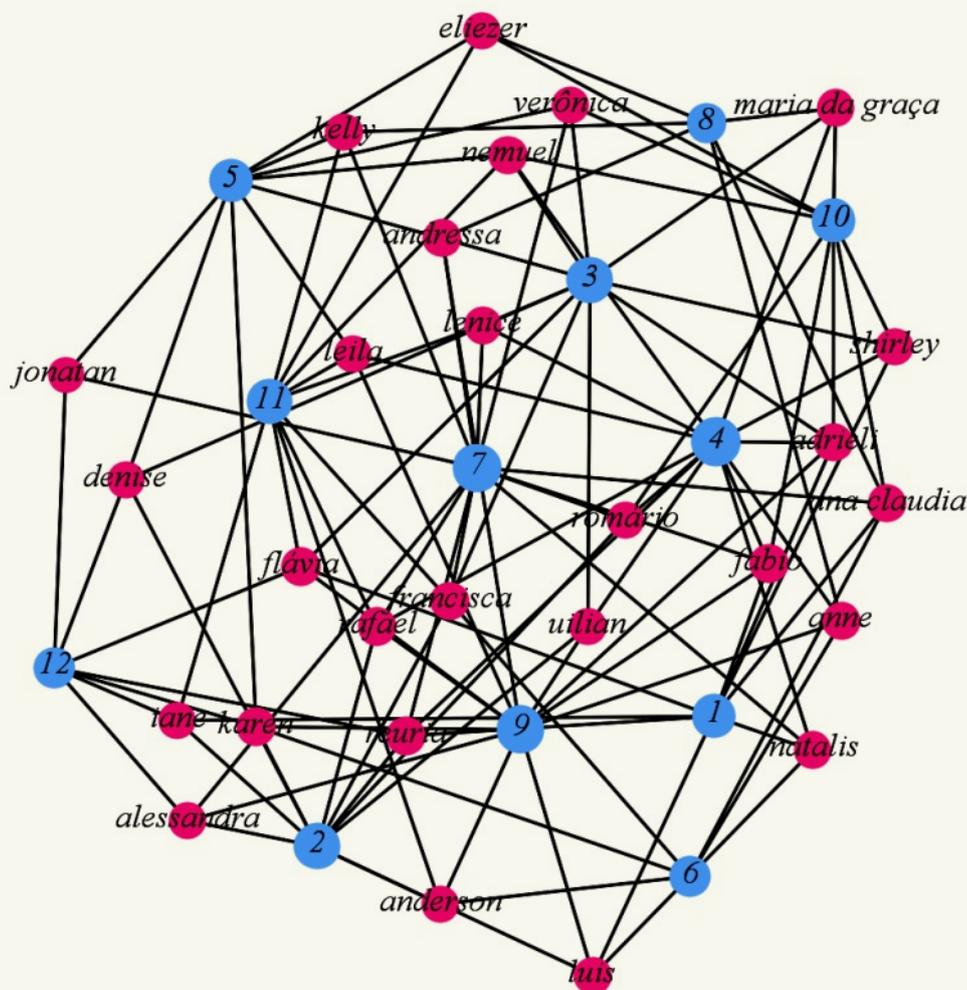
1. Fazer com que os alunos saíssem da zona de conforto e desenvolvessem uma perspectiva holística sobre o Trabalho Final;

2. Fazer com que os alunos trabalhassem com pessoas da sala de aula que eles pouco interajam;



3. Fazer com que o dinamismo da rede possibilitasse uma maior troca de informações, dicas e auxílios entre os integrantes de múltiplos grupos. A seguir é apresentada a Figura 3, elaborada a partir da planilha dos grupos representa os alunos e grupos que estavam envolvidos.

Figura 3 – Grupos e Temas do Trabalho Final da disciplina de “Tecnologias digitais da Informação” - Biblioteconomia UNIR (2019 – 2º semestre)



Fonte: O Autor, 2019.

Os arquivos gerados pelos grupos nessa atividade foram encaminhados pelo SIGAA e por e-mail até o dia 03 de dezembro. No dia da finalização da disciplina, dia 10 de dezembro, os alunos apresentaram o que fizeram, bem como as dificuldades e aprendizagens do trabalho final. Contrariando o Plano de Ensino, a nota da atividade foi discutida em grupo com os alunos, sendo perguntado individualmente qual nota a turma mereceria e porquê.

#### A “avaliação repositiva”

A avaliação repositiva é uma oportunidade do aluno substituir a menor nota que compõe o cálculo da média final. Para a avaliação, foi indicado o estudo do artigo de Barbuti,





Giorgio e Valentini (2019) e de toda a bibliografia dos “Apontamentos”. A Informação fornecida para os alunos que ficaram para essa avaliação foi que a prova consistiria em uma redação, com critérios bem definidos. Para tanto, foi fornecida previamente a “Ficha de Avaliação da Redação”.

O tema da redação escolhido foi: “O ensino e aprendizagem das tecnologias digitais de Informação nos cursos de biblioteconomia: possibilidades e desafios”. Apesar do tema, razoavelmente “simples”, inclusive em função da bibliografia indicada especialmente para a avaliação, o esperado era que aluno refletisse sobre tudo o que foi apresentado durante o semestre e, de algum modo, o que o levou à necessidade de precisar se submeter a “repositiva”.

### APRENDIZAGENS E (RE)ORIENTAÇÕES

Como um todo, numa avaliação tanto dos alunos como do próprio professor, a disciplina foi pesada e produtiva. Pesada porque houve um esforço contínuo de trabalho intelectual nos “Apontamentos” e que não diminuiu no “Trabalho Final”; e produtiva porque as aulas práticas traziam sempre ferramentas e recursos variados e, por vezes, desconhecidos, até mesmo para os alunos com maior expertise em informática, e ao final gerou-se um produto para o próprio Curso.

Nas aulas práticas, os alunos puderam, por exemplo, aprender como instalar e configurar sistemas de gerenciamento de conteúdo e bibliotecas digitais, criar *web crawler* e sistemas de monitoramento de informações e verificar os *bots* do “*twitter*”. Além de desdobrarem algumas possibilidades de atuação do bibliotecário, nas fases de coleta, tratamento, análise e disseminação da Informação no ambiente virtual. O que, por certo, deu a dimensão de que a atuação do profissional de Biblioteconomia não se resume aos livros impressos, mas expande-se para a Informação.

Os Apontamentos críticos demandaram muito tempo e energia dos alunos, por outro lado, a certeza destes de que, semanalmente, receberiam uma devolutiva exaustiva sobre o trabalho realizado animava a turma. O fato de o aluno perceber que o professor estava efetivamente lendo os apontamentos, indicando o que precisava ser melhorado, tornava, inclusive, a nota algo secundário, mesmo porque, considerando que cada grupo tinha 14 apontamentos para serem elaborados durante o semestre, a chance de recuperar a nota era sempre motivadora.

O Trabalho Final, com a formação de múltiplos grupos em rede, causou um estranhamento e desconforto inicial nos alunos, que aos poucos culminaram na integração, na formação de lideranças extra-grupos e no senso de responsabilidade coletiva. A compreensão de que o resultado do trabalho não se restringiria a um *feedback* ou teria um fim em si próprio, mas que estaria visível publicamente em uma das redes sociais do curso, motivou os alunos a se engajarem e buscarem oferecer o melhor rendimento possível. Vale dizer que, ainda que cada grupo *a priori* fosse formado por até cinco membros, a assinatura dos *posts* se deu, por vezes, de maneira muito peculiar, com duplas e trios. Apesar disso, o acompanhamento em sala de aula do desenvolvimento do trabalho e o resultado indicaram que os objetivos do trabalho coletivo foram alcançados.



O contato com os alunos e suas competências tecnológicas e informacionais ainda em desenvolvimento possibilitou ao professor repensar alguns usos e ferramentas digitais, gerando, inicialmente, para os alunos da disciplina, a iniciativa de divulgação de notícias e matérias relacionadas à biblioteconomia pelo Twitter e, com o passar do semestre, o desenvolvimento do “Informe-CI”, uma iniciativa de integração de plataformas digitais e redes sociais (*Feedly, Tweeter, WordPress, Facebook e Instagram*) para a mediação da Informação em prol da (in)formação de bibliotecários, arquivistas e museólogos.

Por fim, vislumbra-se, para uma próxima oferta da disciplina, mensurar as capacidades digitais dos alunos antes e depois da disciplina, tal como proposto por González-Quiñones, Tarango e Villanueva-Iledezma (2019), ou seja, no início e término da disciplina. Além de reduzir o número de “Apontamentos” e/ou substituí-los por novos gêneros, como elaboração de vídeos e *podcasts*, e direcionar o Trabalho Final para projetos de perfil extensionista, em benefício das instituições educacionais e culturais da cidade de Porto Velho, tais como bibliotecas públicas, museus e escolas.

### CONCLUSÕES

A disciplina de Tecnologias Digitais de Informação, ofertada em 2019 para o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, tentou equilibrar aspectos práticos e teóricos. Desse modo, em sala de aula (laboratório de informática), seguiu-se uma postura essencialmente prática, por meio dos “Roteiros”, e extra-sala um caráter essencialmente teórico, por meio das cobranças semanais dos “Apontamentos”.

É fato que a disciplina não pretendia criar experts em tecnologias ou, ainda, que o aluno soubesse em profundidade o domínio de um número restrito de ferramentas digitais; mas, ao contrário, pretendeu mostrar que existem inúmeras possibilidades para se trabalhar com a Informação no ambiente digital. A disciplina foi orientada a apresentar o máximo dos recursos tecnológicos digitais disponíveis e, ao mesmo tempo, as pesquisas em Ciência da Informação que mobilizaram, em parte, esses recursos.

A sistemática de atividades e avaliações exigiu muito dos alunos, em questão de tempo de dedicação e interação. Ao final, na discussão ao finalizar a disciplina, chegou-se ao consenso de que mais importante que possuir habilidade com as tecnologias digitais é possuir habilidades humanas, tais como criatividade, responsabilidade, liderança, paciência, empatia, autocrítica etc.

A política de contingenciamento, redução e atrasos nos repasses dos auxílios alimentação e transporte culminou em ano difícil para a Universidade e os alunos. Como resultado dessa política e de problemas administrativos, houve um grande número de desistências, não só nessa disciplina, mas em todo Curso, porque os alunos não conseguiam chegar ao Campus, por faltar dinheiro para as passagens de ônibus, por exemplo. Ao final da disciplina, restaram 28 alunos, sendo que apenas 2 precisaram se submeter à avaliação repositiva. Portanto, todos os alunos conseguiram aprovação na disciplina.





## REFERÊNCIAS

BARBUTI, Nicola; GIORGIO, Sara Di; VALENTINI, Altheo. The Project BIBLIO: Boosting Digital Skills and Competencies for Librarians in Europe: An Innovative Training Model for Creating Digital Librarian. **International Information & Library Review**, v. 51, n. 4, p. 300-304, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10572317.2019.1669935>. Acesso em 12 dez. 2019.

BARROS, Camila Monteiro de; CUNHA, Miriam Vieira da; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Estudo comparativo dos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 290-310, dez. 2018. ISSN 1981-8920. Disponível em: <http://www.uel.br/seer/index.php/informacao/article/view/24524/23245>. Acesso em: 12 dez. 2019

BRITAIN, John Michael. Desenvolvimento de currículo nas escolas de biblioteconomia para enfrentar o desafio da tecnologia da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 109-125, 1985. ISSN 1518-8353.

CUNHA, Murilo Bastos. Reflexões sobre a informática no ensino da biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 151-154, 1991.

GONZÁLEZ-QUIÑONES, Fidel; TARANGO, Javier; VILLANUEVA-LEDEZMA, Armando. Hacia una propuesta para medir capacidades digitales en usuarios de internet. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 42, n. 3, p. 197-212, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v42n3/2538-9866-rib-42-03-00197.pdf>. Acesso em 12 dez. 2019.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. Ameaça ou oportunidade? o futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7-27, 1994. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76637>. Acesso em: 03 jan. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia** (Bacharelado). Porto Velho: UNIR, 2018.

VIEIRA, A. S. A automação no currículo de biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 12-31, 1972.

## SOBRE O AUTOR



### **PEDRO IVO SILVEIRA ANDRETTA**

*Graduado em Biblioteconomia e Ciência da Informação (2010), Mestre em Linguística (2013), Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade (2015) pela Universidade Federal de São Carlos e aluno do doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Atualmente atua como professor efetivo do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia. Mais informações em:*  
*<https://www.pedroandretta.info/>.*





# Apêndice 1

(Roteiro de leituras / Apontamentos Críticos)



## **Aula 1 - Tema: Tecnologias e tecnologias digitais**

LÉVY, P. As tecnologias tem um impacto? *In*: LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p.21-30 Disponível em: [www.giulianobici.com/site/fundamentos\\_da\\_musica\\_files/cibercultura.pdf](http://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf). Acesso em 06 ago.

VERASZTO, E. V. et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**, v. 1, p. 60-85, 2008. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/2078/1913>. Acesso em: 7 fev. 2018.

RIBEIRO, R. M. A tecnologia da Informação e Comunicação (tic): fator condicionante da inovação em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 9, 2012. Disponível em: [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1909/pdf\\_18](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1909/pdf_18). Acesso em: 06 ago. 2018.

PASSOS, K. G.; ANDRETTA, P. I. S.; VARVAKIS, G. J. Inovação em bibliotecas: casos de sucesso com o uso de tecnologias. *In*: INOMATA, D. O.; TREVISOL NETO, O. (Org.). **Inovação em biblioteconomia: temas transversais** Chapecó: Argos, 2018. p. 48-64. Disponível em: <https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/inovacao-em-biblioteconomia-temas-transversais.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2019.

## **Aula 2 - Tema: Linguagens de Programação, Programas, Software Livre e OpenSource**

BURGOS, R. H. Implementación de aplicaciones informáticas basadas en software libre en bibliotecas y unidades de información. **e-Ciencias de la Información**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2012.

SILVEIRA, S. A. Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica. **Parcerias Estratégicas**, n. 20. jun. 2005.

## **Aula 3 - Tema: Internet, Web e linguagens e navegação para Web**

CONFORTO, D.; SANTAROSA, L. M. C. Acessibilidade à web: internet para todos. **Informática na educação: teoria e prática**, v. 5, n. 2, p. 87-102, nov. 2002.

CHOUDHURY, N. World wide web and its journey from web 1.0 to web 4.0. **International Journal of Computer Science and Information Technologies**, v. 5 n.6, 2014.

## **Aula 4 - Tema: Ferramentas Google (Google Drive e Aplicativos)**

CARR, N. Is Google Making Us Stupid? What the Internet is doing to our brains. **The Atlantic**, Technology, July/August, 2008.



# Apêndice 1



BISCALCHIN, R. Os sistemas de organização do conhecimento e os desafios frente a geração google. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas**, Portugal, n. 11, p. 3-9, 2019.

WISE, D.; MALSEED, M. THE GOOGLE STORY Inside the Hottest Business, Media and Technology Success of Our Time. **Summaries.com**. 2008.

## ***Aula 5 - Tema: Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo***

AMARAL, M. A. Websites acessíveis e o uso de CMS. **Cadernos de informática**, v. 6, n. 1, p. 1-8, 2011.

LOPEZ, J. H.; KRONIG, R. Sistema de Gerenciamento de Conteúdo para dinamização de sites. **Fasci-Tech**, v. 1, n. 8, p. 19-31, 2014.

ANDRETTA, P. I. S. et al. El blog como fuente de información: consideraciones sobre InfoBCI. **Simbiosis**, Puerto Rico, v. 8, n. 1-2, p. 1-10, 2011.

## ***Aula 6 - Tema: Editoração Electronica***

ADEMA, J.; SCHMIDT, B. From Service Providers to Content Producers: New Opportunities For Libraries in Collaborative Open Access Book Publishing. **New Review of Academic Librarianship**, v. 16, p. 28-43, 2010.

ALBUQUERQUE, A. B. S.; ANDRETTA, P. I. S. A implantação e implementação de uma hemeroteca digital em Ciência da Informação: algumas considerações sobre o Harvester in Library and Information Science – HILIS. **Biblios**, Peru, n. 74, p. 60-78, 2019.

FERREIRA, A. G. C.; CAREGNATO, S. E. A editoração eletrônica de revistas científicas: o uso do SEER/OJS. **TransInformação**, v. 20, n. 2, p. 171-180, 2008.

## ***Aula 7 - Tema: Sistemas para Comunicação e análise da produção científica***

MACIEL, R. S.; FARIA, L. I. L.; AMARAL, R. M.; MILANEZ, D. H. A plataforma Lattes como recurso estratégico para a gestão dos programas de pós-graduação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017. Marília. **Anais...** Marília: ENANCIB, 2017. p.1-11.

ESTÁCIO, L. S. S. A importância do currículo lattes como ferramenta que representa a ciência, tecnologia e inovação no país. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 300-311.

MENA-CHALCO, J. P.; CESAR-JR, R, M. Prospecção de dados acadêmicos de currículos Lattes através de scriptLattes. In: INNOCENTINI-HAYASHI, M. C. P.; LETA, J. (Orgs.). **Bibliometria e Cientometria**: reflexões teóricas e interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 109-128.

SCHMIDT, S. C. Novos canais de Comunicação. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 2, p. 15, June 2014.



# Apêndice 1



ANDRETTA, P. I. S. A. et al. A elaboração do Portal NÓS-UNIR: relato de experiência para a divulgação da produção e competências científicas dos docentes da Universidade Federal de Rondônia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. CBBB 2017, p. 1289-1305.

## ***Aula 8 - Tema: Redes sociais e identidade digital***

GARCIA, I. O. S.; Sá, M. I. F. E. Bibliotecas no instagram: um estudo sobre o uso do aplicativo por unidades de Informação. **Prisma.com**, Portugal, n. 35, p. 108-151, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69658>. Acesso em: 24 set. 2019.

HUBNER, M. L. F.; TEIXEIRA, M. V.; KROTH, D. F. Serviços da biblioteca na web 2.0: um estudo de caso dos tutoriais em vídeo da universidade de Caxias do Sul no site youtube.com. **Ponto de Acesso**, v. 8, n. 1, p. 39-55, 2014. DOI: 10.9771/1981-6766rpa.v8i1.6932 Acesso em: 24 set. 2019.

ALONSO-AREVALO, J., LOPES, C., & ANTUNES, M. L. Literacia da Informação: Da identidade digital à visibilidade científica. *In*: LOPES, C.; SANCHES, T.; ANDRADE, I.; ANTUNES, M. L.; ALONSO-ARÉVALO, J. (Eds.), **Literacia da Informação em contexto universitário**. Lisboa: Edições ISPA [ebook], 2016. (p. 109-152).

## ***Aula 9 - Tema: Redes sociais e prospecção de dados***

SILVA, T.; STABILE, M. Análise de redes em mídias sociais. *In*: SILVA, T.; STABILE, M. **Monitoramento e Pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: IBPAD, 2016. p. 235-260

ARAÚJO, R. F.; MURAKAMI, T. R. M.; PRADO, J. M. K. A repercussão de artigos de periódicos brasileiros da ciência da Informação no facebook: um estudo altmétrico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 365-379, 2018.

LESSA, B.; COUTO, E. S. “não vai ter golpe” e “vem pra rua brasil”: o facebook como dispositivo de mediação e organização de movimentos sociais. **Informação & Informação**, v. 23, n. 3, p. 438-461, 2018.

## ***Aula 10 - Tema: Redes de Comunicação científicas e gestores de referência***

ALONSO-ARÉVALO, J., LOPES, C., & ANTUNES, M. L. Literacia da Informação: Da identidade digital à visibilidade científica. *In*: LOPES, C.; SANCHES, T.; ANDRADE, I.; ANTUNES, M. L.; ALONSO-ARÉVALO, J. (Eds.), **Literacia da Informação em contexto universitário**. Lisboa: Edições ISPA [ebook], 2016. (p. 109-152).

CASSOTTA, M. L. J.; LUCAS, A.; BLATTMANN, U.; VIERA, A. F. G. Recursos do conhecimento: colaboração, participação e compartilhamento de Informação científica e acadêmica. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 27, n. 1, 2017.



# Apêndice 1



SILVA, E. G.; ANDRETTA, P. I. S.; RAMOS, R. C. Novas práticas na gestão de Informação bibliográfica: estudo sobre a capacidade de gestores de referências no cotidiano dos estudantes, pesquisadores e bibliotecários. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 419-445, 2011.

**Aula 11 - Tema: Aplicações de tecnologias digitais para CI 1 (Prospecção de dados)**

JAREÑO, J. A. L.; COLL-SERRANO, V. "científico de datos", la profesión del presente.

**Métodos de información**, Espanha, v. 9, n. 16, p. 113-129, 2018.

SALES, L. F.; SAYÃO, L. F. Uma proposta de taxonomia para dados de pesquisa. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 4, n. 1, p. 31-48, 2019.

**Aula 12 - Tema: Aplicações de tecnologias digitais para CI 2 (Tratamento de dados)**

HAM, K. OpenRefine (version 2.5). <http://openrefine.org>. Free, open-source tool for cleaning and transforming data. **Journal of the Medical Library Association**, v. 101, n.3, p. 233-234, 2013.

STERNER, E. Cleaning Collections Data Using OpenRefine. **Issues in Science and Technology Librarianship**, v.92, 2019. Disponível em:

<https://journals.library.ualberta.ca/istl/index.php/istl/article/view/30/65>. Acesso em 15 out. 2019.

**Aula 13 - Tema: Aplicações de tecnologias digitais para CI 3 (Análise de dados e informações)**

BENVENUTO, F.; RIBEIRO, F. ARAUJO, M. Métodos para Análise de Sentimentos em Mídias Sociais. Short course in the BRAZILIAN SYMPOSIUM ON MULTIMEDIA AND THE WEB (WEBMEDIA), 21. **Anais...** Manaus: Association for Computing Machinery, 2015.

CORRÊA, R. F.; BAZÍLIO, L. H. T. Análise da extração de descritores como sintagmas nominais através do software ogma. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 22, n. 50, p. 44-58, 2017.

**Aula 14 - Tema: Aplicações de tecnologias digitais para CI 4 (Análise de dados e informações)**

FRANCISCO, E. R. RAE - eletrônica: exploração do acervo à luz da bibliometria, geoanálise e redes sociais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, p. 280-306, 2011.

CLARA, M. Análise e visualização de redes: o Gephi. **Humanidades digitais**. 16/08/2013. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/2013/08/16/analise-e-visualizacao-de-redes-o-gephi/>. Acesso em 05 nov. 2019.



# Apêndice 1



ANDRETTA, P. I. S.; SILVEIRA, J. P. B.; PAJEU, H. M. Mapeamento de redes de relacionamentos e interesses de pesquisas: um estudo com os programas de pós-graduação em ciência da Informação no Brasil (2013-2016). ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18. **Anais...** Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Ciência da Informação, 2018.

**Aula 15 - Tema:** Aplicações *de tecnologias digitais para CI 5* (Disseminação *de informações*)

ANDRETTA, P. I. S et al. A elaboração do Portal NÓS-UNIR: relato de experiência para a divulgação da produção e competências científicas dos docentes da Universidade Federal de Rondônia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp., p. 1289-1305, 2017.

SILVA, V. B.; SALIM, F. M. C. Portal da BNB: relato da experiência do processo de criação, organização e planejamento do portal da biblioteca nacional de Brasília. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, p. 93-110, 2013.

GIUSTI, M. R.; VILA, M. M.; SOBRADO, A.; LIRA, A. J. Sedici: servicio de difusión de la creación intelectual. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Colombia, v. 31, n. 2, p. 187-202, 2008.



# Eixo 2



**DINÂMICAS  
PARA A FORMAÇÃO**





# capítulo 3

---

## **HISTÓRIAS CONSTRUÍDAS, MEMÓRIAS RESGATADAS: A FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS NO AMAZONAS**

---

- *Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM)*

- *Felipe Vlaxio (UFAM)*



### *INTRODUÇÃO*

Para alguns, a Biblioteconomia é uma ciência completa. Para outros, é uma técnica procedimental. Há quem acredite, também, que se trata de uma prática de organização. Existem inclusive aqueles, mais diplomáticos, que a consideram uma conjunção entre as três possibilidades anteriores. De modo geral, é plausível afirmar que a Biblioteconomia extrapola os objetivos para os quais foi criada, transborda para além do ambiente tradicional de uma biblioteca e abraça a mediação do acesso ao conhecimento que está sob sua curadoria como condição para permitir que saberes contidos nas páginas de um livro transponham as limitações fragmentadas de uma obra.

Entretanto, muito antes dessas especulações conceituais, a tendência de construir bibliotecas sempre esteve presente nas sociedades, com o desejo de reunir e preservar sua memória. Isto porque a quantidade de registros identificada a partir do nascimento da escrita – e, posteriormente, da sofisticação dos suportes para registro e da invenção da imprensa por Gutenberg – demandou a existência de um profissional capaz de dar acesso à universalidade de artefatos criados ao longo do tempo, de sorte que o conhecimento não se perdesse no conjunto de obras reunidas em um acervo. Assim surgiu o bibliotecário, com o papel fundamental de dimensionar suas ações para colocar em sintonia dois atores próximos e fundamentalmente diferentes: a comunidade e a coleção.

Nesse aspecto é que a Biblioteconomia tem sua grande construção teórica entre o final do século XIX e a década de 1930, com, em particular, Melvil Dewey, Eugène Morel ou Shiyali Ramamrita Ranganathan. Desde então, a abordagem teórica permaneceu cautelosa, pois os bibliotecários tiveram que se dedicar a absorver os choques do aumento de recursos informacionais, da diversificação do público e da evolução multifacetada de documentos.

Por muitos séculos, os bibliotecários se manifestavam na figura dos estudiosos de campos do conhecimento como a Filosofia, a Matemática, a História, que desempenhavam tarefas de organização do conhecimento tendo como base os instrumentos de classificação

das bibliotecas que administravam. O ensino formal de Biblioteconomia para a formação específica de bibliotecários só foi impulsionado em 1821 pelos esforços da *École Nationale des Chartes*, que serviu de modelo para a criação do curso de Biblioteconomia *per se* em outros países nas décadas que se seguiram, como é o caso expressivo da *Columbia University* (BARROS, 2009), cujo curso foi instalado em 1887 por Melvin Dewey, um dos teóricos mais expoentes em contribuição para a área.

A atividade humana profissionalizada geralmente se refere a um campo de ação definido, com ferramentas e organizações comprovadas dedicadas ao ensino e ao estudo desse campo e dessas ferramentas. Neste sentido, o ensino da Biblioteconomia no Brasil é centenário e amparou a presença de bibliotecas no país que remonta aos anos consecutivos à época do Descobrimento. De procedência religiosa, a Companhia dos Jesuítas foi a primeira ordem a criar uma biblioteca em terras brasileiras a fim de complementar as ações de ensino e catequização dos nativos e dos colonos, uma consequência da agenda Católica para os não-praticantes. Nos séculos vindouros, outras ordens religiosas replicaram o feito dos Jesuítas, em especial as Companhias dos Oratorianos, dos Mercedários e dos Capuchinhos, dentre outras (FONSECA, 1979). Contudo, foi com a chegada da Família Real no Brasil, em 1808, que surgiu a Biblioteca Nacional (1810), a qual, mais de um século depois de sua criação, implantou o primeiro Curso de Biblioteconomia brasileiro em 1911, no Rio de Janeiro, dando início às suas atividades em 1915 de acordo com os padrões franceses da *École Nationale des Chartes*. Em 1929, o Instituto Mackenzie criou um curso seguindo a vertente americana da *Columbia University*, e apenas em 1970 foi criado o primeiro curso de pós-graduação em Biblioteconomia (CABERLON, 1995). O Quadro 1 destaca elementos que colaboraram para a evolução da área no país.

Quadro 1 – Marcos referenciais da Biblioteconomia no Brasil.

PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA		ENSINO BIBLIOTECÁRIO	
1550	INTRODUÇÃO DAS BIBLIOTECAS NO BRASIL, POR MEIO DOS COLÉGIOS RELIGIOSOS.	1911	CRIAÇÃO DO PRIMEIRO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA BIBLIOTECA NACIONAL (BN), RIO DE JANEIRO.
1810	CRIAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL (RJ).	1915	INÍCIO DAS ATIVIDADES DO CURSO DA B.N., SEGUNDO PADRÕES FRANCESES ( <i>ÉCOLE NATIONALE DES CHARTES</i> ).
1900/ 1930	PERÍODO DE CONCENTRAÇÃO DAS BIBLIOTECAS BRASILEIRAS NO DISTRITO FEDERAL E NOS ESTADOS DO RS, SP, MG, BA, PE.	1929	CRIAÇÃO DO CURSO DO INSTITUTO MACKENZIE, SEGUNDO PADRÕES AMERICANOS (SP).
1938	CRIAÇÃO DA PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL - A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS (APB).	1930 / 1950	PERÍODO DE EXPANSÃO DO ENSINO BIBLIOTECÁRIO, NO BOJO DO PROCESSO EXPANSIONISTA DO ENSINO DE NÍVEL SUPERIOR.

▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼ Continua Na Próxima Página ▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼





Quadro 1 – Marcos referenciais da Biblioteconomia no Brasil.

PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA		ENSINO BIBLIOTECÁRIO	
1948	FILIAÇÃO DA APB À FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO (FID) E À ASSOCIATION OF SPECIAL LIBRAIRE AND INFORMATION BUREAUX (ASLIB).	1933	DECRETO Nº 23.508, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1933, MODIFICA A SERIAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA OFERECIDO PELA BIBLIOTECA NACIONAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.
1954	REALIZAÇÃO DO PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, EM RECIFE, POSTERIORMENTE DENOMINADO DE CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO.	1962	APROVAÇÃO DO PRIMEIRO CURRÍCULO MÍNIMO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA (DEC. 550/62 DO CFE), SOB O EIXO DE MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCESSOS DE ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL.
1958	DEFINIÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA COMO PROFISSÃO LIBERAL DE NÍVEL SUPERIOR (PORTARIA Nº 162/58).	1965	REALIZAÇÃO DO I SIMPÓSIO DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, NO RIO DE JANEIRO;
1961	criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB).	1967	criação da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD);  PORTARIA DA DIRETORIA DE ENSINO SUPERIOR DO MEC Nº 28 INSTITUI COMISSÃO COM A ATRIBUIÇÃO DE DIAGNOSTICAR A SITUAÇÃO DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.
1962	PROMULGAÇÃO DA LEI 4084/62 QUE DISPÕE SOBRE A PROFISSÃO, REGULANDO SEU EXERCÍCIO E INSTITUINDO O CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (CFB).	1968	REFORMA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA;  REALIZAÇÃO, EM BELO HORIZONTE, DO SEMINÁRIO DE ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.
1965	REGULAMENTAÇÃO DA LEI 4084/62 PELO DECRETO Nº 56725/65, RATIFICANDO A BIBLIOTECONOMIA COMO PROFISSÃO LIBERAL, DE NATUREZA TÉCNICA DE NÍVEL SUPERIOR.	1970	criação da pós-graduação em Biblioteconomia.
1966	Implantação do Conselho Federal de Biblioteconomia.	1971	ABEBD CONVOCA REUNIÕES PERIÓDICAS COM OS CURSOS COM O OBJETIVO DE EXAMINAR AS MUDANÇAS NO CURRÍCULO MÍNIMO.

Contínua Na Próxima Página



Quadro 1 – Marcos referenciais da Biblioteconomia no Brasil.

PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA		ENSINO BIBLIOTECÁRIO	
1986	<p>APROVAÇÃO DO CÓDIGO DE ÉTICA (CF. RESOLUÇÃO 327/86 DO CFB).</p> <p>APROVAÇÃO DA LEI Nº 7.504, DE 2 DE JUNHO 1986, QUE DÁ NOVA REDAÇÃO AO ART. 3º DA LEI Nº 4.084, DE 30 DE JUNHO DE 1962, QUE DISPÕE SOBRE A PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.</p>	1979	<p>CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO SOLICITA A ABEBD SUGESTÕES PARA A REFORMULAÇÃO DO CURRÍCULO MÍNIMO;</p> <p>ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS FINANCIADA EM BRASÍLIA O SEMINÁRIO SOBRE CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA;</p> <p>SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR DO MEC CRIA GRUPO DE TRABALHO PARA ELABORAR OFICIALMENTE A PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA;</p>
1998	PROMULGADA A LEI Nº 9.674, DE 25 DE JUNHO DE 1998, QUE DISPÕE SOBRE O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO E DETERMINA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.	1982	APROVAÇÃO DO SEGUNDO CURRÍCULO MÍNIMO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA (CF. RESOLUÇÃO 08/82 DO CFE).
2018	REFORMULAÇÃO DO CÓDIGO DE ÉTICA (CF. RESOLUÇÃO 207/2018 DO CFB).	1986	REALIZAÇÃO DO I ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO EM BIBLIOTECONOMIA (I ENEBCI).
		2001	A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO (ABEBD) FOI DESATIVADA PASSANDO A DENOMINAR-SE ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ABECIN).
		2002	É REALIZADO O VI SEMINÁRIO NACIONAL DE AVALIAÇÃO CURRICULAR (VI SNAC), NO CEARÁ, COM A TEMÁTICA: PROJETO PEDAGÓGICO E AVALIAÇÃO CURRICULAR: REFERÊNCIAS PARA A QUALIDADE DA FORMAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.
		2004	REALIZAÇÃO DO I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (I ENECIN), EM LONDRINA, PR.
		2018	LANÇAMENTO OFICIAL DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA CHANCELADO PELA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL/CAPEIS EM PARCERIA COM O CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA.

Fonte: Os Autores, baseada em Caberlon (1995, p. 115); Castro (2002) e Souza (2006).





No ambiente de efervescência do final da década de 60, a então Universidade do Amazonas (UA) reconheceu a necessidade de formar profissionais para atuar nas bibliotecas da instituição, passando a discutir, nessa perspectiva, a imprescindibilidade da criação de um curso de graduação para suprir essa demanda. Como resultado desse debate, criou-se o Curso de Biblioteconomia, segundo Lima (1999), fruto da Resolução nº 29/66, de 14 de novembro de 1966, do Conselho Universitário.

Desse modo, o Curso de Biblioteconomia da Universidade do Amazonas (CBUA) passou a funcionar no ano seguinte com oferta para trinta alunos, entregando sua primeira turma à sociedade em agosto de 1969. Teoricamente, o curso foi instalado com duração de tempo pré-estabelecida em cinco anos, com vistas à formação específica dos bibliotecários que atuavam nas bibliotecas universitárias e especializadas sem o título de graduados. Entretanto, o Conselho Universitário aprovou por unanimidade de votos a revogação da referida temporalidade a partir da Resolução nº 58/69, de 20 de outubro de 1969, possibilitando o funcionamento do curso por tempo indeterminado (LIMA, 1999).

Cabe frisar que esse processo formativo teve um papel importante na manutenção do curso, haja vista que parte dos discentes egressos das primeiras turmas passou a retornar à *alma mater* na posição de docentes, oferecendo continuidade ao ensino da Biblioteconomia no âmbito da cidade de Manaus. Nesse sentido, o retorno consequente da iniciativa da UA pôde ser constatado na procura da comunidade pelo curso, o que, para Caberlon (1995), evidencia um reflexo da expansão do ensino da Biblioteconomia no país.

Adicionalmente, o contexto das décadas seguintes foi marcado pelo regime militar imposto pelo golpe de 1964. De repente, as bibliotecas começaram a desempenhar papel político como lugar de resistência, quase sempre embasadas em valores antiautoritários (NAPOLITANO, 2014). Logo, os bibliotecários conduziam o acesso à Informação por caminhos perigosos, traçando uma jornada interpretativa entre a censura documental e a difusão do conhecimento.

Quanto a isso, Lima (1999) esclarece que:

[...] a criação e instalação do CBUA ocorreram em um período bastante crítico da história do país, quando a sociedade brasileira iniciava a viver os anos dramáticos da exceção política, com a tomada do governo civil pelos militares, em 1964. No mesmo período, dava-se a afirmação do modelo capitalista na economia e o avanço da proposta de formação profissional racional-technicista do bibliotecário, aspectos que, se não determinavam, pelo menos, favoreciam práticas acomodatórias e acríticas, posto que dissociadas das realidades sócio-econômicas, cultural e política do país. **Nessa época, discutir os problemas do país era considerado ato subversivo, passível de punição.** (LIMA, 1999, p. 142, grifo nosso).

Ainda assim, as bibliotecas se mantiveram firmes, e o ensino da Biblioteconomia germinou para o futuro. Os percalços desse processo acumulam metamorfoses impulsionadas pelas estruturas curriculares – ora tecnicistas, ora humanistas –, que moldaram a formação dos bibliotecários ao longo das décadas. Independentemente do padrão adotado pelas escolas, a Biblioteconomia sempre resguardou o caráter de guardiã



da memória, de facilitadora do acesso à Informação e de incentivadora da produção de conhecimento – tudo isso representado na figura do bibliotecário.

Considerando os traçados expostos, este capítulo objetiva, por meio do resgate de memórias pessoais e documentais, dimensionar a trajetória da formação de bibliotecários no Estado do Amazonas a partir do entendimento do caminho construído nessa jornada. Deste modo, duas dimensões compõem esse resgate: a construção legítima e pedagógica mensurada pelos marcos legais e documentais, bem como a interlocução feita com docentes eméritos que vivenciaram o percurso de criação, implantação e consolidação do curso de Biblioteconomia da atual Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

As dimensões foram eleitas para a percepção da realidade em exame, considerando que, para a física, elas são uma forma de vivenciar o mundo a partir da obtenção de medidas obtidas em objetos previamente definidos. Em analogia, o curso foi definido como objeto passível de uma análise dos fatos visíveis, tal como a altitude, a longitude e a latitude, bem como pela posição temporal, que é oculta.

Desse modo, a dimensão visível promoverá o resgate do aspecto lícito da criação do Curso, amparada pelos caminhos legais expostos pela legislação interna da UFAM, bem como pela legislação existente no Brasil que possibilitou a oferta de formação em nível superior. A dimensão invisível, temporal, é resultante dos depoimentos efetuados por docentes que atuaram no curso e que reconstruíram a trajetória temporal do Curso, relatando seus percalços e revelando nas suas narrativas fatos singulares que influenciaram a oferta da formação.

### ***DIMENSÃO VISÍVEL: A PERSPECTIVA DO CONCRETO***

Para este estudo, a visibilidade é constituída por duas dimensões que oferecem legalidade e legitimidade à formação de bibliotecários pela Universidade Federal do Amazonas, que são: i) o arcabouço legal, tanto interno quanto externo, que regulamenta a oferta do curso; ii) a composição da estrutura de oferta de conteúdos que possibilita atender as demandas do trabalho a ser executado pelo profissional, cujas atividades encontram-se dispostas na lei que regulamentou o exercício profissional (Lei 4084/62 e Decreto nº 56725/65).

#### ***O Delineamento Aparente da Formação***

Sob o aspecto legal, como exposto, a Resolução nº 29, de 14/11/1966, criou o curso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), com início a partir de 1967 para 30 (tinta) alunos, para ser ofertado até 1971. A respeito da oferta do ensino superior no Brasil, a análise contundente de Anísio Teixeira ressalta que:

É necessário esclarecer que o desenvolvimento do ensino superior no Brasil tem dois períodos distintos. Primeiro, o do ensino superior pelo que se poderia chamar de grandes escolas profissionais: de medicina, direito e engenharia. Nesse período ganhou-se experiência e se firmaram padrões que asseguraram o desenvolvimento de que as escolas de medicina são o melhor exemplo e pelo qual se poderia chegar aos estudos pós-graduados. O segundo período é o da expansão das escolas de filosofia, ciências e letras, de economia e as outras que se lhes seguiram. (TEIXEIRA, 1989, p. 108).





Analisando os aspectos que estão destacados pelo autor, bem como o objetivo já exposto para o qual o curso foi criado, formar profissionais para a própria instituição, pode-se afirmar que embora a sua criação tenha ocorrido no contexto intenso do golpe de estado ocorrido em 31 de março de 1964, ele surgiu amparado pela então recém aprovada primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei nº 4024/61, e pela ampliação da oferta de formação em nível superior pela qual o país passava, o que requeria melhores condições para a formação, incluindo-se neste aspecto a existência de bibliotecas devidamente preparadas para atender a demanda da expansão.

Outrossim, no cenário nacional, a criação do curso encontrou amparo também na Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a profissão do Bibliotecário e regula seu exercício, colaborando para a deliberação da instituição quanto à criação do curso, tendo em vista que os profissionais que atuavam como bibliotecários no estado não possuíam formação superior.

Em 1969, por meio da Resolução nº 58, de 20/10/1969, o Conselho Universitário acatou o pedido de revogação da temporalidade, passando o curso a ser ofertado por tempo indeterminado. Conforme exposto por Lima (1999, p. 146):

Toda a argumentação [para a revogação], se baseava em uma projeção de aumento de demanda, decorrente do desenvolvimento alcançado pelo Estado do Amazonas, possivelmente vinculado à criação da Zona Franca de Manaus, em 1967.

Por oportuno, cabe destacar que o argumento concebido para a continuidade da formação, composto pelo professor Genesino Braga, cuja indicação para atuar no curso foi objeto da Resolução nº 63 de 13/08/1969, está pautado na perspectiva de ação do bibliotecário documentalista em bibliotecas, arquivos oficiais, instituições de ensino e culturais, bem como em empresas – Processo nº 104/69 de 22.09.69 (LIMA, 1999, p. 147), e foi constituído quando da formação da primeira turma, que possibilitou o fortalecimento do quadro de docentes do curso.

Esse quadro composto para a argumentação da oferta contínua do curso também é exposto por Souza (2006, p.3), ao afirmar que:

No período que se inicia em 1956, e que de certo modo, no campo da economia, se mantém com algumas baixas até o final da década de 1980, incrementa-se um projeto “desenvolvimentista” a partir do governo de Juscelino Kubistchek de Oliveira. Nesse período, intensifica-se o crescimento industrial em todos os setores e tipos de indústrias, associando capitais nacionais, internacionais e estatais, ampliando a indústria de base e dando entrada e vigor às empresas transnacionais.

A partir dos argumentos expostos pelo autor, é possível depreender que a era desenvolvimentista que alcançou a Região Norte, em especial o Estado do Amazonas, por meio da implantação da Zona Franca de Manaus, estava estabelecida para todo o território nacional, fazendo com que o país passasse a demandar por profissionais qualificados.



No âmbito do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e da regulação de graduação no País, os cursos são avaliados periodicamente. Deste modo, os cursos de educação superior das universidades públicas são submetidos a dois tipos de avaliação: para reconhecimento e para renovação de reconhecimento.

O Decreto nº 77.138, de 12/02/1976, concedeu reconhecimento ao curso de Biblioteconomia nove anos após a sua implantação, a partir dos padrões de funcionamento estabelecidos para a educação superior no país. Em 2013 e 2019, o curso foi examinado por uma comissão de avaliadores designada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com o intuito de verificar as condições de ensino, em especial aquelas relativas ao perfil do corpo docente, as instalações físicas e a organização didático-pedagógica, obtendo o Conceito Preliminar do Curso (CPC) respectivamente de 3 e 4, em uma escala de 0-5.

A oferta da formação foi ampliada por meio do aumento de vagas que foram concedidas, dentre outras, pela Resolução nº 04/76 de 27/01/1976, que adicionou mais 10 vagas a serem ofertadas pelo curso, e pela Portaria nº 840/83 – GR, de 05/08/1983, que ampliou o quantitativo de 40 vagas. Atualmente, o curso oferece 56 vagas para uma entrada anual.

As condições criadas em 2007 pelo Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) levaram o Curso de Biblioteconomia a refletir sobre seu campo de atuação e a propor a ampliação da formação de profissionais para atuarem em ambientes informacionais distintos. Neste sentido, o Colegiado aprovou a oferta do curso de Arquivologia e Museologia como forma de amparar as demandas sociais quanto ao acesso amplo da informação capaz de conduzir à cidadania plena.

A oferta do curso de Arquivologia foi amparada pelo estudo de demanda executado por meio de pesquisas constituídas pelo corpo docente do curso, que foi implantado em 2009. Deste modo, a Resolução CONSAD nº 008/2012 alterou a denominação do Departamento de Biblioteconomia para Departamento de Arquivologia e Biblioteconomia.

Quanto à oferta do curso de Museologia, embora tenha sido constituído um amplo esforço para viabilizar sua implantação, o Colegiado reavaliou sua posição posteriormente e deliberou pela sua não implantação.

Em 23 de fevereiro de 2017, por meio da Resolução CONSUNI nº 05, o Curso de Biblioteconomia passou a integrar a Faculdade de Informação e Comunicação, uma nova unidade acadêmica da UFAM que reuniu os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia, Jornalismo e Relações Públicas, passando então a ser organizacionalmente composto pelo seu Colegiado presidido pela Coordenação Acadêmica, deixando de existir a figura do chefe de Departamento, que fora extinto.

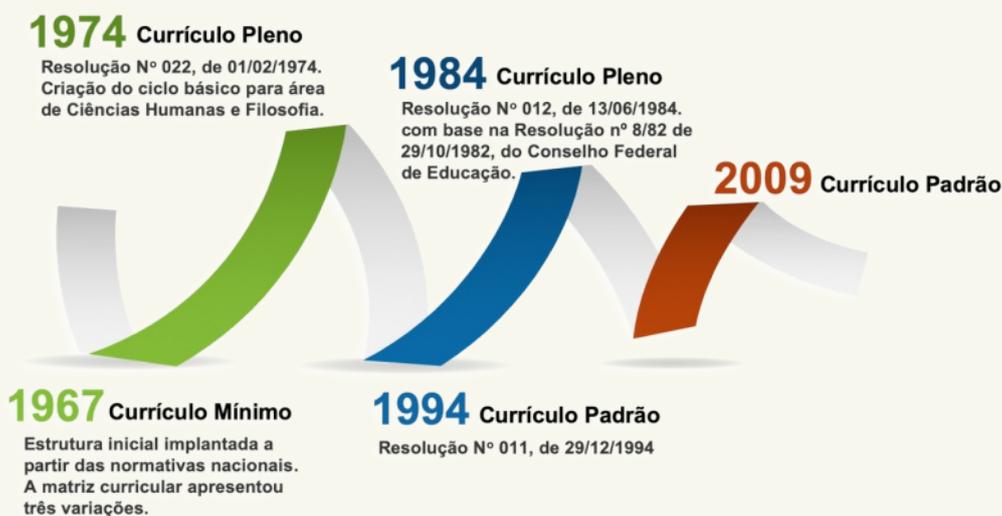
### **A Disposição de Oferta de Conteúdos**

Ao longo de sua trajetória, o Curso de Biblioteconomia da UFAM constituiu cinco estruturas curriculares para possibilitar a formação de profissionais bibliotecários, conforme destaca a Figura 1.





Figura 1 – Trajetória das matrizes curriculares do Curso de Biblioteconomia da UFAM.



Fonte: Os Autores, baseada em dados da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFAM.

A Figura 1 destaca a evolução da formação de bibliotecários na UFAM sob o ponto de vista da estruturação dos conteúdos ofertados.

A primeira estrutura curricular, ofertada de modo seriado em três anos, foi configurada com base no primeiro currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Federal de Educação para a formação de profissionais bibliotecários (Parecer n° 326, de 16/11/1962). Esta matriz sofreu três alterações visando atender, segundo expõe Lima (1999), a oferta de disciplinas técnicas e a disponibilidade do quadro docente existente.

A segunda organização curricular se concretizou no estabelecimento, pela UFAM, dos conteúdos mínimos para a área de Ciências Humanas e Filosofia (Resolução n° 07, de 29/01/1972), a qual estabelecia um ciclo básico composto por disciplinas como Comunicação e Expressão, Inglês ou Francês, Sociologia, Estudo dos Problemas Brasileiros, dentre outras. Posteriormente, ela foi modificada pelas Resoluções n° 02, de 27/01/1976, n° 33 e n° 34, ambas de 19/11/1976. Essas alterações estavam relacionadas ao chamado núcleo básico da formação para a área, além da inserção da atividade física como obrigatória.

A terceira organização curricular, por sua vez, é fruto da Resolução do Conselho Federal de Educação n° 8, de 20/10/1982, que estabeleceu um novo currículo mínimo para a formação de bibliotecários. Neste sentido, a Resolução do Conselho de Ensino e Pesquisa (CONSEP/UFAM) n° 12, de 13/06/1984, fixou o currículo pleno, sendo ele alterado pelas Resoluções n° 49, de 06/12/1985, n° 16, de 29/01/1988, n° 40, de 28/06/90, n° 08, de 03/10/1991, e n° 07, de 18/03/1992, as quais reformularam o currículo por meio da oferta de disciplina, da integralização de créditos, dentre outras questões.

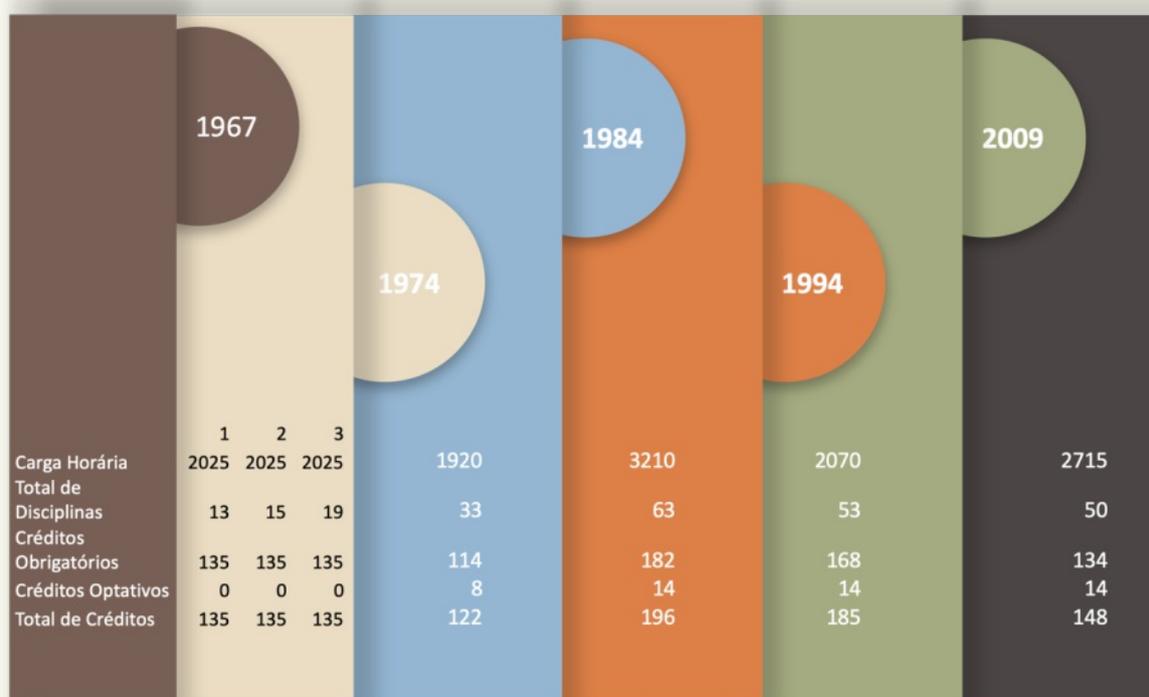
A quarta estrutura curricular, conforme disposto nos arquivos da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, foi implantada no primeiro período de 1994, constando de uma carga horária total de 2.970 e de 185 créditos para serem concluídos no prazo mínimo de oito anos.



Em 2009, fruto de uma ampla e extensa discussão entre os docentes do curso, é composto um novo projeto político pedagógico, implantado no primeiro semestre e que se encontra em vigor, com alterações como as expostas nas Resoluções (CONSEP/UFAM) n° 30, de 27/04/2011, n° 18, de 25/04/2013, n° 04, de 13/03/2015, e n° 48, de 17/05/2018, as quais promoveram modificações na carga horária, na periodização, na ementa, nos pré-requisitos, dentre outros pontos.

A evolução do currículo pleno do curso de Biblioteconomia da UFAM, no que diz respeito aos seus aspectos quantitativos, pode ser observada na Figura 2.

Figura 2 – Evolução da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UFAM.



Fonte: Elaboração dos autores, baseada nos dados da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFAM, 2019.

Na Figura 2 é importante destacar, embora esse aspecto já tenha sido exposto, que a estrutura de 1967 teve, ao longo dos sete anos, três alterações significativas quanto ao total de disciplinas ofertadas sem que houvesse modificação no total da carga horária e dos créditos, ou seja, a inserção de novas disciplinas era efetuada subtraindo horas daquelas que já estavam sendo oferecidas.

É possível ainda observar, como exposto na Figura 2, que há um certo equilíbrio quantitativo entre as três últimas matrizes curriculares, com destaque para a de 1984 que apresentou uma elevação significativa para com as demais. Apesar das questões expostas nesse quadro, Lima (1999, p. 168) é categórico em afirmar que:





[...] não se pode definir um currículo como sendo apenas uma grade curricular de um curso. Seu conceito é mais abrangente, daí porque precisa ser compreendido como um conjunto de intencionalidades, explícitas ou não, estruturadas em forma de disciplinas, conteúdos, cargas horárias e práticas pedagógicas, com o propósito de favorecer a construção de determinadas habilidades de uma formação pessoal e profissional.

De fato, o que o autor destaca é elemento preliminar para se constituir uma formação de profissionais que sejam competentes para interagir com o contexto onde suas ações são executadas, de modo a contribuir não só para a realização da sua atividade, mas também inserir de modo reflexivo nas suas práticas o amplo entendimento do seu papel para a sociedade.

Ainda no que tange à dimensão curricular, Lima (1999) ainda destaca que a representação aparente de um curso ocorre pelo currículo explícito formado pelo elenco de disciplinas que são compostas em uma estrutura curricular para atender a demanda da formação. Neste sentido, a Figura 3 exibe as disciplinas que compuseram as matrizes curriculares do curso.

Assim exposta, a parte visível da formação de bibliotecários pela Universidade Federal do Amazonas pautou sua ação na legislação brasileira e na que a instituição constituiu para atender a sua missão de promover o saber em todas as áreas do conhecimento por meio do ensino, de forma a contribuir para a formação de cidadãos e para o desenvolvimento da Amazônia.

Figura 3 – Evolução da oferta das disciplinas.

<p><b>Disciplinas Obrigatórias</b></p> <p>Bibliografia e referência; Catalogação e classificação I, II, III, IV; Documentação; Estágio; Estudo dos Problemas Brasileiros I e II; Evolução do pensamento filosófico e científico; História da arte I e II; História da literatura; História do livro e das bibliotecas; Introdução aos estudos históricos e sociais; Organização e administração de bibliotecas e Paleografia.</p>	<p><b>1967</b></p> <p>Seriado</p> <p>3 a 6 anos</p>	<p><b>Disciplinas Obrigatórias</b></p> <p>Aspectos social político e econômico do Brasil contemporâneo; Biblioteca públicas e escolares; Bibliotecas univ. e especializadas; Complementos de matemática e estatística; Comunicação em biblioteconomia; Conservação de coleções; Desenvolvimento literário português; Didática em biblioteconomia; Disseminação da informação I e II; Educação física I e II; Estágio profissional supervisionado em bibliotecas; Estudo da comunidade e do usuário; Estudo de problemas brasileiros I e II; Evolução do pensamento filosófico e científico; Fontes bibliográficas I e II; Formação desenvolvimento de coleções I e II; História da arte; História da literatura; Indexação e resumos; Informação aplicada a biblioteconomia I e II; Inglês I; Introdução a biblioteconomia; Introdução à filosofia; Introdução ao processamento de dados; Linguagem de indexação pre-coordenada I e II; Língua portuguesa I; Linguagem de indexação pós-coordenada; Lógica I; Marketing na biblioteca; Métodos e técnicas de pesquisa em biblioteconomia; Metodologia do estudo; O&amp;M na biblioteca; Organização e processamento da informação; Planejamento bibliotecário; Produção dos registros do conhecimento I, II e III; Psicologia geral I; Psicologia social; Representação descritiva de publicações I e II; Representação descritiva de multimeios; Sociologia I e Técnicas de arquivo.</p> <p><b>Disciplinas Opativas</b></p> <p>Ciência política; Economia política; Espanhol; Ética; Inglês II; Introdução à administração; Introdução à economia; Introdução as ciências sociais; Metodologia científica e Português instrumental</p>
<p><b>Disciplinas Obrigatórias</b></p> <p>Bibliografia e referência; Catalogação I e II; Classificação I e II; Documentação I e II; Estágio supervisionado I e II; Estudo de problemas brasileiros; Evolução do pensamento filosófico e científico; História da arte; História da literatura; História do livro e bibliotecas I e II; Língua estrangeira; Língua portuguesa I; Introdução aos estudos históricos e sociais; Organização e administração das bibliotecas I e II; Paleografia; Sociologia I e Técnica bibliográfica.</p> <p><b>Disciplinas Opativas</b></p> <p>Arquivística; Complementos de matemática e estatística; Cultura brasileira; Frances I</p> <p>Geografia do Brasil I; Introdução à administração; Introdução a metodologia da pesquisa; Língua estrangeira II; Língua portuguesa VII e Reprografia.</p>	<p><b>1974</b></p> <p>Crédito</p> <p>3 a 7 anos</p>	
<p><b>1984</b></p> <p>Crédito</p> <p>3 a 7 anos</p>		

▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼ Continua Na Próxima Página ▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼



Figura 3 – Evolução da oferta das disciplinas.

1994	2009
<p><b>Disciplinas Obrigatórias</b></p> <p>Administração de bibliotecas; Aspectos social político e econômico do Brasil contemporâneo; Biblioteca públicas e escolares; Bibliotecas universitárias e especializadas; Complementos de matemática e estatística; Comunicação em biblioteconomia; Desenvolvimento literário português; Didática em biblioteconomia; Disseminação da Informação I e II; Estágio profissional supervisionado em bibliotecas; Estudo do usuário; Evolução do pensamento filosófico e científico; Fontes de Informação I e II; Formação e desenvolvimento de coleções; História da arte; História da literatura; Indexação e resumos; Informação em biblioteconomia I e II; Inglês instrumental; Introdução a biblioteconomia; Introdução à filosofia; Introdução ao controle bibliográfico; Introdução ao processamento de dados; Linguagem de indexação pre-coordenada; Linguagem de indexação pre-coordenada I e II; Língua portuguesa I; Lógica I; Marketing na biblioteca; Métodos e técnicas de pesquisa em biblioteconomia; O &amp; M na biblioteca; Planejamento bibliotecário; Produção dos registros do conhecimento I e II; Psicologia geral I; Psicologia social; Representação descritiva de publicações I e II; Reprografia e Sociologia I.</p> <p><b>Disciplinas Optativas</b></p> <p>Arquivística; Automação em bibliotecas; Custos informacionais; Espanhol I; Introdução à economia; Leitura e biblioteca; Metodologia do estudo; Normatização de trabalhos acadêmicos; Representação descritiva de multimeios.</p>	<p><b>Disciplinas Obrigatórias</b></p> <p>Análise da informação; Complementos de matemática e estatística; Estágio I, II, III e IV; Estruturas e serviços de biblioteca; Estudo do usuário; Fontes de informação; Formação e desenvolvimento de coleções; Geração e uso de banco de dados; História dos registros do conhecimento; Informação e cidadania; Informática instrumental; Inglês I e II; Introdução a biblioteconomia; Introdução a comunicação; Introdução à filosofia; Língua portuguesa I; Lógica I; Marketing em unidades de informação; Metodologia da pesquisa I e II; Metodologia do trabalho acadêmico; Normalização documental; O &amp; M; Planejamento de unidades de informação; Psicologia geral I; Psicologia social; Representação descritiva de documentos I e II; Representação temática; Serviço de referência e informação; Sociologia I; Tecnologias da informação; Teoria da administração em unidades de informação e Trabalho de conclusão de curso.</p> <p><b>Disciplinas Optativas</b></p> <p>Arquivística; Competência em informação instrumental; Editoração; Empreendedorismo; Informação e sociedade; Leitura e biblioteca; Língua brasileira de sinais; Normalização de trabalho acadêmicos; Planejamento físico de unidades de informação e Seminário de pesquisa em biblioteconomia.</p>

Fonte: Elaboração dos autores baseada, nos dados da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFAM, 2019.

Assim exposta, a parte visível da formação de bibliotecários pela Universidade Federal do Amazonas pautou sua ação na legislação brasileira e na que a instituição constituiu para atender a sua missão de promover o saber em todas as áreas do conhecimento por meio do ensino, de forma a contribuir para a formação de cidadãos e para o desenvolvimento da Amazônia.

### A DIMENSÃO OCULTA

Concomitantemente, para enriquecimento deste capítulo, realizamos uma entrevista<sup>1</sup> com quatro professoras aposentadas do CBUA, que vivenciaram o ensino da Biblioteconomia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em suas fases mais marcantes. As professoras são Denise Benchimol de Resende, Maria Lenir Oran Feitosa, Ruth Moura Arruda e Dayse Enne Botelho. Com base nos depoimentos colhidos, podemos expandir a compreensão histórico-social do nosso curso ao longo dos anos.

O primeiro prédio do curso localizava-se onde hoje funciona o Centro de Artes da UFAM (CAUA). Nesse período originário, o CBUA dividia o departamento com o Curso de Jornalismo, cujo chefe nesse íterim era o Professor Mário Ypiranga Monteiro. Tratava-se, no caso, do Departamento de Jornalismo e Biblioteconomia, vinculado à Faculdade de Filosofia e Letras. Posteriormente, os cursos tomaram rumos diferentes, porém voltaram a se encontrar atualmente por ocasião da criação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Unidade Acadêmica que compartilham junto aos cursos de Arquivologia e Relações Públicas.

A partir de sua criação, o curso possuía a duração de três anos para a integralização das disciplinas. Após a implantação do currículo mínimo em 1984 (LIMA, 1999), o curso passou a



<sup>1</sup> A entrevista foi realizada como uma roda de conversas mediada pelos Professores Felipe Vlixio e Célia Barbalho, em 4 de dezembro de 2019, no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ciência da Informação (NEPCI).



ter duração de quatro anos. Essa mudança na estrutura curricular, segundo as entrevistadas, foi muito angustiante e caótica, porque os professores tiveram de avaliar aluno por aluno a fim de verificar quem poderia formar na grade de disciplinas anterior, de três anos, e quem precisaria migrar para a nova grade, de quatro anos. O curso completo, então, deixou de ter dezesseis disciplinas para sua integralização e passou a ter mais de trinta.

No início do curso, um dos desafios mais comuns era a falta de material da área. Por escassez de bibliografia, Genesino Braga, então professor do curso, traduzia material de outras línguas e passava em sala de aula para os alunos copiarem. Naquela época, livros de catalogação, de classificação, de história da Biblioteconomia eram geralmente escritos em inglês, francês, espanhol e alemão. Em virtude disso, a Professora Denise adquiriu o livro de catalogação da *Library of Congress*, que passou a ser usado pelos alunos para aprender a confeccionar Cabeçalhos de Assunto, e, eventualmente, foi apelidado carinhosamente de “Livrão da Denise”.

Em nível simbólico, a Professora Lenir nos confessa que, em princípio, Biblioteconomia parecia ser um curso destinado a mulheres de família rica, em geral para moças em idade de casar ou senhoras já casadas. Quando ingressou no curso, porém, a professora – então aluna – se deparou com pessoas de todos os níveis sociais. Ainda hoje, parece haver no curso a imagem de que a função de bibliotecário é desempenhada muito mais por mulheres do que por homens. Seja como for, o curso abraça ambos os gêneros e usufrui de uma consciência de classe inclusiva.

Durante a consolidação do curso na UFAM, professores e alunos desenvolveram atividades notórias nos níveis de ensino, pesquisa e extensão. A execução dessas ações resultou em parcerias pedagógicas na interação professor/aluno, de sorte que a relação entre as partes, tal como expressaram as entrevistadas, sempre foi fundamentada na cordialidade da convivência, além de propiciar a exploração do fazer bibliotecário para além do prédio da biblioteca.

Exemplo disto foi relatado pela Professora Lenir, quando esta lembrou, afetuosamente, de um projeto de extensão da aluna Ana Cláudia Moura, que trabalhava a biblioterapia com idosos por meio da leitura em asilos. Segundo a docente, a aluna criou uma linda amizade com os participantes do projeto, sendo capaz de desenvolver um trabalho bastante frutífero naquilo que se propôs. Experiências desse gabarito firmam no caráter dos discentes certas lições de vida e cidadania, por meio das quais se tornarão profissionais mais completos e sensibilizados para as questões sociais da comunidade em que exercerão sua função.

Dando prosseguimento à intenção dos professores de expandir o ensino da Biblioteconomia na Região Amazônica, outros projetos de extensão foram realizados em nível interinstitucional. A partir de um convênio com prefeituras para orientar a criação e organização de bibliotecas por meio do treinamento de bibliotecários, o curso teve a oportunidade de atuar em Urucurituba, Itacoatiara, São Sebastião do Uatumã, Anori, Urucará, dentre outros municípios do interior do estado do Amazonas.

Em uma dessas ações, a Professora Ruth relata que foi responsável por se dirigir até Maués e Coari, a fim de treinar alunos do Ensino Médio para trabalhar na biblioteca. Nesta ocasião, que também contou com a participação de Célia Barbalho – atualmente professora do curso –, os alunos foram orientados a usar o ambiente da biblioteca de maneira



adequada, possibilitando a vazão dos objetivos do espaço para a comunidade de usuários.

Além dessas atividades, uma das experiências que ficou marcada na lembrança da Professora Ruth foi a ocasião em que pôde atuar no Projeto Rondon, uma ação, sob a coordenação do Ministério da Defesa, que visa “contribuir com o desenvolvimento local sustentável e na construção e promoção da cidadania” (PROJETO RONDON, Home Page). A docente rememora o episódio em que foi enviada a Itacoatiara para desenvolver uma ação humanitária na Comunidade do Lago Madrubá.

Nessa ocasião, a Professora Ruth chegou à comunidade com uma carga de remédios a serem entregues para os alunos do Curso de Medicina, para que então fossem repassados à população do local. Contudo, a quantidade de remédios enviada não foi suficiente para suprir a demanda das crianças necessitadas do medicamento. Em uma atitude de proatividade, a docente relata que se reuniu com as mães presentes neste dia, e elas conversaram sobre o que afligia seus filhos. A partir dessa interação dialógica, a Professora Ruth conseguiu identificar o problema das crianças e foi capaz de sugerir uma medicação natural e alternativa à base de folhas da planta Mastruz. Ainda por meio do Projeto Rondon, a docente desempenhou atividades também nos municípios de Coari e Maués.

No interior dessas perspectivas, podemos inferir que trabalhar com projetos de extensão fazia parte do perfil dos docentes do curso, tal como explica a Professora Dayse, que, quando estava fora da sala de aula, tinha preferência por desempenhar atividades de extensão e/ou administrativas. Além de possibilitar aos discentes algumas experiências únicas no desenvolvimento das funções de um bibliotecário, os projetos executados no âmbito do curso também serviam para modular o perfil dos professores, de modo a enriquecer a propriedade didática em sala de aula a partir das vivências externas à universidade.

Quando questionadas sobre suas impressões acerca do ensino da Biblioteconomia no Amazonas, as professoras teceram respostas diferentes em conteúdo, porém similares no que diz respeito à essência do fazer bibliotecário. A percepção das docentes – primeiro como alunas, depois como professoras – possibilitou que cada uma comentasse sobre o que acredita nos aguardar no futuro, mantendo os princípios da Biblioteconomia, mas também assumindo com cabeça erguida as metamorfoses sociais, culturais e científicas da nossa área.

A Professora Denise informa estar afastada da docência de Biblioteconomia há quase vinte anos, e hoje ela tem prazer de viajar pelo mundo para conhecer bibliotecas e museus. Está vendo de perto o que um dia ela ensinou, e nisso mantém viva sua relação com a Biblioteconomia. Para a docente, o curso faz com que o aluno seja disciplinado na própria vida, e o conteúdo ministrado tem grande impacto nisso, desde a classificação até a catalogação. Ela conta que, nos dias atuais, tarefas corriqueiras como o simples uso do celular exigem um conhecimento acerca das técnicas de busca da informação. Sem saber, nem estudar tecnologias de informática, as pessoas fazem o que um bibliotecário faz no dia-a-dia. Os princípios são os mesmos.

Essa concepção se extrapola para outros comportamentos líquidos do mundo contemporâneo, como acessar os serviços de *streaming* de filmes e séries na Netflix e na Amazon Prime, por exemplo, navegar pelos catálogos virtuais de música e *podcasts* no Spotify e no Deezer, assistir a vídeos em plataformas de *buffer* como YouTube e Vimeo,





consumir livros digitais em clubes de assinatura como o Kindle Unlimited, dentre tantas outras atividades do cotidiano. Segundo a professora, os novos ingressantes do curso precisam ter ciência de que o universo da Biblioteconomia não se restringe à austeridade do prédio físico de uma biblioteca, mas se expressa nas mais variadas modulações oriundas da evolução dos usuários.

Partindo dessa linha de raciocínio, a Professora Ruth complementa que a Biblioteconomia é como a história do mundo: cada um coloca um tijolinho, senão não estaríamos onde estamos agora, e isso significa que o ensino tem evoluído expressivamente. Antes havia a fase de conhecer toda a história do *métier* do bibliotecário, mas hoje o aluno se vê cercado por aspectos mais importantes. Na atualidade, os discentes não precisam consultar tesouros para chegar à resposta de uma pesquisa; ao invés disso, os alunos podem recorrer aos sistemas. Está tudo lá.

“Mas por que está lá?”, questiona a docente. De acordo com sua compreensão desse processo evolutivo, o comportamento de busca da Informação nos moldes atuais só é possível porque as turmas anteriores foram colocando seus próprios tijolinhos até haver um prédio inteiro. Nesse caso, a evolução não é, necessariamente, tão importante quanto parece, mas sim o percurso transcorrido para alcançá-la. “Se a gente for ver onde a Biblioteconomia está agora”, acrescenta a docente, “minha contribuição foi mínima, quase uma pedrinha. Mas de alguma forma a Biblioteconomia chegou com a ajuda dessa pedrinha até o Morro do Pão de Açúcar”.

A professora finaliza esclarecendo que os docentes do curso trabalham dentro das suas possibilidades, com vistas à continuidade do trabalho, para que as turmas ingressantes de cada ano tenham acesso a oportunidades ainda maiores de contribuir para a Biblioteconomia. Este fato a deixa muito feliz. Não devemos nos preocupar que em outros lugares é melhor, porque estamos vivendo aqui, e por isso é aqui que precisamos cravar nossa marca, colocar nossos tijolinhos, a fim de que os futuros alunos possam subir neles, colocar seus próprios tijolinhos, e assim por diante até a construção indeterminada de uma gigante Biblioteconomia.

Um pouco mais emocionada que as companheiras, a Professora Lenir confessa que tudo o que é hoje foi construído graças à Biblioteconomia, e que é muito feliz por ser bibliotecária. Não vê o curso como um mero cursinho, mas como um coadjuvante ao lado das demais áreas do conhecimento. Por meio da Biblioteconomia, docentes e discentes são capacitados a fazer uma leitura teórica de todo o conhecimento humano. Somos nós que fazemos nossa arte, mediante competência e proatividade. Hoje em dia, a professora aposentada é escritora e chega a afirmar com orgulho ter escrito três romances com a disciplina e alma de pesquisadora que o curso lhe proporcionou.

O próprio conhecimento científico que a Biblioteconomia organiza em numerações progressivas resulta de um processo árduo e longo. Em recente ida a uma farmácia, a docente relata que, em conversa com a farmacêutica, descobriu que os remédios eram catalogados no sistema da empresa seguindo a mesma lógica de catalogação das bibliotecas. Para ela, tal fato ilustra como as habilidades apreendidas no curso são usadas no cotidiano de inúmeros campos de atuação profissionais. Assim, a docente finaliza declarando que o curso oferece muito conhecimento, mas o que cada um faz com esse conhecimento depende da sua arte e competência.



Por seu lado, a Professora Dayse resolve endereçar a questão regional. Comenta que a nossa realidade, do preparo de profissionais para o mercado de trabalho, é possível porque o curso encontra-se bem estruturado e possui pessoas competentes desde a sua criação. Por isso chegamos ao patamar onde estamos, com a construção do ideal, do estudo científico.

Contudo, ao pontuar as questões regionais, a docente reitera a necessidade de se trabalhar através dos Conselhos e das Associações, pois tais entidades têm o poder de unir a universidade, o curso e as bibliotecas da região. Deve-se pensar dessa forma para desenvolver políticas realmente sérias envolvendo as bibliotecas, em especial as bibliotecas públicas, que sofrem cada dia mais com o descaso por parte das autoridades mantenedoras.

A docente argumenta, ainda, sobre o que se pode fazer para melhorar essa realidade, possibilitando sobretudo o acesso à informação para os usuários. Quando se fala de biblioteca na Região Amazônica, o *status quo* se distancia da compreensão social do que nós somos. “Precisamos ter mais competência para ocupar os espaços que nos são atribuídos por lei”, aponta a professora. “Porque você ocupa um espaço com a lei, mas não responde socialmente, muitas vezes. O que nós temos que melhorar, talvez, é a consciência dos formandos nesse sentido”.

Preocupada com o futuro do ensino da Biblioteconomia na nossa região, a Professora Dayse encerra sua fala externando a esperança de que, diante das transformações da tecnologia – principalmente da Informática –, os graduandos possam se inserir no curso compreendendo melhor a dimensão do fazer bibliotecário. Destarte, o elo entre as habilidades do bibliotecário e as ferramentas informatizadas trará mais aberturas no mercado de trabalho, enriquecendo a área e renovando a percepção da importância que o bibliotecário deve ter na sociedade.

As respostas das professoras entrevistadas interligam-se em uma perspectiva compartilhada por todas: a de que a Biblioteconomia torna autônomos aqueles que sabem extrair o máximo das habilidades que o curso ajuda a construir. Diante disso, as oportunidades da área coadunam-se no caráter multidisciplinar do profissional egresso, estando este último capacitado a enveredar por caminhos tanto tradicionais quanto inovadores, a depender das projeções de cada um para o futuro.

Por circunstância deste capítulo, tomamos a conveniência de relatar um quinto depoimento, do Professor Felipe Vlixio, recém-egresso do curso e agora integrante do quadro permanente de professores do mesmo. Para o entrevistado, a graduação em Biblioteconomia na UFAM possibilita dialogar com uma tríade de concepções: a do pragmatismo, a humanista e, também, a científica.

A concepção pragmática do curso é concebida nas disciplinas duras, isto é, nas quais imperam as normas e os manuais para a execução de procedimentos técnicos oriundos das atividades de uma biblioteca. Nisto estão inclusas as tarefas de normalização documentária, processamento técnico, organização da informação e gestão do conhecimento. Podemos exercitar tais práticas por um viés mais subjetivo, sim, porém, aqui especificamente se espera uma imparcialidade do bibliotecário, dentro da qual o profissional atua livre de preconceitos e não é encorajado a incutir seus posicionamentos nas práxis diárias.





Por outro lado, a concepção humanista prescinde de um *savoir-faire* pragmático sem o qual a parte subjetiva se torna incompleta. Em outras palavras, para exercer as habilidades de serviço de referência, estudos de comunidade de usuários, e mesmo indexação, o bibliotecário deve estar munido do repertório técnico que o auxiliará nas práticas humanistas. Essas práticas, por sua vez, configuram-se na investigação das necessidades do usuário alinhada ao desejo de difundir a informação por meio dos mais variados arquétipos de Comunicação. Exatamente por esse motivo é que a concepção humanista se preocupa com os valores sociais da biblioteca, com o posicionamento das instituições mantenedoras, em relação à oferta de serviços, e, sobretudo, com a construção da cidadania por meio da competência em informação.

No que concerne à concepção científica, antes agente passivo do tratamento da informação, agora o bibliotecário vem marcando presença cada vez mais na produção de conhecimento. Grande parte disso se deve à eficácia do tripé das universidades – ensino, pesquisa e extensão –, porém, afora isso, esse novo comportamento do bibliotecário é consequência de sua extrapolação intelectual para os diversos campos em que pode atuar, seja na saúde, no meio ambiente, na indústria, na tecnologia, ou em qualquer outra área. Muito embora a produção científica na Biblioteconomia exista desde o século XIX, essa prática torna-se mais comum a cada ano, impulsionada pelos avanços da área e pela crescente autonomia do profissional.

Diante dessas percepções, o entrevistado finaliza refletindo que a formação de bibliotecários no contexto amazônico, durante os mais de cinquenta anos do curso na UFAM, foi edificada sobre três fases proeminentes que cabem destacar. A primeira delas foi a de implementação do curso, fruto de articulações em nível institucional para graduar bibliotecários que atuavam na função sem o título. Após a revogação da temporalidade de cinco anos do curso, a segunda fase compreendeu um período de qualificação dos docentes em cursos de mestrado e doutorado. Atualmente, o curso adentra sua terceira fase, expressa como consequência dos esforços dos professores nas duas primeiras. Essa nova fase está representada no desejo de ampliação da formação dos profissionais egressos do curso, por meio da instalação de um efetivo programa de Mestrado em Ciência da Informação na UFAM.

## CONCLUSÕES

Pelo exposto, podemos prospectar que o ensino da Biblioteconomia no contexto amazônico, em especial no Amazonas, ainda tem muito caminho a percorrer para atender às demandas impostas pela sociedade contemporânea, independente das contribuições dos professores, alunos e egressos que construíram a trajetória exposta nos cinquenta anos do curso.

Aceitar o desafio de dar continuidade ao legado existente implica prospectar ações que venham ao encontro das expectativas geradas para a atuação desses profissionais, que perpassam a atuação no segmento social, educacional, econômico e industrial.

Ao longo dos anos, o Curso de Biblioteconomia vivenciou a fase de implantação, que se constituiu de desafios para alinhar a formação aos percalços do contexto nacional marcado pelo intenso controle do estado sob as universidades brasileiras. Neste sentido, a



instauração demandou o esforço do corpo docente – inicialmente composto por um quadro mínimo que se ampliou a partir da formação das primeiras turmas –, não só para atender aos conteúdos que precisavam ser ministrados, mas também para o provimento de materiais didáticos que amparassem a formação almejada.

Um segundo momento se constituiu pela ampliação do quadro docente e na posterior substituição dos primeiros professores. Esse momento revigorou a formação no sentido de viabilizar a vascularização do curso, quer seja pela oferta de formação em nível de pós-graduação *lato senso* ou pela integração mais efetiva do curso no contexto nacional em função da ampliação de sua representatividade nas discussões que ocorriam no país, possibilitando atuar como protagonista nas amplas mudanças que foram introduzidas na formação de bibliotecários.

Um terceiro momento se configurou pela efetiva qualificação de seu corpo docente em nível de pós-graduação – mestrado e doutorado, o que permite vislumbrar uma nova fase para o curso por meio da inserção de um curso regular de pós-graduação *stricto senso*, bem como a ampliação efetiva da pesquisa e da produção de conhecimento para o campo em que está inserido.

As expectativas futuras estão sendo delineadas pela vivência e pelas experiências do passado, de modo que o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas possa, de forma ampla e irrestrita, contribuir para o contexto amazônico por meio da inserção de suas ações em diferentes cenários e ambientes onde se faça necessária a ação de um profissional de biblioteconomia.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Moreno. História da biblioteconomia. **Bibliotecários Sem Fronteiras**, São Paulo, fev. 2009. Disponível em: <https://bsf.org.br/2009/02/08/historia-da-biblioteconomia/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

CABERLON, Vera Isabel. **O processo de produção de racionalidades e suas mediações: o curso de biblioteconomia da URG em questão**. 1995. 274 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

CASTRO, Cesar Augusto. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: Marta Lígia Valentim. (Org.). **Formação do profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002, p. 25-48.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. 247 p.

LIMA, Raimundo Martins de. **A construção social da biblioteconomia brasileira: a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário**. Manaus: EDUA, 1999. 262 p.



MINISTÉRIO DA DEFESA. **O que é o Projeto Rondon**. Disponível em:  
<https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>.  
Acesso em: 2 jan. 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A criação da ABEED: expectativas e caminhos adotados. **Biblios**, Lima, v. 25-26, n. 7, [s.p.], dez. 2006. Quadrimestral. Disponível em:  
[http://eprints.rclis.org/8802/1/25\\_04.pdf](http://eprints.rclis.org/8802/1/25_04.pdf). Acesso em: 7 jan. 2020.

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino superior no Brasil**: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989. 212 p. Disponível em:  
[http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livros/chama\\_cap8.htm](http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livros/chama_cap8.htm). Acesso em: 6 jan. 2020.

## SOBRE OS AUTORES



### **CÉLIA REGINA SIMONETTI BARBALHO**

*Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (1984), mestrado em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1995), doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000) e Estágio Pós-Doutoral no Programa em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação, ponto focal da Universidade de Federal do Rio de Janeiro (2020). Atuou como Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFAM. Foi pesquisadora sênior do Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), responsável pela implantação do Núcleo de Informação Biotecnológica (NIB). Foi vice presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU) (2016-2018) e membro da Diretoria do Conselho Federal de Biblioteconomia por duas gestões (2007-2012). Membro da Comissão Técnica da CAPES para o curso de bacharelado em Biblioteconomia na modalidade à distância. É líder do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia (2000).*



### **FELIPE VLAXIO**

*Professor Assistente na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduado em Biblioteconomia e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, ambos pela UFAM. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).*





# capítulo 4

---

## **MEMÓRIA ORGANIZACIONAL DAS MATRIZES CURRICULARES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS:**

1962 - 2009

---

- *Vanusa Jardim Borges (UFAM)*
- *Andrezza Pereira de Oliveira (UFAM)*



### *INTRODUÇÃO*

Todos os estudos que se reportam à Memória, independente das abordagens e das discussões relacionadas, especificamente, à Memória Individual, Coletiva, Social e a outras denominações e sentidos, buscam na verdade, registrar, relatar e disseminar as ações realizadas pelos indivíduos em sociedade de modo que se possa protocolar as informações que subsidiaram esses feitos e, no futuro, se possa consultar quais conhecimentos foram construídos e validados por meio dessas realizações.

Em qualquer outra área do conhecimento, os estudos sobre a Memória possuem finalidade e sentidos diferenciados, tomando por base o aporte teórico construído nos seus percursos de pesquisa e, em razão da curiosidade científica, outras áreas buscam, em seu segmento, novos sentidos e significados a partir do objeto de estudo da área.

Sabendo-se que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação possuem a Informação como objeto de investigação, tudo o que permeia a produção, o tratamento e a disseminação da Informação nos mais diversos formatos e na geração de sentido e significado de uso das informações é de interesse dessas áreas. O registro e a disseminação de qualquer tipo de informação e seus propósitos são de interesse dos profissionais da informação, e, no que lhes cabe, o progresso científico da área e o desenvolvimento de novas perspectivas no objeto de estudo dessas áreas focam nos estudos do futuro para aprimorar competências no registro, no tratamento e na disseminação das informações, a fim de averbar conteúdos que são registros de qualquer tipo de estudos sobre Memória.

As finalidades em registrar, tratar, analisar, armazenar e disseminar informações e conteúdos representativos da Memória culminam na identidade e na preservação de

cultura de informações importantes ao registro das Memórias Social, Coletiva e, até então, da Memória Organizacional que trata do armazenamento e compartilhamento de informações produzidas por uma organização, reunindo informações contidas em documentos que representam as ações e tomadas de decisões técnicas, operacionais e de gestão.

Para alcançar o objetivo deste capítulo, foi necessário recordar o contexto de criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e resgatar registros de Informação nos documentos que podiam nos trazer elementos contextuais e da gestão de procedimentos de implementação do curso para aliá-los ao principal assunto a ser exposto nesse trabalho, que objetiva apresentar o percurso de constituição das Matrizes Curriculares do Curso e das contribuições realizadas para a formação dos bibliotecários na região amazônica.

No Estado do Amazonas, o Curso de Biblioteconomia (CB) foi criado por iniciativa da UFAM, por meio da Resolução nº 29/66, de 14.11.1966, do seu Conselho Universitário, e, desde sua primeira estrutura curricular de 1962 até a última de 1994, não existia o documento Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da forma como se conhece e da qual se cumpre diretrizes exigidas por Leis e Órgãos do Ministério da Educação. Desse modo, todas as normas e procedimentos legais que regulamentam as atividades da Educação Superior, nesse caso, são regimentadas pelas Resoluções que são promulgadas na Universidade por meio da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação e do Conselho Universitário de Ensino e Pesquisa.

Para fins de realização da pesquisa que subsidia este capítulo, recorreu-se aos documentos que continham o registro das ações que foram realizadas desde a criação do CB até os dias atuais, do qual estão incluídas as Resoluções em primeiro plano, organizadas e disponíveis na Série Cadernos da Graduação e, mais atual, o PPC versão 2009, pelo qual cumprem-se as orientações pedagógicas e acadêmicas das atividades do curso.

Junto aos procedimentos de pesquisa escolhidos para elaborar essa Comunicação, buscou-se as literaturas científicas que colaborassem com o entendimento da abordagem proporcionada a essa exposição, sendo literaturas que envolvessem a Memória Coletiva, Social e, por fim, a Memória Organizacional, da forma como a Ciência da Informação a compreende e estuda, para que se pudesse demonstrar aqui, também, a importância dos registros da Informação e do conhecimento contidos em documentos operacionais e de gestão para prospectar estudos da Memória Organizacional, cumprindo o foco deste trabalho, sendo as Matrizes Curriculares do curso, uma parte da Memória Coletiva registrada em documentos que pode expressar a construção das estruturas curriculares do Curso de Biblioteconomia da UFAM desde a sua criação até os dias atuais, bem como pensar em como estudar essas informações e contribuir para a formação e o aprimoramento dos futuros graduandos do curso.

### *MEMÓRIA PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*

O homem, sendo fruto de um contexto histórico e, ao mesmo tempo, criador de uma história, desde a sua origem, vê-se preocupado com sua capacidade mnemônica em





relação aos inúmeros eventos e fatos constituidores de seu fluxo existencial. Mesmo preocupado com essa capacidade, utiliza-se sempre de um conjunto de técnicas que auxiliam no seu processo de memorização por meio do registro dos fatos vividos em suportes documentais que vão desde os formatos rústicos até os mais contemporâneos, visto que o maior objetivo é registrar a Informação que se pretende memorizar, associando conteúdo ao suporte físico no qual possa registrar tal conhecimento.

É comprovado pela Ciência que a memória humana armazena informações de modo mais fácil quando estas são associadas à sequência de fatos ocorridos de maneira organizada. Nesse sentido, para este trabalho, buscou-se resgatar informações registradas a partir de dois fatos: a implantação do Curso de Biblioteconomia da UFAM e a elaboração de sua estrutura curricular.

Assim, o propósito fundamental é registrar o percurso de constituição das Matrizes Curriculares do Curso e suas contribuições para a formação dos bibliotecários. Diante disso, busca resgatar a memória da constituição da identidade do Curso e vislumbrar o desenvolvimento do mesmo no contexto histórico-social voltado para o que representa a existência do Curso de Biblioteconomia da UFAM para a região amazônica.

De modo mais específico, pretendemos reconhecer a identidade do curso de Biblioteconomia da UFAM, fazendo uso de alguns conceitos comuns à Ciência da Informação, tais como: Memória Social, Memória Organizacional e Identidade. Ressalva-se que os documentos básicos desta identidade serão as matrizes curriculares criadas para o curso.

Os estudos realizados até aqui permitiram entender que a busca humana pela preservação de uma história “levou à criação de instituições de memórias: arquivos, bibliotecas e museus, o que, conseqüentemente, com o desenvolvimento das técnicas por elas aplicadas, originaram novas áreas de saber: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia” (MELO FILHO, 2016, p. 117).

Essas áreas do conhecimento, envolvidas na preservação da realidade histórica do homem, possibilitaram o surgimento de uma Ciência da Informação explorada por profissionais e pesquisadores ocupados com o sentido da memória enquanto uma faculdade da razão humana, não sendo completamente individual, mas também criada em coletividade, e que permite a elaboração da identidade de instituições e organizações. Por fim, não podemos deixar de destacar a “ligação fenomenológica muito estreita entre memória e sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204).

Deste modo, voltar-se para os estudos da Ciência da Informação exige que os profissionais envolvidos discutam o papel da Informação para as pesquisas, e tais discussões nos remetem à ideia do papel da memória como fonte de manutenção de dados de conhecimento e ensinamentos comuns às atividades da estrutura do Ensino Superior. Assim, cabe-nos, inicialmente, apresentarmos os elementos característicos da memória enquanto fundamentos da preservação de dados informativos produzidos pela atividade humana e presentes em um contexto social.

Em um segundo momento, pretendemos entender o sentido da memória social, para depois compreendermos de que modo essa memória se relaciona com a identidade do





curso de Biblioteconomia que se estruturou, no século passado, na Universidade Federal do Amazonas.

A Ciência da Informação se desenvolve ligada ao conceito de memória, pois, como nos ensinam Silva e Silva (2009, p. 275), “a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que permite ao indivíduo atualizar impressões de informações passadas ou reinterpretadas como passadas”.

Deste modo, reconhecemos que boa parte das informações que foram armazenadas são passadas e se mantêm salvas em razão da memória. E esta não deve ser entendida como uma realidade simples, unívoca, pelo contrário, a realidade conceitual da memória mostra-se, em nossos estudos, como algo complexo e em construção.

O conceito de memória demanda uma investigação interdisciplinar assentada em saberes psicológicos, sociais e históricos. É assim que se deve compreender o trabalho sobre a ideia de memória, pois “os conceitos têm uma história, uma contingência, um solo que lhes fornece sentido. Eles não são inventados do nada. Como escreveram Deleuze e Guattari, os conceitos só são criados em função de problemas, sem os quais perderiam sua razão de ser” (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 08).

Em outras palavras, podemos dizer que a memória na Ciência da Informação serve de fundamento técnico-conceitual, pois tem natureza interdisciplinar de modo histórico, administrativo ou epistemológico, uma vez que recupera e atualiza impressões e informações custodiadas em documentos, documentos e arquivos de imprescindível valia para estudiosos de várias áreas dos cursos superiores.

Nesse sentido, no que diz respeito à Ciência da Informação, não podemos esquecer que ela “vai buscar no campo da memória, conhecimentos e concepções que dialogam e colaboram no desenvolvimento de suas pesquisas, visando, principalmente, às questões de conservação, apresentação, busca e recuperação de informações.” (CATOIRA; AZEVEDO NETTO, 2012, p. 07).

A partir das ideias, anteriormente expostas, percebe-se a importância da memória na Ciência da Informação, pois “é notório que a memória, enquanto processo, contribui, significativamente, com a preservação da Informação, do conhecimento, de histórias vividas e narradas que podem ser ressignificadas no presente” (FEITOZA, *et. al*, 2019, p. 476).

E esta ressignificação ocorre segundo um contexto social, daí porque é necessário que analisemos uma espécie particular de memória, que é a memória social que se sucede em um plano coletivo. Nesse aspecto, a memória é vista como um fenômeno social que ultrapassa os limites da existência individual do homem, no qual ele realiza algo mais, não está só quando produz esse algo.

Além do mais, a complexidade do conceito de memória, trabalhado na Ciência da Informação, “é produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja, seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente” (GONDAR, 2005, p. 17).

Então, o homem, que no espaço social constrói uma realidade ética e política, necessita, em muitos casos, ter acesso a informações que estão armazenadas em uma memória coletiva; memória que se mantêm a partir das experiências vividas em um lapso





histórico de um contexto social. Por isto, “o homem com seus limites, sua história, seus valores sociais, pôde se tornar objeto de investigação” (GONDAR, 2005, p. 19).

É inegável, portanto, que o surgimento do curso de Biblioteconomia na UFAM instituiu-se com base em uma realidade social determinada. Portanto, é necessário retornarmos o momento de sua origem, recorrendo à memória social que se desenvolve na época da criação do curso.

Reconhecemos que o panorama histórico e social em que se instituiu o curso de Biblioteconomia pode ser revisitado se apelarmos para o resgate das informações sobre determinado período, pois podemos estar certos de que:

[...] os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum, pelo menos para um ou alguns ambientes. Essas lembranças existem, nas quais podemos apoiar-nos na memória dos outros, pois somos capazes de recordá-las a qualquer momento – e quando o desejamos (HALBWACHS, 2006, p. 66-67).

Além da memória social, é necessário que exploremos a ideia de memória organizacional, uma vez que se encontram interligadas em um projeto de criação de um curso como o de Biblioteconomia, que se instituiu na Universidade Federal do Amazonas. Logo de início, é possível dizer que “a memória organizacional vai além da preservação dos acontecimentos passados, das experiências vividas e da história da organização” (FEITOZA *et al.*, 2019, p. 477).

Também cabe pensarmos em que sentido serão usadas as informações capturadas na memória social, ou seja, qual a finalidade dessas informações colhidas em um contexto em que se implanta o Curso de Biblioteconomia em estudo. Contudo, tais questionamentos são feitos sem esquecermos que “pensar a memória social, a crítica à cultura e às instituições é tarefa complexa” (MORAES, 2005, p. 93).

Por outro lado, é sabido que as instituições e as organizações são constituídas, em regra, por uma coletividade de indivíduos. Portanto, a manutenção e conservação das informações, neste caso, faz-se coletivamente, razão pela qual a “memória organizacional torna-se muito importante para o aumento da vantagem competitiva das organizações e melhoria de posicionamento estratégico no mercado (FEITOZA *et al.*, 2019, p. 477).

Além do mais, é preciso ressaltar que, para a Ciência da Informação, a memória organizacional encontra-se envolvida “com habilidades das organizações em reter, salvar, e reutilizar as informações e conhecimentos do passado nas atividades atuais” (SASIETA; BEPLER; PACHECO, 2011, p.1).

Para reconhecermos a identidade do curso de Biblioteconomia, é preciso que se esclareça o sentido da memória social associado à memória organizacional, pois o Curso de Biblioteconomia do Estado do Amazonas tem por base um Projeto de Organização da formação Acadêmica de pessoas que irão desenvolver atividades no campo da Ciência da Informação. E o esclarecimento sobre os fins do curso profissional de Biblioteconomia deve levar em conta, dentre outras, a seguinte ideia: “a memória tem uma ligação orgânica com a sociedade, com o grupo à qual pertence [...] . Portanto, percebe-se a memória como uma construção social e histórica [...]”. (PEREIRA; SERAFIM; MOLINA, 2016, p. 1161).



Nossa pesquisa, por questões metodológicas pretende mostrar estudos e análises sobre a memória segundo perspectivas diversas, entendendo-a como fundamento indispensável para o alicerçamento da Ciência da Informação, pois os conhecimentos adquiridos são frutos de uma ação criadora, segundo sentidos que, a todo momento, surgem tanto para as individualidades quanto para as realidades coletivas, uma vez que nosso trabalho busca se apoiar em um contexto social determinado que consiste na realidade da sociedade amazonense que viu surgir a criação do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Amazonas.

Contudo, se quisermos aprofundar nosso entendimento acerca do conceito de memória organizacional, devemos nos deter um pouco mais nos conceitos de memória em seu sentido amplo, visando a uma compreensão futura e mais objetiva das funcionalidades determinantes de um contexto organizacional. Deste modo, comecemos por conceber que “a temática da memória é estudada em diversas áreas de conhecimento, sendo compreendida a partir do seu contexto de aplicabilidade e/ou pesquisa com determinadas especificidades” (FEITOZA *et al.*, 2019, p. 475).

Dito isso, podemos partir para a compreensão da funcionalidade da memória organizacional no campo da Ciência da Informação, acreditando que,

[...] a memória organizacional está direcionada à preservação dos conhecimentos adquiridos e gerados durante toda a vida organizacional para responder às questões presentes nas atividades das organizações, bem como contribuir na tomada de decisão acertada, relacionando-se com os processos de gestão do conhecimento nas organizações [...] (FEITOZA *et al.*, 2019, p. 477)

Por essa razão, nossa pesquisa pretende mostrar de que modo se constitui a criação do curso de Biblioteconomia no Estado do Amazonas, enquanto uma organização que possui sua identidade, a partir do envolvimento de inúmeros agentes vinculados à Instituição que o mantém, das atividades e das funcionalidades administrativas e pedagógicas que contribuíram para a composição de suas matrizes curriculares.

### **MEMÓRIA ORGANIZACIONAL DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFAM**

Entendendo-se que a memória organizacional é constituída pela produção e preservação de conhecimentos, essa concepção perfeitamente corresponde ao armazenamento e compartilhamento de informações de uma Instituição, a qual produz, reúne e arquivava todos os documentos que gerenciam processos de gestão administrativa e pedagógica já realizadas, naturalmente por se tratar de processos de gestão e de documentação, que são cíclicos e permanentes, pois compõem o “fazer institucional” e, futuramente, serão úteis nas demais operações comuns da Instituição.

Dos processos de gestão das instituições, surgem os arquivos, como um conjunto de documentos produzidos oficialmente pelas organizações no decorrer das atividades que desempenham em sociedade. Mathieu e Cardin (1990, p. 114, apud JARDIM, 1995 p.5) afirmam que “os arquivos são práticas de identidade, memória viva, processo cultural





indispensável ao funcionamento no presente e no futuro”.

Sendo assim, esses arquivos e seus acervos documentais possuem a função de tornar disponíveis informações indispensáveis às necessidades de uso da Instituição, bem como podem subsidiar a tomada de decisão para ações futuras, em função da evolução da própria Instituição.

No mais, acreditamos ser claro o objetivo da memória organizacional, considerando que sua aplicação como ferramenta auxiliar nas rotinas de gestão, visam administrar o conhecimento presente da Instituição e do seu armazenamento e auxiliar o futuro dessas ações cotidianas realizadas pelas Instituições.

### **INFORMAÇÃO REGISTRADA NA MEMÓRIA ORGANIZACIONAL**

A partir da segunda metade do século XX, nas sociedades desenvolvidas industrialmente, inúmeros profissionais, ligados à preservação da memória social e institucional, cuidaram de se dedicar à avaliação e à seleção de documentos. Deste modo, os documentos produzidos e registrados, enquanto informações institucionais, passam a consubstanciar uma forma específica de memória: a memória organizacional.

Contudo, previamente, pretendemos explorar o sentido amplo de memória, uma vez que esta pode ser compreendida em inúmeros aspectos.

Assim, é sabido, por todos que se envolvem com pesquisas sobre a Ciência da Informação, que a memória contribui, essencialmente, com a preservação da informação, do conhecimento e de histórias vivenciadas no momento presente “com imagens e ideias de hoje, experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Não é por outra razão que a memória social contribui, indiscutivelmente, com o sistema de produção da memória institucional e, conseqüentemente, da memória organizacional.

Torna-se característico da memória organizacional a identificação e a valorização dos documentos, estabelecendo prazos diferenciados de coleta e registro, segundo aspectos gerenciais dos arquivos organizacionais.

Em outras palavras, podemos dizer que a memória organizacional está voltada para a reunião de informações institucionais que, a partir da atuação do profissional da Ciência da Informação, constituem-se em conhecimentos conquistados e registrados durante toda a existência organizacional, contribuindo para tomadas de atitudes definidas. É por certo, portanto, que a memória das organizações amplia, captura, organiza, divulga e reutiliza o conhecimento gerado no dia a dia da Organização.

Todo esse sistema profissional e técnico que se desenvolve na seara da Ciência da Informação constitui um

[...] acervo de Informação, de conhecimentos e de práticas, agregados e retidos pela organização ao longo de sua existência, utilizados para o suporte às suas atividades, aos seus processos decisórios e para a preservação do seu capital intelectual, potencializando a gestão do conhecimento [...] (MENEZES, 2006, p. 31).





## A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA ORGANIZACIONAL PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

O surgimento do curso de Biblioteconomia vem para atender as necessidades pontuais da sociedade. Em nível nacional, a partir de estudos voltados a uma história da criação do primeiro curso de Biblioteconomia do país, é possível aprender que necessidades ligadas ao surgimento e à estruturação dos cursos superiores no Brasil forçaram o Estado brasileiro a pensar e envidar esforços para a criação de profissionais que organizassem tecnicamente os acervos bibliográficos disponíveis para estudos e pesquisas desenvolvidos pelos agentes do espaço acadêmico.

Sobre o que se sustenta acima, nos ensina Lima (1999, p.07), quando afirma que:

[...] a Biblioteconomia que temos e fazemos hoje decorre das relações e construções sócio-profissionais que seus dirigentes, professores, bibliotecários, alunos e usuários, com suas representações simbólicas e estruturas conceituais, humanas e técnicas foram capazes de edificar [...] (LIMA, 1999, p.7)

Deste modo, a captação e o arquivamento de fontes de Informação, necessárias às pesquisas acadêmicas, passaram a ser desenvolvidas por estudiosos da área da Biblioteconomia que buscaram fundamentar suas atividades em teorias e técnicas adquiridas nos cursos superiores.

De agora em diante, pretendemos estabelecer uma ligação entre a memória organizacional e a criação e organização do curso de Biblioteconomia da UFAM. Contudo, a princípio, cabe-nos um recorte histórico da fundação do curso na realidade amazonense para reconhecermos elementos fundamentais na constituição de uma identidade institucional a partir de uma memória, em seu início social, e, posteriormente, organizacional.

Em sua origem, o curso de Biblioteconomia da UFAM afasta-se de um caráter acadêmico, marcado pelo questionamento e pela reflexão, que busca ir além das aparências do fato. Nessa questão, é possível afirmar que, inicialmente, o curso surge na região despreocupado em atender as necessidades o contexto regional, social ou político, mas sim, ocupado em atender as necessidades profissionais de determinadas instituições, desconsiderando a realidade que o circunda na época de sua criação.

O curso de Biblioteconomia da UFAM apresentava na grade curricular inicial, um conjunto considerável de disciplinas técnicas e positivistas, de maneira que não contemplava uma gama de conhecimentos humanísticos, impossibilitando o diálogo e discussão acerca de seu eixo teórico, dificultando a crítica sobre a realidade do que se apresentava para aquele momento histórico. O modelo mais tecnicista se desenvolveu a partir do século XX originado pelo pensamento racionalista, gerado nos Estados Unidos.

Em nível nacional, o conteúdo dos programas das disciplinas e os métodos de ensino promoviam o adestramento dos alunos para uso de normas e tabelas, bem como ao excesso de carga horária dedicada às disciplinas técnicas (LIMA, 1999). Fato esse que,





segundo o autor, confere o aspecto tecnicista à formação profissional inicial bibliotecário.

A Universidade Federal do Amazonas implementou o Curso de Biblioteconomia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1967, justificado pela necessidade de formação profissional de indivíduos para exercerem a função de bibliotecários a fim de atender a demanda por profissionais qualificados nesta área para exercerem a função nas bibliotecas públicas e das demais instituições que ofertavam Ensino Superior mediante o Parecer nº 326/66 do Conselho Federal de Educação e Portaria Ministerial de 04 de dezembro de 1962. Esse ato foi institucionalizado pela Resolução nº 29/66 de 14.11.1966 que dispôs sobre a criação dos cursos de Biblioteconomia e de Licenciatura em Ciências na UFAM, documento legal que outorgou o funcionamento do curso na instituição e tornou pública a oferta da graduação na universidade, com quantidade estabelecida em 30 discentes e a oferta do curso, inicialmente, planejada para cinco anos.

Na primeira oferta do curso de graduação em Biblioteconomia, o modelo pedagógico inicial adotado foi o tipo seriado ocorrido no período entre 1967 a 1971, no formato de três séries de disciplinas obrigatórias, conforme preconizado no currículo mínimo de 1962. Durante esse período, a Resolução nº 58/69 de 20.01.1969 foi publicada e revogou o parágrafo único do Artigo 1º da Resolução nº 29/66, que invalidou a oferta do curso por somente cinco anos e, por nova determinação, o curso passou a ser ofertado por tempo indeterminado.

Dos períodos que se seguiram, foram publicadas as seguintes Resoluções que normalizaram os seguintes atos:

- a) Resoluções nº 07/72 de 28.01.1972: estabeleceu o currículo do Primeiro Ciclo de Ciências Humanas e Filosofia, do qual constou o curso de Biblioteconomia.
- b) Resolução nº 022/74 de 01.02.1974: fixou o Currículo Pleno do Curso de Graduação na UFAM, contendo 137 (cento e trinta e sete) créditos para disciplinas obrigatórias a serem cumpridas no período de 3 (três) e no máximo 6 (seis) anos letivos, acrescentadas as disciplinas de Estágios I e II.
- c) Resolução nº 02/76 de 27.01.1976: inserido o Primeiro Ciclo da Graduação nas Ciências Humanas, sendo as disciplinas Introdução à Filosofia, Sociologia I, Língua Portuguesa I, Psicologia Geral I e Metodologia do Estudo.
- d) Resolução nº 037/76 de 03.12.1976: aprovou o esquema de periodização do curso de Biblioteconomia a fim de aprimorar o planejamento de ações administrativas que promovessem a segurança e manutenção dos recursos materiais e humanos orientados para o funcionamento do curso. Nesse documento também foi regulamentado a oferta das disciplinas Estágio Supervisionado em Bibliotecas I e II, a serem realizadas no quinto e sexto período, por conseguinte.

Vale lembrar que após a publicação dessas Resoluções, outras deliberações foram instituídas relacionadas aos assuntos quantidade de vagas ofertadas na graduação, criação de disciplinas, inclusive, inserida a Educação Física na modalidade obrigatória para todos os



cursos de graduação da UFAM.

Na década de 1980, foi publicada a Resolução nº 08/82, de 29.10.1982, que atende ao Parecer do Conselho Federal de Educação nº 460/82, de 01.09.1982, no qual é estabelecido o Currículo Mínimo para os Cursos de Graduação em Biblioteconomia. Esse documento veio ao encontro das necessidades de readequação de conteúdos disciplinares do Curso, demanda antiga das escolas de Biblioteconomia do país, que já vinham realizando mudanças em seus currículos plenos a fim de contemplar as exigências do mercado de trabalho, bem como ampliar a compreensão da função e natureza da Biblioteconomia, a aquisição de habilidades profissionais e a adoção de atitudes profissionais.

O mínimo de conteúdos estabelecidos mediante o Parecer e a aplicação da Resolução na Universidade distribuiu as disciplinas na seguinte estrutura:

- a) Matérias de Fundamentação Geral: Comunicação, Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo e História da Cultura.
- b) Matérias Instrumentais: Lógica, Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa e Métodos e Técnicas de Pesquisa.
- c) Matérias de Formação Profissional: Informação aplicada à Biblioteconomia, Produção dos Registros do Conhecimento, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento, Disseminação da Informação e Administração de Bibliotecas.

Assim como todas as profissões precisam se modernizar e acompanhar as necessidades do mercado de trabalho, essa nova configuração redimensionou os conhecimentos a serem adquiridos na graduação, bem como representou avanços significativos para aquela época, mesmo deixando ausente a inserção de recursos tecnológicos, talvez não tão conhecidos ou utilizados naquele contexto de ensino, ou até propriamente no mercado de trabalho que se conhecia.

Na Resolução nº 012/84 de 13.06.1984, fixou-se o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia na UFAM em observância das diretrizes propostas na Resolução nº 08/82 do Conselho Federal de Educação, sendo necessários 196 (cento e noventa e seis) créditos, equivalentes a 3.210 (três mil, duzentos e dez) horas/aula, a serem integralizados no mínimo de 4 (quatro) anos e no máximo de 7 (sete) anos letivos. O Estágio Supervisionado em Bibliotecas era cumprido a partir do 7º período letivo.

Vale registrar que realizar comparações entre o Currículo Mínimo e o Currículo Pleno era inevitável, pois o acréscimo de disciplinas e seus desdobramentos de conteúdos distribuídos em disciplinas, tidos por níveis, por exemplo, Produção dos Registros do Conhecimento I, II e III. Nesse mesmo formato, outras disciplinas foram readequadas ao exemplo citado, assim, como já dito, da inserção de disciplinas voltadas à Gestão de Bibliotecas.

A partir dessas ocorrências e alterações propostas pelo Conselho Federal de Educação e das diretrizes consolidadas na UFAM por meio das Resoluções, houve outros fatos que





valem a pena registrar nessa publicação a fim de produzir documentos que sintetizam e disseminam o percurso histórico, social e institucional para fins de guarda e preservação da memória organizacional dos fatos ocorridos no assunto Matrizes Curriculares do Curso de Biblioteconomia da UFAM, da forma como conheceremos a seguir:

Quadro 1- Panorama histórico das Resoluções da Universidade do Amazonas (UA) para o Curso de Biblioteconomia – período de 1985 a 1992.

RESOLUÇÕES	EMENTA
<b>RESOLUÇÃO Nº 049/85 DE 06.12.1985</b>	Altera e consolida a Resolução 012/84 de 13.06.1984 do Conselho de Ensino e Pesquisa/UA que fixou o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia.
<b>RESOLUÇÃO Nº 016/88 DE 29.11.1988</b>	Reformula o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia, revogando a Resolução nº 049/85, do Conselho de Ensino e Pesquisa/UA.
<b>RESOLUÇÃO Nº 004/90 DE 28.06.1990</b>	Reformula o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia, revogando a Resolução nº 016/88, do Conselho de Ensino e Pesquisa/UA
<b>RESOLUÇÃO Nº 008/91 DE 03.10.1991</b>	Cria disciplina optativa Leitura e Biblioteca para o Curso de Biblioteconomia.
<b>RESOLUÇÃO Nº 007/92 DE 18.03.1992</b>	Cria disciplina optativa Custos Informacionais para o Curso de Biblioteconomia.
<b>RESOLUÇÃO Nº 018/93 DE 07.12.1993</b>	Fixa o limite máximo em 14 créditos optativos para o aluno de graduação em Biblioteconomia.

Fonte: Dossiê da Legislação Curricular dos Cursos de Graduação da UA, 1998.

Da implementação do Curso de Biblioteconomia da UFAM, na década de 1960, até 2006, todas as diretrizes pensadas e executadas para a permanência da oferta do curso, bem como para sua consolidação, foram registradas nos documentos denominados Resoluções Institucionais, as quais atendiam critérios e cumpriam os requisitos direcionados por Leis federais, no âmbito dos Ministérios da Educação, e as atribuições que lhes competiam à época.

As Resoluções e algumas legislações curriculares de todos os cursos da UFAM estão registradas na Série Cadernos de Graduação, de 1998, uma iniciativa da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), por meio do Departamento de Apoio ao Ensino (DAE), que se ocupou em resgatar informações disponibilizadas por setores da Universidade,



professores e técnicos administrativos que se preocuparam em guardar e preservar informações e arquivos de cunho pessoal, que, muitas vezes, os ajudaram a sanar dificuldades do dia a dia administrativo na Instituição. Vale destacar a iniciativa individual desses servidores públicos na manutenção desses arquivos visando a necessidade futura dessas informações para atender normalmente os procedimentos administrativos e pedagógico-acadêmico junto à Instituição.

Decorrido o tempo desde a década da implantação do Curso de Biblioteconomia, por volta de 1996, foi decretada e sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a qual determinou que toda Instituição de Ensino deverá ter um Projeto Político Pedagógico (PPP) que consta de um documento no qual são estabelecidos os objetivos da Instituição, os quais serão considerados para compor o ambiente educacional: a) proposta curricular; b) diretrizes de formação para os docentes; e c) diretrizes para gestão administrativa.

A descrição mais precisa do PPP e do significado dos 3Ps, que o reconhecem, é constituída de:

- Projeto: compilação de ações planejadas que deverão ser executadas com uma visão de futuro embasada pelas ações do presente;
- Político: esse âmbito está relacionado com o fazer social do ensino, cuja função é formar cidadãos participativos e cientes do seu compromisso individual e coletivo em sociedade;
- Pedagógico: refere-se aos métodos e às técnicas utilizados no processo de ensino e aprendizagem, de modo a proporcionar atividades e tarefas ao cidadão para que se consolide um processo de educação.

Vale ressaltar que a LDB não surgiu pela primeira vez em 1996. Anterior a esta, existiu a LDB de 1961 que, no Art. 66, especificamente, já tratava do Ensino Superior e seus objetivos, apesar de um contexto de cultura e educação bem mais restrito do ponto de vista da liberdade de ação nas instâncias públicas e de suas funções sociais e políticas. Inclusive, várias decisões relacionadas aos processos de gestão pedagógica eram inquestionáveis pela razão e pelo momento histórico e político em que o Brasil vivia na referida década.

A partir de 1980, houve um processo de inserção das ideias e políticas voltadas à democratização no Brasil e, mais tarde, em 1988, em fóruns nacionais de Educação requereu-se a instituição de um modelo de gestão mais democrático, que buscasse a autonomia para cada instituição de educação. Assim, o PPP foi instituído na Constituição de 1988, de maneira que esse documento fosse preparado a fim de estabelecer a operacionalidade dos processos educativos de acordo com a realidade local dos cidadãos. Essa nova diretriz ideológica fez com que as instituições de ensino se adaptassem às novas diretrizes para a educação.

Em 2009, pela primeira vez, foi instituído o PPP do Curso de Biblioteconomia da UFAM, elaborado pela necessidade de atender às novas propostas pedagógicas, bem como as diretrizes curriculares nacionais aprovadas pelo Ministério da Educação para a área de





Biblioteconomia, conforme Parecer CNE/CES nº 492/2001 e Resolução CNE/CES nº 19/2002, a julgar pelas características do campo social em que atua e do cumprimento das finalidades da Educação Superior no país.

Um novo contexto também faz parte da elaboração desse documento. A configuração do que foi estabelecido aponta para o atendimento das necessidades atuais no que se refere ao tratamento e à gestão da Informação, pois era necessário prover a formação necessária e pertinente às necessidades da sociedade atual, visto que depois do surgimento do curso de graduação no Brasil, todos os processos educativos foram se adequando aos novos contextos e às novas demandas para a formação educacional e profissional do futuro bibliotecário.

O PPP do Curso de Biblioteconomia da UFAM (2008) apresenta uma estrutura curricular contemplada nos conteúdos gerais, instrumentais e específicos visando à formação profissional compatível com o mercado atual e com a perspectiva de atuação desse profissional em bibliotecas, sistemas e serviços de Informação, vinculados a qualquer instituição pública, privada ou do terceiro setor. Ademais, houve a necessidade de regulamentar o exercício da profissão de bibliotecário após o registro profissional concedido pelo Conselho Regional de Biblioteconomia.

O PPP atual e vigente no Curso de Biblioteconomia da UFAM está distribuído em seções, como: caracterização do curso, estrutura e funcionamento do curso, matriz curricular, concepção metodológica, princípios norteadores de avaliação da aprendizagem, inclusive de avaliação do próprio PPP, relações de Ensino, Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e por algumas iniciativas ainda recentes no campo da Inovação, diretriz recém estabelecida na Universidade. Ademais, apresenta alguns direcionamentos práticos voltados à infraestrutura, bem como aos recursos humanos, que incluem docentes e técnicos administrativos.

Vale destacar que todas as ações planejadas e, conseqüentemente, executadas no Curso de Biblioteconomia da UFAM são pautadas pelo atual PPP e buscam efetivar ações estabelecidas para o cumprimento do proposto no documento que rege o “fazer” do curso. Desse modo, tem-se a ciência de que esse fazer não é fácil, tendo em vista a constante mudança cultural, social e a inovação dos processos relacionados ao tratamento e à gestão da Informação no mercado de trabalho, assim como o surgimento de novas perspectivas em torno do profissional bibliotecário e das possibilidades de atuação no local ou região na qual os discentes estão sendo formados.

Segundo o PPP de Biblioteconomia da UFAM (2008, p. 13), a estrutura curricular está distribuída em dois núcleos temáticos, sendo eles:

- Informação para a cidadania: conjunto de práticas apoiadas em conteúdos de natureza sociocultural, de modo a ofertar subsídios para a formação e desenvolvimento de indivíduos e organizações promotores de cultura e educação a favor da cidadania;
- Informação para as organizações: conjunto de práticas apoiadas em conteúdos de natureza sócio-administrativa de maneira a ofertar subsídios para políticas nacionais e internacionais de Informação, com foco na gestão da Informação e no uso de serviços e produtos informacionais em organizações de qualquer seguimento.



A Matriz Curricular do Curso de Biblioteconomia da UFAM, obedecendo o atual PPP, está distribuída em disciplinas obrigatórias e optativas, como mostra o Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 - Quadro de disciplinas obrigatórias

PERÍODO	SIGLA	DISCIPLINAS	CR	CH	PR
1	IHB001	Epistemologia da Biblioteconomia	4.4.0	60	-
	IHB002	Metodologia do Trabalho Acadêmico	3.3.0	45	-
	FEF011	Psicologia Geral I	4.4.0	60	-
	IHP184	Língua Portuguesa I	4.4.0	60	-
	IHS011	Sociologia I	4.4.0	60	-
	IHF011	Introdução à Filosofia	4.4.0	60	-
2	IHF045	Lógica I	4.4.0	60	-
	FEF023	Psicologia Social	4.4.0	60	FEF011
	IHB114	Introdução a Comunicação	3.3.0	45	-
	IEE091	Complemento de Matemática e Estatística	4.4.0	60	-
	IEC038	Informática Instrumental	3.2.1	60	-
	IHB006	Unidades e Serviços de Informação	4.4.0	60	-
3	IHB007	Teoria da Administração em Unidades de Informação	4.4.0	60	-
	IHB008	Representação Descritiva de Documentos I	5.4.1	90	-
	IEC035	Geração e Uso de Banco de Dados	3.3.0	45	IEC024
	IHB004	História dos Registros do Conhecimento	4.4.0	60	-
	IHE011	Inglês I	5.5.0	75	-
4	IHB020	Representação Descritiva de Documentos II	3.1.2	75	IHB008
	IHB010	Análise da Informação	4.2.2	90	-
	IHB085	Tecnologias da Informação	5.4.1	90	IEC024
	IHE021	Inglês II	5.5.0	75	IHE011
	IHB095	Estágio I	2.0.2	60	-
5	IHB086	Representação Temática	5.2.3	120	-
	IHB087	Planejamento de Unidades de Informação	4.4.0	60	-
	IHB088	O & M	4.4.0	60	-
	IHB003	Informação e Cidadania	3.3.0	45	-
	IHB096	Estágio II	2.0.2	60	-
6	IHB089	Estudo do Usuário	3.2.1	60	-
	IHB090	Fontes de Informação	3.2.1	60	-
	IHB091	Normalização Documentária	2.2.0	30	-
	IHB092	Metodologia da Pesquisa I	4.4.0	60	-
	IHB097	Estágio III	2.0.2	60	-
7	IHB093	Marketing em Unidades de Informação	3.3.0	45	-
	IHB094	Serviço de Referência e Informação	3.2.1	60	-
	IHB102	Metodologia da Pesquisa II	3.2.1	60	IHB092
	IHB147	Formação e Desenvolvimento de Coleções	4.3.1	75	-
	IHB098	Estágio IV	2.0.2	60	-
8	IHB176	Trabalho de Conclusão de Curso	3.0.3	90	IHB098
<b>TOTAL</b>			<b>136</b>	<b>2.445</b>	<b>-</b>

Fonte: PPP, 2008.

As disciplinas estão distribuídas no modelo por periodização. Nas colunas à direita, apresentam-se o quantitativo de créditos, as cargas horárias e os pré-requisitos para o cumprimento de cada uma delas. A seguir, no Quadro 4, estão distribuídas as disciplinas optativas:





Quadro 4 - Quadro de disciplinas optativas

SIGLA	DISCIPLINA	CR	CH	PR
IHB169	Arquivística	4.4.0	60	-
IHB106	Leitura e Biblioteca	3.3.0	45	-
IHB107	Normalização de Trabalhos Acadêmicos	2.2.0	30	-
IHB101	Empreendedorismo	3.3.0	45	-
IHB100	Informação e Sociedade	1.1.0	15	-
IHB103	Seminário de Pesquisa em Biblioteconomia	1.1.0	15	-
IHB104	Editores	2.2.0	30	-
IHB105	Planejamento Físico de Unidades de Informação	2.2.0	30	-

Fonte: PPP, 2008.

Ademais, os discentes devem cumprir as ações estabelecidas como “Atividades Complementares”, que são mecanismos de aproveitamento de saberes adquiridos pelo discente ao longo do curso de graduação, conforme estabelecido na Resolução nº 018/2007 CEG/CONSEPE/UFAM.

Durante o cumprimento do Curso, deve-se destacar as disciplinas de Estágio Supervisionado Obrigatório que os discentes realizam nas bibliotecas ou nos centros e na documentação, nos quais haja um profissional bibliotecário que atuará como supervisor de campo e passará a corroborar no processo de formação dos discentes. As disciplinas de Estágio se referem ao Estágio I, que se inicia no quarto período e se encerra no Estágio IV, no sétimo período, totalizando 240 horas.

O Curso de Biblioteconomia da UFAM reconhece que no tempo de aplicação desse PPP já passou por dois processos de visita técnica do MEC, o mais recente foi em julho de 2019, durante o qual o curso obteve a Nota 4 no processo avaliativo realizado pelo Ministério. Assim que recebeu a nota e o Relatório de Avaliação, o Colegiado de Curso se reuniu e traçou ações futuras para a correção de ações e para atuar também na prevenção de incertezas, a fim de atingir o nível de qualidade na oferta do curso, sendo cada vez melhor em seus processos de ensino e aprendizagem.

Cabe refletir sobre as atitudes a serem tomadas pelo Colegiado, pois cada indivíduo representado pela função social de professor e pesquisador reflete e apresenta seu posicionamento perante o que se discute e pensa para o futuro do curso baseado nas suas experiências individuais e profissionais que se refletem na memória coletiva, na qual estão envolvidos docentes, discentes, pessoal administrativo, centros acadêmicos e toda comunidade acadêmica que contribui para o registro de informações fundamentadas nas experiências cotidianas e de gestão de processos institucionais que não devem ser esquecidos.

Cada indivíduo e seu grupo social são dotados de um ponto de vista único, com diretrizes, filosofias, ideais e concepções em torno do processo de ensino e aprendizagem no curso de graduação, o qual capacita discentes que entrarão no mercado de trabalho e voltarão seus olhares àquilo que aprenderam durante sua permanência no curso, de modo a enxergar sua própria formação por meio do resgate de memórias individuais e coletivas, muitas vezes, registradas em documentos, relatórios, trabalhos realizados, fotos, vídeos, que constituem a memória social do curso, por exemplo.



Todos esses documentos, registrados em meios ou suportes de Informação individual ou coletiva, quando reunidos e organizados, cumprem a função de disseminação da história cronológica das ações realizadas por aqueles que fazem parte dos fatos e dos acontecimentos vividos no Curso de Biblioteconomia da UFAM.

Apesar de tudo o que foi realizado e que pôde ter sido realizado, algumas expectativas ainda não se tornaram realidades, haja vista a constatação da dissociação das práticas dos contextos sociais e políticos do Estado ou, até mesmo, da Região que ainda precisam estar alinhadas às diretrizes propostas pelo MEC e pelas demais legislações e regulamentações que ainda carecem de ser expressas nos PPPs. Contudo, pode-se afirmar que há o esforço coletivo para que mudanças sejam ocasionadas no plano individual e coletivo, para que as práticas decorram de um projeto institucional que explicita a preocupação com as necessidades objetivas do profissional e do mercado de trabalho, bem como com a sistematização de ações executivas e avaliativas capazes de adequar o Curso de Biblioteconomia da UFAM à estrutura, à organização e à configuração que atendam à dinâmica dos acontecimentos e fatos regionais, de modo a concretizar e efetivar, de fato, o ensino e a aprendizagem e as competências profissionais aderentes às necessidades da região amazônica.

Da perspectiva institucional e das tomadas de decisões relacionadas aos novos rumos do curso, sempre é necessário levantar documentos, rever anotações, consultar relatórios e documentos institucionais, ou, até mesmo, entrevistar pessoas que fizeram e fazem parte da história das decisões institucionais que fizeram o curso ser o que é hoje. Qualquer uma dessas técnicas de registro de informações resultam em documentos nos mais diversos formatos, tradicionais ou contemporâneos, e constituem-se de fontes de informações documentais para a Memória Organizacional do colegiado do curso, bem como da instituição que oferta o curso. Não há ações ou tomadas de decisões com vistas às novas oportunidades, às propostas inovadoras e aos planos estratégicos para o curso sem consultar registros de informações confeccionados pelos indivíduos envolvidos no processo pedagógico, acadêmico ou de gestão institucional.

As ações humanas de todos os envolvidos nesse processo constituem a memória social, coletiva e organizacional das informações que estruturaram e consolidaram a existência e importância da oferta do curso para a região, por meio das quais foi possível apresentar, neste capítulo, um resgate de informações da memória organizacional para demonstrar o percurso de construção teórica e prática das matrizes curriculares do curso no período entre 1962 e 2009, que, até então, ocupava-se em proporcionar formação específica voltada à profissionalização das competências e habilidades para o egresso se inserir no mercado de trabalho, minimamente, atendendo aos principais requisitos para ser bibliotecário em qualquer região do Brasil.

## CONCLUSÕES

Qualquer ocorrência ou quaisquer alterações realizadas nos Currículos do Curso de Biblioteconomia da UFAM estão respaldadas por normas e Resoluções superiores, advindas dos ministérios federais e, propriamente, da instituição.





Contudo, todas as informações que orientam essas ocorrências e mudanças, bem como, todos os assuntos tratados e resolvidos, colocados em ações efetivas, estão registrados nos documentos físicos produzidos tradicionalmente pela instituição, mesmo não existindo procedimentos técnicos e de gestão metódicos e sistemáticos relacionados ao registro das informações voltadas à cultura de preservação da Memória Organizacional, resultado das ações refletidas pela Memória Coletiva e Social. No entanto, consideramos satisfatório o acesso e o detalhamento das informações que contribuíram para a elaboração deste trabalho, a partir das quais foi possível apresentar aspectos históricos, pedagógicos e acadêmicos importantes da criação e do aprimoramento dos currículos do curso de Biblioteconomia no Amazonas.

No que diz respeito à evolução das matrizes curriculares do Curso de Biblioteconomia, as decisões atuais, que podem ser implementadas sem causar alterações radicais no PPP ainda em 2020, estão firmadas na mais recente Resolução nº 48/2018-CEG-CONSEP/UFAM de 17.05.2018, que criou a disciplina Competência em Informação Instrumental e atualizou também as ementas das disciplinas Representação Descritiva de Documentos I e II, além de alterar a oferta da disciplina Complementos de Matemática e Estatística e Normalização Documentária. Essas alterações foram realizadas sem prejuízos de conteúdos e periodização para os discentes, pelo contrário, distribuíram-se de modo melhor os conteúdos, e as disciplinas citadas foram alocadas em períodos que facilitassem o seu cumprimento pelos alunos.

No mais, nesta oportunidade, expressamos a imensa satisfação em escrevermos um artigo como capítulo do livro intitulado “Informação em Biblioteconomia na Amazônia”, em comemoração aos 50 anos da Biblioteconomia no Amazonas, e por fazermos parte do contexto acadêmico e regional que nos impulsionou e motivou a produção textual em torno de um assunto pouco discutido nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ainda mais, no que se refere à regionalização de assuntos voltados à formação em Biblioteconomia e à importância local das ações humanas realizadas em um curso de Ensino Superior localizado na região amazônica.

Ademais, na constituição dessa Memória Organizacional, tais ocorrências foram originadas por fatos, pensamentos e ações coletivas que foram constituídas por meio da Memória Coletiva e Social das pessoas e instituições envolvidas nesse processo histórico e social da Biblioteconomia no Amazonas.

Vale enfatizar que os esforços da comunidade acadêmica amazonense buscam atender aos contextos e às reivindicações de conhecimentos atualizados que permitam readequar os Currículos da Graduação em Biblioteconomia para avançarmos juntos aos progressos culturais, tecnológicos e contemporâneos, seguindo o percurso natural da evolução humana e dos conhecimentos produzidos na área.



## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488 p.

BRASIL. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: DF. 1961.

CATOIRA, Thais; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Núcleo de arte contemporânea da Paraíba da UFPB: a representação da Informação para a preservação das memórias.: a representação da Informação para a preservação das memórias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO., 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT, 2012. p. 01-20.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 08/82, de 29 de outubro de 1982**. Fixa os Mínimos de Conteúdo e Duração do Curso de Biblioteconomia. Brasília: 1982.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 19/2002 de 13 de março de 2002**. Estabelece Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Brasília: 2002.

\_\_\_\_\_. **Parecer nº 326/66 e portaria ministerial de 04 de dezembro de 1962**. Estabelece a estrutura curricular do curso de Biblioteconomia nos estabelecimentos de Ensino Superior. Brasília: 1962.

\_\_\_\_\_. **Parecer nº 460/82 de 01 de setembro de 1982**. Estabelece o currículo mínimo para os cursos de graduação em Biblioteconomia. Brasília: 1982.

\_\_\_\_\_. **Parecer nº 492/2001 de 03 de abril de 2001**. Trata de diversos processos acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Brasília: 2001.

FEITOZA, Rayan Aramis de Brito *et. al.* Memória organizacional na Ciência da Informação: desvendando relações com o conhecimento organizacional. **Em questão**, Porto Alegre, v. 25, n.1, p. 473-498, jan/abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/80274/50251>. Acesso em 25 out. 2019.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. p. 11-26.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. 162 p.



HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 224 p.

LIMA, Raimundo Martins de. **A construção social da Biblioteconomia brasileira: a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 1999. 262 p.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2. 1995.

MELO FILHO, Edison Targino de. Relações teórico-conceituais entre identidade e memória na perspectiva da Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p.116-130, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/4428/4508>. Acesso em: 20 out. 2019.

MENEZES, Edna Matsunaga de. **Estruturação da memória organizacional de uma instituição em iminência de evasão de especialistas: um estudo de caso da CONAB**. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.

MORAES, Nilson Alves de. Memória Social: solidariedade orgânica e disputa de sentidos. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. p. 89-104.

PERREIRA, Felipe Caldonazzo de Almeida; SERAFIM, Jucenir da Silva; MOLINA, Letícia Gorri. Memória para a ciência da Informação: um trabalho interdisciplinar. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS - SEPECH, 11., 2016, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Blucher Proceedings, 2016. p. 1256-1267. Disponível em: [http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt13\\_163.pdf](http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt13_163.pdf). Acesso em: 25 out. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 06 maio 2019.

SASIETA, H. A. M.; MEPLER, F. D.; PACHECO, R. C. A memória organizacional no contexto da engenharia do conhecimento. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.12 n.4, p. 1-17, ago. 2011. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/ago11/art\\_06.htm](http://www.dgz.org.br/ago11/art_06.htm). Acesso em: 28 set. 2019.

SILVA, K. V; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS. **Dossiê da Legislação Curricular dos Cursos de Graduação da UA**, 1998.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 002/96 [s.d.]**. Prorroga o período de transição entre os Currículos do Curso de Biblioteconomia, fixados pelas Resoluções nº 004/90-CONSEPE e 011/CEG/CONSEPE para alunos cursando Estágio Curricular. Manaus: Conselho Universitário, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 004/90 de 28 de junho de 1990**. Reformula o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia, revogando a Resolução nº 016/88, do Conselho de Ensino e Pesquisa/UA. Manaus: Conselho Universitário, 1990.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 004/99 de 20 de maio de 1999**. Modifica a Resolução nº 51/74-CONSUNI, a qual autorizou a implantação da prática da Educação Física como atividade obrigatória para os alunos regulares da UA. Decisão da qual contempla o Curso de Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1999.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 007/92 de 18 de março de 1992**. Cria disciplina optativa Leitura e Biblioteca para o Curso de Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1992. Manaus: Conselho Universitário, 1992.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 008/91 de 03 de outubro de 1991**. Cria disciplina optativa Leitura e Biblioteca para o Curso de Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1991. Manaus: Conselho Universitário, 1991.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 011/94, de 29 de dezembro de 1994**. Reformula o currículo pleno do curso de Biblioteconomia. Manaus: Câmara de Ensino de Graduação/Conselho de Ensino e Pesquisa, 1994.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 02/76, de 27 de janeiro de 1976**. Atualiza as normas relativas ao primeiro ciclo dos cursos de graduação e dá outras providências. Manaus: Conselho Universitário, 1976.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 07/72, de 28 de janeiro de 1972**. Fixa o currículo do primeiro ciclo da área de Ciências Humanas e Filosofia. Manaus: Conselho Universitário, 1972.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 022/74, de 01 de fevereiro de 1974**. Fixa o currículo pleno do curso de graduação em Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1974.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 037/76, de 03 de dezembro de 1976**. Aprova o roteiro de periodização do curso de Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1976.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 29/66, de 14 de setembro de 1966**. Dispõe sobre a criação dos cursos de Biblioteconomia e de Licenciatura em Ciências. Manaus: Gabinete do Reitor, 1966.



\_\_\_\_\_. **Resolução nº 58/69, de 20 de outubro de 1969.** Revoga o artigo 1º da Resolução nº 29/66, do Conselho Universitário da UA. Manaus: Conselho Universitário, 1969.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 012/84 de 13 de junho de 1984.** Fixou-se o currículo pleno do Bacharelado em Biblioteconomia na UFAM. Manaus: Conselho Universitário, 1984.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 016/88 de 29 de novembro de 1988.** Reformula o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia, revogando a Resolução nº 049/85, do Conselho de Ensino e Pesquisa/UA. Manaus: Conselho Universitário, 1988.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 018/93 de 07 de dezembro de 1993.** Fixa o limite máximo em 14 créditos optativos para o aluno de graduação em Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1993.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 030/99 de 10 de novembro de 1999.** Estabelece a fusão das disciplinas Formação e Desenvolvimento e Coleções (IHB045) e Conservação de Coleções e cria a disciplina Formação e Desenvolvimento de Coleções (IHB147). Manaus: Conselho Universitário, 1999.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 042/2000 de 13 de março de 2000.** Altera a Resolução nº 004/90-CEG-CONSEP, que reforma o Currículo Pleno do Curso de Biblioteconomia revogando a Resolução nº 016/88-CEG-CONSEPE. Manaus: Câmara de Ensino de Graduação/Conselho de Ensino e Pesquisa, 2000.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 049/85 de 06 de dezembro de 1985.** Altera e consolida a Resolução 012/84 de 13.06.1984 do Conselho de Ensino e Pesquisa/UA que fixou o Currículo Pleno do Bacharelado em Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Secretaria Geral dos Conselhos Superiores. **Resolução nº 002/72, de 14 de janeiro de 1972.** Estabelece normas relativas ao primeiro ciclo dos cursos de graduação e dá outras providências. Manaus: Conselho Universitário, 1972. Disponível em: <http://conselhos.ufam.edu.br/deliberacoes> Acesso em: 10 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 058/69 de 20 de outubro de 1969.** Revoga o parágrafo único do artigo 1º da Resolução nº 029/66, ficando o Curso de Biblioteconomia com seu funcionamento por tempo indeterminado. Manaus: Conselho Universitário, 1969.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Departamento de Arquivologia e Biblioteconomia. **Projeto Pedagógico do curso de Biblioteconomia**, 2008, Manaus, 55 p.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 018/2007 de 01 de agosto de 2007.** Regulamenta as Atividades Complementares dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Câmara de Ensino de Graduação, 2007.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 020/2005 de 13 de dezembro de 2005.** Exclui pré-requisitos da disciplina Estágio Profissional Supervisionado em Bibliotecas (IHB076) do Currículo Pleno do Curso de Biblioteconomia. Manaus: Conselho Universitário, 2005.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 020/2006 de 27 de setembro de 2006.** Altera o Currículo de 1994 do Curso de Biblioteconomia, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). Manaus: Conselho Universitário, 2006.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 48/2018 de 17 de maio de 2018.** Cria a disciplina Competência em Informação Instrumental, atualiza as ementas das disciplinas Representação Descritiva I e II e altera a oferta da disciplina Complementos de Matemática e Estatística e Normalização Documentária. Manaus: Câmara de Ensino de Graduação/Conselho de Ensino e Pesquisa, 2018.

## SOBRE OS AUTORES



---

### **VANUSA JARDIM BORGES**

*Professora do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), graduada em Biblioteconomia (UFAM), Especialista em Monitoramento e Inteligência Competitiva (UFAM), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM).*



---

### **ANDREZZA PEREIRA DE OLIVEIRA**

*Graduanda do curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) é Diretora de Comunicação e Assuntos Acadêmicos do Centro Acadêmico de Biblioteconomia do Amazonas (CABAM) Gestão + Biblioteconomia (2019-2020). Atualmente trabalha na criação da biblioteca Neide Gondim.*





# capítulo 5

---

## **O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: 1963 a 2020**

---

- *Maurila Bentes de Mello e Silva (UFPA)*
- *Marise Teles Condurú (UFPA)*
- *Hamilton Vieira de Oliveira (UFPA)*



### *INTRODUÇÃO*

O elemento humano para o trabalho em bibliotecas constituiu-se, até o século XIX, de indivíduos estudiosos ou aplicados, amantes dos livros e familiarizados com seu tratamento. Homens de letras, historiadores ou intelectuais de toda sorte, deleitados na apreciação de manuscritos insubstituíveis ou de edições raras e primorosas, tinham por função guardar e proteger o acervo entregue aos seus cuidados. Seu mérito foi preservar para o futuro. Constituíram, assim, os pilares da fase de preservação na história da Biblioteconomia (BECKMANN, 2007).

O aumento da produção do livro impresso, a penetração da ciência em campos inexplorados, a determinação de novas relações de causa e efeito, a proliferação das sociedades científicas, a maior frequência de publicações periódicas regulares e o crescimento do nível de instrução do povo levaram a biblioteca a alinhar-se à maré crescente da popularização da cultura e a rever o conceito de guarda e proteção dos livros, para tornar-se um guia de educação popular. Daí passou-se à fase de divulgação e Informação, à fase heroica da pesquisa difícil e trabalhosa, à transição para a modernidade com a integração à tecnologia da automação (BECKMANN, 2007).

O trabalho do bibliotecário tornou-se ocupação complexa, exigindo pessoal técnico capaz de compreender e apreender os problemas provocados pela verdadeira ebulição do progresso. A pesquisa bibliográfica, indispensável às atividades docentes e científicas, carecia de orientação e acuidade, análise e coordenação por parte de um profissional não mais autodidata como seus predecessores. No ambiente universitário, o bibliotecário passou a representar um ponto de convergência entre os grupos de estudo de cada área, um elo entre o professor, o pesquisador e os conteúdos de diferentes fontes e em formatos diversos. O bibliotecário tornou-se um organizador do conhecimento (BECKMANN, 1990).

A formação profissional foi o motivo que levou Melvil Dewey (1851-1931), bibliotecário e educador, a fundar, em 1887, no Columbia College, hoje Columbia University, New York, a primeira escola de Biblioteconomia, School of Library Economy. Com objetivos diferentes daqueles visados por Dewey, já em 1821, fundava-se, na França, a École



des Chartes com a dupla finalidade do ensino da Paleografia e da formação de arquivistas e bibliotecários. Embora pioneira, não possuía o mesmo sentido da escola de Dewey, voltando-se sobretudo para a investigação histórica. Teve, entretanto, influência no ensino da Biblioteconomia, inclusive em nosso país que, até a primeira metade do século XX, possuía estreitos laços culturais com a Europa (FONSECA, 1992).

No Brasil, a formação profissional do bibliotecário antecedeu a estruturação de qualquer curso ou escola, pois já em 1879 a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, promoveu concurso para a seleção de pessoal, e entre as disciplinas exigidas constavam a Literatura e a Filosofia, e este conjunto intelectual foi que levou à Biblioteca Nacional nomes como Ramiz Galvão, Capistrano de Abreu, João Ribeiro e outras figuras expressivas, ainda que não bibliotecários, no sentido em que estes são hoje conceituados. Nesse contexto é que ocorre, na Biblioteca Nacional, a criação do primeiro Curso de Biblioteconomia do Brasil por meio do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, com início de suas atividades em abril de 1915, sob a direção de Manuel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956), concomitantemente com a direção da própria Biblioteca Nacional, que o dirigiu no período de 1900 a 1924 (FONSECA, 1992; RUSSO, 1966).

A paternidade cultural europeia, sobretudo francesa, fez-se sentir. Algumas disciplinas do currículo – Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática – são a tradução da influência da École des Chartes. Mais tarde, outros cursos adotaram métodos e processos norte-americanos que substituíram o sistema francês, desenvolvendo-se, sobretudo, as disciplinas técnicas ou de objetividade profissional (FONSECA, 1992).

Até a data de fundação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 1963, existiam 11 cursos em funcionamento no Brasil, em sua maioria, nas regiões sul e sudeste. O curso da UFPA foi o 12º registrado no Brasil, solitário na Região Norte (RUSSO, 1966). A fundação de uma Faculdade, Escola, Instituto, Curso ou qualquer unidade de ensino superior, dentro ou fora de uma Universidade, depende de uma condição *sine qua non*: a necessidade social. A demanda profissional é uma das consequências do desenvolvimento de uma região. Se há elementos suficientes para avaliar as etapas desse desenvolvimento, o ato criador de um curso superior pode fazer coincidir a entrada de novos indivíduos num mercado de trabalho no momento em que se tornam necessários (BECKMANN, 2007; SILVA, 1994).

Em relação à especificidade de um Curso de Biblioteconomia, segundo Beckmann (2007), a fundação está subordinada a duas importantes condições: que ele esteja interligado a outras unidades de ensino superior às quais se integre, e que se situe em local com boas bibliotecas. Para o mesmo autor, a aquisição de instrumentos bibliográficos de trabalho, aos quais o estudante recorre no dia a dia de seu treinamento, pode estar além das possibilidades de uma escola isolada. A integração do curso de Biblioteconomia a uma Universidade ou a um sistema de escolas fundamenta-se na questão de que ao estudante desse curso interessa, a par dos assuntos técnicos imediatos, a arte, a literatura, a história, a sociologia, a filosofia, a evolução da ciência, como parte da cultura geral necessária ao futuro bibliotecário.

Considerados esses antecedentes e condicionantes históricos, neste trabalho trataremos da criação, manutenção e evolução do Curso de Biblioteconomia da UFPA, o 12º do Brasil e o pioneiro na Amazônia Legal. Trata-se de um estudo exploratório, sustentado



em pesquisa bibliográfica e documental e narrativa dos autores, que apresenta evidências de que o Curso de Biblioteconomia da UFPA, por meio dos profissionais que forma, desde a sua fundação e ao longo da sua história, está comprometido em contribuir, por meio dos seus serviços acadêmicos, com objetivos sociais estratégicos como a valorização da cultura, o avanço da ciência, a qualidade da educação, o exercício da cidadania e a tomada de decisão em todo tipo de organização.

Este estudo está estruturado em três seções, sendo nessa introdução apresentados os antecedentes históricos que contextualizam o tema, o questionamento teórico a ser enfrentado e a metodologia adotada. Na seção dois, tem-se o relato sobre a evolução do Curso na UFPA, estruturado em cinco fases que tratam: do início do curso; do período após a reforma do ensino universitário de 1970; do período seguinte à reforma curricular de 1993; das mudanças e melhorias no curso após a sua reformulação em 2009; e, for fim, das perspectivas para o curso a partir do ano de 2020. As considerações finais são apresentadas na seção três que precede a lista das referências utilizadas.

### *A BIBLIOTECONOMIA NA UFPA*

A criação do Curso de Biblioteconomia satisfaz a exigência fundamental dos reclamos da sociedade em geral e da Universidade do Pará em particular. Os primeiros porque em Belém, apesar da existência de duas entidades de pesquisa tradicionais – o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Instituto Agrônomo do Norte<sup>1</sup> –, seis escolas superiores oficiais, quatro particulares, além da Biblioteca e Arquivo Públicos e bibliotecas de instituições privadas, havia apenas uma bibliotecária<sup>2</sup>. Os últimos porque a Universidade havia constituído a sua biblioteca central que serviria de fulcro a toda a atividade acadêmica no campo da Informação bibliográfica. O novo curso atenderia ao desenvolvimento da comunidade universitária e, por intervenção desta, ao bem-estar da comunidade em geral (BECKMANN, 2007; CHELALA; CUNHA; GALVÃO, 1975).

As demais premissas, específicas de um curso de Biblioteconomia, estavam satisfeitas pela integração do Curso à Universidade e pela existência de um excelente campo de atividade – a Biblioteca Central –, que necessitava, em caráter premente, de um corpo técnico à altura do trabalho que pretendia desenvolver (BECKMANN, 2007).

A Biblioteca Central era, ela mesma, uma instituição sem bibliotecários diplomados em Biblioteconomia. Para a sua fundação, haviam prevalecido as leis da necessidade e da urgência pelas quais profissionais de outras áreas do conhecimento foram deslocados para o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), pelo prazo de um ano, de onde retornaram com o título de especialistas. Afora estes, a massa de pessoal para os serviços técnicos formou-se por meio de treinamentos de curta duração (BECKMANN, 2007).

Foi levada à autoridade maior da Universidade a proposta de criação de um Curso de Biblioteconomia, em nível superior, na própria UFPA. A base física seria a Biblioteca Central. A base docente teria três ramos: professores da própria UFPA, para o ensino das disciplinas gerais; professores que a UFPA mandara especializar no IBBD para o ensino das disciplinas técnicas; e, finalmente, professores de outras instituições capazes de supervisionar as disciplinas básicas e promover o ensino daquelas que exigissem maior qualificação (BECKMANN, 1984; 2007).



1 Criado em 1939, hoje Embrapa Amazônia Oriental.

2 A senhora Clara Galvão, do Museu Goeldi.



**A FASE INICIAL DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPA: 1963-1969**

A criação do Curso não foi tranqüila. Comprova-o o fato de que não foi instituído pelo Conselho Universitário, mas pelo Conselho de Curadores, e a Resolução instituidora tem, curiosamente, o número 1-A, de 28 de janeiro de 1963 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1963). Dominada, à época, pelo bacharelismo, a Universidade, por intermédio dos seus “grandes”, não compreendia a instituição de um curso que não fosse ligado as profissões tradicionais e, no máximo, lhe teria dado um caráter aleatório ou transformado em curso semelhante aos de curta duração, sem previsão de continuidade. Valeram, aí, a liderança e a visão prospectiva do então Reitor e a pertinácia e obstinação do Coordenador do Curso, os professores José da Silveira Neto e Clodoaldo Beckmann, respectivamente (BECKMANN, 2007; SILVA, 1994).

Os dezenove alunos admitidos pelo primeiro vestibular para as vinte vagas existentes foram despertados para uma realização vocacional, sem nenhuma evasão. Foram motivados, no decorrer do Curso, pelos aspectos positivos da Biblioteconomia para o desenvolvimento regional e, em sentido mais restrito, da própria Universidade (CHELALA; CUNHA; GALVÃO, 1975; MOREIRA, 1977).

A primeira organização curricular do Curso de Biblioteconomia procurou atender a dois, dos vários aspectos propostos por Knychala (1981): o ensino das disciplinas básicas, isto é, aquelas que capacitam a formação de pessoal habilitado para executar serviços técnicos, organizar e dirigir Bibliotecas ou Centros de Documentação, como unidade de orientação; e ministrar conhecimentos gerais que permitissem uma visão genérica das diferentes correntes do pensamento humano.

O primeiro currículo do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará seguiu, na discriminação de suas disciplinas, as matérias definidas no currículo aprovado pelo Conselho Federal de Educação - Parecer 326/62 - Resolução s/n de 16 de novembro de 1962 (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 1962; RUSSO, 1966), constituído de três séries, apresentadas no Quadro 1, sendo que as disciplinas componentes do currículo foram agrupadas em dois departamentos: Cultura Geral e Cultura Técnica, este compreendendo as disciplinas características da profissão do bibliotecário.

Quadro 1 – Primeiro currículo de Biblioteconomia da UFPA

1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
História da Literatura	História da Arte	1º semestre
Classificação	História do Livro e das Bibliotecas	INTRODUÇÃO aos Estudos Históricos e Sociais
Catálogo	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico	Paleografia
Bibliografia e Referência	Catálogo	Documentação
Organização e Administração de Bibliotecas	Classificação	Classificação e Catálogo de Materiais Especiais
Inglês	Bibliografia e Referência	2º semestre
	Organização e Administração de Bibliotecas	Estágio

Fonte: Conselho Federal de Educação, 1962; Russo, 1966.



A seriação e o número de disciplinas seriam alterados em 1970, com a supressão de “Inglês” e o remanejamento de “Introdução aos Estudos Históricos e Sociais” e “Paleografia” para a 1ª. Série. Da mesma forma, o Conselho Universitário alterou a constituição departamental primitiva, criando cinco departamentos, um deles com uma só disciplina (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1970).

Nessa visão didático-pedagógica, foi organizado um plano de trabalho com as seguintes linhas mestras: instrução sobre utilidade e aplicação dos códigos, sistemas de classificação e normas bibliográficas; demonstração das técnicas de trabalho e iniciação nas funções de administração; treinamento sistemático e intensivo nas atividades de Informação bibliográfica; exercícios sobre seleção, reprodução e recuperação de documentos; determinação da natureza e autenticidade de manuscritos; reflexão sobre os fatos históricos e sua interpretação em relação aos acontecimentos presentes; visão geral da criação artística promovendo um conhecimento razoável da história da arte e da literatura e permitindo a verificação dos aspectos culturais de um povo por meio de suas obras de arte; relação do conhecimento com a formação histórica e cultural do homem; e por fim, a aplicação dos recursos bibliográficos disponíveis ao conhecimento da região amazônica (BECKMANN, 1966).

O plano de trabalho, calcado no currículo mínimo então vigente que permitia a formação do bibliotecário no prazo de três anos, foi desenvolvido por uma equipe harmônica de professores, sob um sistema departamental no qual problemas ou interesses eram estudados em conjunto. É de notar que em plena vigência do sistema de cátedra, só abolido cinco anos mais tarde, os integrantes do corpo docente abdicaram de qualquer poder administrativo para, conservando apenas os atributos decorrentes do seu saber e o conteúdo magisterial, ingressarem num sistema de deliberação colegiada, com a participação efetiva de discentes (BECKMANN, 2007; SILVA, 1994).

O primeiro corpo docente do curso de Biblioteconomia da UFPA foi formado por professores de outros cursos da Universidade e de outras instituições, conforme pode ser observado no Quadro 2. Com esse grupo, o Curso de Biblioteconomia não se restringiu apenas as atividades de ensino. A pesquisa, nesse tempo, ainda não institucionalizada pela Universidade, esteve representada na publicação da série “Documentos didáticos”. Essa série, organizada especialmente para apoio aos discentes, compreendeu um número representativo de publicações, algumas das quais indexadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

### ***O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA APÓS A REFORMA: 1970 - 1992***

Na segunda metade da década de 1960, uma série de diplomas legais estabeleceu novas normas para a organização das Universidades e para o funcionamento do ensino superior: os Decretos-Leis nº 53, de 18 de novembro de 1966, e nº 252, de 28 de fevereiro de 1967, a Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, e o Decreto-Lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969. Por outro lado, os problemas relativos ao pessoal docente foram normalizados por meio da Lei 5.539, de 27 de novembro de 1968, e do Decreto-Lei 465, de 11 de fevereiro de 1969.





A abundante legislação complementar cercou os núcleos acima citados que estabeleceram os princípios fundamentais da chamada “reforma universitária”. Entre esses princípios, situavam-se a extinção da cátedra, a organização departamental, a unidade de funções de ensino e pesquisa, a racionalidade da organização e a flexibilidade de métodos e critérios. Esses princípios já tinham sido estabelecidos no Curso de Biblioteconomia e dispostos nos seus planos anuais de trabalho.

Quadro 2 - Corpo docente do curso de Biblioteconomia da UFPA: 1963-1966

<b>PROFESSORES</b>	<b>ORI- GEM</b>	<b>DISCIPLINA</b>
Nizeth Lázara Cohen	FGV	Classificação, Catalogação, Classificação e Catalogação de Materiais Especiais
Maria de Nazaré Calves Moreira Maria Ilka da Silva Monteiro	UFPA UFPA	Organização e Administração de Bibliotecas
Clodoaldo Beckmann Maria Helena Vale Nogueira	UFPA UFPA	Bibliografia e Referência
Célia Ribeiro Zaher	IBBD	Documentação
Thais de Oliveira Fialho	BN	Paleografia
Francisco Paulo Mendes	UFPA	História da Literatura História da Arte
Ápio Paes Campos Costa	UFPA	História do Livro e das Bibliotecas
Vicente Braga Eloy	UFPA	INTRODUÇÃO aos Estudos Históricos e Sociais
Benedito J. V. C. Nunes	UFPA	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico
Walkiria de Oliveira Melo	UFPA	Inglês

Fonte: Silva (1994, p. 28).



No entanto, o primeiro projeto de reestruturação da UFPA submetido ao Conselho Universitário não incluiu o Curso de Biblioteconomia entre as unidades de ensino. Sequer citou o seu nome. A omissão seria corrigida algum tempo mais tarde com um novo plano de reestruturação. O fato deixou à mostra, porém, o descaso com que foi tratado o Curso, e a persistência, na Universidade, do domínio das Faculdades chamadas “grandes” (BECKMANN, 1984, 2007).

A reforma universitária na UFPA, cujos instrumentos institucionais vinham de 1970, foi implantada definitivamente com o vestibular de 1971. Dela decorreram algumas consequências positivas para o Curso de Biblioteconomia que, transformado em Departamento de Biblioteconomia, passou a ser uma subunidade do Centro Socioeconômico, adquirindo, por conseguinte, igualdade com os demais cursos na organização universitária, com direito à representação no Conselho dessa unidade. A reforma engrandeceu os “pequenos” cursos, deu-lhes maior consistência administrativa e proporcionou-lhes demonstrar, pelo mérito, a qualidade do seu ensino e a integração às funções-fim da Universidade (BECKMANN, 2007).

O sistema de entrada na Universidade pelos vestibulares de 1971/1972 teve, no entanto, consequências desastrosas para o Curso. Sendo realizados para uma grande área de conhecimento, a de Filosofia e Ciências Humanas, os alunos só podiam escolher o Curso de sua preferência ao final de um ano, quando aprovados no Primeiro Ciclo, pela obtenção dos créditos previstos. Sem despertar, entre os estudantes, um caminho vocacional na concorrência com profissões já existentes e de maior tradição e rentabilidade, o Curso de Biblioteconomia decaiu. Raros foram aqueles que, motivados pelo trabalho em bibliotecas, optaram definitiva e conscientemente pelo Curso (BECKMANN, 1990).

Um ano mais tarde retornou à inscrição no vestibular por Curso e não por área, oportunidade propícia para dar consistência vocacional aos futuros bibliotecários. A isto, outro entrave já se apresentava: o aumento acentuado do número de vagas e a consequente diminuição da relação candidato/vaga que, aliados a um sistema de classificação no qual só a nota zero reprovava, fizeram do Curso de Biblioteconomia a porta aberta para quem desejasse penetrar na Universidade para um pleito futuro de transferência de curso ou aproveitamento de créditos após um novo vestibular (BECKMANN, 1990).

A reforma universitária possibilitou que se fizesse uma alteração curricular significativa. Embora continuasse a vigor o mesmo currículo mínimo, as normas regimentais preconizavam uma divisão do Curso em dois ciclos de estudos e a INTRODUÇÃO de disciplinas obrigatórias, complementares, optativas e eletivas. Integrado ao Centro Socioeconômico, o Curso de Biblioteconomia, apesar da vigência do mesmo currículo mínimo, teve o seu currículo pleno alterado em função da existência do primeiro ciclo, passando as disciplinas específicas de Biblioteconomia a constituir apenas cerca de 50% da carga horária total do curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1971).

Novas alterações curriculares foram feitas apresentando as seguintes características: aumento da oferta de disciplinas optativas pela Resolução CONSEP 331/1976 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1976); desdobramento de disciplinas e aumento da





carga horária total pela Resolução CONSEP 456/1977 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1977); INTRODUÇÃO de novas disciplinas, agrupamentos de disciplinas e aumento da carga horária e número de créditos pela Resolução CONSEP nº 728/1981 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1981); e acompanhamento das exigências de novo currículo mínimo aprovado pela Resolução 8/1982 do Conselho Federal de Educação (1982). Nesta situação, apenas doze disciplinas de formação profissional específica de bibliotecários foram contempladas no currículo pleno. A nova organização curricular diminuiu para onze o número de bibliotecários integrantes do corpo docente em 1980.

Em todo esse período, o corpo docente das disciplinas biblioteconômicas praticamente não se renovou. Para três afastamentos, foram feitas apenas duas substituições e a quase totalidade dos professores passou, com duas exceções, a trabalhar em dedicação exclusiva. Consequência da exigente carga horária de trabalho e das horas efetivas de aula, nas diferentes disciplinas previstas no currículo pleno, os professores, satisfazendo estritamente a relação docente/carga horária, preconizada pela Universidade, não se dispuseram a pleitear novos concursos. Conforme Beckmann (1991), percebe-se que o resultado negativo dessa política se manifestou em 1992 quando, praticamente ao mesmo tempo, os professores, com exceção de três, solicitaram aposentadoria. Viveu o Departamento/Curso uma situação docente deficitária que forçou a contratação, a título precário, de quatro professores substitutos e um professor visitante.

Outro aspecto que merece destaque na fase final desse longo período é que os professores de Biblioteconomia, por iniciativa do Curso/Departamento, não foram submetidos a programas de qualificação docente, com o devido planejamento. Ressalvamos, apenas, os cursos de pós-graduação *lato sensu* realizados por iniciativa pessoal. A consequência, a curto prazo, foi o não acompanhamento do programa de capacitação docente promovido pela Universidade e a inexistência de professores com mestrado ou doutorado, o que diminuiu, em muito, o índice de qualificação do corpo docente com reflexos na qualidade do ensino e no desempenho do curso.

### O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA: 1993 - 2008

A aposentadoria da quase totalidade dos professores no início da década de 1990, fato mencionado anteriormente, resultou não apenas em perda numérica, mas também em termos de experiência docente, o que, se não foi acontecimento irreparável, só poderia ser corrigido a longo prazo ou minorado com medidas emergenciais. Aos problemas docentes acrescentaram-se outros de natureza administrativa, o que se refletiu na qualidade do ensino, propiciando o desinteresse dos estudantes, o que já caracterizava um círculo vicioso.

A fase de recuperação iniciou-se com a proposta de um conjunto de providências a serem executadas a curto ou médio prazo e que abrangiam, explícita ou implicitamente, medidas relacionadas a fatores críticos para a melhoria do Curso, no que se refere ao corpo docente, com o planejamento de concursos para a carreira até que o Departamento atingisse a densidade suficiente para o desenvolvimento de suas atividades. Relacionadas ao mesmo fator deliberou-se por outras iniciativas, como: a promoção do aprimoramento



docente em cursos de atualização e pós-graduação *lato sensu* para o futuro encaminhamento ao mestrado; a participação em eventos científicos; a integração com docentes de cursos congêneres para efeito de discussão de interesses comuns, administrativos ou pedagógicos, e melhoria da qualidade do ensino por meio da elaboração e melhor acompanhamento do planejamento e execução das diferentes disciplinas.

Outras medidas de recuperação propostas foram: a realização de atividades de extensão na Pró-Reitoria respectiva ou no âmbito do Centro Socioeconômico, compreendendo seminários, palestras, ciclos de conferências e cursos, extensivos a faixas homogêneas da comunidade, inclusive com a colaboração de órgãos extra universitários; o reinício das atividades de pesquisa; a reorganização administrativa e material; o chamamento do alunado para colaboração efetiva na realização das atividades-fim; e a reforma do currículo pleno não só em função das exigências da nova legislação universitária, mas para torná-lo mais adequado às prescrições do currículo mínimo nacional e à formação do bibliotecário (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1990).

Uma nova definição do currículo pleno foi estabelecida pela Resolução CONSEP 2.077/93 que substituiu a de nº 1.290/85 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1985, 1993). Elaborado em conformidade com as prescrições do novo Currículo Mínimo de Biblioteconomia definido pelo Conselho Nacional de Educação, atendeu requisitos quanto à carga horária total para a formação específica, para o estágio, manteve a tradição do Trabalho de Conclusão de Curso e passou a utilizar nomenclatura atualizada para as disciplinas específicas.

Além da reformulação curricular de 1993 cujo pecado maior foi o tempo para ser refeita, pode-se destacar como acontecimentos positivos importantes dessa fase a recomposição numérica do corpo docente por meio de concursos para professor auxiliar, que regularizou a densidade docente, e o início de um processo de qualificação desses professores como especialistas, mestres e doutores.

Nessa fase, ocorreu o retorno do Professor Clodoaldo Beckmann ao Curso/Departamento de Biblioteconomia, desta feita, na condição de Professor visitante. Sua permanência foi breve, mas bastante produtiva, particularmente, no tocante à diferente ação de planejamento acadêmico e às tratativas para a realização de um Mestrado Interinstitucional em convênio da UFPA com o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do IBICT, este, conveniado com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Cabe o registro de que sua interlocução no Rio de Janeiro foi com a Professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro, sua amiga, admiradora e paraense de origem.

Essa ação foi particularmente exitosa e resultou na titulação como mestres, em 2000, de cinco professores efetivos, dois substitutos e quatro bibliotecários do quadro técnico da UFPA, sendo que, posteriormente, uma beneficiada como professora substituta e outra como técnica, vieram a integrar o quadro docente efetivo do Curso. Esse esforço institucional somado a iniciativas isoladas de qualificação e à contratação de uma professora doutora resultaram que, no final desse período, o corpo docente efetivo do Curso de Biblioteconomia contasse com dois especialistas, nove mestres e três doutores.





## A EVOLUÇÃO DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPA: 2009 - 2019

O exame da evolução do Curso de Biblioteconomia da UFPA nessa fase, baseado em método científico mais rigoroso, nos exigiria a definição de variáveis a serem observadas ao longo de um tempo, também pré-definido. Não faremos dessa forma, mas levaremos em conta os resultados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), do Ministério da Educação, que com base em sua exaustiva metodologia de avaliação, implantada em 2004, elevou o Curso de Biblioteconomia da UFPA, na última década, das últimas para as primeiras posições no quadro do ensino de Biblioteconomia no Brasil, mais precisamente, do conceito dois, em 2009, para dois conceitos quatro, nas duas últimas avaliações presenciais, em 2012 e 2018, sendo 4,34 o último Conceito Preliminar de Curso (CPC) atribuído, um quase cinco (INEP, [2009?]). O resultado do ENADE não desconsidera aspectos negativos e deficiências, mas, ao examinar e medir diferentes variáveis, consegue observar a evolução dos cursos em cada uma delas. O que teria mudado então no Curso de Biblioteconomia da UFPA nesta década que termina? O que justificaria esse evidente movimento de melhoria?

Em 2010, era bem comum que professores de outras unidades da UFPA que ministravam aulas para o Curso de Biblioteconomia, ficassem admirados com a sua infraestrutura, que longe de ser a ideal, era bem melhor que o padrão médio da Universidade. Nos anos que se seguiram, quando muitos cursos de maior tradição disputavam projetores de multimídia, o curso de Biblioteconomia já os possuía instalados em todas as suas salas de aula e laboratório de informática; carteiras estofadas se tornaram realidade no Curso nos cinco primeiros anos desta década; os equipamentos de informática, por duas vezes, foram integralmente renovados. Esses são aspectos facilmente identificados, relevantes, mas seguramente não são os que melhor explicam as mudanças ocorridas no Curso.

Nos últimos anos, um fato de grande significado em termos de gestão acadêmica, que de algum modo orientou a mudança de patamar da graduação em Biblioteconomia da UFPA, nos últimos anos, foi a aprovação e implantação de um novo Projeto Pedagógico de Curso (PPC) em 2009, com efeito retroativo, por adesão, aos discentes ingressantes em 2008. A despeito da inviabilidade de que o desenho curricular atendesse ao gosto de cada um e preservado o caráter generalista da formação profissional, as mudanças no PPC foram significativas e acolheram os reclamos mais amadurecidos da comunidade bibliotecária nacional e local.

Destacamos sete dessas alterações na formação profissional: a) INTRODUÇÃO da disciplina “Ética e Informação”; b) a disciplina “Leitura e formação de leitores”, de optativa foi convertida em “Leitura e competência Informacional”, de caráter obrigatório; c) reforço na carga horária de atividades voltadas para a produção acadêmica por meio da INTRODUÇÃO das disciplinas “Elaboração de trabalho científico” e “Pesquisa em Biblioteconomia”, como precedentes do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); d) ajustes e acréscimos nas disciplinas instrumentais da computação; e) a substituição dos estágios em Biblioteconomia I, II e III por cinco disciplinas práticas desenvolvidas sob o



acompanhamento permanente de um professor, preferencialmente em bibliotecas; f) o incentivo à participação em atividades complementares extraclasse, sobretudo eventos, com a introdução das atividades complementares; g) a introdução da atividade curricular de “Extensão em Biblioteconomia”, esta última com o objetivo maior de forjar o comprometimento social do novo profissional, por meio da prestação de serviço à comunidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2009).

Outro fator de forte influência na geração de mudança no padrão do Curso de Biblioteconomia, nesse período, foi o expressivo avanço no seu índice de qualificação de pessoal docente. A partir das ações de qualificação empreendidas na fase anterior, iniciativas individuais de realização de mestrado e doutorado, o estabelecimento de termo de cooperação com a Universidade do Porto e o ingresso de docentes já doutorados, o Curso passou de uma realidade de três doutores, entre seus professores efetivos, para a situação atual de nove doutores, alguns com expressiva produção bibliográfica, cinco mestres e um especialista.

Com essas considerações sobre a evolução do curso de Biblioteconomia da UFPA, nesta última década, não pretendemos passar a ideia de que, como assinalado por Oliveira (2014), não existem problemas a serem enfrentados e metas importantes a serem atingidas. Neste momento, e na perspectiva de resultados estratégicos igualmente significativos, convém-nos pautar o fortalecimento da parceria com a Faculdade/Curso de Arquivologia da UFPA, que foi gestado na Faculdade de Biblioteconomia e implantado em 2012, cuja parceria em termos quantitativo e qualitativo foi determinante para a implantação do Mestrado em Ciência da Informação no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da UFPA, proposto e aprovado junto à CAPES em 2016.

### ***PERSPECTIVAS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA A PARTIR DE 2020***

Após a avaliação do MEC em 2018 e, de certa forma, motivados pelos seus resultados animadores e desafiadores, a Faculdade de Biblioteconomia passou, com o protagonismo do seu corpo docente, a realizar uma sequência de jornadas acadêmicas com o objetivo de revisar e atualizar o Projeto Pedagógico de Curso, incluindo a estrutura curricular, vigente desde 2009.

Até então foram realizadas duas jornadas. A primeira, de 21 a 25 de maio de 2018, e a segunda, de 5 a 7 de novembro de 2019, que discutiram e avançaram em aspectos como adequação de nomenclatura, conteúdo e atualização bibliográfica das disciplinas, desenvolvimento de competência em pesquisa científica, diretrizes para a realização da extensão curricular, estágio curricular e atividades complementares.

Consideradas nossas melhores tradições que incluem fina sintonia com as necessidades sociais, formação generalista, equilíbrio entre qualificação técnica e humanista, e observadas a legislação federal pertinente e as normativas da UFPA, as jornadas, marcadas por intensos e ricos debates, desta feita por professores qualificados e experientes, permitiram deliberações que estão em fase de sistematização para constituir o nosso próximo Projeto Pedagógico de Curso, iniciar sua tramitação nos colegiados universitários devidos e ter sua aprovação e vigência prováveis ainda neste ano de 2020.





No que se faz acompanhar de unidades de Biblioteconomia de outras universidades brasileiras, destacadamente na Região Norte, pela da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Faculdade de Biblioteconomia da UFPA vivencia a expectativa de iniciar, em agosto próximo, o Curso de Biblioteconomia na modalidade a distância. Trata-se de ação decorrente da adesão ao Projeto Pedagógico Nacional de Biblioteconomia EaD, que resultou de longa tratativa entre o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e a Universidade Aberta do Brasil (UAB), da CAPES, que o desenvolveu e o financiará.

A oferta do curso de Biblioteconomia na modalidade EaD, nesta primeira fase, está prevista para os polos da UAB nas cidades de Palmas, no Tocantins, Macapá, no Amapá, Salinópolis, Marabá, Breves, Cametá e Paragominas, no Pará. Combinados com a oferta pela UFAM nos estados do Acre e Roraima, e com a existência do Curso de Biblioteconomia presencial em Rondônia, prevê-se para o ano em curso, o atendimento da formação graduada em Biblioteconomia em todos os sete estados da Região Norte do Brasil.

## CONCLUSÕES

Na criação do Curso de Biblioteconomia, em 1963, já se manifestava a atenção quanto à existência de instituições socialmente estratégicas e fundamentais nos campos da educação superior, da ciência e da cultura, que careciam de profissionais qualificados para a gestão das suas bibliotecas, a começar pela própria Universidade Federal do Pará. Àquela altura algumas dessas instituições já beiravam o centenário de existência como é o caso do hoje "Museu Paraense Emílio Goeldi" e da Biblioteca Pública "Arthur Vianna", cuja fundação remonta ao período do Império.

Essa atenção e conexão com as necessidades sociais quanto aos trabalhos com a Informação, indispensável para tantos fazeres, marca o início e faz-se presente em toda a trajetória do Curso de Biblioteconomia da UFPA, aqui brevemente descrita. Podemos afirmar, com certa honra, que enquanto evoluímos, contribuímos, por meio dos profissionais que formamos, para o êxito da UFPA em suas práticas de pesquisa, ensino e extensão, que colaboramos com as outras instituições mencionadas e com tantas mais que sequer existiam quando da nossa criação.

A carência de formação graduada em Biblioteconomia na Região ensejou que muitos dos nossos egressos partissem e se integrassem aos desafios sociais e profissionais em outras localidades da Federação, sobretudo da nossa região. São muitos os bibliotecários formados na UFPA que trabalham em Instituições de Ensino Superior públicas e privadas, em órgãos das três dimensões de governo e dos três poderes da República, em instituições da ciência e da cultura e em organizações não governamentais em todo o estado do Pará, mas também nos estados do Amapá, Rondônia, Tocantins e outros em menor número.

Quando avançamos para novos desafios como a Educação a Distância, com a qual seremos geograficamente mais abrangentes, ou quando nos lançamos, com a parceria mencionada, para os fazeres da Pós-graduação por meio do Mestrado em Ciência da Informação, não perdemos de vista os compromissos sociais da nossa origem, nem deixamos de ter claras as perspectivas de continuidade da melhoria da própria graduação por meio do mestrado de caráter permanente, como fator motivacional para os discentes e como oportunidade de ambiente acadêmico para os docentes.



Portanto, relatos sobre a evolução do curso de Biblioteconomia da UFPA não devem passar a ideia de que não existem problemas a serem enfrentados e metas sociais e acadêmicas importantes a serem perseguidas, mas devem desvelar o dinamismo dessa instituição que protagoniza mudanças, algumas estratégicas, ao mesmo tempo em que viabiliza diretamente a melhoria da condição de vida de tantas famílias, contribui com inúmeras instituições das mais diversas áreas, setores e localização geográfica, acolhe jovens, com diferentes expectativas e lhes oportuniza que se tornem melhores cidadãos e profissionais.

## REFERÊNCIAS

- BECKMANN, Clodoaldo. **Plano de trabalho**. Belém: UFPA. Curso de Biblioteconomia, 1966.
- BECKMANN, Clodoaldo. **O curso de Biblioteconomia em quatro momentos**. Belém: UFPA, 1984.
- BECKMANN, Clodoaldo. A formação do bibliotecário. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 6., 1990, Belém. **Anais [...]**. Belém: UFPA, 1990. v.1, p.17-21.
- BECKMANN, Clodoaldo. **Situação atual do Departamento de Biblioteconomia**. Documento nº 1: Corpo docente. Belém, 1991.
- BECKMANN, Clodoaldo. **Para a história da UFPA: o ensino da Biblioteconomia**. Belém: EDUFPA, 2007.
- CHELALA, Ruthe Condurú; CUNHA, Alda das Mercês Moreira da; GALVÃO, Clara Maria. **A Biblioteconomia no Pará**. Belém: [s.n.], 1975.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (BRASIL). **Resolução, de 16 de novembro de 1962**. Parecer nº 326/62. Brasília: CFB, 1962.
- CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (BRASIL). **Resolução, de 1 de setembro de 1982**. Parecer nº 460/82. Brasília: CFB, 1982.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Superior. **ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes 2009: relatório síntese - Biblioteconomia**. [Brasília, 2009?]. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/relatorio\\_sintese/2009/2009\\_rel\\_sint\\_biblioteconomia.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2009/2009_rel_sint_biblioteconomia.pdf). Acesso em: 15 ago. 2018.
- KNYCHALA, Catarina Helena. **Evolução do conceito de "Core curriculum" em**



**Biblioteconomia.** Brasília: ABDF, 1981.

MOREIRA, Eidorfe. **Para a história da Universidade Federal do Pará:** panorama do primeiro decênio. Belém: Grafisa, 1977.

OLIVEIRA, Hamilton Vieira de. Curso de Biblioteconomia da UFPA: breves considerações sobre sua evolução no século XXI. 2014. Disponível em: <https://hamiltonvo.blogspot.com/2014/>. Acesso em: 27 dez. 2019.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira:** 1915-1965. Rio de Janeiro: INL, 1966.

SILVA, Maurila Bentes de Mello e. **O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará UFPA:** as origens e as atividades-fim. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho de Curadores. Resolução nº 1-A, de 28 de janeiro de 1963.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Universitário. Resolução s/n, de 26 de outubro de 1966.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Universitário. Resolução s/n, de 3 de março de 1970.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. Resolução nº 40, de 27 de outubro de 1971.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. Resolução nº 331, de 9 de fevereiro de 1976.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. Resolução nº 456, de 25 de novembro de 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. Resolução nº 728, de 2 de fevereiro de 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. Resolução nº. 1.290, de 1 de novembro de 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Conselho Superior de Ensino e Pesquisa. Resolução nº. 2.077, de 19 de março de 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Biblioteconomia. **Projeto político-pedagógico.** Belém: UFPA, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Biblioteconomia. **Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia.** Belém: UFPA, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Biblioteconomia. **2ª Jornada Acadêmica da Faculdade de Biblioteconomia:** 5 a 7/11/2019. Belém, 2019.

# SOBRE OS AUTORES



## MAURILA BENTES DE MELLO E SILVA

*Doutorado em História - Universidade Federal do Pará (UFPA), 2019. Mestrado em Ciência da Informação - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2000. Especialização em Administração de Bibliotecas, 1994, e Graduação em Biblioteconomia - UFPA, 1976.*

*Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) da UFPA. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: Biblioteconomia, Informação, produção científica, bibliometria e Comunicação científica.*



## MARISE TELES CONDURÚ

*Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental - Universidade Federal do Pará (UFPA), 2012. Mestrado em Ciência da Informação - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2000. Especialização em Documentação Científica - IBICT e UFRJ, 1982.*

*Graduação em Biblioteconomia - UFPA, 1980. Bibliotecária aposentada da UFPA. Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia (FABIB), da UFPA. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM/UFPA).*



## HAMILTON VIEIRA DE OLIVEIRA

*Doutorado em Ciência da Informação - Universidade de Brasília (UnB), 2003. Mestrado em Ciência da Informação (UnB), 1999. Especialização em Administração de Bibliotecas - Universidade Federal do Pará (UFPA), 1992. Especialização em Bibliotecas Universitárias (UFPA), 1990. Graduação em História, 1992 e Biblioteconomia, 1988, UFPA. Professor Associado da Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA/UFPA).*





# capítulo 6

---

## **ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NOS 56 ANOS DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPA**

---

- *Franciele Marques Redigolo (UFPA)*
- *Telma Socorro Silva Sobrinho (UFPA)*
- *Carlos Antônio Braga de Souza (UFPA)*



### *INTRODUÇÃO*

A Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) da Universidade Federal do Pará possui 56 anos de história e foi a primeira faculdade a ministrar o curso de Biblioteconomia na Amazônia. Desse modo, para abordarmos uma parte da história da FABIB a partir do ensino, da pesquisa e da extensão foi necessário estabelecermos alguns recortes.

Refletindo sobre o ensino do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará, tomou-se como recorte o tema do gênero e a abordagem sobre o estereótipo da profissão, tendo como perspectiva o aumento significativo, nos últimos anos, da presença de homens entre o alunado da faculdade. Sendo assim, dois aspectos permearam a reflexão sobre o ensino entre o alunado da Faculdade de Biblioteconomia: o primeiro refere-se ao discurso, cada vez mais crescente, sobre o empoderamento feminino entre as discentes do curso, e o segundo aspecto refere-se ao crescente aumento de homens entre os discentes e a hipótese relativa a este crescimento estar relacionado a cada vez maior digitalização da Informação.

Devido à dificuldade de encontrar registros que denotam a existência da pesquisa científica na Faculdade de Biblioteconomia/UFPA a partir de projetos de pesquisa anteriores à década de 90, optou-se por discursarmos sobre a trajetória da pesquisa de 1997 até a atualidade, dividida em três momentos. A delimitação em relação à atuação da Faculdade de Biblioteconomia/UFPA na extensão universitária se deu ao longo das três últimas décadas.

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como problema: quais foram as atividades referentes ao ensino, à pesquisa e à extensão desenvolvidas por docentes e discentes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará nas últimas três décadas da história do curso? Sendo assim, tem como objetivo investigar as atividades referentes ao ensino, à pesquisa e à extensão desenvolvidas por docentes e discentes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará nas últimas três décadas da história do curso.



## **GÊNERO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO: DESAFIOS PROPOSTOS PELO TERCEIRO MILÊNIO AO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFPA**

No ano de 2006, observava-se o domínio quantitativo de mulheres entre o alunado do curso de Biblioteconomia da UFPA. Na turma da manhã daquele ano, a presença de mulheres compunha-se de 29 alunas para apenas 01 aluno. Na turma da noite, a situação era diferente, pois a frequência masculina entre o alunado, mesmo em menor número, saltava para 12 alunos em um universo de 30 discentes.

A comparação com o curso de Pedagogia fazia-se imediata, pois ali também o domínio discente era de mulheres, seguindo os dados da lista do vestibular nesse período<sup>1</sup>. Naquela época, havia um entendimento de senso comum de que os cursos dividiam-se entre os gêneros por empatia, sendo as Faculdades de Engenharias compreendidas no espectro extremo da Biblioteconomia e da Pedagogia. Na atualidade, percebe-se que o tema é complexo e que uma investigação com métodos sociológicos consistentes possivelmente responda a essa questão.

Desde os anos de 1990, uma vasta teoria começou a ecoar nas universidades brasileiras, advinda das suas congêneres norte-americanas: o estudo de gênero<sup>2</sup>, um conjunto de teorias que possibilitou novas reflexões sobre a então visão marxista acerca da divisão sexual do trabalho, da sociedade e da família. O estudo de gênero também passou a ser repudiado por pessoas com uma visão mais conservadora no mundo, sendo redefinido como "ideologia de gênero". Essa rejeição geralmente tem sido confrontada por pessoas com forte inclinação religiosa do mundo, inclinação, geralmente, alicerçada nas religiões monoteístas, como o judaísmo e islamismo, religiões marcadas pela centralidade patriarcal em suas cosmogonias.

A partir da reflexão permitida pelos estudos de gênero e pelo feminismo, percebe-se cada vez mais o discurso por uma política pública mais inclusiva, tendo as universidades, por meio de seus cursos de humanidades, organizado o pensamento e a pesquisa a partir de temas como inclusão e empoderamento feminino.

Considerando essa perspectiva dos estudos de gênero, pode-se constatar o aumento da participação masculina entre o alunado da faculdade de Biblioteconomia. Em conversa informal com colegas docentes do curso, surgiu a hipótese de que esse aumento de homens entre o alunado deve-se a cada vez maior digitalização da Informação e do conhecimento científico. No entanto, esse pensamento reforça o estereótipo da tecnologia como lugar de homens, tese refutada constantemente pelas feministas.

A temática sobre gênero e estereótipo de bibliotecários e bibliotecárias tem gerado indagações em uma juventude cada vez mais letrada e inquieta, questionando lugares estabelecidos durante milênios, sobretudo no mundo Ocidental. Nas aulas de história,



**1** No decorrer da década de 1990, observava-se entre o corpo discente do curso de Pedagogia da UFPA a dominância de mulheres, segundo dados da lista de vestibular deste período. Na atualidade a situação tornou-se mais equitativa.

**2** Em 1995, a acadêmica norte-americana publicou - *Gender: a useful category of historical analyses*. Traduzido para o português como *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, o artigo tornou-se um marco nos estudos feministas, abrindo novas categorias de análise sobre temas como patriarcado, sexualidade e o próprio feminismo.



aprendíamos que, na Grécia antiga, o gineceu era o compartimento da casa reservado às mulheres, onde eram mantidas nas tarefas domésticas; o androceu, por outro lado, era o espaço da casa que se abria para o mundo externo, para o público, lócus de conhecimento, estratégia militar e política.

A reflexão sobre a predominância das mulheres no curso de Biblioteconomia da UFPA possibilita análises sobre o que se estabeleceu designar como espaço diferenciado para homens e para mulheres.

A cada ano percebe-se o aumento da presença masculina no curso. Em 2019, a turma da manhã possuía 09 homens e 34 mulheres. Na turma da noite, a diferença estreitava-se e, em um universo de 45 discentes, há a presença de 19 homens e de 26 mulheres.

Pode-se inferir as causas desse aumento de homens em um curso que durante o século XX estabeleceu-se como curso de mulheres. Todavia, uma análise mais criteriosa precisa ampliar a perspectiva para além do gênero, observando outros marcadores sociais, como a hierarquia entre as classes na sociedade. Assim, não se corre o risco de apresentar uma análise rasa sobre a dinâmica das diferenças entre o alunado do curso de Biblioteconomia. Somente assim essa questão será verificada por meio de um método consistente que aponte a inspiração do alunado masculino no curso.

A questão do aumento de homens entre discentes do curso de Biblioteconomia da UFPA vem demonstrar o quanto a sociedade humana é complexa. A história da Biblioteconomia no Brasil é prova dessa dinâmica social. Quando a Biblioteca Nacional foi aberta em 1814, no Rio de Janeiro, seus gestores eram todos homens religiosos pertencentes ao catolicismo (CASTRO, 2000; SOUZA 2009). O protagonismo das mulheres como bibliotecárias insere-se no contexto histórico das lutas feministas. Prova dessas conquistas foi a presença da norte-americana Dorothy Murial Gedds que, em 1929, iniciou o curso de Biblioteconomia na Universidade Mackenzie, na capital paulista, demonstrando a presença das mulheres nos espaços profissionais do conhecimento.

Na atualidade, o aspecto profissional na Ciência da Informação, na qual se inserem os cursos de Biblioteconomia e Arquivologia, transforma-se, demonstrando cada vez maior dependência da sociedade da tecnologia e da consequente sofisticação da Informação, redefinindo conceitos e modificando estereótipos sobre a presença de homens e mulheres nas academias brasileiras.

Tomando a emergência da aplicação dos computadores na informatização das universidades e refletindo sobre a dinâmica social dos gêneros masculino e feminino entre o alunado de Biblioteconomia da UFPA, buscou-se analisar as respostas desse alunado ao processo de ensino, analisando os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) de 1991 até 2019, visando compreender o interesse pela biblioteca enquanto acervo físico material e/ou digital.

É importante ressaltar que desde 2016 a UFPA conta com o depósito digital dos TCCs na plataforma Biblioteca Digital de Monografias (BDM). Anteriormente, os trabalhos de conclusão de curso eram armazenados em uma sala na Faculdade de Biblioteconomia, onde ainda hoje estão catalogados exemplares desde meados dos anos de 1980.

Abaixo segue o quadro demonstrativo sobre a breve pesquisa realizada particularmente para este trabalho.





Quadro 1: Demonstrativo do aumento de interesse pela biblioteca virtual.

<b>ANO</b>	<b>NÚMERO DE TCCs</b>	<b>ACERVO MATERIAL</b>	<b>ACERVO DIGITAL</b>
<b>2001</b>	<b>43</b>	<b>01 TCC</b>	<b>02 TCCs</b>
<b>2007</b>	<b>82</b>	<b>06 TCCs</b>	<b>02 TCCs</b>
<b>2008</b>	<b>99</b>	<b>01 TCC</b>	<b>01 TCC</b>
<b>2009</b>	<b>50</b>	<b>01 TCC</b>	<b>03 TCCs</b>
<b>2011</b>	<b>26</b>	<b>X</b>	<b>01 TCC</b>
<b>2014</b>	<b>16</b>	<b>X</b>	<b>01 TCC</b>
<b>2015</b>	<b>30</b>	<b>X</b>	<b>04 TCC</b>
<b>2016</b>	<b>42</b>	<b>X</b>	<b>06 TCC</b>
<b>2017</b>	<b>24</b>	<b>X</b>	<b>01 TCC</b>
<b>Segundo semestre de 2019</b>	<b>39</b>	<b>5 TCCs</b>	<b>07 TCCs</b>

Fonte: Os autores, 2019.

Faz-se necessário esclarecer que o levantamento acima teve como foco somente os resumos dos TCCs, não registrando o gênero respectivo à discência.

Então, observa-se que a resposta do ensino sobre as bibliotecas virtuais ecoa nos TCCs somente em 2001, sendo apresentados naquele ano 02 trabalhos de conclusão de curso sobre o assunto. Desde então o tema torna-se mais frequente entre o alunado do curso. No ano de 2016, o assunto tornou-se o tema mais recorrente entre os discentes que concluíram o curso. Em 2019, a temática da digitalização da Informação na Biblioteconomia possuiu 07 de um total de 39 TCCs, refletindo 17,9 % do interesse do alunado, demonstrado o quanto o tema ainda aguça a percepção dos formandos e das formandas do curso de Biblioteconomia da UFPA.



Obviamente, uma pesquisa mais detalhada que demande um maior tempo sobre a temática da virtualização da Informação na Biblioteconomia faz-se necessária, objetivando responder se o interesse crescente por esse tema relaciona-se ao crescente aumento de discentes masculinos no curso de Biblioteconomia da UFPA. Provavelmente, o tratamento dessas questões sobre gênero e Informação digital necessite de uma reflexão ponderada e profunda, evitando maniqueísmos sexistas sobre profissionais da Biblioteconomia.

### **A TRAJETÓRIA DA PESQUISA CIENTÍFICA NA FABIB ENTRE OS ANOS DE 1997 E 2019**

Entre os anos de 1997 e 2000, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UFRJ), com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e a Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (FABIB/UFPA) realizaram o Minter – Curso de Mestrado em Ciência da Informação na UFPA, que à época foi desenvolvido no Centro Sócio-Econômico, no Departamento de Biblioteconomia (UFPA), com a coordenação local da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira, e sob a coordenação geral da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT), convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO/ UFPA - Belém, atendendo às exigências institucionais da CAPES.

Na mesma perspectiva de formação profissional, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira coordenou duas especializações. A primeira foi entre os anos de 2004 e 2005 sobre Biblioteca Universitária, que teve como objetivos capacitar os alunos a gerenciar bibliotecas universitárias, utilizando as tecnologias de Informação; gerenciar as avaliações institucionais externas; conhecer e aplicar metodologias do planejamento estratégico em Bibliotecas universitárias. E a segunda, a Especialização em Gestão da Informação em Bibliotecas Digitais, realizou-se nos anos de 2008-2009, com a perspectiva de oferecer especialização à área de bibliotecas digitais na Amazônia.

Essas iniciativas de formação foram importantes para a Faculdade de Biblioteconomia e para a comunidade Bibliotecária, pois impulsionaram a elevação titular dos docentes da FABIB, bem como de outros profissionais Bibliotecários formados por essa Faculdade, tendo a possibilidade de formar pesquisadores na área da Ciência da Informação na região.

O surgimento das pesquisas científicas na Faculdade de Biblioteconomia foi marcado por três momentos. No primeiro momento, as produções científicas da FABIB foram realizadas a partir dos projetos de pesquisas que não estavam ligados, necessariamente, a grupos de pesquisa, mas que geraram publicações como capítulos de livros, artigos e trabalhos em congressos. Segue abaixo a sequência de projetos com submissão aprovada na Faculdade e na Pró-reitoria de pesquisa (PROPESP/UFPA).

Além das coordenações citadas acima, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odaisa liderou o Projeto “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” – IFNOPAP. Esse projeto gerou uma coletânea de seis livros, entre os anos de 2001 e 2010, que versavam sobre vocabulários controlados, que foram retirados das histórias contadas pelos moradores das cidades de Abaetetuba, Belém e Santarém, Castanhal, Bragança, Marajó, Cametá e Altamira. A segunda edição dos seis livros foi lançada no ano de 2015.





A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Izabel Moreira Arruda desenvolveu dois projetos de pesquisa: o primeiro foi “O poder das bibliotecas: um estudo de caso” entre os anos 2007 e 2008. E o segundo projeto foi “A biblioteca pública como ponto de encontro - espaço de sociabilidade: estudo na região metropolitana de Belém-Pará”, nos anos de 2013 e 2015.

Entre 2011 e 2013, a Prof.<sup>a</sup> Ma. Jane Veiga Cezar da Cruz iniciou o projeto de pesquisa: “Revista e Jornais Paraenses do século XIX: estudos de fontes de Informação para a produção de uma base de dados retrospectiva de periódicos sobre a Amazônia Paraense”.

O Prof. Dr. Rubens da Silva Ferreira coordenou o projeto “(Re)produção da violência no ciberespaço” nos anos de 2009 e 2011, e, ainda, o projeto “Mapeamento do Conhecimento Organizacional da Universidade Federal do Pará: um estudo de caso”. Em 2017, o Prof. Dr. Rubens Ferreira deu início ao projeto de pesquisa: “Estudar na terra de outro: dinâmicas de circulação de Informação e conhecimento na experiência migratória de estudantes estrangeiros no Brasil”, cujo projeto teve financiamento do Edital Produtor da PROPESP UFPA com uma bolsa PIBIC.

Em 2015, o Prof. Me. Williams Jorge Correa Pinheiro desenvolveu o projeto “Pesquisa e Desenvolvimento (P&D)-UFPA e a indústria de transformação de Belém do Pará”. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira deu início, em 2017, ao projeto de pesquisa “Estudo dos Topônimos nos municípios do estado do Pará”, que finalizou em 2019 com a sua aposentadoria da Universidade Federal do Pará.

Em meados de 2015, houve a contratação de duas docentes na Faculdade de Biblioteconomia, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marise Teles Condurú e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Marques Redigolo.

O segundo momento representativo das pesquisas científicas na FABIB foi marcado pelo surgimento dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq em 2015, liderados pelos docentes da FABIB: Franciele Marques Redigolo, Hamilton Vieira de Oliveira, Marise Teles Condurú e Maria Izabel Moreira Arruda, envolvendo efetivamente os discentes e outros docentes da FABIB, inclusive docentes de outras instituições de ensino e pesquisa do país na produção de pesquisa científica a partir dos projetos de pesquisa cadastrados nos grupos. Sobre esse fato, é importante destacar que o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil - Lattes da plataforma CNPq foi criado em 1993 (CNPq, 2020).

Desse modo, em 2015, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marise Teles Condurú criou o grupo de pesquisa “Informação, Sociedade e Meio Ambiente (GPINF)”, com o desenvolvimento do projeto “Análise da Gestão da Informação de Saneamento Básico no estado do Pará” nos anos de 2016 e 2018. A Prof.<sup>a</sup> Condurú segue com três projetos de pesquisa com início em 2018: “Sistemas de Informação como instrumentos de políticas públicas: a qualidade, o acesso e a transparência da Informação no estado do Pará”, “Políticas Ambientais, Direitos Fundamentais e Desenvolvimento Local na Amazônia”.

Em 2018, o projeto “Rede Transamazônica de Cooperação em Informação e Conhecimento para o Desenvolvimento Sustentável”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Condurú, foi aprovado e financiado por cinco anos pelo edital PROCAD Capes, que conta com a participação de outros docentes, além de docentes e pesquisadores externos, conta com docentes da FABIB, da Faculdade de Arquivologia (FAARQ) e do Programa de Pós-



Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFPA, cada professor coordena um tema dentro da sua linha de pesquisa: Hamilton Vieira de Oliveira, Franciele Marques Redigolo, Cristian Berrio Zapatta, Roberto Lopes dos Santos Junior, Lucivaldo Vasconcelos Barros, Maria Izabel Moreira Arruda e Maurila Bentes de Mello e Silva.

Logo após a sua contratação, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Marques Redigolo passou a ser líder do grupo de pesquisa “Organização e Representação em Arquivos e Bibliotecas (ORAB)”, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no CNPq, com o Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros, até então, docente do curso de Arquivologia da UFPA.

A partir desse momento, o grupo de pesquisa passou a existir ativamente na Faculdade de Biblioteconomia - FABIB/UFPA, contando com a participação de discentes e docentes dessa Faculdade a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa: “Análise de Assunto de conteúdos documentários em Bibliotecas Universitárias: aplicação e validação de diretrizes”, financiado por dois anos 2016-2018 pelo ProDoutor - Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador UFPA, contando com um discente bolsista PIBIC UFPA e três discentes voluntários PIVIC UFPA.

Logo após o seu encerramento, em 2018 deu-se início ao projeto “Análise e representação de assunto: estudo analítico em repositórios institucionais” que está em vigor com dois bolsistas PIBIC-UFPA e três voluntários PIVIC-UFPA.

Também em 2015, o Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Izabel Moreira Arruda criaram o grupo de pesquisa Informação, Sociedade e Cidadania - UFPA, cadastrado no diretório de Grupos do CNPq, com o desenvolvimento do projeto de pesquisa “A mediação na Biblioteca Arthur Viana, em Belém do Pará”.

O terceiro momento de pesquisa na FABIB ficou marcado pela criação do primeiro Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Norte do Brasil que ocorreu em 2017, cuja coordenação e vice-coordenação estão com os seguintes professores respectivamente: Prof. Dr. Cristian Berrio Zapata e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Marques Redigolo. O PPGCI está ligado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal do Pará.

A instalação da tão almejada Pós-Graduação em Ciência da Informação foi possível devido às recentes contratações citadas anteriormente e do jovem corpo docente da Faculdade de Arquivologia. Deste modo, o corpo docente inicial do PPGCI formou-se com a participação de três docentes da Faculdade de Biblioteconomia: Hamilton Vieira de Oliveira, Franciele Marques Redigolo e Marise Teles Condurú, e três docentes da Faculdade de Arquivologia: Cristian Berrio Zapata, Roberto Lopes dos Santos Júnior e Thiago Henrique Bragato Barros, e mais dois professores externos: João Batista Ernesto de Moraes e Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

Sendo assim, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação propulsionou uma constante produção científica a partir dos Grupos de Pesquisa, consequentemente com o desenvolvimento dos projetos de pesquisa dos docentes das duas Faculdades, como também as cooperações de pesquisa formadas com professores de outras universidades nacionais e internacionais, propiciando a interação dos docentes e discentes da graduação e pós-graduação com a pesquisa científica, gerando a produção do conhecimento.





## **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A FORMAÇÃO SOCIAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFPA**

A UFPA em seu PDI declara sua missão de promover o desenvolvimento da Região Amazônica: “aproveitando as potencialidades da região mediante processos integrados de ensino, pesquisa e extensão [...] garantindo a todos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado, de modo a contribuir para o exercício pleno da cidadania”, visando a qualidade de vida do amazônida.

A extensão, como um dos tripés importantes para a formação acadêmica de discentes de um curso universitário, segundo a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 (2018, n. p.):

[...] é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

Por entender a importância da extensão, tal como é preconizado na Resolução acima citada, a Faculdade de Biblioteconomia, ao longo de sua história, vem oferecendo ao discente a oportunidade de participar de atividades de extensão. Entretanto, somente a partir do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) implementado em 2009, as atividades de extensão passaram a ter caráter obrigatório, estabelecendo que o aluno passe a cumprir dez por cento da carga horária total do curso em atividades de extensão. Assim, o aluno precisa cumprir 300 (trezentas) horas, para integralizar sua matriz curricular. De acordo com o que estabelece o PPC do curso:

As atividades de extensão do Curso de Biblioteconomia estão em consonância com o previsto nos artigos 64 e 66, parágrafo 2º do regulamento da graduação na UFPA, quando preveem, respectivamente, que 'Os currículos dos cursos de graduação poderão prever um período letivo para que os discentes desenvolvam, exclusivamente, atividades de pesquisa e/ou de extensão, como estratégias de formação', e 'Do total da carga horária exigida para a integralização do curso, deve ser destinado o mínimo de 10% (dez por cento) às atividades de extensão, conforme estabelece o Plano Nacional de Educação.

O cumprimento da carga horária pode ser realizado em projetos de extensão da própria faculdade ou em projetos de outras faculdades, desde que as atividades realizadas tenham afinidade com a área da Biblioteconomia ou seja de conteúdo interdisciplinar que venha a enriquecer a formação do aluno.

Os primeiros projetos, precisamente até o final dos anos 90, estavam mais voltados para questões técnicas, como o projeto de extensão “Vocabulário Controlado da Amazônia”, que visava construir um tesouro com termos que estavam sendo usados nas bases de dados do Informam e Siamaz, ambos formando bases de dados voltadas a sistematizar informações produzidas na e sobre a Amazônia. O primeiro cobria a bibliografia produzida





na Amazônia Brasileira, e o segundo ocupava-se da bibliografia produzida na e sobre a Pan-Amazônia. Com a sucumbência dos sistemas no final século, o projeto foi paralisado sem conclusão, pois a falta de financiamento impossibilitou sua continuidade.

A partir dos anos 2000, projetos mais voltados para o lado social da Biblioteconomia foram sendo implementados. Depois da obrigatoriedade de participação em projetos de extensão para o aluno integralizar os conteúdos acadêmicos do PPC, em 2009, passou a ser oferecida uma quantidade maior de projetos, a fim de que os alunos tivessem como cumprir seu percurso acadêmico.

Além dos projetos que são puramente de natureza extensionista, a universidade, por meio de editais do PROINT, pode receber propostas que reúnem atividades de pesquisa, ensino e extensão, como foi o caso do projeto coordenado pelo Prof. Me. Williams Jorge Correa Pinheiro, intitulado “Projeto de Melhoria da Infraestrutura da Faculdade de Biblioteconomia: readequação e inovação de recursos didáticos-pedagógicos em busca de eficiência no ensino, pesquisa e extensão universitária”.

O Projeto de Extensão “Conheça Seus Municípios e Seus Bairros”, em colaboração com a Assessoria de Relações Nacionais e Internacionais -ARNI/UFPA, atualmente, Prointer – Pró-Reitoria de Relações Internacionais, com o objetivo de conhecer as cidades do Pará, teve a participação do Professor Hamilton Vieira de Oliveira e deu origem a outro projeto, intitulado “Ações para a preservação da memória do bairro do Guamá em Belém do Pará”, coordenado pelo mesmo professor da FABIB. A importância desse projeto consiste no fato de o bairro do Guamá ser aquele que abriga o campus da UFPA em Belém, e, assim, é importante que a universidade conheça seu entorno e crie formas de atuação sobre a realidade na qual está inserida por sua localização geográfica. Trata-se de bairro de periferia e com altos níveis de violência que abriga pessoas de baixa renda, com toda sorte de exclusão social.

Voltado para a gestão de bibliotecas e a organização de acervos e visando atender a demanda gerada por diretores e responsáveis por escolas da cidade de Belém, surge o primeiro projeto voltado para o tema das bibliotecas escolares coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Ma. Telma Socorro Silva Sobrinho, intitulado “Ações Afirmativas em Bibliotecas de Escolas Públicas do Estado do Pará”, e, com o decorrer do tempo, outras demandas foram sendo criadas, sendo necessário ampliar o escopo do projeto para as bibliotecas comunitárias e públicas, passando a abrigar um número maior de professores que já realizavam pesquisas sobre os temas das bibliotecas escolares, comunitárias e públicas e que desejavam expandir o alcance para as atividades de extensão, passando o projeto a se chamar “Ações Afirmativas em Bibliotecas Públicas, Comunitárias e de Escolas Públicas em Belém-PA”.

O citado projeto contava com a colaboração dos professores Maria de Nazaré dos Santos Corrêa, Maurila Bentes de Mello e Silva, Maria Izabel Moreira Arruda e Hamilton Vieira de Oliveira. Atualmente, esse projeto se chama “Boas práticas em bibliotecas escolares, comunitárias, públicas e universitárias: gestão, organização de acervos e promoção da leitura e serviços”, que conta com a participação dos professores Williams Jorge Correa Pinheiro e Maria Raimunda dos Santos Sampaio.

Dentro desse projeto estão sendo atendidas as escolas da rede estadual de ensino,





por meio de Termo de Cooperação Técnica assinado entre o Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares – SIEBE, da Secretaria Estadual de Educação do Pará – SEDUC, e a Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA da Universidade Federal do Pará – UFPA. Tem alcançado também Bibliotecas comunitárias de bairros de periferia da cidade de Belém e seus distritos, como Distrito de Mosqueiro e Outeiro. No Distrito de Mosqueiro, realiza atividades junto ao Instituto Ampliar e ao Lar Acolhedor da Tia Socorro, e no Distrito de Outeiro, atende a Biblioteca Tralhoto Leitor.

A professora Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira também entrou na seara das bibliotecas escolares com o projeto “Biblioteca Escolar e Ações de Leitura: caminhos para fortalecer a educação básica”.

Também relativo ao tema das bibliotecas escolares, o Prof. Me. Williams Pinheiro participa do projeto “Desenvolvimento de Atividades Educacionais em Química em uma Escola Tecnológica de Ensino Médio Integrado do Município de Belém”. Esse projeto é interdepartamental com a Faculdade de Química.

“Construindo a competência informacional no ambiente escolar através de estratégia de fortalecimento do uso educativo das Tecnologias de Informação – TICs” foi outro projeto com foco nas bibliotecas escolares, coordenado pelo Prof. Dr. Rubens da Silva Ferreira. Esse projeto também contou com a participação da Professora Maurila Bentes de Mello e Silva.

Outro projeto coordenado também pelo Prof. Dr. Rubens Ferreira voltou-se para o atendimento de pessoas egressas do sistema penal, intitulado “Desenvolvendo a competência informacional: a experiência do curso de Biblioteconomia da UFPA com egressos do sistema penal e familiares atendidos pela Fábrica Esperança”. Contou com participação das Professoras Maria de Nazaré dos Santos Correa e Raimunda Sampaio e, ainda, com o técnico-administrativo Armando Onofre da Silva Costa.

O Prof. Dr. Rubens Ferreira ainda coordenou dois outros projetos intitulados “Raridades bibliográficas do IHGP: uma ação extensionista para a coleção do Barão de Guajará, 2019” e “Do estoque ao acesso: ação para ampliação do uso público do acervo bibliográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP). 2018- 2019.”

Em 2017, foi criado o projeto intitulado “Turma da Leitura”, que se centrava em utilizar técnicas da Biblioterapia em crianças com câncer internadas no hospital e em seus familiares no hospital oncológico infantil da região de Belém, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Marques Redigolo. As professoras Maria Izabel Moreira Arruda e Telma Socorro Silva Sobrinho foram colaboradoras desse projeto.

Outro projeto de extensão existente na FABIB é o “Informação, Leitura e Cidadania no Espaço Cultural Nossa Biblioteca, no Bairro do Guamá, em Belém-PA”, que atende a biblioteca comunitária, também do bairro do Guamá, criada a mais de 40 anos pela comunidade local e mantida pelos moradores até o momento, coordenado, inicialmente, pelo professor Hamilton Oliveira e, depois, pela Profa. Me. Raimunda Sampaio.

Projetos de extensão com caráter mais interdisciplinar e interdepartamental tiveram a participação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marise Teles Condurú, intitulados “Práticas Eficientes de Uso Racional de Água e de Energia Elétrica em Áreas Urbanas” e “Proposta de indicadores para o diagnóstico da situação na elaboração dos Planos Municipais de Saneamento Básico”.



Um dos projetos de extensão com a participação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Redigolo é feito em conjunto com a UNESP/Marília, sendo coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariângela Spotti Lopes Fujita, intitulado “Política de indexação para bibliotecas escolares: uma proposta de extensão universitária em municípios brasileiros”.

Por fim, com o crescimento dos projetos de extensão na Faculdade, foi necessário criar um Programa de Extensão que pudesse abrigar os projetos de extensão que estavam sendo realizados por diversos professores. O programa é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Franciele Marques Redigolo e pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Izabel Moreira Arruda.

Esse Programa de Extensão recebeu a denominação de “Informação, leitura e sociedade na Amazônia” e nasceu com a intenção de incorporar projetos de extensão já existentes e proporcionar aos docentes que continuem desenvolvendo projetos de extensão que possam atender às diversas necessidades da sociedade, além de proporcionar a interação entre os projetos de extensão vinculados ao Programa. A propulsão para a sua elaboração deu-se a partir da problemática centrada na necessidade de planejamento, interação, desenvolvimento de ações, divulgação de resultados, bem como na possibilidade de criação de uma Política de Extensão para a Faculdade de Biblioteconomia da UFPA.

### CONCLUSÕES

Fazer o levantamento de dados que narrem a história da Faculdade de Biblioteconomia ao longo dos 56 anos que o curso atua no Pará, tendo sido o primeiro a se instalar na Amazônia, quanto aos aspectos de ensino, pesquisa e extensão, carece de pesquisa mais detalhada, e com maior rigor científico, no entanto, pode-se por meio deste texto narrar um pouco do que foi encontrado durante o curto espaço de tempo que a elaboração deste capítulo de livro exigia. Por esta razão, é possível que alguns dos fatos possam ter sido omitidos e ficará para uma outra oportunidade a completeza que o assunto exige.

A juventude acadêmica deste início do século XXI expressa sua constância com a intelectualidade e o espírito da época deste tempo. Há uma crescente consciência sobre feminismo e estudos de gênero, além de abordagens novas advindas de pensadores e pensadoras sobre questões cruciais à pós-modernidade, como a relação entre política, economia e meios de Comunicação e Informação.

Nesse sentido, cruzando os temas do parágrafo acima, a reflexão sobre o ensino na Faculdade de Biblioteconomia buscou apresentar o estado complexo que esses temas encontram, consultando as respostas que o alunado remete ao curso, através das indagações advindas dos TCCs.

Uma pesquisa mais detalhada faz-se necessária, confirmando a hipótese sobre o aumento de homens entre o alunado do curso de Biblioteconomia da UFPA e se este aumento deve-se a uma possível inclinação dos homens às tecnologias da Comunicação e da Informação.

Conforme as exigências foram crescendo no campo da política universitária, das unidades acadêmicas foram sendo exigidas mais participação em pesquisa e extensão, a





fim de fortalecer as ações de ensino. Assim, a faculdade foi criando mecanismos para atender às novas exigências.

Por essa razão, foi criado um Minter para incentivar os professores a se envolverem com questões de pesquisa. Na primeira iniciativa, por questões internas, a pesquisa ainda não foi alavancada com todo o potencial que a área de biblioteconomia possibilita. A partir da saída de professores para realizar o doutorado, a fim de criar um mestrado regular, nota-se o pequeno crescimento com a chegada dos professores e seus projetos de recém-doutor. Aliado a isto, continuavam as providências para a criação do mestrado regular, o que só foi possível quando houve a criação do Curso de Arquivologia pela Faculdade de Biblioteconomia, quando se teve a oportunidade de contratar jovens professores egressos dos cursos de doutorado, e também a contratação de duas novas professoras para o quadro de docentes da Faculdade de Biblioteconomia, completando-se a exigência da Capes com relação ao número de doutores na unidade da faculdade, com área de concentração, no mestrado ambicionado. A partir de então, a pesquisa foi sendo implantada com mais frequência.

As atividades de extensão também ocorriam de forma modesta até a exigência de 10% da carga horária para a integralização curricular dos alunos de biblioteconomia, quando os professores passaram a participar mais efetivamente de projetos de extensão, a fim de dar aos discentes a oportunidade de atuar em um maior número de ações extensionistas. Faz-se mister dizer que alguns projetos de extensão tem um tempo de duração mais longo, quando realizam atividades que exigem uma renovação do projeto, porque passam a envolver um número maior de instituições e pessoas beneficiadas, ou podem ter uma duração menor quando têm objetivos mais fechados. Com a exigência de carga horária no currículo do curso, pretende-se formar no bibliotecário egresso da biblioteconomia da UFPA um perfil voltado para as questões sociais e para o reconhecimento do seu papel enquanto ator social de transformação da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. **Diário Oficial [da] da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 de dez. 2018. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=3019](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=3019). Acesso em 22/12/2019.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CNPq. **Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil-Lattes**, 2020. Página inicial.  
Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 03 de jan. de 2020.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, 20 (2): 71-99. Jul/Dez, 1995.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto Brasileiro: século XX**. Florianópolis: Ed. UFCS, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Biblioteconomia. PPC-Projeto Pedagógico de Curso. Disponível em:  
[https://drive.google.com/file/d/1Fgs2Z\\_R9eYGUhgrL-FdMZYpIJIM\\_H-xI/view](https://drive.google.com/file/d/1Fgs2Z_R9eYGUhgrL-FdMZYpIJIM_H-xI/view). Acesso em 23 de dez. De 19.

# SOBRE OS AUTORES



---

## FRANCIELE MARQUES REDIGOLO

*Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará, na Faculdade de Biblioteconomia. Vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - UFPA. Doutora em Ciência da Informação pelo PPGCI - UNESP/Marília/SP e doutora em Gestión de la Información pelo Programa de Doctorado en Gestión de la Información en las Organizaciones, na Facultad de Comunicación y Documentación da Universidad de Murcia. Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI - UNESP/Marília/SP. Bacharel em Biblioteconomia - UNESP/Marília/SP. Como Pesquisadora atua no Grupo de Pesquisa em Representação em Arquivos e Bibliotecas (líder desde 2015); Grupo de Pesquisa em Representação Temática da Informação (membro desde 2016).*



---

## TELMA SOCORRO SILVA SOBRINHO

*Docente da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará - UFPA, desde o mês de novembro de 1992. Graduada em Biblioteconomia pela UFPA, cursou MINTER pelo convênio UFPA/IBICT/UF RJ, no período de 1998 a 2000. Ministrou, inicialmente, aulas na disciplina Classificação Bibliográfica I, II, III e IV, passando depois para a disciplina Representação Temática da Informação I e II e Prática em Representação da Informação I e II. Atua em extensão universitária na gestão e organização de acervos em bibliotecas escolares, públicas e comunitárias. Na área administrativa, atuou como Chefe do Colegiado do Curso de Biblioteconomia e Vice-Diretora da Faculdade de Biblioteconomia.*



---

## CARLOS ANTÔNIO BRAGA DE SOUZA

*Docente na Faculdade de Biblioteconomia da UFPA das disciplinas da área de Humanidades: Noções de História da Arte, Ética e Informação e Teoria da Comunicação e da Informação. Graduado em artes visuais pela UFPA, Mestre em Comunicação Midiática pela UNESP/Bauru, Doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP. Coordenador do AGIR - Grupo de pesquisa e extensão em Arte, Gênero, Informação e Religião no ICESA/UFPA.*





# capítulo 7

---

## **O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA EM TEMPOS DE TRANSIÇÕES: HISTÓRIA, EXPECTATIVAS E DESAFIOS**

---

- *Pedro Ivo Silveira Andretta (UNIR)*

- *Marcos Leandro Freitas Hübner (UNIR)*



### *INTRODUÇÃO*

Frequentemente, ao se abordar a história da Biblioteconomia no Brasil, recorre-se ao trabalho de Castro (2000), que divide essa história em cinco fases. Sendo a última fase, o período compreendido entre 1970 e 1995, descrita como “paralisação da criação dos cursos de graduação e crescimento dos cursos de pós-graduação” (CASTRO, p.27). Ainda que se considere as periodizações de Castro (2000) bem elaboradas, é preciso assinalarmos que muitos acontecimentos ocorreram na biblioteconomia brasileira de 1995 até os dias de hoje.

Entre esses acontecimentos, poderíamos destacar, por exemplo: 1. uma série de leis que fortaleceram a profissão, tal como a fixação dos requisitos para o exercício da profissão do bibliotecário, a política nacional do livro e a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País; 2. uma série de leis e pareceres que abordaram as diretrizes curriculares para os cursos de biblioteconomia; 3. uma série de políticas que flexibilizaram e enfraqueceram os quesitos para avaliação de bibliotecas universitárias; 4. a consolidação e o fortalecimento de programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, que não existiam até 1995, e início dos mestrados em Biblioteconomia e aumento expressivo de periódicos especializados e livros nacionais nas áreas; 5. uma série de novos interesses para o espaço da biblioteconomia em função da popularização dos computadores, smartphones, internet, armazenamento nas nuvens e todo um movimento em prol do acesso aberto à comunicação científica e utilização do bigdata.

Em meio a tantos novos acontecimentos, enquanto docentes, nós buscamos escrever uma história da Biblioteconomia em Rondônia por meio do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Curso esse que, vale destacar, foi o terceiro curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Região Norte do Brasil e que completou, em 2019, a sua primeira década de funcionamento, inaugurando também a reforma de seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC). Dito isso, é objetivo desse relato abordar brevemente o



histórico e os vislumbres para o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, com foco na recente mudança curricular, e seus reflexos na formação dos novos bibliotecários em tempos de constantes mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas.

A exposição que segue ficou dividida em três grandes seções: a primeira, “Os Cursos de Biblioteconomia no Brasil: histórico e regulamentações”, busca mostrar que as discussões sobre o currículo foram se modificando, saindo de um programa curricular bem fechado até chegar atualmente numa regulamentação bastante flexível; a seguinte, “O Curso de Biblioteconomia da UNIR: origem e consolidação”, busca contextualizar o porquê de um curso de Biblioteconomia em Rondônia, seus percalços e sucessos; e a última, “Projeto Pedagógico de Curso de Biblioteconomia da UNIR (2018): mudanças e expectativas”, na qual apresentamos a nova concepção curricular, os cuidados na elaboração do PPC e as situações que fogem de nosso controle. Por fim, em nossas “Considerações finais” são abordados alguns desafios e propostas para o fortalecimento do curso.

### **OS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: HISTÓRICO E REGULAMENTAÇÕES**

A necessidade de profissionais qualificados e detentores de um conhecimento mais amplo sobre as bibliotecas, em franca expansão no século XIX, e seus serviços provocou a necessidade de esforços para a formação técnica e teórica de bibliotecários. Neste contexto, surgem as duas primeiras escolas de Biblioteconomia, com abordagens distintas para a qualificação profissional.

No Brasil, como dissemos anteriormente, Castro (2000) assina cinco fases:

Fase I, de 1879 a 1928 - Início da Constituição do Campo do Ensino da Biblioteconomia sob a influência francesa - Biblioteca Nacional; [...]

Fase II, de 1929 a 1939 - Predomínio do modelo pragmático americano sob influência dos primeiros cursos criados em São Paulo - Mackenzie College e Cursos de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo; [...]

Fase III, de 1940 a 1961 - Consolidação do modelo americano e expansão do número de Escolas e Cursos; [...]

Fase IV, de 1962 a 1969 - Uniformização dos conteúdos pedagógicos, com o estabelecimento do primeiro Currículo Mínimo, e Regulamentação da profissão - Lei 4084/62; [...]

Fase V - de 1970 a 1995 - Paralisação da criação dos cursos de graduação e crescimento dos cursos de pós-graduação. (CASTRO, 2000, p. 26-27)

Sobre essas fases, podemos desdobrar alguns pontos que permitem melhor compreendermos a formação em biblioteconomia no País, hoje. Tais como:

O Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, que apresentava o novo regulamento da Biblioteca Nacional, trouxe uma novidade: o capítulo IV, contendo nove artigos, mais precisamente do art. 34 ao art. 42, dedicava-se exclusivamente ao curso de Biblioteconomia. O artigo 34 indicava as matérias que comporiam a matriz curricular, já



definindo, inclusive, quais profissionais seriam os responsáveis pelas mesmas. As disciplinas formalizadas foram: a) bibliografia; b) paleografia e diplomática; c) iconografia; d) numismática. Por motivos diversos, entre os quais falta de organização do material de aula por parte dos professores e a inexistência de alunos inscritos, a instalação e o funcionamento do primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil ocorreram somente no ano de 1915, quatro anos após o anúncio de sua criação e estruturação.

Em 1936, ocorreu o encerramento do curso técnico de Biblioteconomia oferecido pelo Mackenzie College, com a conclusão da turma que havia iniciado no ano anterior, não havendo novas ofertas. O motivo que levou ao fechamento do curso não ficou possível definir com exatidão, há a afirmação de Mulin (2011, p. 45) de que “o curso do Mackenzie só é encerrado quando a Prefeitura Municipal de São Paulo cria, em 1936, o curso de Biblioteconomia”, o qual era gratuito. Em 1936, conforme Castro (2000), ocorreu a instalação de um novo curso de Biblioteconomia, junto ao Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, criado por Rubens Borba de Moraes.

A partir dos anos 1940, novos cursos de Biblioteconomia são implantados no Brasil, na sua maioria, a partir de egressos dos dois cursos pioneiros. Conhecer um pouco mais sobre os cursos implantados faz-se necessário. No presente estudo, optou-se por trabalhar somente com os cursos de Biblioteconomia em funcionamento, quando da entrada em vigor do Parecer nº 326 de 1962 do Conselho Federal de Educação, que estabeleceu o primeiro currículo básico de Biblioteconomia, também chamado de Currículo Mínimo (C.M.), e padronizou a grade curricular e o tempo mínimo de duração dos cursos no Brasil. Para Souza (2000), o currículo dos cursos de Biblioteconomia da década de 1950, por meio de seu conservadorismo e da latente falta de criatividade, sem espaços para estudos de usuários e suas necessidades, acabou por propiciar esse profissional avesso às questões político-sociais do período.

Em 1962, o Conselho Federal de Educação estabeleceu o Currículo Mínimo e a duração de três anos para os cursos de Biblioteconomia no Brasil, por meio do Parecer nº 326/CDE/62, o qual visava à unificação e à padronização dos currículos, bem como o tempo de duração, eliminando as inconformidades existentes na época e “pondo fim com a grande variedade de opções oferecidas pelos cursos, como conteúdo e duração” (PANDO, 2005, p. 55).

O currículo mínimo estabelecido em 1982 adotou como proposição básica a multidisciplinaridade, preocupando-se com a organização dos documentos e o tratamento informacional, além de dar um destaque especial aos usuários dos serviços e unidades de Informação, apontado como eixo central (SANTOS, 1998). A sua estruturação foi pensada a partir de três eixos, com respectivas subdivisões em disciplinas de caráter prático ou teórico, sendo elas:

- a) Matérias de Fundamentação Geral;
- b) Matérias Instrumentais;
- c) Matérias de Formação Profissional.





A promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), oportunizou uma concepção curricular mais flexível, mais aproximada das realidades socioculturais e mercadológicas do país e voltada às competências e habilidades esperadas dos egressos. Ao substituir a noção de Currículo Mínimo pelas Diretrizes Curriculares, a LDB introduziu uma nova forma de realizar estudos curriculares, pois a concepção dos conteúdos curriculares não podia ocorrer de forma isolada, pois estes passaram a ser considerados como partes a serem constituídas de acordo com as especificidades de cada instituição de Ensino Superior. As Diretrizes Curriculares Nacionais representam as principais orientações, visando à formulação do PPC, que devem ser adotadas por todas as instituições de ensino superior.

Em 2001, foi aprovado o Parecer CNE/CES nº 492/2001 homologando as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social. Por meio da Resolução CNE/CES nº 19, de 13 de março de 2002, foram estabelecidas as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. O Parecer nº 492/2001 é bastante vago em suas determinações quanto aos currículos do curso. Enfatiza, apenas, que os conteúdos curriculares distribuam-se em conteúdos de formação geral, destinados a “oferecer referências cardeais externas aos campos de conhecimento próprios da Biblioteconomia”, e em conteúdos específicos, que são nucleares na constituição da identidade profissional. Já ao descrever as competências e habilidades esperadas do(a) bibliotecário(a), o parecer elenca, dentre outras, que o profissional deve “responder a demandas sociais de Informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo”.

Atualmente, no Brasil, o ensino da Biblioteconomia é resultado da fusão de diferentes influências estrangeiras, o que não deixa de representar a própria formação do brasileiro (OCHOLLA et al., 2015). Entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, a partir de programas governamentais, muitos professores foram realizar cursos de mestrado e doutorado no exterior. Os países que mais receberam os professores/pesquisadores brasileiros foram a França, o Canadá, a Espanha, a Inglaterra e os Estados Unidos. A volta dos professores representou a construção de um novo perfil científico nas escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação mesclado de influências estrangeiras, sem a existência de um perfil que se relacione a essa ou àquela escola. A influência, portanto, não ficou restrita à escola norte-americana ou à escola francesa, como aconteceu nos primórdios do ensino de Biblioteconomia no Brasil.

### **O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIR: ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO**

Em nossa visão, o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia tem sua origem nas políticas e ações promovidas em prol do maior acesso à educação superior, elaboradas pelo governo do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre os anos de 2003 e 2010. Tais como: o Programa Universidade para Todos – PROUNI (BRASIL, 2005), Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI (BRASIL, 2007b) e constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET (BRASIL, 2007a).



Sobre isso, vale ressaltar que:

O Programa Universidade para Todos – PROUNI proporcionou a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais para estudantes de cursos de graduação ou sequenciais em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos, proporcionando o crescimento das instituições privadas de ensino superior no País e, por conseguinte, de toda sua infraestrutura e os profissionais para sua manutenção : entre esses, de bibliotecas e bibliotecários.

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI tinha como “objetivo criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais” (BRASIL, 2007b). As diretrizes / ações do REUNI previam entre outras coisas: o aumento de vagas nos cursos de graduação, maior oferta de cursos noturnos, combate à evasão, revisão da estrutura acadêmica, atualização de metodologias de ensino e aprendizagem, ampliação das políticas de inclusão e assistência estudantil e articulação entre graduação, pós-graduação e a educação básica, proporcionando o crescimento das instituições públicas de ensino superior no País e, por conseguinte, também de toda sua infraestrutura e os profissionais para sua manutenção : entre esses, de bibliotecas e bibliotecários.

A constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET (BRASIL, 2007a), por meio da agregação voluntária de Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais, visou atender a educação profissional técnica de nível médio e a educação superior, em nível de graduação e pós-graduação e a realização de atividades de pesquisas aplicadas e de extensão, demandando o fortalecimento e estabelecimento de toda uma infraestrutura e os profissionais para sua manutenção : tais como bibliotecas e bibliotecários.

Nesse contexto, o Curso de Biblioteconomia da UNIR buscava atender uma demanda de formação e de mercado, considerando o restrito número de cursos de bacharelado em biblioteconomia da região Norte do Brasil e o aumento do número de profissionais exigidos pelas instituições de ensino que então se consolidavam. Vale ressaltar que, até o ano de 2008, a oferta de cursos de Biblioteconomia na Região Norte do Brasil se restringia a Belém na Universidade Federal de Pará e a Manaus na Universidade Federal do Amazonas, ambas instituições tradicionais na oferta do Curso de Biblioteconomia, mas muito distantes de qualquer município rondoniense. As distâncias “amazônicas”, pode-se dizer, limitavam a circulação de estudantes e profissionais em biblioteconomia na região, principalmente dos estados do Acre e Rondônia.

Dito isso, o Curso de Biblioteconomia da UNIR tem seu início com a elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso Ciência da Informação com ênfase em Biblioteconomia (UNIVERSIDADE, 2008), finalizado em abril de 2008, e seu ato de criação instituído em 18 de novembro pelo Conselho Superior Acadêmico – CONSEA da UNIR, por meio Resolução nº 198/CONSEA. Sendo que a primeira turma do Curso de Ciência da Informação com ênfase em Biblioteconomia iniciou suas atividades em 27 de julho de 2009.

O Curso de “Ciência da Informação” da UNIR, enquanto um curso subsidiado pela política REUNI, tinha sua oferta no turno noturno, na modalidade presencial, abrindo anualmente 50 vagas. Nesse primeiro Projeto Político Pedagógico (UNIVERSIDADE, 2008),





outorgava-se ao aluno concluinte o diploma de Bacharelado em Ciências da Informação. O que, na prática, ia contra a exigência da Lei N° 9.674, de 26 de junho de 1998 (BRASIL, 1998), que previa que:

Art. 3º O exercício da profissão de Bibliotecário é privativo:

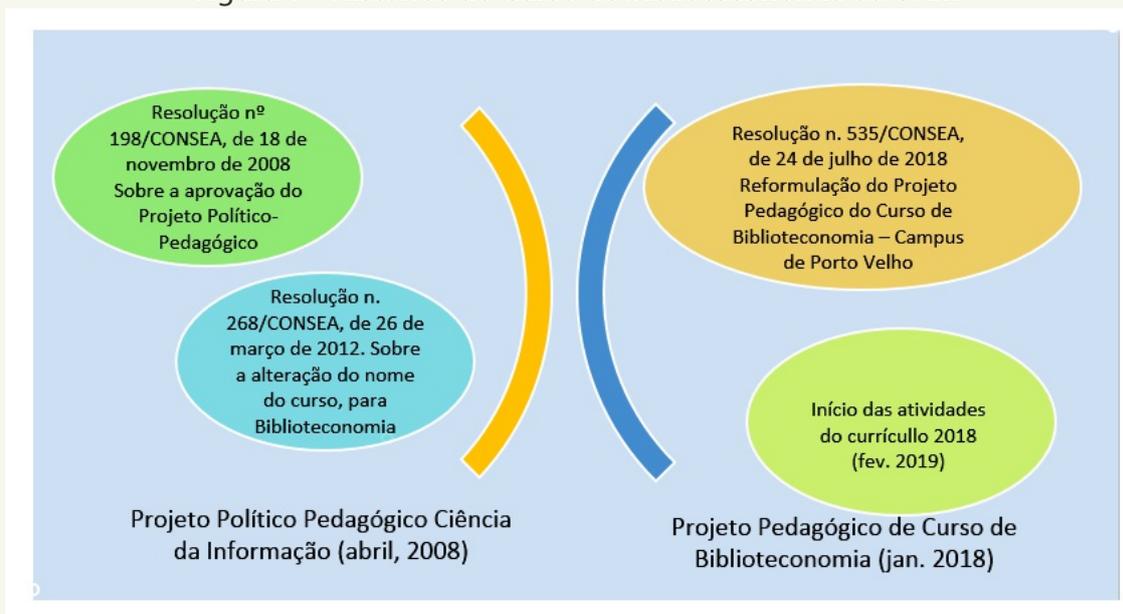
I - dos portadores de diploma de Bacharel em Biblioteconomia, expedido por instituições de ensino superior oficialmente reconhecidas, registradas nos órgãos competentes, de acordo com a legislação em vigor.

Isso resultou em um movimento de alunos, professores e da direção da UNIR em rever e alterar a nomenclatura do curso. A alteração se deu por meio da Resolução n. 268/CONSEA, de 26 de março de 2012, habilitando os então concluintes do curso a reivindicarem a habilitação de Bacharel em Biblioteconomia, assegurando o registro nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia e o exercício da profissão de bibliotecário.

O reconhecimento do Curso se deu por meio da Portaria n° 544, de 23 de setembro de 2016, da Secretária de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação, após avaliação *in loco* em julho de 2015. A avaliação para Reconhecimento do Curso orientou o então Núcleo Docente Estruturante para elaboração de um novo PPC de Biblioteconomia.

O novo PPC de Biblioteconomia foi concluído em meados de janeiro de 2018. A reformulação do mesmo foi aprovada por meio da Resolução n. 535/CONSEA, de 24 de julho de 2018, e o início das atividades do novo currículo começaram em fevereiro de 2019. Desse modo, no presente momento, o curso funciona com dois currículos paralelamente, com previsão de encerrar a oferta das disciplinas do currículo de 2008, no ano de 2021.

Figura 1 – Histórico do Curso de Biblioteconomia da UNIR



Fonte: Os Autores, 2019.



Nos 10 anos do Curso de Biblioteconomia da UNIR, foram formados mais de 120 profissionais e promovidas 7 semanas acadêmicas, envolvendo alunos, professores e comunidade externa, além de pesquisadores e profissionais de várias regiões do País. Soma-se a isso o fato de que os alunos do Curso de Biblioteconomia da UNIR, nesse tempo, participaram ativamente de mais de 7 projetos de pesquisa por meio do Programa Institucional de Iniciação Científica e de cerca de duas dezenas de projetos de extensão.

*PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE  
BIBLIOTECONOMIA DA UNIR (2018)*

Conforme mencionamos anteriormente, o Parecer nº 492/2001 estabelece as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia. Contudo, esse documento, como dissemos anteriormente, é vago nas determinações sobre a estrutura dos cursos, limitando-se a indicar que “a estrutura geral do curso de Biblioteconomia deverá ser definida pelo respectivo colegiado, que indicará as modalidades de seriação, de sistema de créditos ou modular”, enfatizando que os conteúdos curriculares distribuam-se em conteúdos de formação geral e em conteúdos específicos, esses últimos nucleares na constituição da identidade profissional.

Ao descrever as competências e habilidades esperadas do(a) bibliotecário(a), o parecer elenca, dentre outras, que o profissional deve “responder a demandas sociais de Informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo”. Nesse sentido, compreendendo que a sociedade global do conhecimento requer uma educação ampla, participativa, contínua e plural, que não vise apenas a ocupação de postos de trabalho, mas a formação da consciência social e da compreensão das culturas, da cooperação criativa e da expansão dos limites individuais como centro de ação e de direcionamento da própria vida (DIAS SOBRINHO, 2014). É explícito no Objetivo Geral do PCC (2018) que o Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIR pretende:

Disponibilizar aos acadêmicos do curso de Biblioteconomia um ensino de qualidade, tornando-os indivíduos reflexivos, com ênfase na formação e no desenvolvimento profissional, com ética e criatividade visando desenvolver as competências humanas, tecnológicas, políticas e sociais, que lhes permitam atuar no mercado de trabalho e na sociedade, considerando as características locais e regionais e novas práticas emergentes no campo do conhecimento. (UNIVERSIDADE, 2018, p. 14)

De fato, desde os primeiros cursos de Biblioteconomia implantados no país até os mais recentes, a organização curricular impõe que “não se pode deixar de lado o ensino de disciplinas relacionadas ao processamento da Informação [...] que inclui a organização, o processamento e o tratamento da Informação [...]” (SOUZA, 2000, p. 223). Ocorre, porém,





conforme lembra Baptista (2006, p. 7), que “as escolas tentam adequar a formação nessa área a uma grade curricular considerada suficiente há cerca de sessenta anos”.

Uma proposta de padronização das áreas curriculares da Biblioteconomia é recordada por Guimarães (2002), ao retomar os trabalhos do II Encuentro de Directores de Escuelas Universitarias de Bibliotecologia del Mercosur, realizado em 1997 em Buenos Aires, Argentina. Nesse encontro, foram definidas 6 áreas curriculares para os cursos de Biblioteconomia do Mercosul. Essas áreas, vale destacar, não se distanciavam tanto das áreas que já eram assumidas pelo Ministério da Educação na época e, por isso, anteriores ao Parecer nº 492/2001.

Quadro 1 - Áreas curriculares da Biblioteconomia

<b>DIRETRIZES CURRICULARES MEC/ SESU</b>	<b>PROPOSTA MERCOSUL</b>
Fundamentos de Biblioteconomia	Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação
Organização e Tratamento da Informação	Organização e Tratamento da Informação
Gestão da Informação e do Conhecimento Políticas de Gestão de Unidades de Informação	Gestão de Unidades de Informação
Recursos e Serviços de Informação	Recursos e Serviços de Informação
Tecnologias em Informação	Tecnologias da Informação
Metodologia da Pesquisa	Pesquisa

Fonte: Guimarães (2002, p. 65 apud BARROS, CUNHA, CAFÉ, 2018, p. 294)

Seguindo as orientações do Parecer nº 492/2001, a elaboração do PPC da UNIR se desenvolveu por meio do trabalho coletivo do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Biblioteconomia. Núcleo esse composto por professores de diversas experiências e vivências na área de Biblioteconomia e lotados no Departamento de Ciência da Informação da UNIR.

Coube ao NDE, sempre em Comunicação com o colegiado do Departamento de Ciência da Informação, propor um novo PPC, buscando sanar problemas políticos, pedagógicos e técnicos presentes na versão primeira do Curso. A proposição do novo projeto de curso não se fez por meio de uma revisão pontual, mas por uma reforma geral, principalmente no que dizia respeito à matriz curricular, aos cuidados com a descrição pormenorizada das ementas, objetivos, bibliografias, pré-requisitos e ao arranjo textual do documento.

O cuidado com a elaboração da matriz curricular se deve ao fato de que esta potencializa novas perspectivas para a construção da autonomia intelectual e da



competência técnica dos futuros profissionais para que os mesmos desenvolvam habilidades fundamentadas em saberes conceituais, procedimentais e atitudinais (ZABALA, 1998). É a matriz curricular que proporciona aos alunos a preparação para os novos cenários de prática profissional, desde o primeiro ano do curso, e o desenvolvimento de saberes científicos para a aplicação prática e transformação da sociedade (ANASTASIOU, 2010).

Para a composição da matriz curricular, os membros do NDE compararam e analisaram uma série de PPCs de Bacharelado em Biblioteconomia do Brasil, consideraram o perfil dos alunos que estavam se formando, as demandas locais e as possibilidades do corpo docente disponível, e propuseram um quadro quantitativo com menos disciplinas obrigatórias, mas melhor costuradas em suas ementas e seus objetivos e, significativamente, mais equilibradas com relação à carga horária.

Concomitante ao trabalho do NDE, sabemos hoje que Barros, Cunha e Café (2018) fizeram um estudo comparativo dos currículos de biblioteconomia do Brasil. A seguir, destacamos dois quadros que possibilitam, em alguma medida, compreender a divisão das áreas curriculares em Biblioteconomia em algumas universidades do Brasil e na UNIR. Vale dizer que dizemos “em alguma medida”, pois a terminologia e a forma de compreender a categorização da disciplina, por vezes, distinguem-se, como provavelmente acontece em “Fundamentos teóricos da Biblioteconomia da Ciência da Informação” e “Tecnologias de Informação e Comunicação”.

Quadro 2 - Áreas curriculares da Biblioteconomia

	UFSC	UFRGS	UDESC	USP	UNESP	UFSCAR	UFAL	UFPE	UFMA	Média
<b>ÁREAS CURRICULARES</b>	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação	6.37	8,42	3.91	4.90	6.74	4.17	9.66	9.80	8.42	7,01
Organização e tratamento da Informação	17.83	11,6	13.97	18.63	15.73	16.67	12.41	17.14	12.63	15,3
Gestão de Unidades de Informação	15.29	11,1	15.64	7.84	7.87	10.42	11.72	15.92	16.84	13,1
Recursos e Serviços de Informação	15.29	8,42	10.61	5.88	7.87	6.25	8.28	7.35	8.42	9,59
Tecnologias da Informação	2.55	4,21	11.17	2.94	7,86	10.42	8.97	4.90	6.32	5,94
Pesquisa	14.01	18,4	12.85	11.76	15.73	12.50	6.90	11.02	13.68	12
Formação geral	12.31	6,32	10.06	22.55	14.61	6.25	12.41	1.22	21.05	16,6
Estágio	9.55	9,47	11.17	12.75	8.99	10.42	8.28	12.24	9.47	10,2

Fonte: Barros, Cunha, Café (2018, p. 299)





Quadro 3 - Áreas curriculares da Biblioteconomia – PPC Biblioteconomia UNIR (2018)

<b>ÁREAS CURRICULARES</b>	<b>%</b>
<b>Fundamentos teóricos da Biblioteconomia da Ciência da Informação</b>	<b>12,7</b>
<b>Organização e representação da Informação</b>	<b>23,6</b>
<b>Recursos e serviços de Informação</b>	<b>11,8</b>
<b>Políticas e gestão de ambientes de Informação</b>	<b>9,1</b>
<b>Tecnologias de Informação e Comunicação</b>	<b>9,1</b>
<b>Pesquisa em biblioteconomia e ciência da Informação</b>	<b>16,4</b>
<b>Módulo básico</b>	<b>8,2</b>
<b>Estágio</b>	<b>9,1</b>

Fonte: Adaptado de UNIVERSIDADE... (2018)

Na nova composição do Projeto Pedagógico (2018), as disciplinas foram divididas entre obrigatórias, optativas, estágios e atividades complementares. Desse modo, as disciplinas obrigatórias variam de carga horária entre 60 e 80 horas, as optativas são sempre de 40 horas, e os “Estágios supervisionados” e as “Atividades Complementares” são de 120 horas cada. Ademais, o Trabalho de Conclusão de Curso I e o Trabalho de Conclusão de Curso II possuem, cada uma, 80 horas, sendo consideradas disciplinas obrigatórias.

A seguir, indicamos um quadro de comparação das disciplinas obrigatórias com as respectivas cargas horárias dos Projetos Pedagógicos de 2008 e 2018. Destacamos, entretanto, que além dessas disciplinas obrigatórias, o aluno deve cumprir 120 horas de disciplinas optativas de livre escolha, conforme disponibilidade de oferta. Atualmente, há 25 opções de disciplinas optativas, cobrindo frentes disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, gerais e específicas à Ciência da Informação.





Quadro 4 – Comparação de disciplinas obrigatórias e suas respectivas cargas horárias – Bacharelado em Biblioteconomia UNIR

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (2008)		PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA (2018)	
Disciplina	Carga-horária	Disciplina	Carga-horária
<b>1ª Fase</b>		<b>1º SEMESTRE</b>	
Língua Portuguesa: Redação e Expressão I	40	INTRODUÇÃO ao trabalho científico	60
Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica	80	Produção textual acadêmica	60
Espanhol Instrumental I	40	Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação	80
Evolução do Pensamento Científico e Filosófico.	40	Sociologia	60
INTRODUÇÃO à Ciência da Informação	80	Leitura, Escrita e Cultura	60
INTRODUÇÃO à Informática	40		
História da Cultura e dos Registros do Conhecimento	80		
<b>2ª Fase</b>		<b>2º SEMESTRE</b>	
Sociologia Geral	40	Editoração	60
Espanhol Instrumental II	40	Normatização documentária	60
Teoria da Comunicação	40	Tecnologias digitais da Informação	80
Teoria da Ação Cultural	80	Filosofia	60
Estatística Aplicada	40	Teorias da Informação e Comunicação	60

Continua Na Próxima Página





Quadro 4 – Comparação de disciplinas obrigatórias e suas respectivas cargas horárias – Bacharelado em Biblioteconomia UNIR

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (2008)		PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA (2018)	
Fontes de Informação I	80		
Lógica Aplicada à Documentação	40		
Língua Portuguesa: Redação e Expressão II	40		
3ª Fase		3º SEMESTRE	
Administração	80	Fontes de Informação e serviços de referência	60
INTRODUÇÃO aos Estudos Literários	40	Teoria da Organização do Conhecimento	80
Catálogo I	80	Cultura e mídia	60
Inglês Instrumental I	40	Representação descritiva Informação I	80
INTRODUÇÃO ao Tratamento Temático da Informação	40	Gestão para unidades de Informação	60
Fontes de Informação II	80		
4ª Fase		4º SEMESTRE	
Classificação I	40	Estudos de comunidades e usuários	80
Catálogo II	80	Representação descritiva da Informação II	80
Fundamentos em Arquivologia	80	Linguagens Documentárias I: CDD	80

▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼ Continua Na Próxima Página ▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼





Quadro 4 – Comparação de disciplinas obrigatórias e suas respectivas cargas horárias – Bacharelado em Biblioteconomia UNIR

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (2008)		PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA (2018)	
Planejamento e Geração de Base de Dados	40	Representação temática da Informação: Indexação e Resumos	80
Automação de Unidades de Informação	80	Fontes de Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação	60
Administração de Unidade de Informação	40		
5ª Fase		5º SEMESTRE	
Classificação II	40	Linguagens Documentárias II: CDU	80
Estudo de Usos e Usuários da Informação	40	Gestão de Coleções e do patrimônio em unidades de Informação	60
Formação e Desenvolvimento de Acervo	80	Comunicação científica e métricas em Informação	60
Psicologia das Relações Humanas	40	Metodologia da pesquisa científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação	80
		Ação Cultural em unidades de Informação	60
6ª Fase		6º SEMESTRE	
Sistema de Informações nas Organizações	40	Planejamento de Unidades de Informação	60
Planejamento de Unidade de Informação	80	Linguagens Documentárias III: Tesouros e Ontologias	80
Estágio Curricular I	180	Estágio supervisionado I	120
7ª Fase		7º SEMESTRE	

▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼ Continua Na Próxima Página ▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼





Quadro 4 – Comparação de disciplinas obrigatórias e suas respectivas cargas horárias – Bacharelado em Biblioteconomia UNIR

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (2008)		PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA (2018)	
Gestão de Mídias	40	Trabalho de Conclusão de Curso I	80
Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso	40	Estágio supervisionado II	120
Estágio Curricular II	180		
8ª Fase		8º SEMESTRE	
Legislação e Ética	80	Trabalho de conclusão de curso II	80
Elaboração do TCC	160	Atividades complementares	120
Atividade Complementar	120		
Optativas	160	Optativas	160

Fonte: Os Autores, 2019.

Como se vê, a reformulação do currículo não foi incremental ou ainda pontual. Apesar disso, algumas disciplinas do Currículo 2018 podem ser utilizadas para cobrir disciplinas do Currículo 2008, sob o regime de equivalência. Essas equivalências são listadas no quadro a seguir.

Quadro 5 – Equivalências das Disciplinas – Bacharelado em Biblioteconomia da UNIR

Projeto Político Pedagógico Ciência da Informação (2008)		Projeto Pedagógico de Curso de Biblioteconomia (2018)	
INTRODUÇÃO à Ciência da Informação	4 80	Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação	4 80
História da Cultura e dos Registros do Conhecimento	4 80	Leitura, Escrita e Cultura	4 60
INTRODUÇÃO à Informática	2 40	Tecnologias digitais da Informação	4 80
Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica	4 80	Metodologia da pesquisa científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação	4 80
Sociologia Geral	2 40	Sociologia	3 60
Catálogo I	4 80	Representação descritiva da Informação I	4 80
Catálogo II	4 80	Representação descritiva da Informação II	4 80
Estágio Curricular I	9 180	Estágio supervisionado I	6 120
		Estágio supervisionado II	6 120
Atividade Complementar	6 120	Atividades complementares	6 120
Elaboração do TCC	8 160	Trabalho de Conclusão de Curso I	4 80
		Trabalho de Conclusão de Curso II	4 80

Fonte: Os autores, 2019.





Com a intenção de evitar equívocos na compreensão de algumas indicações do PPC, ou ainda evitar que algumas decisões precisem frequentemente passar pelo NDE ou, ainda, para as reuniões de colegiado, foram estabelecidos no próprio PPC alguns documentos suplementares e políticas, tais como:

- Ficha de avaliação do estágio supervisionado,
- Ponto de frequência de estágio
- Instrumento de avaliação do trabalho de conclusão de curso
- Matriz de equivalência
- Tabela de atividades complementares
- Regulamento das atividades acadêmico-científicos-culturais

Lançado e efetivamente iniciado o PPC de Biblioteconomia da UNIR (2018), e apesar de todos os cuidados, percebemos atualmente alguns problemas que fogem ao nosso alcance para o desenvolvimento do curso: falta de acervo e recursos humanos, as políticas contingenciamento adotadas pelo Governo Federal e a emergência de novos temas e interesses da área.

- Sobre o acervo, sentimos especialmente o problema no momento da aquisição da bibliografia básica e complementar pela biblioteca. O longo tempo da feitura do PPC até sua aprovação nos Conselhos fez com que o Curso sofresse com o encerramento das atividades da editora Briquet de Lemos e o esgotamento de alguns títulos clássicos. Ademais, as políticas internas de compra de material bibliográfico inviabilizaram a aquisição de obras estrangeiras.
- Sobre os recursos humanos, convém destacar que sentimos logo em 2019, pois passamos a ter falta de professores em decorrência de licenças para a formação doutoral, de encerramento de contratos de docentes substitutos e um pedido de exoneração. Problemas esses minimizados, mas não solucionados pela entrada provisória de docentes do Curso de Jornalismo no Departamento de Ciência da Informação.
- Acerca da política de cortes e do “contingenciamento”, promovidos pelo presidente Jair Bolsonaro, destacamos a redução do número de auxílios financeiros proporcionados aos alunos para estudarem, bem como os atrasos nos repasses dos recursos. Disso resultou uma sensível queda na frequência dos alunos em sala de aula, por falta de passagens para o transporte coletivo, culminando em desistências.
- Sobre a emergência de novos temas na Biblioteconomia e Ciência da Informação, vemos, por exemplo, a discussão sobre Inovação e Empreendedorismo, Novos modelos conceituais de catalogação, Propriedade intelectual e Propriedade industrial, BigData e Ciência de Dados, Ciência Aberta e Repositório de Dados e Humanidades Digitais. Temas esses não cobertos nas disciplinas obrigatórias e optativas e que exigirão esforço para serem apropriados pelo corpo docente e repassados aos alunos.





## CONCLUSÕES

Nessa exposição, tomamos como objetivo abordar aspectos da história e possibilidades para o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, com foco na recente mudança curricular, e seus reflexos na formação dos novos bibliotecários em tempos de constantes mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas. Apresentou-se, assim, algumas discussões e inquietações sobre as mudanças da estrutura curricular dos cursos de biblioteconomia no Brasil, o Curso de Biblioteconomia da UNIR e o novo “Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UNIR” (2018).

Em consulta recente realizada no Portal e-MEC<sup>2</sup> do Ministério da Educação, identificamos mais de 50 cursos de Bacharelado em Biblioteconomia, dos quais 7 são na modalidade a distância, possibilitando, dessa forma, a oferta do curso em todos os estados brasileiros. Essa possibilidade de oferta a distância possibilitou que Rondônia, nesses últimos anos, recebesse dois polos de ensino de Biblioteconomia: o Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). O que retira do Departamento de Ciência da Informação e do curso de Biblioteconomia da UNIR a exclusividade na formação de bibliotecários do Estado, ao mesmo tempo que os convocam a ficar ainda mais atentos ao ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Estado, tanto em nível de graduação, como pós graduação.

Por fim, compreendemos que as bibliotecas atuais são heranças do século XIX, que o modo de se pensar estrutura curricular e docentes do curso de Biblioteconomia da UNIR é nativo do século XX, e o público e as demandas da Biblioteca e o Curso de Biblioteconomia exigem olharmos e nos adaptarmos ao século XXI. Compreendemos também que o conhecimento hoje não é mais cumulativo, mas streaming, o que exige a formação e atualização contínua dos docentes e dos profissionais bibliotecários.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. das G. C. Grade e Matriz Curricular: conversas em torno de um desafio presente na educação superior. *In*: FREITAS, A. L.S. de. *et al* (org.). **Capacitação docente: um movimento que faz compromisso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 181-200.

BAPTISTA, D. M. A catalogação como atividade profissional especializada e objeto de ensino universitário. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, jan./ jun, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/893>. Acesso em: 12 mar. 2017.

BARROS, C. M.; CUNHA, M. F. V.; CAFÉ, L. Estudo comparativo dos currículos dos cursos de biblioteconomia no Brasil. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 290-310, 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n1p290 Acesso em: 04 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior. Portaria no 544, de 23 de setembro 2016. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, n.185, p. 19, 26 set. 2016.



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 19/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Brasília: **Diário Oficial da União**, 9 abril 2002. Seção 1, p. 34.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492/2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia] Brasília: Ministério da Educação, 2011.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.095, de 24 de abril de 2007**. Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica. Brasília: Presidência da República, 2007.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.096, de 27 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais -Reuni. Brasília: Presidência da República, 2007.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. Aprova o regulamento da Bibliotheca Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, p. 8679, 14 jul. 1911.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 9.674, DE 25 DE JUNHO DE 1998**. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

COMISSÃO NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR — CONAES. Resolução n. 1, de 17 de junho de 2010b. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15712&Itemid=1093](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15712&Itemid=1093). Acesso em: 21 dez 2019.

DIAS SOBRINHO, J. Universidade e Novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, v. 1, n. 1 (jul. 1996) Campinas, SP: RAIES; Sorocaba, SP: UNISO, 2014, p. 643-662.



GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Estudos curriculares em Biblioteconomia no Mercosul: reflexões sobre uma trajetória. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomim. (org.). **Formação do profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/colecao-palavra-chave/VALENTIM\\_%28Org%29\\_Forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://abecin.org.br/e-books/colecao-palavra-chave/VALENTIM_%28Org%29_Forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20profissional%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf) . Acesso em: 06 jan. 2019.

MULIN, Rosely Bianconcini. **Cultura e Bibliotecas em São Paulo**: o pioneirismo de Adelpha Figueiredo. 2011. 83 f. Dissertação - Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

OCHOLLA, D. N. *et al.* A Comparison of Cataloguing and Classification Education (CCE) in Library and Information Science in South Africa, Brazil and the USA (SOBUSA): An Overview. **African Journal of Library, Archives & Information Science**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 15-27, 2015. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=102893879&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 19 jul. 2019.

PANDO, D. A. **Formação e demanda profissional em tratamento temático da Informação no Brasil**: uma análise comparativa de conteúdos programáticos universitários e de concursos públicos em Biblioteconomia. Dissertação, 2005. 187f. (Mestrado em Ciência da Informação). Marília: Universidade Paulista, 2005.

SANTOS, Jussara Pereira. **A ABEBD e o ensino de biblioteconomia no MERCOSUL**: relatório de atividades da gestão 1997-1998. Porto Alegre: ABEBD, 1998.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Conselho Superior Acadêmico. **Resolução no 268, de 26 de março de 2012**. Curso de Biblioteconomia. Porto Velho: Conselho Superior Acadêmico, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Conselho Superior Acadêmico. **Resolução no 535, de 24 de julho de 2018**. Reformulação do Projeto Político-Pedagógico do Curso de Biblioteconomia – Campus de Porto Velho. Porto Velho: Conselho Superior Acadêmico, 2018.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## SOBRE OS AUTORES



### **PEDRO IVO SILVEIRA ANDRETTA**

*Graduado em Biblioteconomia e Ciência da Informação (2010), Mestre em Linguística (2013), Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade (2015) pela Universidade Federal de São Carlos e aluno do doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Durante sua formação foi intercambista pelo Programa Escala/AUGM, bolsista ProEx-UFSCar e PIBIC/CNPq, membro e diretor da Empresa Junior de Biblioteconomia e Ciência da Informação - InfoJr/UFSCar e atuou em bibliotecas públicas, universitárias e especializadas. Atualmente é professor assistente do Departamento de Ciência da Informação. Desenvolve atividades em diferentes Grupos de pesquisa, em especial: Laboratório de estudos Interdisciplinares das Representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo (LIRE- UFSCar) e Migrações, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira (UNIR). Os temas de pesquisa com os quais atua são: Mediação da Cultura, Estudos métricos em Informação, Tecnologias e Inovação, Produtos e serviços de Informação e Tratamento da Informação.*



### **MARCOS LEANDRO FREITAS HÜBNER**

*Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997) e mestrado em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (2014). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Rondônia, Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (2017- ) Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteca universitária, gestão escolar, incentivo à leitura, biblioteca escolar, bibliotecas - história, catalogação e RDA.*





# capítulo 8

---

## **A DIMENSÃO IMAGÉTICA E ARTÍSTICA NA FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO**

---

- *Daiani Ludmila Barth (UNIR)*
- *Ana Paiva Martins (UNIR)*
- *Carlos Alberto Souza Santos (UNIR)*
- *Isabelle da Silva Souza (UNIR)*



### *INTRODUÇÃO*

Descreve a oferta e os encaminhamentos das disciplinas Discurso e Leitura de Imagens e História da Arte no âmbito da formação de bibliotecários do curso de Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir). A ideia é partir dos entrelaçamentos argumentativos de viés teórico, aliados à descrição do conteúdo programático das disciplinas e aos relatos de estudantes envolvidos, para que se possa repensar a amplitude da formação desse profissional. Dentro do campo interdisciplinar que predomina na área, a formação do gosto estético, o papel da arte no acionamento de diferentes perspectivas de olhar/pensamento e as possibilidades de leitura diante da cultura visual predominante perfazem um meio importante para que o bibliotecário construa elementos de interpretação do mundo essenciais para sua formação como sujeito humano, principalmente na ação transformadora que seu trabalho possui no âmbito cultural.

### *DIMENSÃO ENSINO E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO*

A disciplina de História da Arte consta como componente do currículo anterior, referente ao ano de 2008, ou seja, o primeiro currículo organizado e institucionalizado para o curso de Biblioteconomia. Como componente curricular, está prevista com uma carga horária de 40 horas, algo que, desde já, é preciso problematizar. Na dinâmica formativa, entende-se que se trata de uma disciplina que poderia ser ofertada com maior quantidade de encontros semanais, com vistas a garantir a amplitude de conteúdos que abrangem seu repertório.

Aliado a isso está o fato de que, ao considerar que esse currículo se encontra em fase de substituição por outro já concebido e em andamento com os ingressantes no curso desde 2019, a disciplina gradualmente deixará de ser ofertada ao estudante. A alternativa dentro do currículo em vigor surge a partir de outra disciplina optativa, intitulada Discurso e

Leitura de Imagens, prevista, novamente, com carga horária de 40 horas. Devido à quantidade/diversidade e à amplitude das temáticas que podem ser elaboradas a partir da ementa, aliadas ao teor genérico do título, defende-se, a partir deste texto, que a dimensão imagética e a criação artística figurem como oportunidades de estudo em eixo obrigatório do currículo, senão complementar, porém disponibilizando carga horária compatível. Nesse panorama, o texto objetiva esclarecer sua importância e expor argumentos para que se usufrua da potencialidade dessa dimensão formativa no âmbito da graduação em Biblioteconomia.

A disciplina Discurso e Leitura de Imagens está estruturada sob uma ementa que prevê os seguintes temas: “História das imagens. Imagem e história. Texto e linguagem. A imagem fixa e em movimento. Os estudos da linguagem e a análise de imagem. Imagem e discurso. Reflexões sobre a leitura e análise de imagens” (PPC, 2018, p. 111). O repertório de conteúdo previsto foi organizado em módulos que, juntamente com o trabalho de pesquisa e as leituras obrigatórias, procuraram dar conta das abordagens inscritas no plano de ensino da disciplina.

A partir da disciplina, objetivou-se conhecer um panorama de leitura e análise do discurso imagético consoante diferentes teorias, bem como apresentar modos de aplicações teóricas e conceituais para a análise de imagens e, por fim, aplicar os conhecimentos adquiridos em trabalho analítico fundamentado pelo referencial bibliográfico da disciplina.

Já a disciplina História da Arte – prevista no currículo antigo – envolve em sua ementa a necessidade de abordagem de “Conceitos fundamentais de arte (estética). Manifestações artísticas. Evolução histórica das artes no mundo e no Brasil – enfocando o contexto social de cada período” (PPC, 2008, p. 62). A partir da intensidade temática dos conteúdos programados para cada encontro ou tarefa referente à disciplina, objetivou-se identificar conceitos, características e especificidades da história da arte, bem como analisar – de forma introdutória, tendo em vista a carga horária prevista –, a emergência artística no mundo e no contexto brasileiro.

De qualquer maneira, diante da realidade da carga horária disposta nos componentes curriculares e do processo do grupo de estudantes envolvidos, recorre-se a uma síntese dos conteúdos vistos durante o semestre 2019.2, quando ambas as disciplinas foram ofertadas. A literatura abordada em aula é o ponto de partida para conduzir esse passeio contextual e está exposta no Quadro 1.

Na disciplina de Discurso e Leitura de Imagens, foram trabalhadas Noções de estética e elementos de Comunicação visual, conceituando imagem por meio da etimologia da palavra (ABBAGNANO, 2007) e como produto da imaginação, da sensação ou da percepção, como também ideia/representação (JOLY, 1990).

Ao estudar e trabalhar o cenário imagético, lida-se com o mundo interior e o mundo exterior, o processo cultural institui, cotidianamente, modos de ver o mundo. Nesse panorama, emerge a linearidade e o enquadramento de ações eternizadas seja pela técnica, seja pela arte. O material audiovisual, que participa do debate proposto, contribui nesse sentido. Assim, no documentário Janela da Alma (JARDIM, J.; CARVALHO, W. 2001), há depoimentos de diferentes pessoas e sua relação com os modos de ver. Entre elas, estão o cineasta Wim Wenders que prefere os óculos ao invés das lentes de contato, uma vez que lhe permitem selecionar/enquadrar o que vê, ou, ainda, o fotógrafo e filósofo esloveno Eugen Bavcar que lembra a perda de distanciamento do olhar interior e a diferença entre ver e





enxergar. Além disso, há a notável participação do escritor José Saramago que aciona a entrada platônica da caverna, no sentido de que se mostram imagens que substituem a realidade.

Quadro 1 – Quadro Referencial

COMPONENTE	MÓDULO	BIBLIOGRAFIA
Discurso e Leitura de Imagens	I Cultura Visual	<p>ABBAGNANO N. <b>Dicionário de Filosofia</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2007.</p> <p>AUMONT, J. <b>A Imagem</b>. Campinas: Papyrus, 7ª ed, 2002.</p> <p>JARDIM, J.; CARVALHO, W. <b>Janela da Alma</b>, documentário, 2001 Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s">https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s</a> Acervo digital Exposição <b>África Africans</b>. Disponível em: <a href="https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/337781">https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/337781</a></p> <p>JOLY, M. <b>INTRODUÇÃO à análise da imagem</b>. Campinas: Papyrus, 1990.</p> <p>SANTAELLA, L &amp; NOTH, W. <b>Imagem: cognição, semiótica, mídia</b>. 4.ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.</p>
	II Análise de Imagens	<p>ARNHEIM, R. <b>Arte e percepção visual</b>. São Paulo: Pioneira, 1996.</p> <p>BARTHES, R. <b>O óbvio e o obtuso</b>. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.</p> <p>DONDIS, D. <b>Sintaxe da linguagem visual</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1988.</p> <p>SANTAELLA, L. <b>Semiótica aplicada</b>. São Paulo: engage Learning, 2016.</p>
História da Arte	I Origens	<p>DOSSIN, F. R. Apontamentos acerca da presença do artista afro-descendente na história da arte brasileira. <b>DAPesquisa</b>, Florianópolis, v. 3, n. 5, 2008, p. 121-130. Disponível em: <a href="https://doi.org/10.5965/1808312903052008121">https://doi.org/10.5965/1808312903052008121</a></p> <p>GARCIA, M. C. O.; GARCIA, J. S. Pedras que guardam segredos: catalogação de sítios arqueológicos na região centro-leste de Rondônia. <b>Revista Veredas Amazônicas</b>, jan./jul, vol. II, n. 01, 2012. ISSN: 2237-4043. Disponível em: <a href="http://www.periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/viewArticle/283">http://www.periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/viewArticle/283</a></p> <p>JANSON, H. W. et al. <b>Iniciação à História da Arte</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2009.</p> <p>MENEZES, H. Exposições e críticos de arte afro-brasileira: um conceito em disputa. <b>Histórias Afro-Atlânticas</b>. Vol. 2. Antologia, São Paulo: Instituto Tomie Ohtake/MASP, 2018</p>

▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼ Continua Na Próxima Página ▼▼▼▼▼▼▼▼▼▼



Quadro 1 – Quadro Referencial

COMPONENTE	MÓDULO	BIBLIOGRAFIA
<p><b>História da Arte</b></p>	<p><b>I</b> <b>Origens</b></p>	<p>VIANA, V.; BUCO, C.; SANTOS, T.; SOUSA, L. D. Arte rupestre. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (Orgs.). <b>Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural</b>. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbeta). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em: <a href="http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf">http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf</a></p> <p><b>Audiovisual</b></p> <p>TV ESCOLA. <b>Museu Afro Brasil</b>. Episódio 4. Série Conhecendo museus, 2014. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=C_utYJ41hMM">https://www.youtube.com/watch?v=C_utYJ41hMM</a></p> <p>UNESCO TV. <b>Serra da Capivara</b>. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=9576H-X39J8">https://www.youtube.com/watch?v=9576H-X39J8</a></p>
	<p><b>II</b> <b>Moder- nidade</b></p>	<p>AJZENBERG, E. A semana de arte moderna de 1922. <b>Revista Cultura e Extensão USP</b>, vol. 7, 2012, p. 25 - 29. Disponível em: <a href="https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p25-29">https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p25-29</a></p> <p>D'AGOSTINO, M. H. S. A arquitetura, o corpo e o espelho - sobre a beleza e o tempo na arte do Renascimento e em nossos dias. <b>Tempo Social USP</b>, v. 15, n. 1, abril 2003, p. 113 - 137. Disponível em: <a href="https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000100007">https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000100007</a></p> <p>GOMBRICH, E. H. <b>A história da arte</b>. Belo Horizonte: LTC, 1999.</p> <p>UNIVESP TV. <b>Kandinsky</b> – Tudo começa num ponto. [2016]. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=CScnjqV-Oyk">https://www.youtube.com/watch?v=CScnjqV-Oyk</a></p> <p>KOBIELA, D.; WELCHMAN, H. <b>Com amor, Van Gogh</b>. Animação, 2017, 95 min.</p> <p>TV CULTURA. <b>Semana de Arte Moderna</b> – Documentário. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GRKio1yJeXA">https://www.youtube.com/watch?v=GRKio1yJeXA</a></p>
	<p><b>III</b> <b>Contem- poranei- -dade</b></p>	<p>ARCHER, M. <b>Arte contemporânea: uma história concisa</b>. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>FABBRINI, R. N. Fim das vanguardas: estetização da vida e generalização do estético. <b>Poliética. Revista de Ética e Filosofia Política</b>. São Paulo, v. 1, n. 1, 2013, p. 167 - 183. Disponível em: <a href="https://revistas.pucsp.br/PoliEtica/article/view/15213">https://revistas.pucsp.br/PoliEtica/article/view/15213</a></p> <p>QUERINO, R. E. C. M.; FERREIRA, W. A. T. Arte e Informação: o papel das redes de Informação na comercialização, divulgação e realização da arte contemporânea. <b>Perspectivas em Ciência da Informação</b>, v. 20, n. 3, jul/set. 2015, p. 116 - 136. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2219">http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2219</a></p>

Fonte: Os Autores, 2019.



A partir do cenário proposto, o questionamento ocorre: como fazer uma leitura do discurso e da significação dessas imagens que nos cercam? As proposições que nos auxiliam a pensar essa questão partem, inicialmente, da semiologia francesa ou semiótica discursiva, como também, e com maior ênfase, da semiótica peirceana (SANTAELLA, L; NOTH, 2005; SANTAELLA, 2016). Além disso, também formam o conteúdo da disciplina as diversas abordagens da leitura e da análise de imagens, particularmente, nesse enfoque, a análise de elementos de sintaxe visual (DONDIS, 1988).

Na emergência de incêndios que ocorrem na floresta amazônica e que acionam a necessidade de olhar para eventos da realidade local, também é proposto o trabalho de pesquisa que envolve a inserção de questões sobre análise e leitura de imagens sobre o tema. Ao causar comoção internacional, oferta-se intenso material produzido pela mídia institucionalizada e que os estudantes passam a analisar.

A abordagem da disciplina História da Arte inicia-se com um módulo que abrange a arte rupestre. Além da aula expositiva, os estudantes deparam-se com a leitura de textos sobre o trabalho arqueológico concernente a sítios brasileiros, com destaque para a Serra da Capivara e, particularmente, para a diversidade e a quantidade de locais com esse tipo de registro em Rondônia.

Esse módulo prevê ainda a criação artística africana e o grafismo, a partir de um resgate histórico cultural que diz respeito à formação do povo brasileiro. Para além da aula expositiva e dialogada, os estudantes conhecem o acervo do Museu Afro Brasil por meio de material audiovisual disponibilizado.

A arte renascentista emerge como tópico do módulo posterior, quando o recorte se dá na formação da modernidade vinculada à vertente da arte clássica greco-romana, seguindo os preceitos do clássico de Gombrich (1999). Na sequência, também figuram temas de trabalho sobre as Vanguardas modernas e seus reflexos no Brasil com a Semana de Arte Moderna de 1922.

A fim de realizar a interligação dessas abordagens, emerge a arte contemporânea e os seus desafios, com propostas de leitura que buscam referências nos movimentos anteriores, particularmente no interesse pela mística da criação artística africana ou, ainda, nos mistérios que envolvem a arte milenar rupestre. Nesse módulo de fechamento, insere-se no debate o papel das redes e da ciência da Informação na circulação e comercialização das criações artísticas contemporâneas.

### **CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA EMERGÊNCIA ARTÍSTICA E IMAGÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE**

A interdisciplinaridade é considerada indispensável para a formação do profissional e está presente no projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia (PPC, 2018). Com essa abertura, permite-se o debate sobre a emergência da dimensão artística e imagética na grade curricular do curso.

A discussão da cultura visual e da criação artística têm o poder de estimular o pensamento ao formar/instigar um olhar/leitura para além do normativo e do aparato técnico, instâncias que se encontram firmemente ressaltadas durante o curso.



Imprescindível torna-se, portanto, a ampliação da sua presença no currículo dos estudantes, a fim de contemplar outras dinâmicas de ensino que estimulem a criatividade, a estética, o pensamento, para que se evite aprofundar o seguimento de modelos.

Nesse entremeio, aquilo que se elege como belo ilustra, por exemplo, uma questão. Conforme D'Agostino, a beleza pode despertar nos espectadores admiração, prazer, amor pelo belo (2003, p. 123). Aqui, questiona-se: que belo é esse? A discussão sobre o belo, sobre a estética, em geral relacionada ao período renascentista e à arte clássica greco-romana, contrapõe-se ao chocar-se com a arte rupestre ou com as máscaras africanas. Dessa maneira, em detrimento da simetria e da perfeição de uma tela da arte europeia renascentista que, em seu desenvolvimento histórico, propõe-se universal, opera-se uma ruptura em torno de algo comum à formação cultural brasileira, localizada na arte africana ou na diversidade da arte rupestre disposta em sítios arqueológicos encontrados em todo o território.

As incursões a esse conhecimento têm início com um primeiro módulo ou momento em que se debate os primórdios do que se conhece ou se entende por arte, localizados na arte milenar rupestre e seus desafios de compreensão. Também se localiza a partir da sua interlocução com as origens que os povos africanos oferecem e sua diversidade de tons, cores, máscaras, rituais e sentidos múltiplos de uma representação cultural artística transformadora, que permanece viva na cultura brasileira. Representa bem isso o acervo do Museu Afro Brasil<sup>1</sup>.

A Semana de Arte Moderna de 1922 e os seus desdobramentos (AJZENBERG, 2012), que se dirigem a uma tentativa de resgate do que é, do que representa, do que significa a cultura brasileira, são outra via de debate que importa considerar no ensino e na formação intelectual do bibliotecário. Tendo como ponto de partida o modernismo através das telas, da escultura e da literatura, concentra-se um esforço para entender/compreender o Brasil e deixar sua marca no mundo artístico. A Semana representa, ainda, o investimento de esforços que levam a rupturas com o que era considerado, até então, arte, em busca da renovação da criatividade artística (AJZENBERG, 2012), e com o que, até recentemente, persiste em povoar o imaginário de grupos religiosos, de classe média e da elite brasileira<sup>2</sup>, que podem, de fato, ter acesso às exposições artísticas, lembrando que a cultura no país continua centralizada em algumas capitais – as grandes cidades – e a um público admirador seletivo.

Constantemente, discursos convergem para a necessidade do Brasil valorizar sua identidade na diversidade da população, nesse sentido, desviando-se do repertório de comparações que considera/reitera sua ligação formativa com o continente europeu. Entra em cena a devida inclusão de etnias, silenciadas até a contemporaneidade, no referencial histórico de repertórios culturais e artísticos. Um primeiro movimento com esse intuito é inaugurado pela Semana de Arte Moderna, momento em que se acentua “[...] a necessidade de 'descobrir' ou 'redescobrir' o Brasil, repensando-o de modo a desvinculá-lo, esteticamente, das amarras que ainda o prendem à Europa” (AJZENBERG, 2012, p. 26).

Adentrar nesse conhecimento pela via artística é necessário para construir um lugar de fala que desmistifica certos olhares promovidos pelo *status quo* na formação do





profissional de Ciência da Informação. Preconiza-se a diversidade ante a padronização excessiva do profissional. Portanto, deve-se considerar os diferentes lugares de fala, que provêm da sociedade, contemplados nessa profissão.

Importa considerar que esse profissional se encontra, evidentemente, em ascensão, tendo em vista a sociedade da Informação que produz grandes volumes de dados (*big data*), e que, por meio de seu conhecimento capaz de classificar essa Informação, produz algo cada vez mais valorizado pela especulação promovida pelo capitalismo tardio de mercado e se replica nos modos de pensar/operar o conhecimento. Trata-se do que se consolidou chamar de *better data*, ou dados de/com valor.

Outro fator a considerar é a seletividade de informações que fazem parte do repertório mundial de dados oferecidas pelo setor da tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que, no olhar focado em dados, cálculos e no operacional de máquinas, reduz ou ignora o conhecimento humano/social e seu valor nas políticas de afirmação e registro histórico. Assim, desconsidera ou repercute preconceitos contidos nas plataformas digitais que regem a experiência cotidiana, com a pretensão reiterada de suprimir ou manifestar-se como suporte das relações comunicacionais. A dimensão artística promove um olhar que é capaz de desviar-se do comum /repetido/hodierno e colocar-se atento a outras perspectivas de transformação do pensamento. Nessa perspectiva, primordial se faz a necessidade de debate da dimensão artística e imagética na formação do profissional bibliotecário. Nesse cenário, importa recuperar as palavras de Joly quando se remete à análise da imagem, pois:

[...] sua prática pode, a posteriori, aumentar o prazer estético e comunicativo das obras, pois aguça o sentido da observação e o olhar, aumenta os conhecimentos e, desse modo, permite captar mais informações (no sentido amplo do termo) na recepção espontânea das obras (JOLY, 2012, p. 47).

Na reflexão sobre a dimensão imagética e artística em sua experiência de aprendizado, é que os estudantes contribuem com seus relatos. No próximo tópico, portanto, expõem-se suas percepções acerca da disciplina, incluindo aspectos positivos e desafios encontrados em sua formação como futuros bibliotecários.

### A DIMENSÃO ARTÍSTICA E OS ESTUDOS DE IMAGENS NA FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

A seguir, encontram-se os relatos escritos de forma espontânea por alguns dos estudantes matriculados em ambas as disciplinas – Discurso e Leitura de Imagens e História da Arte – e que participam deste texto. Em suas palavras, discorrem sobre aspectos positivos e desafios encontrados durante o semestre com relação às disciplinas.

#### Relato Escrito 1

O conhecimento adquirido por meio das novas disciplinas ofertadas nos trouxe a um novo patamar de conhecimento que eu não tinha vivenciado diante das inúmeras matérias, pois veio de encontro com aquilo que, até o presente momento, era desconhecido e tão



pouco imaginava como seria possível interpretar uma figura, ou melhor dizendo, uma imagem.

Através das técnicas expostas para que pudéssemos interpretar de forma correta todos os detalhes pelos quais aquela imagem passa uma mensagem, assim diante dos detalhes que a imagem nos remete, pudemos interpretar aquilo que realmente estava sendo passado para nós.

A disciplina Discurso e Leitura de Imagens, que foi ofertada como optativa, à qual estou me referindo, trouxe para o nosso conhecimento a possibilidade de podermos estar bem mais próximos da realidade do verdadeiro significado da imagem, ao qual está sendo vinculada, sabendo, assim, interpretar os pontos que trazem todo um significado visual.

Como uma matéria que foi ofertada como optativa, ela teve muita importância para o nosso conhecimento, diante de um mundo competitivo, no qual o conhecimento traz uma vantagem. A matéria mencionada fez com que pudéssemos analisar de outra forma as imagens que nos são ofertadas diariamente, podendo, assim, fazer uma interpretação muito mais adequada e sabendo de fato qual o significado do exposto.

Apesar da disciplina possuir um conteúdo bem vasto, foi ofertada com apenas quarenta horas. Dessa forma, deixou de aprofundar o conhecimento nas técnicas desenvolvidas para que tivéssemos um conhecimento profundo das diversas possibilidades de interpretação de uma imagem. Mesmo assim, foi possível adquirir e desenvolver as técnicas passadas pela professora que nos possibilitam a leitura de uma imagem, pois, até então, achávamos que as imagens eram uma mera ilustração para nossos olhos.

O conhecimento obtido através dessa disciplina possibilitou que eu pudesse ampliar os meus conhecimentos com as técnicas que foram mostradas nas aulas e levadas para o dia a dia, podendo até ser aplicadas nos concursos que são realizados pelas bancas. Possibilitando, assim, que eu seja mais crítico com algumas imagens e que possa ler a imagem com maior clareza de Informação (SANTOS, Carlos A. Souza, 2019).

### **Relato Escrito 2**

As disciplinas Discurso e leitura de imagens e História da arte foram experiências bem diferentes diante de todas as matérias já ofertadas, pois trouxeram um estudo de interações de fatos, muitas vezes observados no nosso cotidiano, mas que não nos damos conta de sua real empregabilidade no momento, e, ao mesmo tempo, puderam nos ensinar técnicas para a identificação da Informação, a partir, por exemplo, de como analisar e interpretar uma imagem e quais as possibilidades que ela pode estar relatando, em diferentes visões.

A disciplina de Discurso e leitura de imagens propôs destacar as formas de interpretação que cada pessoa pode ter de uma imagem, a partir do estudo de conceitos que a semiótica explica e do tratamento de como essa imagem passa seus valores, para uma melhor compreensão da imagem na sociedade e na vida cotidiana. Contudo, é necessário explorar o estudo sobre a representação da imagem, através de conceitos sobre o que a imagem diz e que pode gerar a curiosidade e uma profunda análise no espectador. Aprendem-se, assim, melhores técnicas de avaliação que o estudante, enquanto graduando, pode aperfeiçoar e melhor se especializar depois da sua formação.





A disciplina contribuiu para percebermos o quanto é ampla toda a estrutura que vemos diante de imagens. Elas permitem a realização de uma leitura em menos tempo do que o requerido pelo texto escrito, tornando-se assim mais atraente aos seus espectadores, do mesmo modo que uma Unidade de Informação seria para seus usuários, tornando a lógica da nossa interpretação um instrumento com o qual podemos coletar dados avançados para uma reflexão mais profunda. É importante pensar nas inúmeras imagens que nos passam despercebidas ao longo do dia, e não damos o devido valor para a sua representação.

É importante pensar que em diferentes Unidades de Informação os usuários podem visualizar esses diferentes tipos de interpretação da imagem e que pode haver um ensinamento por meio de um profissional bibliotecário, que pode demonstrar quais as técnicas, conforme o ensino foi disponibilizado pela disciplina ofertada em sua formação, tornando, assim, a disciplina importante na grade curricular.

E a disciplina História da arte relatou histórias de como surgiram os indícios de desenhos, desde os povos paleolíticos com os primeiros modos de pinturas, de como era caracterizado tal formato de desenhos, das semelhanças do homem antigo, e toda a diversidade vivida por eles no dia a dia. Conhecimentos importantes para alguns perfis profissionais que podem se especializar nessa busca de Informação, tanto para seus usuários quanto para uma área de acervo específico dentro de uma biblioteca.

Conhecimentos adquiridos, que eu não sabia, sobre os sítios arqueológicos na região centro-leste no estado de Rondônia, sobre como essa valorização de patrimônio é importante, bem como sua conservação para a cultura dos pontos turísticos da região em que se habita. Além disso, a disciplina retratou a importância da pesquisa para os arqueólogos e que também pode haver parcerias com profissionais bibliotecários para estudos e conservações mais aprofundados. Para quem integra esse perfil, são importante os estudos que essa disciplina pode possibilitar. A especialização profissional, geralmente, resulta de um interesse pessoal, de uma certa familiaridade com a área de atuação escolhida, e essas disciplinas podem despertar interesse em outros estudantes (SOUZA, Isabelle da Silva, 2019).

### ***Relato Escrito 3***

A 'História da arte' se faz necessária por vários motivos, um deles é por estar presente na nossa história desde a antiguidade. Contudo, no que tange à sua importância, a arte não tem sido valorizada no campo da educação, poucos são os cursos que oferecem essas disciplinas e nos quais essa é incluída como matéria obrigatória.

A arte está presente no nosso cotidiano, na história, desde nossos antepassados, de geração em geração, por isso seu valor inestimável. Porém, sua importância não é tão notada atualmente, principalmente em relação à educação de hoje em dia. E assim acontece com a disciplina "Leitura e discurso de Imagem", pois poucas pessoas conhecem-na, e desconhecem as enxurradas de imagens que nos cercam.

E a correria das pessoas não as permite que parem para observar ou fazer interpretações das mesmas. Essas disciplinas foram ofertadas como optativas na grade de Biblioteconomia para o 7º período, mas poucos foram os(as) alunos(as) que se inscreveram,



pois os poucos que optaram por essas disciplinas foram pelo fato de os títulos serem interessantes.

E isso lhes despertou a curiosidade para conhecê-las. Para mim, particularmente, as disciplinas foram de suma importância, pois todo conhecimento é importante. Porém, o tempo foi o maior inimigo, pois a carga horária foi somente de 40h, apesar de o conteúdo da disciplina ser maravilhoso e ter trazido conhecimentos, até então, desconhecidos para mim. Por isso, eu acho que a carga horária deveria ser de 80h, para melhor absorver o conteúdo.

Uma vez que os textos são bastante complexos e difíceis de compreender, pelo menos para nós leigos. Em razão disso, faz-se necessária uma carga maior e, de preferência, que seja obrigatória nas grades de alguns cursos. Salienta-se, ainda, que a disciplina História da arte despertou em mim o interesse de saber mais sobre esses importantes pintores, autores de grandiosas artes.

Os filmes que a professora Daiane nos indicou são maravilhosos, os documentários, como por exemplo Serra da Canastra, Kandisky e outros. Só tenho a agradecer pela oportunidade de ter tido em minha grade curricular essas duas disciplinas de suma importância. E, com certeza, serão enriquecedoras para qualquer curso, (MARTINS, Ana Paiva Martins, 2019)

## CONCLUSÕES

Este trabalho preconiza a discussão/abordagem da importância da dimensão imagética e artística na formação do profissional bibliotecário. A partir das questões que aciona, permite entender um panorama da oferta de duas disciplinas durante o semestre 2019.2, concernentes ao curso de Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir), na medida em que explicita os conteúdos explorados e sua importância na formação discente.

A partir das questões levantadas, observa-se a centralidade ocupada pela dimensão artística/imagética no currículo do curso de Biblioteconomia. Agrega-se a isso, o relato de experiência dos estudantes, enfocando aspectos positivos e desafiadores dessa abordagem em sua formação. Espera-se que este texto, com os relatos escritos, possa contribuir para a análise e futura inserção de disciplinas de cunho estético/artístico nos cursos de graduação vindouros.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AJZENBERG, E. A semana de arte moderna de 1922. **Revista Cultura e Extensão USP**, vol. 7, 2012, p. 25 - 29. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p25-29>. Acesso em: 9 dez. 2019.



D'AGOSTINO, M. H. S. A arquitetura, o corpo e o espelho - sobre a beleza e o tempo na arte do Renascimento e em nossos dias. **Tempo Social USP**, v. 15, n. 1, abril 2003, p. 113 - 137. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702003000100007>. Acesso em: 9 dez. 2019.

DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GOBBI, N. 2017: O ano em que a censura voltou a ameaçar as artes visuais. O Globo, 25 dez. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/2017-ano-em-que-censura-voltou-ameacar-as-artes-visuais-22226423> Acesso em: 9 dez. 2019.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Belo Horizonte: LTC, 1999.

JARDIM, J.; CARVALHO, W. **Janela da Alma**, documentário, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>

JOLY, M. **INTRODUÇÃO à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1990.

SANTAELLA, L & NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 4.ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Curso Biblioteconomia. Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia (Bacharelado). Porto Velho: Departamento de Ciência da Informação, 2008. Disponível em: <http://www.biblioteconomia.unir.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/PPC-2008.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2019.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Curso Biblioteconomia. Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia (Bacharelado). Porto Velho: Departamento de Ciência da Informação, 2018. Disponível em: <http://www.biblioteconomia.unir.br/portal/wp-content/uploads/2018/12/PPC-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2019.

## SOBRE OS AUTORES



---

### DAIANI LUDMILA BARTH

*Doutora em Comunicação e Sociedade pela Universidade de Brasília (2018). Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo (2007) e mestrado em Ciências da Comunicação (2009) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É docente da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir), onde integra os grupos Competência em Informação e Mediação e Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas do Imaginário Social. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em metodologia da pesquisa, atuando também nos seguintes temas: cibercultura, cidadania e migração transnacional.*



---

### ANA PAIVA MARTINS

*Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal de Rondônia (2019).*



---

### CARLOS ALBERTO SOUZA SANTOS

*Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal de Rondônia (2019).*



---

### ISABELLE DA SILVA SOUZA

*Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal de Rondônia (2019).*





# capítulo 9

---

## **ATIVANDO A SALA DE AULA: DO EAD AO PRESENCIAL**

---

- *Danielly Oliveira Inomata (UFAM)*

- *Orestes Trevisol Neto (UDESC)*



### **INTRODUÇÃO**

Metodologias ativas de ensino-aprendizagem são “[...] estratégias que levam em conta a realidade concreta e a necessidade de se trabalhar, além das questões técnicas, as emoções e as relações interpessoais” (FERNANDES *et al.*, 2005, p. 447), envolvendo professores e alunos por meio da interatividade. Segundo Silva (2006), ela acontece quando a emissão e a recepção podem cocriar a mensagem, sendo a relação destes atores um processo colaborativo, no sentido de professor e aluno cocriarem conhecimentos.

Na educação, as tendências do Século XXI indicam que a característica central é o deslocamento do enfoque individual para o enfoque social, político e ideológico (PAIVA *et al.*, 2016, p. 146), um movimento que resultou da:

[...] modernidade do século XIX, a interdisciplinaridade é discutida desde a década de 70, de um lado, como um conceito que precisa ser melhor compreendido e, por outro, como uma prática que deve ser incorporada aos projetos políticos pedagógicos escolares (PAULA; GRANJA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 75).

Vale destacar que no Brasil a consolidação do debate sobre interdisciplinaridade deu-se durante a institucionalização das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), emergidas a partir de 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o que trouxe para as Instituições de Ensino Superior (IES) a necessidade de um currículo interdisciplinar (PELEIAS *et al.*, 2011; PAULA; GRANJA; ALBUQUERQUE, 2017).

Nesse contexto, é necessário repensar os modelos tradicionais de ensino aprendizagem (ensinagem), principalmente no contexto do ensino superior, desafio este que impacta diretamente nas IES, nos modelos de ensino-aprendizagem adotados pelos docentes e discentes (PAULA; GRANJA; ALBUQUERQUE, 2017). Dessa maneira, os Projetos Políticos Pedagógicos (PPCs) dos cursos de graduação são vistos como os instrumentos capazes de prever práticas curriculares para a desfragmentação do conhecimento (PELEIAS *et al.* 2011; PAULA; GRANJA; ALBUQUERQUE, 2017).

No caso da Biblioteconomia, no Brasil são escassos os estudos que associam as Metodologias Ativas de Aprendizagem (BARCELLOS; CARVALHO, 2018; PRUDÊNCIO;

OLIVEIRA, 2019) ou se relacionam com a Aprendizagem Baseada em Problemas (VALE; COSTA; MERCADO, 2014). Diante do exposto, fica a necessidade de mais estudos, com o intuito de incorporar no currículo de Biblioteconomia tais metodologias ativas. Ademais, no que tange à formação profissional em Biblioteconomia, Barcellos e Carvalho (2018) salientam que, assim como em outras áreas, é latente a necessidade de mudanças no processo de ensino-aprendizagem para atender às exigências atuais do mercado, porém pouco se tem discutido sobre a possibilidade do uso das metodologias ativas nos cursos de graduação. Ao mesmo tempo, como visto, pouco se sabe sobre o uso de metodologias ativas nessa área.

Concorda-se com Paiva *et al.* (2016) que a questão do ensino não se limita à habilidade de dar aulas, também envolve a efetivação de levar ao aprender. Diante do exposto, questiona-se: Quais as possibilidades da aplicação de metodologias ativas em cursos de Biblioteconomia? O que pensam os alunos do curso de Biblioteconomia que passaram pelo uso de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem?

Este trabalho tem como objetivo central apresentar reflexões acerca do uso de metodologias ativas no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, com base em experiências oriundas da educação a distância.

Para isso, buscou-se percorrer os seguintes objetivos específicos: a) caracterizar as metodologias ativas e o seu potencial de aplicabilidade em cursos de Biblioteconomia; b) descrever o uso e a aplicabilidade de metodologias ativas em disciplinas de Biblioteconomia; c) mapear as percepções dos alunos de Biblioteconomia da UFAM quanto ao uso de metodologias ativas utilizadas nas disciplinas do curso.

Acredita-se que esses relatos podem potencializar o uso das metodologias ativas de maneira acertada, com vistas ao aprendizado, associando a teoria com a prática de forma mais significativa. Espera-se, com isso, ampliar as discussões e chamar a atenção dos docentes e pesquisadores da área.

### PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada e descritiva quanto aos objetivos, pois este capítulo tem por finalidade compartilhar experiências de ensino dos cursos de Biblioteconomia, passando por um relato da sua aplicabilidade na Universidade da Região de Chapecó – Unochapecó (curso de educação a distância – EaD) e na UFAM (curso presencial), para demonstrar como as metodologias ativas de aprendizagem podem ser aplicadas na Biblioteconomia, bem como demonstrar as possibilidades de ativar na sala de aula presencial, por meio das práticas do EaD, o uso de metodologias ativas.

No primeiro caso, será descrita a aplicação da Aprendizagem Baseada em Problemas – ABP, que são disciplinas do Curso de Biblioteconomia da Unochapecó, isto é, fazem parte da estrutura curricular do referido curso. No segundo caso, descreve-se a avaliação dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFAM que utilizaram metodologias ativas no processo de ensino aprendizagem em disciplinas como Representação Descritiva de Documentos I e II, Metodologia da Pesquisa I e Normalização Documentária.

No caso da Unochapecó relata-se o processo ocorrido com o uso das ABPs em





disciplinas EaD. No caso da UFAM, o levantamento de dados ocorreu com 25 discentes que responderam ao questionário eletrônico encaminhado via *e-mail* para os alunos das referidas disciplinas, com aproximadamente 130 alunos. Como o *e-mail* foi encaminhado para o endereço eletrônico das turmas, não é possível mensurar se todos os alunos tiveram acesso ao questionário.

### **METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITO, BENEFÍCIOS E DESAFIOS**

Metodologias ativas do ensino-aprendizagem são metodologias de ensino que utilizam situações reais ou simulações baseadas em evidências com o propósito de despertar no estudante a autonomia na busca do conhecimento e na Resolução de problemas (BARCELLOS; CARVALHO, 2018, p. 123).

O professor pode criar diferentes estratégias para obter o máximo de benefícios com as metodologias ativas para a formação de seus alunos (PAIVA *et al.*, 2016). Com base no levantamento bibliográfico realizado por Paiva *et al.* (2016), no contexto da área da saúde existem minimamente seis benefícios principais quanto ao uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem: rompimento com o modelo tradicional; desenvolvimento da autonomia do aluno; exercício do trabalho em equipe; integração entre teoria e prática; desenvolvimento de visão crítica da realidade; e uso de avaliação formativa.

Foi evidenciado que o desenvolvimento da autonomia do aluno é um dos benefícios mais enfatizados (PAIVA *et al.*, 2016). Para Bufrem e Sakakima (2003), o uso de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas, proporcionam aos profissionais algumas características como colaboração, responsabilidade, criatividade, negociação, dentre outras, que são os benefícios que o mercado tanto almeja dos profissionais.

Assim como são evidentes os benefícios, existem os desafios, que estão relacionados com a mudança do sistema tradicional de educação, a dificuldade quanto à formação profissional do educador, a dificuldade de contemplar os conhecimentos essenciais e a dificuldade para articular a parceria com outros profissionais no campo de atuação (PAIVA *et al.*, 2016).

Além disso, as ABPs capacitam as IES para que promovam o processo de formação de competências para docentes e discentes, uma vez que o uso de metodologias ativas faz parte de um processo que é colaborativo. Paula, Granja e Albuquerque (2017, p. 78) lembram que:

Conforme preconiza a Declaração de Bolonha, a expectativa é que as IES sejam facilitadoras no desenvolvimento de competências transversais, possíveis de transposição para outros contextos mais complexos que o ambiente de sala de aula, mas, para tanto, novas práticas pedagógicas precisam ser pensadas, especificamente no contexto das IES públicas.

Para os autores, tanto a relação entre docente e discente como a relação entre os discentes favorecem o desenvolvimento de competências e a aquisição de conhecimentos (PAULA; GRANJA; ALBUQUERQUE, 2017). Isso se configura, ao nosso olhar, como mais um benefício identificado.



Ademais, como destacam Vale, Costa e Mercado (2014), as IES são responsáveis pelo processo de formação de cidadãos, como lugar marcado pela prática pedagógica intencional, no qual se produz conhecimento científico.

Quanto à Biblioteconomia no Brasil, são escassos os estudos que associam as Metodologias Ativas de Aprendizagem. Foram identificados poucos trabalhos, que serão abordados a seguir.

O trabalho de **Barcellos e Carvalho (2018)**, sob o título “Metodologias ativas de ensino aprendizagem na formação de bibliotecários: uma necessidade emergente”, trata-se um estudo de levantamento bibliográfico que buscou conhecer como são aplicadas as metodologias em outras áreas, com a finalidade de levantar elementos possíveis de análise para a implantação do método nos cursos de Biblioteconomia. Os resultados parciais revelaram que várias áreas do conhecimento têm refletido sobre a necessidade de quebras de paradigmas nos cursos de graduação para atender às demandas do mercado e defendem o uso de métodos de ensino inovadores.

No estudo de **Prudêncio e Oliveira (2019)**, intitulado “Metodologia de aprendizagem ativa na formação do bibliotecário: inovações no ensino”, foram utilizadas como metodologias ativas as estratégias de sala de aula invertida, gamificação, de aprendizagem baseada em equipes, de aprendizagem baseada em problemas, entre outras. Os autores concluíram que “as metodologias contribuíram para a melhoria do processo de ensino aprendizagem, melhor aproveitamento da disciplina, correção de processos pedagógicos e dificuldades de aprendizagem e em síntese alcance dos objetivos propostos no programa da disciplina” (PRUDÊNCIO; OLIVEIRA, 2019, p.1).

Em relação à Aprendizagem Baseada em Problemas, localizou-se o trabalho de **Vale, Costa e Mercado (2014)**, intitulado “Aprendizagem baseada em problemas: uma estratégia de ensino aprendizagem no curso de Biblioteconomia e Pedagogia”, em que os autores, ao discutirem sobre a Aprendizagem Baseada em Problemas, sintetizam que a ABP torna-se uma alternativa boa para o processo de aprendizagem. No entanto, cabe aos membros envolvidos no processo buscar adaptar-se à metodologia e aos objetivos a serem alcançados de acordo com as possibilidades existentes na IES (VALE; COSTA; MERCADO, 2014).

Embora pouco tenha sido escrito e descrito quanto ao uso de metodologias ativas no ensino-aprendizagem em Biblioteconomia, compreende-se que isso sinaliza a necessidade de buscar conhecer quais as metodologias ativas que melhor coadunam com os objetivos das disciplinas, bem como com o perfil da turma e do curso.

## RESULTADOS

Os resultados serão seguidamente apresentados dando continuidade aos objetivos específicos deste estudo, que inicialmente caracterizou as metodologias ativas na Biblioteconomia, em seguida descreveu: (i) as práticas do uso da Aprendizagem Baseada em Problemas em um curso de Biblioteconomia, ofertado na modalidade a distância; e (ii) a percepção de alunos do curso presencial com o uso de metodologias ativas.





### PRÁTICAS NO ENSINO EM EaD

O curso de Biblioteconomia da Unochapecó iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2016, e no dia 13 de fevereiro aconteceu a sua aula inaugural. A implantação do Curso foi um marco para o ensino da Biblioteconomia de Santa Catarina, por ser o terceiro curso de graduação implantado no Estado e o primeiro curso na modalidade a distância. Situado no interior do Estado, o curso possibilitou a interiorização da profissão, considerando que os cursos de Biblioteconomia em Santa Catarina estavam situados na capital.

A primeira turma foi composta por 50 alunos, divididos em dois polos (Chapecó e São Lourenço), e seu quadro docente contava com 5 docentes e um tutor. No primeiro ano de funcionamento, o curso estava organizado em sete semestres (2.625 h), com duração de três anos e meio, utilizava o Moodle como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e cada disciplina possuía uma vídeo aula com o resumo abordado nas aulas. Além disso, havia encontros que poderiam ser assistidos a distância ou presencialmente nos polos, sendo que as avaliações aconteciam nos respectivos polos.

Apesar da recente existência, o curso passou por mudanças. No primeiro semestre de 2017, a grade curricular passou a ser organizada em 4 módulos por ano, sendo que cada módulo possui 12 semanas, incluindo aulas, seminários de Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), Semana de Conhecimentos Gerias e provas. Com essa alteração, o curso passou a ter duração de 3 anos (2.600h) e ganhou um novo Ambiente Virtual de Aprendizagem (Minha Uno). Além disso, aumentou o número de polos, e o ingresso de novos alunos poderia acontecer em qualquer módulo durante o ano (1,2,3 e 4), uma vez que foram extintos pré-requisitos.

No entanto, a maior alteração no currículo do curso foi a inclusão do componente Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), presente nos oito primeiros módulos do curso (equivalência de 2 créditos, 40h), sendo eles: Aprendizagem Baseada em Problemas I: Evolução da Biblioteconomia; Aprendizagem Baseada em Problemas II: Formação e Atuação Profissional; Aprendizagem Baseada em Problemas III: História e Tendências da Produção dos Registros de Conhecimento; Aprendizagem Baseada em Problemas IV: Pesquisa em Biblioteconomia; Aprendizagem Baseada em Problemas V: Recursos Tecnológicos Aplicados à Biblioteconomia; Aprendizagem Baseada em Problemas VI: Bibliotecas Digitais; Aprendizagem Baseada em Problemas VII: Planejamento de Ambientes em Biblioteca; Aprendizagem Baseada em Problemas VIII: Normalização Documental.

A metodologia aplicada nas ABPs foi semelhante em todos os oito componentes, o diferencial foi o resultado final, o tema e a abordagem em cada uma delas. De maneira geral, no decorrer dos componentes seguiram-se as seguintes etapas: Diagnóstico (identificação ou formulação de uma problemática), Hipóteses (formulação de hipóteses diante dos problemas identificados), Desenvolvimento (pesquisa e levantamento bibliográfico), Solução (apresentação de soluções). No final de todas essas etapas, os alunos entregavam um relatório construído colaborativamente pelas equipes no AVA (com todas as etapas anteriores) e no dia do Seminário da ABP compartilhavam o resultado final da ABP (produto). Cabe salientar que nesses componentes curriculares os alunos realizam o



trabalho em equipe, não sendo possível o desenvolvimento da atividade de forma individual.

A ABP é considerada uma Metodologia Ativa de Aprendizagem. Como o seu nome indica, o “problema” é utilizado no processo de aprendizagem e pode ser visto como um ponto de partida para a construção do conhecimento. Souza e Dourado (2015, p. 184-185) apresentam a ABP como:

[...] uma estratégia de método para aprendizagem, centrada no aluno e por meio da investigação, tendo em vista a produção de conhecimento individual e grupal, de forma cooperativa, e que utiliza técnicas de análise crítica, para a compreensão e Resolução de problemas de forma significativa e em interação contínua com o professor tutor.

No caso da Unochapecó, o professor e o tutor do componente (ABP) apenas conduzem os trabalhos, sendo assim, organizam os grupos, estipulam o período para cada etapa, indicam material de apoio, gravam vídeos explicativos, fazem *feedbacks* em cada etapa do trabalho, esclarecem as dúvidas dos alunos, sugerem melhorias, mudanças etc. no trabalho. Nessa perspectiva, “[...] o papel do professor passa a ser de um facilitador; orientador; co-aprendiz; mentor; consultor profissional. (VALE; COSTA; MERCADO, 2014, p.6).

Em relação à avaliação da ABP, a nota ou o desempenho do componente curricular depende da realização de cada etapa, da entrega do relatório final e da socialização do resultado no seminário presencial realizado no final da disciplina, na 12ª segunda semana do módulo. É preciso que o aluno esteja envolvido em todas as etapas e que realmente contribua com o grupo, no sentido de construção e de aprendizado coletivo. Para estimular a participação dos integrantes, foi criada no AVA uma avaliação individual para considerar a contribuição de cada participante. Além disso, no seminário de ABP os alunos efetuam uma autoavaliação do grupo.

O resultado de todo esse processo da ABP resulta em um produto final, ou seja, a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do componente. O produto final pode ser apresentado na forma de banner, vídeo, ação social, oficina ou interação relacionada com as soluções apontadas no relatório da ABP. A Socialização dos trabalhos (encontro presencial) mostra-se produtiva, uma vez que os alunos interagem com outros grupos e evidenciam diferentes abordagens e perspectivas para os mesmos problemas/soluções, ou, até mesmo, diferentes problemas/soluções para um mesmo contexto ou realidade.

No Curso de Biblioteconomia da Unochapecó, as ABPs procuram provocar o aluno, fazendo com que eles assumam a posição de protagonista no processo de ensino-aprendizagem, no qual professor e tutor estão presentes, mas dão liberdade para o aluno explorar suas capacidades, habilidades e competências no desenvolvimento do trabalho. A respeito disso, Mattar e Aguiar afirmam que

Nesse processo de aprendizagem, os alunos assumem o papel de elaboradores de soluções e identificadores de problemas e caminhos para se chegar à solução; o professor, por sua vez, assume o papel de facilitador ou guia do trabalho dos alunos, valorizando a construção colaborativa do conhecimento (MATTAR; AGUIAR, 2018, p.408).





A intenção em implantar as ABPs no currículo do Curso de Biblioteconomia EaD residiu em tornar mais real e próxima a “sala de aula” da realidade profissional e do mundo do trabalho, partindo do pressuposto de que em seus locais de trabalho os futuros bibliotecários estarão sendo desafiados constantemente por problemas de diferentes naturezas, tendo de resolvê-los. Entende-se que essa metodologia facilita que o aluno EaD se aproprie e construa o conhecimento de forma mais significativa, considerando as características desse modelo de ensino.

Almeida, Silva e Bonamigo (2018), ao analisarem a ABP na educação a distância para a educação em saúde, enfatizam que

A ABP, quando combinada a EaD, promove o desenvolvimento de competências e habilidades proativas, o que desencadeia no estudante um empoderamento do conhecimento. (ALMEIDA; SILVA; BONAMIGO, 2018, p.18).

Em relação à utilização dessa metodologia no ensino superior, Vale, Costa e Mercado (2014) esclarecem que ela objetiva

Integrar e estruturar em torno de problemas reais o desenvolvimento de habilidades autônomas e o trabalho em equipe; motivar os alunos a buscar solução; possibilitar o levantamento de hipóteses; ressignificar a aprendizagem; construir conhecimento com autonomia. (VALE; COSTA; MERCADO, 2014, p. 6).

Portanto, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) pode estimular a proatividade, a criatividade, o trabalho em equipe, a reflexão crítica e a capacidade de aprender diante dos problemas. Com isso, torna o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e autônomo, permitindo que a teoria fique mais próxima da realidade, faça sentido para o aluno e tenha mais significado na compreensão de problemas e na construção de soluções.

A estrutura do componente ABP no Curso de Biblioteconomia da Unochapecó, em tese, possibilita a assimilação do conhecimento relacionando a realidade, as vivências e as experiências dos alunos, instigando o aluno a pesquisar, compilar e analisar Informação, construir conhecimento e ampliar sua visão de mundo sobre o problema. Muito além do que compilar conceitos e textos, cabe ao aluno assimilar sua aplicação, vislumbrar novos cenários e perspectivas para as suas realidades. Espera-se, com isso, que os alunos se projetem como bibliotecários, vivenciando experiências que tenham sentido e significado.

Para elucidar o desenvolvimento da ABP no curso de Biblioteconomia EaD da Unochapecó, optou-se por apresentar a experiência do componente Aprendizagem Baseada em Problemas VII: Planejamento de Ambientes em Biblioteca. Considerando que foi a ABP na qual houve o maior engajamento dos alunos do componente e a interação do Curso de Biblioteconomia com a Biblioteca Pública de Chapecó. Destaca-se que, em 2019, foi apresentado o relato de experiência “Revitalização do Espaço Infantil da Biblioteca Pública de Chapecó: Aprendizagem Baseada em Problemas” no XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação CBBDD.

Nesse componente, a professora e o tutor apresentaram a realidade/contexto do espaço infantil da Biblioteca Pública Municipal Neiva Maria Andretta Costela e propuseram





a revitalização do mesmo. A turma de 18 estudantes foi dividida em 5 grupos, sendo orientados a seguir as etapas descritas anteriormente (Diagnóstico, Hipóteses, Desenvolvimento e Solução). Por se tratar de ABP vinculada a uma ação, os alunos foram instigados a pesquisar na literatura científica, nas mídias sociais e nas visitas às bibliotecas, ideias que poderiam ser aplicadas no espaço infantil, atentando para os seguintes aspectos: acervo, layout, mobiliário, cores, brinquedos, jogos (TREVISOL NETO; MADALENA; PECINI, 2019).

Para tornar exequível as ideias apresentadas pelos alunos, a professora da disciplina e o tutor propuseram a criação de Vakinha online objetivando a compra dos materiais e objetos que seriam utilizados na ação da ABP. Colocou-se como meta atingir o valor de 1.000,00 reais, sendo que os alunos seriam responsáveis por divulgar a Vakinha online e doar novos objetos ao espaço. Além disso, foram firmadas parcerias com a empresa MetalPox, com o curso de Artes Plásticas da Unochapecó e com o arquiteto Matheus Marçaro, que resultaram na doação de móveis e no projeto do espaço (layout, pinturas, artes) (TREVISOL NETO; MADALENA; PECINI, 2019).

Entre os dias 13/08/2018 e 29/09/2018, foi arrecadada a soma de 1.115,00 reais. Com o valor arrecadado, a professora, o tutor e a bibliotecária realizaram a compra das tintas, dos pinceis, das almofadas, do tatame, das caixas organizadoras e da cortina. No dia 6 de outubro, os alunos executaram a ação na biblioteca (data reservada para o seminário). Na ocasião, os alunos organizaram o espaço, pintaram as paredes e as estantes sob acompanhamento da bibliotecária e do arquiteto e doaram novos objetos. Essa ação teve duração de 4 horas e contou com a participação ativa de todos os alunos (TREVISOL NETO; MADALENA; PECINI, 2019).

Nesse componente, o seminário foi substituído pela ação, ou seja, o produto final da ABP foi a revitalização do espaço infantil, o que não dispensou a entrega do relatório final da ABP pelos grupos.

Assim, ao longo de 12 semanas, os alunos foram desafiados a repensar o espaço infantil da biblioteca, bem como a executar mudanças práticas, vislumbrando os problemas das mais diversas naturezas com os quais se deparam as bibliotecas públicas. Conforme os envolvidos na ABP:

Instigou-se o desenvolvimento de uma atuação e postura profissional criativa, proativa e colaborativa na Resolução de um problema de ordem prática [...] Observou-se que os alunos ficaram motivados com o desafio proposto, perceberam sentido no que estavam fazendo e se sentiram coautores no desenvolvimento do projeto, facilitando a assimilação da teoria com a prática (TREVISOL NETO; MADALENA; PECINI, 2019, p. 6).

Essa é apenas a descrição de um componente da ABP no curso de Biblioteconomia EaD da Unochapecó. Outras ABPs foram desenvolvidas e resultaram em vivências de biblioterapia em escolas, práticas de catalogação, produção de vídeos, tutorias e banners.

A experiência da ABP no curso de Biblioteconomia EaD da Unochapecó foi positiva, considerando que os alunos desenvolveram um olhar crítico e reflexivo, aprimoraram a escrita científica, assimilaram com mais facilidade os conceitos, desenvolveram autonomia no processo de ensino e sentiram-se estimulados com os desafios propostos. Ademais,





observa-se que os alunos conseguiram ter uma percepção mais real da profissão, reconhecendo suas afinidades, habilidades e competências, assim como, perceberam suas dificuldades.

### PRÁTICAS NO ENSINO PRESENCIAL

Nesta subseção, será apresentado o panorama do uso de metodologias ativas em disciplinas do Curso de Biblioteconomia da UFAM, na modalidade presencial. No que tange ao perfil dos respondentes, trata-se de discentes, na maioria, com idade entre 18 e 21 anos de idade, mas há também a presença de alunos com 35, 36 e 52 anos de idade. O recorte de participantes é composto por alunos que entraram na UFAM a partir do ano de 2016, como mostra a Figura 1.



Fonte: Os Autores, 2020.

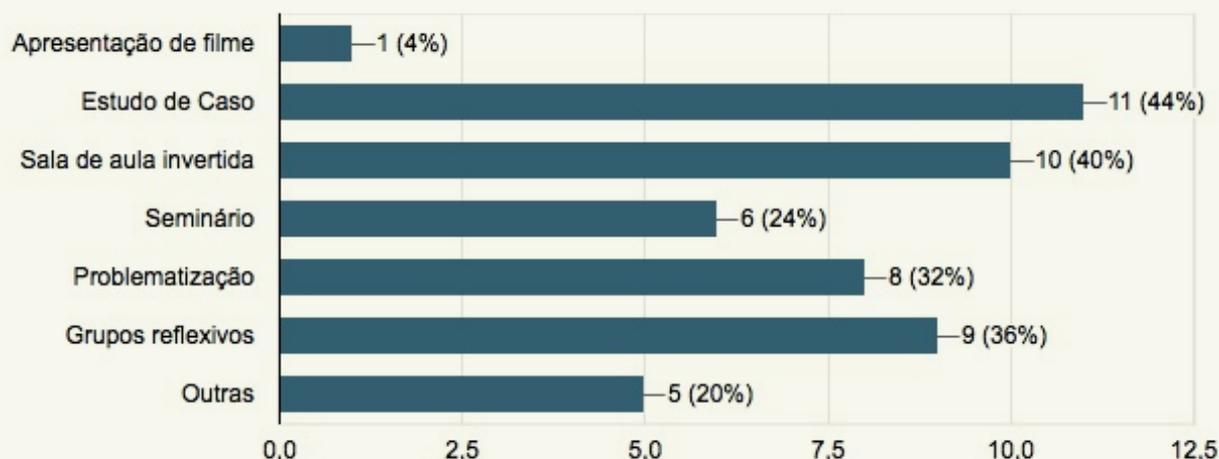
Vale ressaltar que os participantes da pesquisa foram alunos das disciplinas ministradas pela professora – autora deste capítulo –, que passou a fazer parte do quadro de docentes em julho de 2018. Assim, foram ministradas as seguintes disciplinas com os respectivos respondentes: Representação Descritiva de Documentos I (15); Representação Descritiva de Documentos II (6); Metodologia da Pesquisa I (4); e Normalização Documentária (11).

Destaca-se ainda que o uso das metodologias ativas nas referidas disciplinas justifica-se, em primeiro lugar, em função da experiência com a EaD, em segundo lugar, porque permitiram verificar na prática que, como sinalizaram Paiva *et al.* (2016), o uso de diferentes estratégias por meio das metodologias ativas permite maximizar os benefícios para a formação dos alunos. No caso das disciplinas anteriormente listadas, as metodologias ativas usadas foram as que constam na Figura 2:





Figura 2 – Metodologias ativas utilizadas em sala de aula



Fonte: Os Autores, 2020.

Para efeito de esclarecimento, nas disciplinas de cunho técnico, como as de RDD, priorizou-se o uso de Estudo de Caso e Problematização. Na disciplina de Metodologia I, por sua vez, o uso de Sala de aula invertida, Seminário, Apresentação de filme. Na disciplina Normalização Documentária, por fim, priorizou-se o uso de Grupos reflexivos.

A pesquisa se preocupou em conhecer mais sobre a forma como os alunos aprendem. Segundo eles, a melhor forma de aprender, além das metodologias ativas (estudo de caso, grupos reflexivos, problematização, seminário), é por meio de resumos, leitura e prática de exercícios, “ouvindo e escrevendo as anotações do professor e fazendo fichamentos de um determinado assunto” (Respondente 5, 2020). Também foi relatado que aprendem mais “quando além do professor ensinar ele debate o assunto e mostra como ele pode ser usado na nossa profissão e no dia a dia”. (Respondente 2, 2020), além de “conversações utilizando mídias sociais como veículos de Comunicação” (Respondente 3, 2020). Para outro participante da pesquisa:

Os **grupos reflexivos foram uma boa experiência**, apesar de ser muito intimidante por se tratar de uma quantidade alta de pessoas nos grupos, tornando assim a forma de aprender excludente com alguns. Porém, a **sala de aula invertida é uma ótima forma de o estudante aprender de forma autônoma**, mas não muito adequada para indivíduos que em toda a sua formação escolar utilizaram outros métodos de aprendizagem, tornando assim esse método bruscamente diferente das experiências passadas e o tornando pouco confiante sobre seu conhecimento. (Respondente 7, 2020, grifo nosso).

O relato acima chama atenção para o fato de que deve haver cuidado ao escolher e aplicar as metodologias ativas, podendo ser avaliada(s) pelo professor aquela(s) que melhor se adequa(m) à disciplina, ao perfil da turma – que muitas vezes não é possível mensurar no



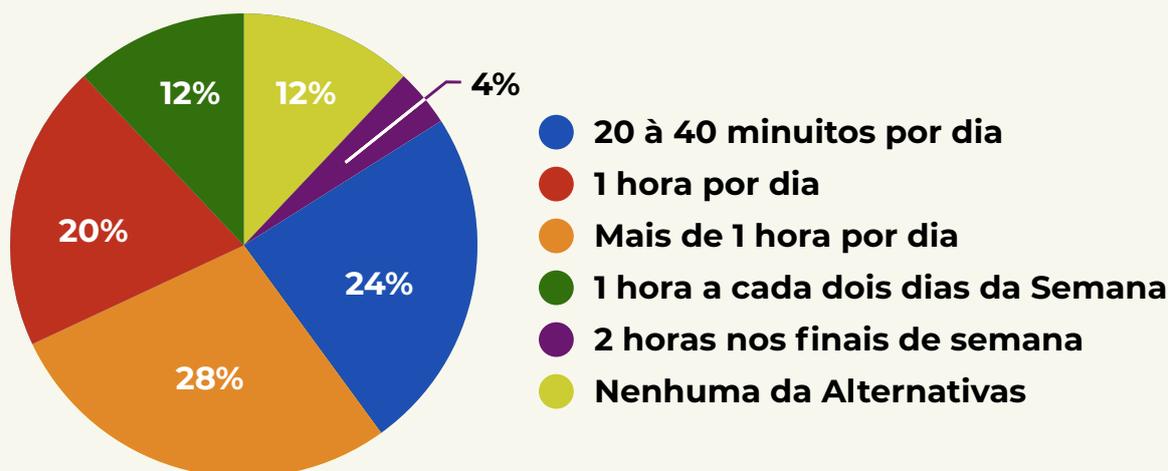


início do período letivo, ou mesmo, quando a disciplina é planejada. Ao nosso olhar, embora não se trate de um guia de boas práticas, este capítulo traz relatos que podem trazer luz quanto ao uso das metodologias ativas em disciplinas da Biblioteconomia, e que podem, ao mesmo tempo, sensibilizar os docentes para que possam ouvir com atenção os discentes de forma construtiva, colaborativa e participativa. E precisam considerar que **“a melhor forma de aprender é a partir da interatividade entre aluno e professor**, associando os aspectos teóricos de determinado conteúdo com a prática no mercado” (Respondente 11, 2020, grifo nosso).

Como observado, fica evidente que o aluno entende que as metodologias ativas podem auxiliar no ensino aprendizagem “se utilizando de métodos onde o aluno tem contato direto com o que está sendo estudado” (Respondente 16, 2020).

Para se obter mais elementos de análise e compreensão, também foi importante conhecer o tempo que o aluno dispõem para estudar, fora da sala de aula, seja para conhecer melhor o perfil do aluno, seja para 'pré-analisar' a dedicação dos alunos aos estudos quando não há obrigatoriedade.

Figura 3 – Tempo que dispõem para estudar fora de sala de aula



Fonte: Os Autores, 2020.

Com base no levantamento realizado, a maioria dos alunos dedica entre uma ou mais de uma hora por dia para o estudo, sinalizando que há uma dedicação para o ato de leitura, revisão e estudo. A literatura demonstra que:

Teorias recentes da aprendizagem salientam **o papel ativo do aluno e a sua capacidade para assumir a responsabilidade em seu próprio aprendizado**. Ao se assumir como sujeito de seu aprendizado o estudante deverá desenvolver capacidades, atitudes e comportamentos de maior autonomia no seu estudo. [...] o tempo é considerado um recurso limitado nas condições de estudo dos universitários, especialmente aqueles matriculados em cursos noturnos. [Ademais,] O aprendizado somente é completo se houver condições adequadas que possibilitem o estudo e a compreensão do conteúdo lido. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 53-54, grifo nosso).

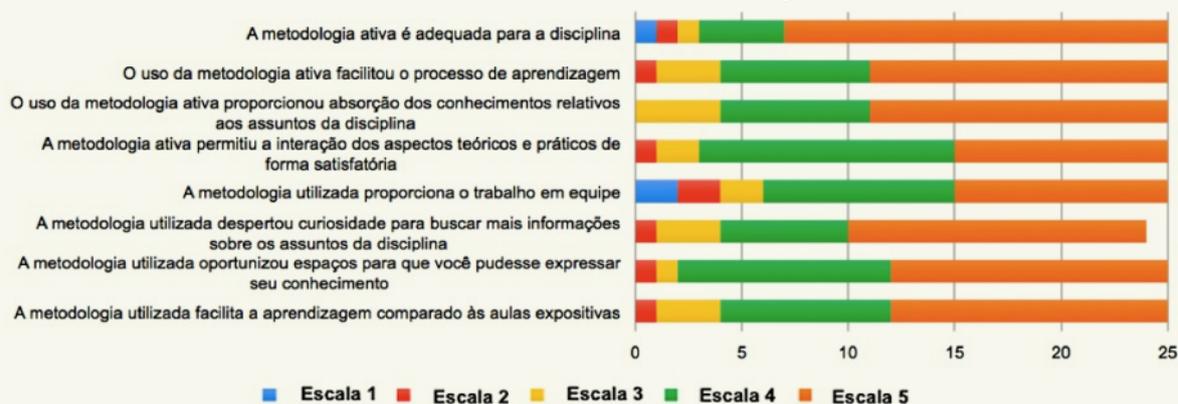




Embora o curso de Biblioteconomia da UFAM seja ofertado no período matutino, um cenário diferente do descrito na pesquisa de Oliveira e Oliveira (2007), os alunos desenvolvem estágio ou trabalham nos demais horários para se manter financeiramente, de forma semelhante se dá na pesquisa dos referidos autores. Logo, para os alunos, o tempo também é considerado um recurso limitado. Desse modo, o fato dos respondentes reservarem um tempo para os estudos fora do período de sala de aula é um fator benéfico para a capacidade de absorção dos conteúdos e de retenção de conhecimentos.

De posse das informações que caracterizam o respondente, passou-se à avaliação do uso de metodologias ativas (FIGURA 4) a partir da percepção do aluno quanto à facilidade de uso, ao espaço para expressar conhecimentos, despertar a curiosidade, à perspectiva do trabalho em equipe, à interação entre teoria e prática, à absorção de conhecimentos, à facilidade no processo de aprendizagem e adequação à disciplina.

Figura 4 – Avaliação quanto ao uso de metodologias ativas para o ensino aprendizagem.



Fonte: Os Autores, 2020.

Numa análise geral da avaliação por parte dos alunos, considerando a escala do tipo Likert de 1 a 5, observa-se que todas as questões receberam nota 5, o que denota maior grau de concordância dos indicadores. O maior grau de concordância foi com relação à adequação do uso de metodologia ativa para a disciplina, avaliado por 18 respondentes com avaliação de grau cinco.

Dos 25 participantes da pesquisa, 14 deles sinalizaram que as metodologias ativas (i) despertaram a curiosidade para buscar mais informações sobre os assuntos da disciplina, (ii) proporcionaram absorção dos conhecimentos relativos aos assuntos da disciplina e (iii) facilitaram o processo de aprendizagem.

A maior variabilidade com relação às respostas esteve relacionada ao fato de a metodologia ativa proporcionar o trabalho em equipe, indicador que causou maior disparidade entre os respondentes. Embora 10 alunos tenham avaliado em grau cinco de concordância, um total de seis avaliaram  $\leq$  (menor ou igual) a três.

Além da avaliação, buscou-se conhecer as perspectivas com relação ao uso de





metodologias ativas. Neste espaço, o aluno poderia indicar quais as disciplinas que ele havia cursado e avaliar que poderia ser incluído o uso de metodologias ativas. A maioria das disciplinas ofertadas no curso de Biblioteconomia foram sinalizadas, tanto no núcleo teórico como prático, inclusive as disciplinas ofertadas por outros departamentos, como Sociologia, Filosofia e Psicologia. Assim, foi dada ênfase às disciplinas de gestão, como destaca o citado respondente:

As disciplinas da grade que envolvem a gestão podem ser amplamente utilizadas nas metodologias ativas com abordagens por problemas, aplicando questões práticas para nós solucionarmos, colocando-se no lugar de profissional no mercado de trabalho que precisa resolver questões no dia a dia em unidades de Informação. (Respondente 10, 2020).

Também foram comentadas as metodologias usadas em outras disciplinas:

- “Introdução à Comunicação é uma disciplina muito rica, houve metodologias ativas, mas acredito que seja possível utilizar outras mais”. (Respondente 24, 2020).
- “Estudo do Usuário, que inclusive foi realizado com uma metodologia parecida e também muito boa. E também disciplinas mais teóricas [...], como Fontes de Informação”. (Respondente 25, 2020).

Considerando que os alunos participantes desta pesquisa tiveram acesso e haviam utilizado metodologias ativas para o ensino-aprendizagem, muitos deles em mais de uma disciplina, solicitou-se que, com base na sua experiência, informassem quais metodologias ativas seriam mais eficientes, considerando as disciplinas que eles sinalizaram, bem como aquelas que poderiam fazer uso de metodologias ativas. As respostas foram plurais, pois os alunos demonstraram que, além das metodologias ativas utilizadas, a gamificação poderia ser incluída, assim como a Aprendizagem Baseada em Problemas e a Aprendizagem Baseada em Projetos. Destaca-se que a “sala de aula invertida” foi indicada como resposta por 7 participantes da pesquisa. Três participantes relataram que não se sentiam habilitados para responder. Das respostas, apresenta-se a síntese:

**Sala de aula invertida**, avaliação de casos práticos, simulação de soluções de conflitos, utilização de apps de formulação de questionários (Kahoot, pesquisa online, mente.com, etc), atividades avaliativas utilizando a **gamificação**, exposição de conteúdos promovidas por alunos, visitas técnicas... (Respondente 4, 2020, grifo nosso).

As ABPs são reconhecidas pelos discentes como uma possibilidade de uso: “**aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos**, estudo de caso, desafios e **jogos** que estimulem a reflexão e análise etc.” (Respondente 6, 2020, grifo nosso)

No espaço reservado para o aluno apresentar as suas percepções, que, ao nosso ver, funcionou como uma 'caixa de sugestões' para a melhoria da oferta das disciplinas, evidenciou-se a necessidade de dinâmicas para o processo de ensino aprendizagem: “em





algumas disciplinas, aulas mais expositivas, demonstrativas, em outras, gerar discussões a respeito dos assuntos, pois isso aprimora o aprendizado e faz com que o conteúdo seja melhor absorvido” (Respondente 7, 2020). As dinâmicas de grupo em sala de aula foram indicadas, com a ocorrência de “discussão em grupo, [pois] facilita muito o aprendizado” (Respondente 17, 2020). No entanto, outro respondente avalia que é necessário:

**Análise de literatura e exposição oral ou escrita** (por ser um método que deve levar em consideração o conforto e segurança do estudante ao se expor, algo que traz poucos resultados em uma turma numerosa), **além de exposição de perguntas sobre o assunto estudado** (perguntas, e não algo como o “entendimento sobre determinado texto” pois o medo de ser considerado algo “fútil” é muito intimidante). (Respondente 8, 2020, grifo nosso).

Os alunos avaliam ainda que “os estudos de caso e a problematização, seriam as metodologias ativas necessárias par um melhor aprendizado por parte os discentes”. (Respondente 18, 2020). Ademais, a:

**Exposição de filmes**, por exemplo. Por tratar de assuntos como Teorias da Comunicação, uma contextualização das épocas é importante. Além de tais teorias tratem de coisas como Comunicação das massas, propagandas, aldeia global e indústria cultural. **Pode abrir debates interessantes**. (Respondente 24, 2020, grifo nosso).

Os resultados apresentados reforçam as inferências de Paula, Granja e Albuquerque (2017, p. 75) de que “se, de um lado exige-se uma postura mais ativa do estudante, de outro o docente precisa pensar e criar condições necessárias para que isso aconteça”. Isso requer que o professor repense a sua atuação, com a mudança de posicionamento, pois deve transcender sua posição de especialista de determinado conteúdo para uma posição de articulador e planejador de práticas interdisciplinares (PAULA; GRANJA; ALBUQUERQUE, 2017), cenário em que as metodologias ativas podem cultivar esta mudança de posicionamento, uma vez que trazem benefícios quanto à atuação protagonista de professores e alunos, por exemplo, para cocriarem conteúdos, um processo colaborativo e participativo.

No processo de aprendizagem, o professor não deve ter uma postura de transmissor de conteúdo, mas de um orientador, um facilitador (DEMO, 2012), deve fazer a revisão de suas práticas em sala de aula (presencial ou a distância), sendo estas as novas exigências para acompanhar as demandas da sociedade atual. Isso inclui a revisão e/ou adequação das práticas tradicionais da aula expositiva, nas quais ele é o detentor do saber, a partir da incorporação de novas metodologias que valorizem a aprendizagem ativa e significativa do aluno (VALE; COSTA; MERCADO, 2014).

## CONCLUSÕES

Este relato de experiência buscou demonstrar as possibilidades da aplicação de metodologias ativas em cursos de Biblioteconomia presencial, bem como apresentar a





percepção dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFAM, quando colocados em contato com as metodologias ativas.

Como destacaram Paiva *et al.* (2016), a integração entre teoria e prática, fomentada por meio das metodologias ativas, lança um novo horizonte de possibilidade de formação, que se faz mais sólida, coerente e efetiva, o que se conhece por aprendizagem significativa.

Os alunos, participantes da pesquisa, avaliaram de forma positiva o uso de metodologias ativas como apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Sobre isso, é válido evidenciar a necessidade de conhecer o perfil dos alunos para selecionar as metodologias ativas, levando em consideração a ementa e os objetivos das disciplinas.

Por fim, ao trazer para reflexão o uso de metodologias ativas no ensino da Biblioteconomia, finaliza-se com a mesma questão levantada por Massetto, quando este destaca que o professor deve refazer a pergunta: “o que devo ensinar aos meus alunos?” (MASSETTO, 2012 apud VALE; COSTA; MERCADO, 2014), reelaborando-a de forma mais coerente: “o que meus alunos precisam aprender para se tornarem cidadãos críticos e profissionais competentes numa sociedade contemporânea?”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. O. de; SILVA, H. T.H.; BONAMIGO, A. W. Aprendizagem Baseada em Problemas na educação a distância e as influências para educação em saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 1-18, 2018. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/24>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BARCELLOS, B. F.; CARVALHO, T. de. Metodologias ativas de ensino aprendizagem na formação de bibliotecários: uma necessidade emergente. **Convergências em Ciência da Informação**, São Cristóvão, v.1, n. 2 p.123-130, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/10233/7861>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BUFREM, Leilah Santiago; SAKAKIMA, Andréia Massamá. O ensino, a pesquisa e a aprendizagem baseada em problemas. **TransInformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 351-361, Dec. 2003.

DEMO, Pedro. **Educação, avaliação qualitativa e inovação**: I. Brasília: INEP; MEC, 2012.

FERNANDES, J. D. *et al.* Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. **Rev. Esc. Enferm.** USP, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 443-449, dez.2005.

MATTAR, J.; AGUIAR, A. P. S. Metodologias ativas: aprendizagem baseada em problemas, problematização e método do caso. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, [S.l.], v.11, n.3, Jul.-Sep., p.404-415, 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/bf74/cebdaa615238d20a7e6351f4ae93b8d907e1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

OLIVEIRA, R.Á.M.D.; OLIVEIRA, K.L.D. Leitura e condições de estudo em universitários ingressantes. **Psic: revista da Vetor Editora**, 8(1), pp.51-59, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v8n1/v8n1a07.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2020.

PAIVA, M. R. F. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **Sanare: Revista de Políticas Públicas**. Sobral, v. 15 n. 2, p. 145-153, jun./dez., 2016

PAIVA, S. B.; MELO, K. C. B. S.; NASCIMENTO, B. S. Formação de bibliotecários: caminhos para uma nova construção social. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102592>. Acesso em: 13 nov. 2019.

PAULA, S. L.; GRANJA, B. C. A.; ALBUQUERQUE, M. C. F. Da ideação ao roadshow: uma experiência pedagógica interdisciplinar. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, p. 73-99, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71938>. Acesso em: 13 nov. 2019.

PELEIAS, Ivam Ricardo et al . Interdisciplinaridade no ensino superior: análise da percepção de professores de controladoria em cursos de ciências contábeis na cidade de São Paulo. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba , v. 16, n. 3, p. 499-532, Nov. 2011 .

PRUDENCIO, D. da.; OLIVEIRA, L. M. C. de. Metodologia de aprendizagem ativa na formação do bibliotecário: inovações no ensino. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais Eletrônicos [...]**. São Paulo: Febab, 2019. p. 1-6. Disponível em: <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/anais/article/view/2376/2377>. Acesso em: 20 dez. 2019.

TREVISOL NETO, O.; MADALENA, C.da S.; PECINI, C. M. Revitalização do espaço infantil da biblioteca pública de Chapecó: Aprendizagem Baseada em Problemas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais Eletrônicos [...]**. São Paulo: Febab, 2019. p. 1-6. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/2343/2344>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.



SILVA, A. L. B. Experiência didática na aplicabilidade e estruturação da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): percepções dos alunos do curso de administração e recomendações para implementação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 8, n. 2, p. 179-193, 2018. DOI: 10.21714/2236-417X2018v8n2 Acesso em: 13 nov. 2019.

SOUZA, S. C.; DOURADO, L. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. **Holos**, [S.l.], v.31, n. 5, p. 182-200, 2015. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2880/1143>. Acesso em: 20 dez. 2019.

VALE, Helena Cristina Pimentel do; COSTA, Emmanuele Maria Correia; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Aprendizagem baseada em problemas: uma estratégia de ensino aprendizagem no curso de biblioteconomia e pedagogia. *In: Portal educativo de las Américas*. 2014. Disponível em: <http://recursos.portaleducoas.org/sites/default/files/VE14.073.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

## SOBRE OS AUTORES



### DANIELLY OLIVEIRA INOMATA

*Vice-líder do Grupo de Pesquisa Gestão da Informação e Conhecimento na Amazônia. Professora do Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em Ciência da Informação (UFSC). Tem competência de atuar nas áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Gestão do Conhecimento, Gestão da Informação e Comunicação, Fluxos Informacionais e áreas relacionadas; Parque Tecnológico, Incubadora de Empresas, Empresas de Base Tecnológica e startup.*



### ORESTES TREVISOL NETO

*Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Mestre em Ciência da Informação - UFSC. Foi tutor presencial do curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares UAB/CIN/UFSC, polo Florianópolis e professor no curso de Biblioteconomia EaD da UNOCHAPECÓ, coordenou estágios e TCC. Atua na Biblioteca Central da UDESC no serviço de referência, é avaliador da Revista ACB, membro e conselheiro do CRB-14.*





# capítulo 10

---

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM BIBLIOTECONOMIA: O COMEÇO DA PERSONALIDADE PROFISSIONAL DOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

---

- *Guilhermina de Melo Terra (UFAM)*
- *Monick Cássia dos Reis Pinto (UFAM)*



### **INTRODUÇÃO**

Na década de 90, no artigo intitulado *Ciência, Sociedade e Universidade*, o professor Pedro Goergen afirmou que

Hoje nos encontramos num período de enormes mudanças e transformações que, sem dúvida, afetarão profundamente o nexo ciência e sociedade com conseqüências não só para a estrutura administrativa, a organização curricular e os procedimentos acadêmicos, mas para a própria função da universidade no interior da sociedade (GOERGEN, 1998, p.2).

Naquele período histórico, tal afirmação foi apresentada, pois, desde a sua criação, a sociedade passou a esperar das universidades não só a formação de pessoas que atuassem no contexto social de forma consciente, mas também que produzissem conhecimentos úteis, que, ao serem aplicados, atingissem resultados positivos.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a importância das universidades para a sociedade é inquestionável, necessitando, portanto, manterem-se articuladas às demais organizações sociais de seu contexto, haja vista que são criadas pela sociedade e para a sociedade. Isto implica frisar que seu "[...] objetivo é contribuir para mudanças tecnológicas, econômicas e sociais que afetem positivamente a riqueza nacional ou regional" (FAVA-DE-MORAES, 2000, p.8).

As universidades, neste contexto, necessitam acompanhar as necessidades sociais, no sentido de caminhar junto com as mudanças supracitadas, atuando de forma interligada

ao meio em que são parte integrante, permitindo que sejam capazes de contribuir, de forma efetiva, com a sua missão, isto é, oferecer à sociedade profissionais capacitados para a transformação social. Corroborando com o exposto, Girardi *et al.* (2007, p. 1) defendem a ideia de que as universidades necessitam “[...] de estratégias gerenciais empreendedoras voltadas ao atendimento das necessidades da sociedade, entretanto, sem mercantilizar seu ensino”.

Em nível local, criada em 17 de janeiro de 1909, a então Escola Universitária Livre de Manáos, hoje Universidade Federal do Amazonas – UFAM, apresentou o objetivo de “[...] ministrar o ensino superior e desenvolver o estudo e a pesquisa em todos os ramos do saber e da divulgação científica, técnica e cultural” (UFAM, s.d., p.1), com a missão de cultivar o saber por meio das ações de ensino, pesquisa e extensão, a fim de contribuir com o desenvolvimento não só do estado do Amazonas, mas também com a Amazônia.

Desde a sua criação, a UFAM vem se inovando, a fim de tanto acompanhar as necessidades e mudanças da sociedade quanto contribuir com a formação integral de seus egressos. Nesta perspectiva, atualmente, oferece 114 cursos presenciais, na modalidade bacharelado, licenciatura e tecnólogo, além dos cursos à distância e de pós-graduação.

Por meio da Resolução nº 29, de 14 de novembro de 1966 – CU, o estado do Amazonas ganhou o primeiro curso para a formação de bibliotecários. Todavia, seu reconhecimento como curso universitário, pelo Conselho Federal de Educação, deu-se somente em 1975, por meio do parecer nº 4876, de 02 de dezembro de 1975, o qual gerou o decreto nº 77.138, de 12 de fevereiro de 1976, publicado no diário oficial da união em 13 de fevereiro do referido ano (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2008, p. 7).

Desde então, a estrutura curricular vem se modificando com propósito de não apenas acompanhar o seu contexto histórico, mas também de atender às novas demandas do mercado, sobretudo, no que diz respeito à formação dos bibliotecários que atuarão nesse novo mercado, que passou a exigir novas posturas desses profissionais, posturas estas que devem refletir o que é exigido pelo parecer CES 492/2001, do Ministério da Educação – MEC, publicado no Diário Oficial da União em 09 de julho de 2001, isto é, que ao final do curso de Biblioteconomia os egressos deverão estar

[...] preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta [...] (BRASIL, 2001, p. 23).

Posto isso, destaca-se a relevância da disciplina de Estágio Supervisionado para a preparação dos discentes, futuros bibliotecários, pois será durante essa disciplina que os discentes terão o primeiro contato com o campo de trabalho em que atuarão, enquanto profissionais, conforme será visto a seguir.

### **A RELEVÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

O termo Estágio Supervisionado surgiu em 1972, em um congresso realizado pelos acadêmicos de administração no qual o foco foi colocar os filhos dos “amigos” em contato





com o chão de fábrica, no caso, que os filhos e futuros donos das empresas pudessem entrar de fato em contato com todos os processos, do princípio ao término, ocorridos nas empresas dos pais ou donos de fábricas. Conforme salientam as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs, ao final do curso de graduação, o egresso deverá ser capaz de desenvolver habilidades e competências específicas da sua área de formação. Por essa razão, as estruturas curriculares apresentam a disciplina Estágio Supervisionado ou Curricular, pois, durante a mesma, os discentes passam a ter uma oportunidade única, haja vista que passarão a ter a rara aproximação com o mercado de trabalho em que atuarão, enquanto profissionais, permitindo ao discente a leitura da realidade como um todo.

Corroborando com o exposto, com base na visão de Silva (2005, p.12), a disciplina de estágio supervisionado passou a ser compreendida como sendo aquela “responsável pela introdução do aluno no campo profissional, é no estágio que mais se evidenciam as pressões advindas do mercado, das novas relações de trabalho, do desemprego e da desregulamentação das profissões”.

Por permitir ao discente adentrar no mercado de trabalho, ou seja, no contexto real, a disciplina de estágio supervisionado apresenta uma particularidade que as demais disciplinas da estrutura curricular não apresentam, pois o processo formativo desse componente curricular possibilita aos discentes uma aproximação com o saber fazer, por meio da “[...] proximidade entre a ação empírica e os conceitos e referências teóricas” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 1999, p. 17).

A experiência adquirida durante o estágio supervisionado, de fato, é fundamental para a formação dos discentes, haja vista que é durante esse componente curricular que o acadêmico terá a oportunidade de desenvolver práticas reais, o que torna a experiência um pouco assustadora, sem dúvida, pois, ao estar em um ambiente profissional real, os discentes poderão se deparar com situações inesperadas, as quais exigirão deles atitudes precisas.

Por esta razão, destaca-se a relevância desse componente curricular para a formação dos discentes, pois será durante o estágio que será possível resgatar todos os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, de modo a colocar em prática o que foi trabalhado, bem como apresentar novos resultados, indo além do que foi ensinado pelos docentes, já que a missão do estágio supervisionado se volta para a solução dos problemas diagnosticados, de forma criativa, eficiente e eficaz.

Isso implica frisar que o estágio vai além do conceito de unir a prática e a teoria adquirida na academia, como defendido por Mufani (2011), o qual define estágio supervisionado como sendo a disciplina na qual o conhecimento teórico recebido em sala de aula irá se relacionar com a prática por meio de atividades reais, uma vez que o estágio supervisionado possui um papel tanto educacional quanto social, possibilitando aos discentes a leitura do contexto real, de modo a apresentarem proposições de intervenção sobre esse contexto, apontando soluções para os problemas detectados, por meio de experiências adquiridas nas ações de ensino, pesquisa e extensão, isto é, por meio da articulação com os conhecimentos e as aptidões adquiridas na academia.

Seguindo esse raciocínio, Silva (2005, p.15) defende a ideia de que o estágio supervisionado não pode se voltar apenas para uma variável do tripé universitário, pois



Restringir a compreensão do estágio ao aprendizado de atividades e procedimentos profissionais tem como consequências a formação de um profissional treinando apenas em habilidades e procedimentos de rotinas, mas despreparado para pensar, questionar e enfrentar situações novas que são colocadas para a profissão.

Nesta perspectiva, em nível conceitual, a disciplina de estágio supervisionado passa a ser uma ação educativa, desenvolvida em um ambiente profissional real, visando preparar os discentes para o mercado de trabalho, de forma produtiva, criativa, inovadora e de caráter, sendo considerado, portanto, como uma atividade de aprendizagem integral dos discentes, ou seja, compreendendo o aprendizado social, cultural e profissional dos acadêmicos.

Com base no §2º do art. 1º da Lei nº 11.788, de 25 de março de 2008, a qual dispõe sobre o estágio de estudantes, pode-se afirmar que a prática de estágio “[...] visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho”.

Posto isso, afirma-se que a preparação do discente para a prática do estágio supervisionado necessita se voltar para a formação integral do acadêmico, pois, no ambiente profissional real, o estagiário deve estabelecer suas atividades de formação proativa. Espera-se que essa formação se baseie na bagagem teórica que tem sido adquirida em sala de aula e que agora irá entrar em contato com o futuro campo profissional do bibliotecário ainda na sua vida de estudante, de forma a confrontar tudo o que está sendo aprendido em sala de aula e vendo toda a sua capacidade profissional sendo colocada à prova.

Para isso, necessita conhecer não só as questões técnicas de sua área, mas também as questões sociais e culturais, de modo a ter consciência do seu papel diante do contexto em que se encontrar inserido, pois “não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (FAVERO, 1992, p.65).

E como o estágio supervisionado representa o primeiro contato dos discentes com o mercado de trabalho, entende-se que é neste momento que se inicia a vida profissional dos futuros bibliotecários, não podendo ser tratado como uma simples disciplina a ser cumprida por pertencer à estrutura curricular do curso de graduação. Mas sim sendo uma das principais disciplinas a ser cumprida pelo discente, pois é nela que de fato ele irá pôr à prova tudo que tem aprendido e terá uma noção de como será trabalhar na futura profissão de bibliotecário.

Nesse sentido, a disciplina estágio supervisionado precisa ser planejada, de maneira a enriquecer a formação dos discentes, pois será durante o fazer prático, em um ambiente real, com usuários reais que os acadêmicos de Biblioteconomia irão formar sua identidade profissional, começando a ver horizontes além da universidade, tornando-se, verdadeiramente, responsáveis pela formação do público que virá até eles em busca de





uma solução para as suas necessidades informacionais, bem como pelo desenvolvimento do meio em que estarão inseridos.

Segundo Buriolla (2009, p.11), estágio supervisionado é a parte integrante e essencial na formação do acadêmico. Sendo assim, a autora salienta a grande função desse componente curricular, como condutor do processo de troca de aprendizagem entre campo e universidade, frisando a importância dos discentes como personagens principais dessa troca.

Entretanto, para que isso aconteça de forma qualitativa, os discentes precisam estar cientes do que irão desenvolver naquele momento, ou seja, quais atividades ficarão responsáveis de realizar. Por esta razão, torna-se necessário a preparação desses acadêmicos. Por meio de um planejamento ou plano de ação, feitos pelas coordenações de estágio de seus cursos, os futuros bibliotecários receberão as coordenadas para saberem atuar no mercado de trabalho. Afirma-se isso, pois, os estagiários necessitam ter consciência das atividades que desenvolverão durante o estágio supervisionado, a fim de diagnosticar se os resultados obtidos atingiram os objetivos esperados nos planos de ação construídos entre os docentes e discentes, de modo a proporcionar aos futuros bibliotecários a visão da realidade que encararão no contexto real.

### **UM POUCO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFAM**

Pensar o estágio supervisionado sob o ponto de vista da Biblioteconomia, requer retomar as DCNs que concebem o estágio como o

Mecanismo de interação do aluno com o mundo do trabalho em sua área, os estágios são desenvolvidos no interior dos programas dos cursos [...]. Constituem instrumentos privilegiados para associar desempenho e conteúdo de forma sistemática e permanente (BRASIL, 2001, p.33).

Ou seja, ao unir a prática à teoria adquirida em sala de aula, os discentes desenvolverão uma adequada concretização das competências e habilidades, de forma rápida e criativa. Por estar em um ambiente real, Bianchi *et al.* (2005) frisam que o estágio corresponde a uma experiência em que o discente se torna capaz de demonstrar sua criatividade, independência e caráter, diante dos problemas detectados durante suas ações práticas.

Nessa perspectiva, afirma-se que as reformulações da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UFAM foram sendo feitas com o propósito de melhor contribuir com a formação integral dos discentes, por se acreditar que o estágio supervisionado corresponde a uma disciplina que vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas.

Sem dúvida, para o Colegiado do Curso de Biblioteconomia, enquanto disciplina, a prática de estágio permite aos discentes vivenciar tudo o que aprenderam durante a graduação. Assim sendo, para Santos Filho (2010), o estágio supervisionado compreende um elo entre o conhecimento adquirido na vida acadêmica e a experiência real.



Para a UFAM, como consta no Art. 3º da Resolução nº 67/2001, de 30.11.2011, “o estágio supervisionado é componente curricular obrigatório das estruturas curriculares dos cursos de graduação da Universidade Federal do Amazonas”. Para o Curso de Biblioteconomia, a disciplina de estágio, inicialmente, era oferecida ao final do curso, como último componente curricular, cujos discentes deveriam cumprir 300 horas, apresentando, ao término, um relatório final, a fim de relatar a experiência vivida pelos discentes junto aos setores da biblioteca que serviram como campo de estágio.

Em decorrência da parte prática ocorrer somente no final do curso, estudos internos demonstraram que um número significativo de discentes não apresentam bons rendimentos, alegando que não recordam dos procedimentos operacionais diante de determinada atividade técnica da área da Biblioteconomia.

Com o propósito de contribuir com a formação dos acadêmicos, mudanças na estrutura curricular foram sendo estudadas pelos docentes do curso de Biblioteconomia. Quando apresentaram o Projeto Pedagógico do curso de Biblioteconomia, a estrutura curricular apresentou conteúdos de formação geral e específica, sendo que

O Grupo de Estágio Curricular compreenderá um conjunto de disciplinas cujo conteúdo programático voltar-se-á às atividades de natureza prática, a ser cumprida pelos alunos fora das salas de aula, concomitantemente com os conteúdos teóricos que visam oferecer-lhes conhecimentos sócio-profissionais e de cultura em situações reais de vida e trabalho e no campo social da Biblioteconomia. A intenção é proporcionar aos alunos, além da complementação do processo de ensino-aprendizagem, ocorrido nas salas de aula, a convivência simultânea entre teoria e prática, a partir da vivência das realidades cotidianas das unidades, sistemas e serviços de Informação vinculados às instituições dos setores público, privado e do terceiro setor. Fazem parte deste grupo as disciplinas Estágio I; Estágio II; Estágio III e Estágio IV, que integralizarão 8 créditos. (UNIVERSIDADE, 2008, p.12).

O propósito de desmembrar a prática de estágio voltou-se à convivência simultânea entre a teoria e a prática, de forma compatível com os conteúdos adquiridos em sala de aula a partir do 4º período, sendo que no Art. 3º do Regimento de Estágio Curricular do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas – CB/UFAM consta que

§2º - As atividades desenvolvidas no Estágio Curricular do CB/UFAM, em todas as suas etapas, devem ser compatíveis com os conteúdos das disciplinas que os alunos estiverem cursando nos respectivos períodos da estrutura curricular correspondente à sua habilitação.

Assim, durante a disciplina de Estágio I, os discentes haviam obtido conteúdos gerais e específicos da área de Biblioteconomia, estando aptos para desenvolver atividades de indexação e catalogação. No Estágio II, as atividades voltadas para a classificação e gestão poderiam ser exploradas pelos discentes. Questões voltadas para a comunidade e fontes para a satisfação das necessidades informacionais dos usuários, poderiam ser exploradas na disciplina Estágio III. Por fim, os conteúdos destinados à organização, à utilização e à divulgação das Coleções poderiam ser trabalhadas na disciplina Estágio IV.





Em nível operacional, os discentes do Curso de Biblioteconomia, ao matricularem-se nas disciplinas de estágio, de forma fragmentada, devem desenvolver suas atividades em bibliotecas ligadas às esferas pública, privada e do terceiro setor, com vistas à sua formação integral.

Com o propósito de melhor compreender como se dará a formação integral dos discentes de Biblioteconomia, retoma-se o Regimento do Estágio Curricular do Curso de Biblioteconomia da UFAM que, em seu Art. 4º, apresenta a seguinte composição:

I - do 4º ao 6º período serão oferecidas as disciplinas Estágio I, Estágio II e Estágio III, cujos campos de estágio serão, respectivamente, as unidades, sistemas e serviços de Informação mantidos pelas organizações vinculadas aos setores públicos e privados e ao terceiro setor. Nessas fases, espera-se que as atividades desenvolvidas possibilitem aos alunos a complementação do processo de ensino-aprendizagem e a convivência simultânea entre teoria e prática, a partir da vivência de suas realidades cotidianas;

II - no 7º período será oferecida a disciplina Estágio IV e o aluno poderá optar por qualquer unidade, sistema ou serviço de Informação que já lhe tenha servido de campo de estágio, para aprofundamento e verticalização de estudos e pesquisas sobre aspectos teórico-práticos observados preliminarmente nos períodos anteriores, com vistas a apoiar a elaboração dos projetos de pesquisa e de monografia de conclusão do curso [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2008, p.22-3).

Isso implica frisar que a prática de estágio permitirá aos discentes colocarem em prática seus conhecimentos, de forma real, bem como diagnosticar problemas e apresentar soluções aos mesmos, a partir de estudo científico voltado para as soluções citadas, que se realizará por meio da apresentação dos projetos de pesquisa, os quais servirão de base para os Trabalhos de Conclusão de Curso a serem apresentados no 8º Período do Curso.

Assim, reafirma-se a relevância das disciplinas de estágio I, II, III e IV para a preparação dos discentes do Curso de Biblioteconomia da UFAM para o mercado de trabalho, destacando-se que a prática de estágio supervisionado se submete a todas as normas e exigências institucionais, pois visa a criação de oportunidades para o complemento do processo de ensino-aprendizagem e, portanto, para a formação qualitativa dos discentes.

## CONCLUSÕES

Desde a sua criação, no ano de 1966, o Curso de Biblioteconomia da UFAM objetiva oportunizar a formação de profissionais bibliotecários que atendam positivamente às perspectivas do mercado de trabalho. Nesse sentido, “o profissional formado pelo Curso de Biblioteconomia poderá atuar em unidades, sistemas e serviços de Informação, vinculados às instituições dos setores públicos, privados e do terceiro setor” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2008, p. 9).

Durante os cinquenta anos de funcionamento, pode-se afirmar que nem tudo foram flores, bem como é notório que muitas coisas necessitam ser corrigidas, de modo a atingir a formação qualitativa de seus egressos, mas não se pode negar que muitos foram os acertos



ao longo desses anos, pois o empirismo faz parte do cotidiano humano. E de todo o contato que se vem tendo com os campos de estágios e os discentes, essas trocas de informações têm sido de grande valia para que se tente pôr o futuro profissional sempre preparado para qualquer desafio que possa surgir.

O importante a ser frisado liga-se à preocupação constante do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da UFAM em contribuir com a formação dos futuros bibliotecários que serão lançados no mercado de trabalho, de modo a serem capazes de aplicar os conhecimentos técnicos, mas com a visão social necessária para apresentar soluções aos problemas que surgirão ao longo de suas práticas profissionais.

Nesta perspectiva, finaliza-se afirmando que, quando bem-sucedido, o estágio supervisionado proporcionará aos futuros bibliotecários:

[...] a capacidade de enfrentar e superar os desafios da sua profissão. Tendo em mente que esta é uma etapa de suma importância para o seu crescimento, pois quando o estágio é bem feito, é garantia de sucesso em sua vida profissional, sabendo que, o estágio é apenas o ponto de partida e que devemos, sempre, buscar melhor para que esta experiência venha valer a pena. (RODRIGUES, 2017, p. 31).

Ademais, será durante a prática, em ambiente real, que serão reveladas “[...] as inquietações, descobertas, certezas e incertezas da escolha profissional [...]” (SHÖN, 2000, p. 27). Ou seja, por meio do processo reflexivo o acadêmico deverá ser capaz de apresentar alternativas rápidas e criativas para solucionar os problemas detectados, bem como agir, de forma proativa, de modo a se antecipar diante das expectativas informacionais dos usuários que, regularmente, poderão frequentar os espaços utilizados como campo de estágios, criando sua própria forma de ser e agir enquanto bibliotecário.

## REFERÊNCIAS

BIANCHI, A C. M. *et al.* **Orientações para o estágio em licenciatura.** São Paulo: pioneira: Learning, 2005.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre estágio de estudantes.** Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm). Acesso em: 22 nov. 2019.



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492/2001 – homologado**. Brasília: ministério da educação, 03 de abr. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2019.

BURIOLLA, M. A. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 1999.

FAVA-DE-MORAES, Flavio. Universidade, inovação e impacto socioeconômico. **São Paulo Perspec.**, v.14,n.3, São Paulo, jul./set.2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n3/9765.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2020.

FAVÉRO, M. L. A. A universidade e o estágio curricular: subsídios para discussão. *In*: ALVES, N. Formação **de professores**: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992.

GIRARDI, D. *et al.* Universidade e a importância das iniciativas empreendedoras. *In*: COLOQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTION UNIVERSITARIA EN AMERICA DEL SUR, 7., 2007, Mar del Prata. **[Anais...]**. Mar del Prata: Universidad Nacional Mar del Prata, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83012/TRABAJOGIRARDI2.pdf>. Acesso em: 03 jan.2020.

GOERGEN, Pedro. Ciência, sociedade e universidade. **Educação & Sociedade**, v. 19, n. 63, Campinas, ago./1998. Disponível em: <http://educacao.uniso.br/pseletivo/docs/GOERGEN.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.

MUFANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. 2011. Disponível em: <http://www.isforeve.com.br/base.asf?pag=noticiaintegra.asp&IDnoticia>. Acesso em: 23 nov. 2019.

RODRIGUES, Janielle do Nascimento. **A importância do estágio supervisionado para a formação docente**. João Pessoa: UFPb, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

SANTOS FILHO, A. P. O estágio supervisionado e sua importância na formação docente. **Revista p@rtes**: a sua revista virtual. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educação/estagiosupervisionado.asp>. Acesso em: 30 nov. 2019.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corde. **A Importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. São Paulo: UNAR. 2013.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, Maria Lúcia Santos Ferreira da. Estágio curricular: desafios da relação teoria e prática. *In: \_\_\_\_\_* (Org.). **Estágio curricular: contribuições para o rendimento de sua prática**. 2. ed. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Conselho Universitário. Resolução nº **67/2011, de novembro de 2011**. Disciplina de estágios obrigatórios e não obrigatórios da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: Conselho Universitário, 2011. Disponível em: [http://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/922/3/RESOLU%C3%87%C3%83O%20067\\_2011%20EST%C3%81GIO%20OBRIGAT%C3%93RIO%20E%20N%C3%83O%20OBRIGAT%C3%93RIO.pdf](http://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/922/3/RESOLU%C3%87%C3%83O%20067_2011%20EST%C3%81GIO%20OBRIGAT%C3%93RIO%20E%20N%C3%83O%20OBRIGAT%C3%93RIO.pdf). Acesso em: 26 nov. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **História**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.ufam.edu.br/historia.html>. Acesso em: 09 dez. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS. DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA. **Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia**. 2008. Disponível em: <https://biblioteca.ufam.edu.br/attachments/article/256/PPC%20BIBLIOTECONOMIA.pdf>. Acesso em: 09 Dez. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto pedagógico do curso de serviço social**. Natal: UFRN, 1999.

## SOBRE OS AUTORES



### **GUILHERMINA DE MELO TERRA**

*Docente do Curso de Biblioteconomia da UFAM. Pós-doutora em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutora em Museologia pela mesma faculdade. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Dom Bosco. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [guilherminaterra@ufam.edu.br](mailto:guilherminaterra@ufam.edu.br).*



### **MONICK CÁSSIA DOS REIS PINTO**

*Discente do Curso de Biblioteconomia da UFAM (2019). E-mail: [monickreis91@gmail.com](mailto:monickreis91@gmail.com).*





# capítulo 11

---

## **A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

---

- *Amanda de Queiroz Bessa (UFAM)*
- *Suely Oliveira Moraes Marquez (UFAM)*



### *INTRODUÇÃO*

A iniciação científica (IC) é um programa no qual o estudante de graduação tem a oportunidade de ingressar em grupos de pesquisas e ser orientado por professores com titulação de mestre ou doutor que criam os projetos e encaminham ao setor responsável da instituição para abertura de edital de seleção. O estudante pode ser vinculado ao projeto recebendo uma bolsa auxílio, uma ajuda financeira para o desenvolvimento da pesquisa, ou como aluno voluntário.

No Brasil, o financiamento das atividades de IC teve seu auge com a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) em 1951. Atualmente, esse órgão é vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTI), que entendeu a necessidade de institucionalizar as ações de incentivo e fomento à pesquisa nas instituições de ensino superior. A Lei da Reforma Universitária n. 5.540, de 28/11/1968, também ampara a IC quando determina, em seu Art. 2º, que o ensino não poderá ser separado da pesquisa. Cabe aqui lembrar que o CNPq não é o único órgão responsável pelo fomento à pesquisa nas instituições, temos também como parceiras as Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs). Todas as instituições de ensino superior públicas ou privadas podem desenvolver política de pesquisa científica.

Dentre os programas criados, o PIBIC foi o primeiro a ser institucionalizado e a conceder bolsa aos alunos de graduação. Tem como principal objetivo motivar e incentivar o estudante a participar, de forma efetiva, da pesquisa científica, da busca do conhecimento, contribuindo, assim, para a sua formação, para o desenvolvimento de habilidades no campo da pesquisa.



## A PESQUISA CIENTÍFICA E O ENSINO APRENDIZAGEM

Na sociedade contemporânea, a busca e aquisição de conhecimento constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural de uma nação. Todavia, de acordo com Matallo Júnior (2012, p. 15),

[...] a preocupação com o conhecimento não é nova. Praticamente todos os povos da Antiguidade desenvolveram formas diversas de saber. Entre os egípcios, a trigonometria, entre os romanos a hidráulica, entre os gregos a geometria, a mecânica, a lógica, a astronomia e a acústica, entre os indianos e muçulmanos a matemática e a astronomia e entre todos se consolidou um conhecimento ligado à fabricação de artefatos de guerra. As imposições derivadas das necessidades práticas da existência foram sempre a força propulsora da busca dessas formas de saber.

Observa-se que a constante busca do ser humano pelo conhecimento desde a antiguidade é ocasionada com o objetivo de encontrar soluções para os problemas práticos do cotidiano vividos por ele. Severino (2016, p. 28) destaca o conhecimento como produto da ação humana ao reiterar que “[...] o conhecimento é o referencial diferenciador do agir humano em relação ao agir de outras espécies. O conhecimento é a grande estratégia da espécie.”

No processo de construção do conhecimento, várias são as formas, os meios e os instrumentos utilizados pelo homem, seja uma simples Informação obtida no próprio lar, como outra advinda dos bancos da escola ou da universidade. Isto nos remete aos diversos tipos de conhecimento presentes ao longo do processo social, como, por exemplo, o popular ou senso comum, o técnico, o filosófico e o científico, sendo, este último, o objeto da discussão seguinte.

Em se tratando da definição de ciência, Gil (2016, p. 2) considera que “[...] poucas coisas em ciência são tão controversas quanto sua definição, havendo mesmo autores que consideram sua discussão insolúvel”.

Entretanto, na incessante tentativa de definir ciência, alguns autores, como Michel (2015, p. 19), explicam que:

[...] investigativo, o conhecimento científico procura explicação e base na ciência, nos fatos explicados, comprovados e, somente assim, aceitos como verdades. Ele ultrapassa o interesse e o cuidado do empírico porque procura conhecer, além do fenômeno, as suas causas e leis, razões e porquês.

Não se trata de considerar o conhecimento mais relevante para o desenvolvimento da sociedade, mas sim o que não se baseia nas impressões para explicar os fatos vivenciados no dia a dia, quando busca por meio de métodos explicar as suas causas, os seus procedimentos e as suas influências.





Gil (2016, p. 2) ressalta que:

[...] pode-se considerar a ciência como uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada – se possível, com auxílio da linguagem matemática –, leis que regem os fenômenos. Embora sendo as mais variadas, essas leis apresentam vários pontos em comum: são capazes de descrever séries de fenômenos; são comprováveis por meio da observação e da experimentação; são capazes de prever – pelo menos de forma probabilística – acontecimentos futuros.

Percebe-se que a constituição de leis é o que norteia o conhecimento científico, na medida em que o diferencia dos outros tipos de conhecimento.

Michel (2015, p. 34) explica que “[...] enquanto a ciência se propõe a captar e entender a realidade, a metodologia se preocupa em estabelecer formas de como se chegar a ela, através da pesquisa científica”. Dessa feita, chama-se atenção para o fato de que é por meio da pesquisa científica que serão traçados os caminhos da investigação, utilizando-se, para tanto, de métodos e procedimentos próprios.

Conforme Michel (2015, p. 36), “[...] a pesquisa é a atividade básica da ciência; a descoberta científica da realidade. É anterior à atividade de transmissão do conhecimento; é a própria geração do conhecimento”, isto é, a pesquisa científica é um produto da ciência e, como tal, origina e promove o conhecimento na sociedade.

Gil (2016, p. 26) contribui com a discussão ao evidenciar que:

[...] pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático do desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

Como produto do conhecimento científico, a pesquisa científica constitui um processo, uma atividade que não cessa, mas que é construída e reconstruída ao longo dos tempos. Michel (2015, p. 36) comenta que:

[...] a pesquisa científica, como busca da verdade das coisas, da essência das coisas, é um processo interminável, intrinsecamente processual. Pesquisa é, então, um fenômeno de busca de conhecimento constituído de aproximações sucessivas e nunca esgotado; ou seja, não é uma situação definitiva diante da qual já não haveria mais o que descobrir.

No tocante ao processo de busca do conhecimento da realidade social, temos a pesquisa social, que, de acordo com Gil, (2016, p. 26) “[...] é o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a observação de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

Uma das temáticas que compõem a realidade social e que é objeto de complexidade e discussão ao longo dos anos, é o processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, qual a relação entre a pesquisa científica e o processo ensino-aprendizagem?





Ao relembrar o significado de processo ensino-aprendizagem, Kubo e Botomé (2005, p. 1) afirmam que “[...] é um nome para um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos”, enquanto que Freitas (2016, p. 6) acrescenta que “[...] o processo de ensino e aprendizagem não é algo simples, ele engloba diversas medidas que devem ser tomadas ou evitadas para que o aprendizado do aluno realmente aconteça”.

Diante dos desafios e das complexidades que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, tanto para professores quanto para alunos, como poderá a prática da pesquisa científica contribuir para o seu desenvolvimento?

No âmbito da educação básica, Bessa (2011) afirma que a pesquisa escolar pode se constituir em uma relevante atividade que compõe o processo de ensino e aprendizagem. Isto se explica porque, conforme Ellwein (2006, p. 79), a pesquisa escolar

[...] deve ser usada por educadores no sentido de atender às necessidades informacionais dos alunos. Esta prática como auxílio didático, tem inúmeras vantagens, pois proporciona aos educandos um contato maior com a biblioteca e por consequência com a Informação.

Nesse sentido, a pesquisa escolar aproximará a biblioteca escolar e os alunos, oportunizando aos mesmos a inserção no universo informacional da sociedade contemporânea.

Ellwein (2006, p. 80) comenta ainda que “[...] a pesquisa escolar deveria ser umas das atividades básicas do ensino curricular, pois o ato de pesquisar significa investigar com profundidade um determinado assunto”, o que proporcionará as bases para o desenvolvimento da pesquisa científica na educação superior e a construção do conhecimento, por parte dos professores e dos alunos envolvidos no processo.

Severino (2016, p. 26) tece uma reflexão sobre a relação entre conhecimento, pesquisa e ensino-aprendizagem, ao afirmar que “[...] sendo o conhecimento construção do objeto que se conhece, a atividade de pesquisa torna-se elemento fundamental e imprescindível no processo de ensino/aprendizagem”.

Diante do que foi explicitado, vê-se como a pesquisa científica pode estar presente também na educação superior ao envolver professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem, em busca da construção e da disseminação do conhecimento perante a comunidade universitária e seu entorno. A atividade de pesquisa pode ser, então, considerada vital para a existência da universidade.

Jankevicius (1995, p. 330), no que diz respeito à estreita relação que deve existir entre a atividade de pesquisa e a prática dos professores na universidade, reflete que:

[...] as atividades de pesquisa são indispensáveis aos professores universitários, sem as quais seriam meros repassadores de informações livrescas de antemão ultrapassadas e que rapidamente se tornam inúteis com o avanço da fronteira do conhecimento. Portanto, mesmo que as atividades de pesquisa não tragam benefícios diretos e imediatos à comunidade, elas são atividades acadêmicas essenciais em uma universidade, para o bom desempenho de sua função privativa de ensino.





Percebe-se que o bom desempenho da atividade de ensino por parte dos professores dependerá, essencialmente, da execução da atividade de pesquisa, isto é, há uma relação de interdependência entre a atividade de ensino e a de pesquisa no contexto da universidade.

Severino (2016) esclarece que a universidade não deverá se tornar um instituto de pesquisa, mas sim estimular que a atividade de ensino seja desempenhada em conjunto com a prática investigativa, o que será explicado na seção posterior.

### *A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UFAM*

O que vem a ser Iniciação científica? É a construção do conhecimento, a ressignificação do ensino aprendizagem, a atividade de iniciação ao procedimento científico. Processo que envolve ativamente a participação do professor e do aluno em pesquisa de investigação.

No que se refere à pesquisa, Severino (2016, p. 26) diz que:

O professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa da pesquisa para poder dispor de produtos do conhecimento; e a Universidade precisa da pesquisa para ser mediadora da educação.

Percebesse que há uma ligação muito estreita entre professor, aluno, comunidade e universidade no que se refere à pesquisa, e que um depende do outro no que tange à obtenção do conhecimento com o intuito de transformar e melhorar a sociedade.

O ensino e a aprendizagem somente se darão por meio da prática efetiva da pesquisa no âmbito das instituições de ensino, sejam elas de ensino superior ou básico.

A pesquisa científica é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento profissional do docente, é um ato de ensinar mais do que a simples aplicação do conhecimento (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

A iniciação científica, como já citada, refere-se a uma atividade que inicia o aluno de graduação na investigação e na produção de conhecimento.

Várias instituições de ensino superior no Brasil desenvolvem a IC no meio acadêmico como forma de incentivar seus estudantes a desenvolverem o lado da investigação. No âmbito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a iniciação científica (IC) é:

[...] uma modalidade de pesquisa acadêmica desenvolvida por estudantes de graduação em todas as áreas do conhecimento, é o primeiro passo na carreira do cientista, no qual o estudante pesquisador exerce a pesquisa acadêmica sob a orientação de um professor pesquisador (UFAM, 2019, s.p.).

No contexto da UFAM, o programa de IC é regido pela Resolução nº 040/2012 que “fixa normas para todos os Programas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, da UFAM”. O Art. 2º da Resolução diz que:





Os **programas institucionais de iniciação científica** e iniciação em desenvolvimento tecnológico e inovação **visam despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais entre discentes de graduação**, em todas as áreas do conhecimento, mediante participação em projetos de pesquisas, desenvolvimento tecnológico e inovação, contribuindo, assim, para a formação de recursos humanos para a pesquisa (UFAM, 2012, p. 1-2, grifo nosso).

Desse modo, percebe-se a preocupação da instituição quanto ao envolvimento dos seus alunos de graduação em procedimentos sistematizados e de apropriação do conhecimento científico.

Dentre os objetivos da referida Resolução podemos citar:

- I. Estimular o interesse do discente pela pesquisa científica, tornando-o parte ativa no processo de geração do conhecimento;
  - II. Iniciar o discente no domínio de métodos científicos e técnicas de pesquisa;
  - III. Proporcionar ao discente o desenvolvimento do pensamento científico, lógico e criativo, a partir dos problemas vivenciados no desenvolvimento de seu plano de atividades de pesquisa;
  - IV. Ampliar os horizontes do discente, incentivando-o a ter um olhar analítico-crítico sobre a realidade social em que está inserido;
- Estimular o discente a produzir cientificamente o conhecimento, relacionando-o com sua formação profissional, unindo competências advindas desses processos; [...] (UFAM, 2012, p. 2).

A partir desses objetivos, podemos perceber o incentivo que a Instituição disponibiliza aos discentes de graduação no que concerne à possibilidade de exercer sua criatividade e de construir um raciocínio crítico.

No Art. 3º da mesma Resolução, podemos identificar os programas institucionais de IC que são oferecidos pela UFAM: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI); Iniciação Científica em Ações Afirmativas (PIBIC-AF), esses mantidos com recurso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); existe ainda o Programa Institucional de Bolsas de Apoio à Iniciação Científica (PAIC) e a Iniciação Científica Júnior (PIBIC Jr), esses mantidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

No âmbito da UFAM, o PIBIC teve início em 1988. O programa envolve professores pesquisadores e alunos da graduação que participam de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento (JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA [...], 1999).

A importância do programa é indiscutível para os alunos da graduação, que desenvolvem conhecimento por meio do aprendizado de técnicas e de métodos científicos, estimulando-os, assim, a desenvolver o pensamento e a solucionar problemas. (JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA [...], 1999).



Nota-se que os jovens pesquisadores que participam dos programas de IC tornam-se alunos mais preparados, mais independentes, enfim, dotados de uma formação mais abrangente.

### *PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS*

Para a construção do relato de experiência aqui apresentado, fez-se necessário o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica e de campo.

A pesquisa bibliográfica, responsável por fornecer o aporte teórico da temática explorada, direcionou-se para as temáticas voltadas ao conhecimento, conhecimento científico, pesquisa científica na educação básica e na educação superior, bem como para a iniciação científica na universidade.

Para a realização da pesquisa de campo, foi encaminhado, no mês de novembro de 2019, um e-mail aos quatorze alunos participantes dos projetos de iniciação científica desenvolvidos no período de 2012 a 2018, que indagava os mesmos acerca de suas experiências nas referidas pesquisas por meio de três questões:

- a) o que os motivou a realizá-las?
- b) qual o aprendizado obtido?
- c) tais pesquisas o influenciaram/influenciam no mercado de trabalho em que estiveram/estão inseridos?

Dos quatorze alunos, sete responderam ao que foi questionado, sendo o conteúdo de seus relatos analisado em categorias, conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2010, p. 44), que diz respeito a

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A técnica de análise de conteúdo possibilitou que os dados fossem analisados na seção seguinte com a abordagem qualitativa, o que levou a reflexões em torno das experiências resultantes das práticas nas pesquisas de iniciação científica, envolvendo professores e alunos.

### *RELATOS DE EXPERIÊNCIA*

O presente relato trata da experiência de professores e alunos dos cursos de Biblioteconomia e de Arquivologia da UFAM, que participaram do desenvolvimento de oito pesquisas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), entre os anos de 2012 e 2018.



As temáticas investigadas estavam direcionadas para: a) a representação da imagem do bibliotecário e do arquivista nos filmes cinematográficos; b) o perfil dos alunos do curso de Arquivologia; e c) as bibliotecas escolares (estrutura organizacional, pesquisa escolar, perfil e papel do bibliotecário escolar no desenvolvimento de habilidades informacionais).

Quanto aos alunos, foi realizado um questionamento acerca de suas experiências nas referidas pesquisas, pautado em torno de três eixos principais, os quais serão mostrados a seguir.

### **Motivo de Realização**

Quando questionados acerca do que os motivou a realizar as pesquisas em que estiveram envolvidos, a maioria dos alunos afirmou que se deu porque essas atividades oportunizaram a iniciação no universo da pesquisa científica, como constata os relatos de A1, A2, A3 e A5:

[...] aprender mais sobre o universo da pesquisa [...] (A1, 2019)

Entendo o PIBIC como uma oportunidade de se inserir no contexto da produção científica [...] (A2, 2019)

O que me motivou a realizar o projeto foi a experiência que eu iria adquirir na iniciação científica, além de aprender técnicas e métodos de pesquisas para produções científicas seguintes e me serviu de base para o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (A3, 2019).

[...] Questionar e buscar respostas para essas indagações se torna um objetivo, onde a Iniciação Científica (PIBIC) é um dos principais caminhos para essas descobertas, experiências e aprendizagem durante a Graduação (A5, 2019).

### **Aprendizado Obtido**

Em relação ao aprendizado obtido, todos os alunos ressaltaram que a participação nas pesquisas de iniciação científica foi essencial para o processo que envolve a sua aprendizagem e formação, cada um ressaltando de que forma ocorreu esta influência:

Participar do PIBIC foi um aprendizado extraclasse incrível. As atividades de buscar conteúdo, investigar a realidade além da teoria e conhecer como a prática acontece era como estar em dois tempos importantes, a teoria da sala de aula (que é linda) e a prática do mercado de trabalho (que vem acompanhada de muitos desafios) (A1, 2019).

[...] percebi meu contínuo desenvolvimento cognitivo que possibilitou compreensões sobre as etapas lógicas que abrangem a ciência. Ademais, as fundamentações e aplicações praticadas durante o PIBIC me serviram como subsídios para o interesse na realização da minha futura formação continuada: especialização e mestrado profissional [...] (A2, 2019).

O aprendizado obtido foi o uso das técnicas de pesquisas e de como o bibliotecário pode trabalhar com a pesquisa escolar e a interação do mesmo com os professores (A3, 2019).

Foram tantos os resultados obtidos que hoje me sinto orgulhoso de ter apostado que a pesquisa era o certo a se fazer [...] Para citar alguns resultados, posso dizer



que me senti motivado para me tornar professor e pesquisador, também cresceu uma vontade enorme de contribuir para o campo dos arquivos e em especial para o ensino. E o projeto, por se preocupar com o ensino da Arquivologia oferecido pela universidade através do perfil dos alunos, identificou que melhorias deveriam ser feitas na grade curricular do curso, isso era um anseio por parte dos discentes, além de uma outra preocupação que era recorrente, a falta de professores estáveis, pois naquele período a Arquivologia no Amazonas dependia muito de profissionais de outros estados (A4, 2019).

Durante o andamento da Iniciação Científica pude perceber a importância da leitura e do olhar crítico para as dinâmicas sociais e políticas que norteiam nossa sociedade. Desse modo, compreendi que o embasamento teórico que norteiam os argumentos utilizados pelo pesquisador devem ser bem fundamentados. Outro fator importante que aprendi no PIBIC foi sobre pesquisas que envolvem pessoas por meio de questionários, e como isso deve ser tratado com seriedade pelo pesquisador (A5, 2019).

Ao aplicar os questionários foi possível pesquisar a atuação no campo do bibliotecário escolar e saber suas dificuldades e limitações. Saber que sua atuação é de imensa importância para a aprendizagem (A6, 2019).

[...] os aprendizados foram fundamentais para minha base pessoal e profissional [...] Nosso reconhecimento veio por meio da menção honrosa no ano de 2015, por nosso projeto ter sido escolhido como um dos melhores da época [...] (A7, 2019).

### **Influência no Mercado de Trabalho**

A maioria dos alunos considerou que a participação na atividade de pesquisa preparou-os para as exigências do mercado de trabalho contemporâneo, influenciando em suas práticas, vivências, reafirmando suas convicções e aspirações profissionais e levando-os ao reconhecimento profissional, conforme expresso nos relatos de A1, A3, A4, A5, A6 e A7:

Obviamente que os resultados foram positivos, pois em contato com o mercado de trabalho eu pude estar mais preparado para as exigências que este me faria ao sair da graduação (A1, 2019).

Influência de modo como [...] é importante ter uma boa Comunicação com os professores (A3, 2019).

Acredito que a iniciação científica foi um passo importante para o ingresso no mestrado e espero que outros frutos, como o doutorado e novamente a docência, possam ainda surgir tendo em vista uma contribuição para a pesquisa no campo dos arquivos e da Informação (A4, 2019).

[...] hoje enquanto profissional reafirmo com convicção a relevância da pesquisa para os profissionais bibliotecários. Sua influência nos procedimentos e decisões é perceptível no meu atual local de trabalho que é uma Biblioteca Escolar. Sou grata pela oportunidade de fazer parte de um programa de Iniciação Científica e o amadurecimento que me trouxe após o seu término (A5, 2019).

Influência no mercado pois [...] as possibilidades que existem para ajudar a melhorar o setor e envolver o usuário são muito gratificantes (A6, 2019).

[...] com este mesmo projeto tive a oportunidade de publicar um artigo o que me trouxe títulos profissionais, me possibilitando reconhecimento na minha carreira profissional e educacional [...] (A7, 2019).





## CONCLUSÕES

As motivações de orientação nos projetos de iniciação científica por parte dos professores orientadores corresponderam à possibilidade de inserção dos alunos no universo da pesquisa científica, o que influenciou em seus processos de construção do conhecimento e de aprendizagem, necessários às exigências e ao convívio na sociedade contemporânea.

Por meio das pesquisas científicas desenvolvidas, pode-se aproximar os alunos da ciência, dando-lhes a base para a interferência que poderá ocorrer na realidade a sua volta, mais ainda, o conhecimento obtido nas referidas práticas levou-os a descobertas que os influenciaram, também, de forma significativa no mercado de trabalho, o que evidencia a pesquisa científica como elemento primordial para o progresso social.

Percebesse a importância da iniciação científica para a formação pedagógica do aluno, para que ele se torne cidadão crítico, autônomo e ativo no processo de conhecimento. Cabe ao professor orientador, por meio dos incentivos das universidades, encaminhar esses alunos na senda da pesquisa científica, com o intuito de formar cada vez mais profissionais aptos a desenvolver, tanto no âmbito das universidades como fora, novos conhecimentos.

Ante o exposto, constatou-se que é fundamental a compreensão de como a iniciação científica contribui para a formação intelectual, moral, crítica e criativa do acadêmico.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BESSA, Amanda de Queiroz. **A interação entre bibliotecárias e professores de escolas públicas estaduais em Manaus, Amazonas, na biblioteca escolar**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95791>. Acesso em: 24 nov. 2019.

BRASIL. Lei no 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1039, 29 nov. 1968.

ELLWEIN, Selma Alice Ferreira. Pesquisa escolar e o enfadonho exercício de cópia: como separar o trigo do joio. In: SILVA, Rovilson; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 79-96.

FREITAS, Suzana Rossi Pereira Chaves de. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 8., 2016, Imperatriz. **Anais** [...]. Imperatriz: UFMA, 2016. p. 1-6. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/anais.php>. Acesso em: 24 nov. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

JANKEVICIUS, José Vitor. A pesquisa científica e as funções da Universidade. **Semina: Ci. Biol./Saúde**, Londrina, v.16, n. 2, p. 328-330, jun.1995. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:\\_7sxWES3z60J:www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/download/7056/6254+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_7sxWES3z60J:www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/download/7056/6254+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 24 nov. 2019.

JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO ESTADO DO AMAZONAS 8., 1999, jul. 21-23; Manaus, AM. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Resumos...**Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999. 346 p.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Silvio Paulo. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 5, p. 1-19, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321/2665>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2015.

MATALLO JÚNIOR, Heitor. A problemática do conhecimento. *In*: CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (org.). **Construção do saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Editais de iniciação científica**. 2019. Disponível em: <https://www.propesp.ufam.edu.br/iniciacao-cientifica.html>. Acesso em: 26 nov. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Resolução 040/2012**. Fixa normas para todos os Programas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, da UFAM. Manaus: UFAM, 25 jul

## SOBRE OS AUTORES



---

### AMANDA DE QUEIROZ BESSA

*Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (2000) e mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Atualmente é Professor Adjunto II da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: bibliotecas escolares, leitura e pesquisa escolar.*



---

### SUELY OLIVEIRA MORAES MARQUEZ

*Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (1995) e mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2007). Atualmente é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFAM (2018). Professora Adjunto nível III da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: Normalização Documentária, Análise da Informação, Representação Temática, Inteligência Competitiva, Metodologia do Trabalho Acadêmico, Metodologia Científica, Normalização Documentária, Conservação e Preservação de Documentos. ORCID - <https://orcid.org/0000-0001-8781-5349>.*





# capítulo 12

---

## **10 ANOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (2009-2019): A TRAJETÓRIA APRESENTADA POR MEIO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO**

---

- *Djuli Machado de Lucca (UNIR)*
- *Joliza Chagas Fernandes (UNIR)*
- *Alexandre Masson Maroldi (UNIR)*



### **INTRODUÇÃO**

Há quem diga, inclusive na academia, que a profissão exercida pelo bibliotecário é uma “profissão do passado”. Ora, o suporte tradicional da Informação – o livro –, dominado pelo bibliotecário no seu fazer profissional, que envolve os processos de tratamento, organização, preservação e disseminação, tem perdido sua hegemonia frente aos novos suportes possibilitados pelo advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). No entanto, essa percepção – de que a Biblioteconomia é algo do passado – não foi a percepção de um grupo de profissionais da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), que, em pleno alvorecer do século XXI, criou o primeiro curso de Biblioteconomia do Estado de Rondônia, para, a partir das técnicas exercidas pelos profissionais ora designados, atender e desenvolver o Estado de Rondônia e toda a região Amazônica.

A criação do curso – inicialmente denominado Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia – utilizou como pressuposto a concepção, levantada pelo primeiro Projeto Político-Pedagógico de Curso (PPC), de que seria necessário privilegiar, na formação do bibliotecário, o trabalho com “ferramental tecnológico, em sistemas de informações tecnológicas e empresariais, sem descuidar do campo social, uma vez que Rondônia se encontra em fase de grandes mudanças urbanas e sociais” (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, 2008, p.8).

Essa concepção, ao que parece, é congruente com o perfil desse profissional frente ao novo paradigma tecnológico, levantado por Coelho Neto (1996, p.5). Para o autor:



O papel do Bibliotecário na sociedade está se alterando devido às novas tecnologias de Informação e Comunicação. Novas formas de trabalhar surgiram porque novas ferramentas foram criadas para o controle, organização e disseminação da Informação. O profissional não está mais limitado ao espaço físico da biblioteca; agora ele trabalha com vários suportes em que a Informação está registrada, onde o usuário passa a ser o foco principal e não mais o acervo, ao mesmo tempo que a disseminação passa a ter mais importância que a preservação da Informação.

Considerando o paradigma exposto e a formação do bibliotecário para o contexto amazônico, este texto objetiva apresentar a trajetória dos primeiros 10 anos do curso de Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia. Essa apresentação tem como base os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos na instituição a partir do ano de 2013, ocasião em que aconteceu a primeira formatura desse curso na universidade em questão. Os resultados são apresentados, nessa ocasião, por meio de análise bibliométrica que compreende a evolução temporal, o gênero das autorias e a análise das três primeiras palavras-chave utilizadas pelos autores dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

Na próxima seção, apresenta-se o contexto social e cultural do surgimento da Biblioteconomia no Estado de Rondônia e a evolução histórica do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia.

### ***A BIBLIOTECONOMIA EM RONDÔNIA E O CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA DA UNIR***

Localizado no Norte do Brasil, Rondônia é o terceiro estado mais populoso da região, com 1.777.225 habitantes em 2019 (IBGE, 2020), sendo superado apenas por Pará e Amazonas. O estado é constituído por 52 municípios, dentre eles a capital rondoniense, Porto Velho, que completou 105 anos de vida em 2019. Situada ao leste do Rio Madeira, foi fundada em 1907 por meio da construção da ferrovia Madeira Mamoré e transformou-se em capital do estado em 1943, quando foi criado o Território Federal do Guaporé (LIMA, 2020).

Como qualquer capital, a busca por maturidade social, econômica e política é constante, observada ao longo de sua trajetória por meio das diversas fases de povoamento e dos ciclos de desenvolvimento sazonais – passando pelo ciclo da borracha, do ouro e culminando nos últimos anos com a construção do Complexo Hidrelétrico do Rio Madeira (ALVES; THOMAZ JÚNIOR, 2012), eventos que favoreceram sobremaneira o desenvolvimento da região e a miscigenação do povo rondoniense. Essa diversidade cultural propiciou para Porto Velho um espaço de firmações e diferenças socioculturais, com uma diversidade de imaginários e práticas, regidas por diferentes tons culturais provenientes das correntes migratórias e da forte tradição indígena amazônica (DIÁRIO DA AMAZÔNIA, 2020).

No entanto, a influente migração interna e externa não delineou um cenário cultural promissor, mas desconexo e sem incentivos. A exemplo disto, encontramos a reforma



agrária promovida com o auxílio das políticas de desenvolvimento nacional, que visou apenas a ocupação de terras e produtos agropastoris para suprir as necessidades e acomodar os grupos migratórios. Tal episódio resultou na criação de uma sociedade que não contava com nenhum tipo de estrutura social, sobretudo relativo à educação e à cultura.

Diante desse cenário, surge, então, a preocupação com a promoção do bem-estar da sociedade, por meio de ações culturais, educacionais e sociais que viessem desenvolver e fortalecer a consciência social do indivíduo, bem como sua inclusão em uma sociedade já movida pela Informação e pelo conhecimento.

Assim, a criação de instituições de cunho educacional e cultural, que oferecessem informação e conhecimento de forma organizada e atualizada, passou a ser a inquietude da sociedade da época. Traçando metas para sanar essa lacuna social, o poder público elaborou projetos para a efetivação dessas instituições na capital, por meio dos quais foram instituídos bibliotecas, centros culturais e a Unir, inaugurada em 1981. Podemos destacar ainda as três bibliotecas públicas de Porto Velho, utilizadas até o dia de hoje: a Biblioteca Municipal Francisco Meirelles (inaugurada em 1975), a Biblioteca Estadual Doutor José Pontes Pinto (inaugurada em 1975) e a Biblioteca Municipal Viveiro das Letras (inaugurada em 2010).

Contudo, a criação dessas instituições gerou outra necessidade latente, a de profissionais bibliotecários capacitados para gerenciar os produtos e serviços de unidades de Informação, considerando que os primeiros profissionais migraram de outros estados para o suprimento emergencial dessa demanda. Assim, para preencher a visível lacuna da sociedade rondoniense, nasceu o curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Rondônia, com a entrada da primeira turma de alunos no segundo semestre de 2009.

O projeto do curso foi pensado e elaborado a partir da motivação advinda das propostas de financiamento do governo federal por meio do REUNI. No entanto, por questões políticas internas da UNIR, o almejado financiamento nunca chegou efetivamente, fato que marcou a trajetória de superação e progresso da Biblioteconomia de Rondônia, que, mesmo sem as condições necessárias, cresceu e hoje se encontra em fase de consolidação, formando, no ano de 2019, a sétima turma de profissionais bibliotecários.

Em essência, o curso atualmente conta com: um corpo docente de 10 professores, dentre os quais 3 são doutores, 2 mestres e 5 doutorandos; um curso de doutorado interinstitucional (DINTER) em Ciência da Informação (CI), num convênio com a USP, para formar doutores na área com a finalidade de criação do mestrado em CI; projetos de extensão e de pesquisa em andamento, buscando oferecer para a sociedade serviços e produtos informacionais de qualidade; além de um trabalho em conjunto com o curso de jornalismo, transferido do campus de Vilhena para a capital e acolhido pelo Departamento de Biblioteconomia. O ingresso no curso de Biblioteconomia ocorre anualmente e são oferecidas, a cada espaço temporal, o quantitativo de 50 vagas para novos alunos.

Dois momentos foram marcantes para a consolidação do curso: a mudança da designação, ocorrida em 2011, e a otimização da grade curricular por meio da atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que resultou num novo currículo em 2018.





Quanto ao primeiro momento, vale ressaltar que o curso de Biblioteconomia, inicialmente, foi criado com a designação de Ciência da Informação. Após dois anos de funcionamento, em 2011, ocorreu a mudança para a atual denominação, por força de uma reivindicação dos alunos que almejavam entrar no mercado de trabalho em conformidade com as bases institucionais da área, ou seja, com as normas do Conselho Federal de Biblioteconomia que não regulamenta os cursos de graduação em Ciência da Informação.

Após a efetivação do novo nome, o curso passou a direcionar sua atenção para a grade curricular, que também necessitava de alterações para uma eficaz formação do corpo discente – trata-se do segundo 'momento marcante', mencionado anteriormente. Com um alicerce para o Bacharelado em Ciência da Informação, o primeiro PPC foi constituído por uma grade curricular cujo foco estava voltado para a formação de especialistas em Informação, com um arcabouço teórico que não cumpria as funções para a adequada formação de um profissional bibliotecário, considerando que as técnicas bibliotecárias não eram privilegiadas no escopo do projeto. Assim, em 2014, iniciaram-se as análises para a elaboração de um novo currículo que abrangesse realmente um conjunto de conhecimentos oriundos da área bibliotecária, com fundamentos teóricos, técnicas aprimoradas e alinhamento com o contexto regional. Enfim, no ano de 2018, o novo currículo encerrou seus trâmites burocráticos, sendo aprovado e colocado em uso pela turma de alunos do primeiro período do exercício de 2019.

De acordo com o novo PPC (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, 2018), a grade atual integra disciplinas que estão voltadas para a formação de profissionais que atuem em diversos tipos de bibliotecas, bem como no atendimento às empresas, às indústrias, aos websites, sintetizando, em todos os setores que trabalham com o processo de desenvolvimento do Estado e suas potencialidades, por meio da Informação e/ou documentação.

Para tal, os conteúdos e as atividades elaboradas para o desenvolvimento do curso aliam experiências individuais de cada aluno, necessidades e contextos da região, técnicas bibliotecárias de organização e gestão da Informação, fundamentos teóricos da área e tecnologia da Informação. Elementos que, utilizados de maneira eficaz, suprem a demanda de uma sociedade que necessita de produtos e serviços de Informação para o seu desenvolvimento e bem-estar.

A efetiva contribuição do curso pode ser apresentada por inúmeras variáveis, no entanto, gostaríamos de destacar aqui a disciplina de Elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, o temido TCC. Nessa atividade o aluno realiza uma pesquisa sistematizada, com a utilização de métodos e procedimentos metodológicos, a fim de conhecer instrumentos práticos e teóricos para a reflexão de aspectos metodológicos de investigação, auxiliando na aquisição e na troca de conhecimento da área, bem como na oferta de produtos e serviços informacionais para a sociedade local, formando um elo estreito entre a sociedade e a Biblioteconomia.

Essas contribuições, oriundas das pesquisas do corpo discente, refletem adequadamente a formação recebida pelo corpo discente ao longo do curso, e, por essa razão, o conjunto dos TCCs defendidos pelos alunos ilustram, de forma efetiva, o cenário



informativo construído pela Biblioteconomia ao longo de uma década de sua existência em Rondônia. Na próxima seção, será apresentado o percurso metodológico que nos permite apresentar o conjunto de TCCs defendidos pelos discentes na trajetória do curso.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso *corpus* de investigação compreende os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos pelos alunos, a maioria deles sendo hoje egressos do Curso de Biblioteconomia da UNIR. Trata-se, dessa forma, de uma pesquisa documental. Ainda, este estudo caracteriza-se como descritivo e exploratório e está pautado pela abordagem de análise bibliométrica. A bibliometria, concebida por Macias-Chapula (1998, p. 134), como “[...] o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da Informação registrada” por meio do desenvolvimento de padrões e modelos matemáticos, é útil para que seja possível, dessa forma, apresentar essa trajetória, utilizando essa tipologia documental.

Sendo assim, conforme discute Oliveira e Gracio (2011, p. 18), “as análises bibliométricas têm se mostrado procedimentos tangíveis e confiáveis”, pois são um conjunto de estudos que estão relacionados à “avaliação da Informação produzida” (p. 19), e seus fundamentos se encontram na Sociologia da Ciência, na Ciência da Informação, na Matemática, na Estatística e na Computação, afinal, mesmo sendo de natureza quantitativa, precisa passar pela metodologia teórica-conceitual, contribuindo para o avanço da temática, seja elaborando novos conceitos ou propondo novas análises (OLIVEIRA; GRACIO, 2011).

Os dados da pesquisa foram coletados diretamente dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia entre os anos de 2013 (ano das primeiras defesas) e 2019 (ano das últimas defesas). Assim, nosso *corpus* de pesquisa foi constituído por n=121 registros. Para tanto, foram elaborados os seguintes indicadores bibliométricos: evolução temporal dos TCCs defendidos; gênero dos autores dos TCCs e as três primeiras palavras-chave utilizadas pelos autores dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Posteriormente, com o auxílio do software Excel®, foram realizadas a tabulação, o tratamento e as análises dos dados obtidos dos TCCs. É importante salientar que a defesa do TCC não designa a conclusão do curso de Biblioteconomia, haja vista que, no PPC de 2008, não há a previsão de conclusão de todas as disciplinas anteriormente à do TCC, mas há uma parcela de alunos que defendem antes de realmente concluírem as disciplinas que compõem a grade curricular do referido curso.

Vale ressaltar ainda que, ao se propor a estudar a produção científica, essa pesquisa está subsidiada pelos aportes teórico-metodológicos oriundos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Na próxima seção, são apresentados os resultados obtidos a partir da análise bibliométrica.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos indicadores bibliométricos que dão conta de organizar, por meio de diferentes unidades de significação, o grupo de 121 Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos entre os anos de 2013 e 2019.

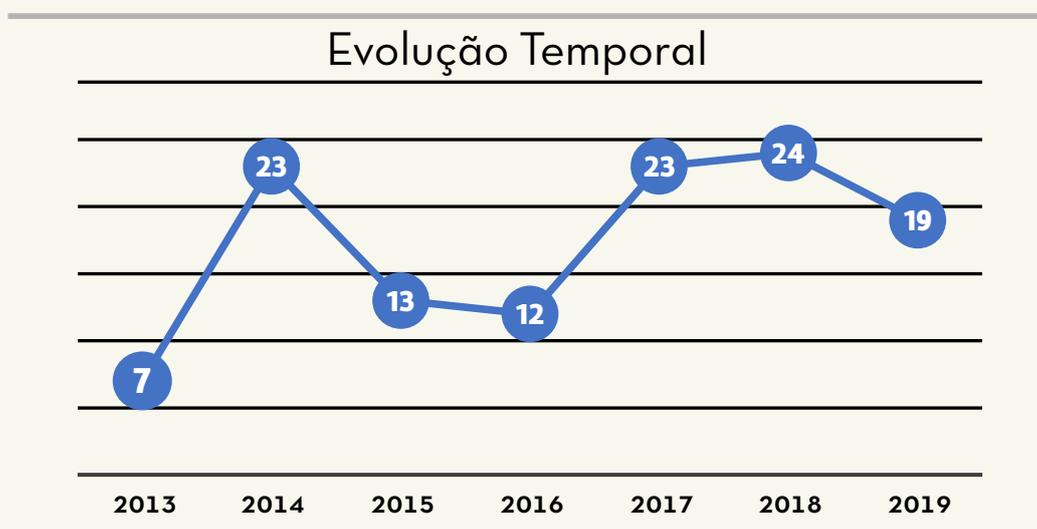


Com relação à evolução temporal do *corpus* de TCCs, a partir da Figura 1, é possível observar a evolução temporal dos 121 Trabalhos de Conclusão de Curso.

Com relação à Figura 1, podemos mencionar, inicialmente, que o ano de 2013 é o ano em que se concentra menor número de defesas de TCCs. Podemos indicar, empiricamente, que isso se dá por conta do início do curso na UNIR. Embora seja uma quantidade tímida, esse número contribuiu para a consolidação do curso, que está indicada a partir do aumento – embora inconstante – do número de defesas nos anos seguintes.

Essa consolidação pode ser melhor observada a partir do ano de 2017. É a partir desse ano que se começa a observar maior constância no número de defesas. O ano de 2018 é o que apresenta o maior número de trabalhos defendidos, 24 no total.

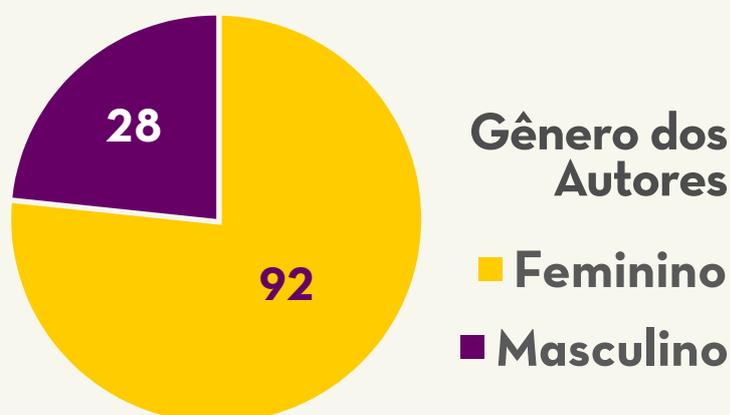
Figura 1 – Evolução temporal das defesas de TCCs



Fonte: Os Autores, 2020.

A Figura 2 apresenta, em forma de gráfico, a distribuição de gênero entre as defesas de TCCs.

Figura 2 – Gênero dos autores dos Trabalhos de Conclusão de Curso



Fonte: Os Autores, 2020.





A Figura 2 mostra que o gênero feminino prevalece com 76% (n=92) dos TCCs, enquanto o gênero masculino detém 24% do número de defesas (n=28).

A predominância do gênero feminino no curso de Biblioteconomia não é uma condição exclusiva da UNIR. Há, na literatura brasileira de Ciência da Informação, inúmeras pesquisas que apontam a hegemonia do gênero feminino perante o gênero masculino na profissão de Biblioteconomia de um modo geral (MARTUCCI, 1996; FERREIRA, 2003; PIRES, 2016; LOBÃO *et. al.*, 2017).

Martucci (1996) apresenta uma análise histórica acerca da predominância do gênero feminino na Biblioteconomia. Segundo a autora, essa ocorrência tem sua gênese na aproximação histórica do ambiente da biblioteca com a escola e, conseqüentemente, da figura do bibliotecário com a figura do professor. Assim, a predominância do gênero feminino se dá, na Biblioteconomia, pelas mesmas razões do que ocorre com a figura do docente.

Para Martucci (1996, p. 226), a escola nasce, basicamente, com o objetivo de encarregar-se da educação das crianças, e a escolarização, tradicionalmente<sup>1</sup>, acontecia para preparar a criança para o mundo dos adultos – uma tarefa bastante parecida com a tarefa historicamente doméstica que as mães desenvolviam e ainda desenvolvem na educação dos filhos. Assim, observando esse contexto, surgem, como características básicas do professor as qualidades morais e religiosas, o gosto pelos livros e pela boa leitura, exigindo, assim, do profissional, disciplina, submissão, trabalho sem tréguas, lealdade e pureza (MARTUCCI, 1996).

A figura feminina, então, surge como adequada para as características solicitadas, e esse gênero auxilia na “construção da identidade da professora como mãe e da escola como um segundo lar” (MARTUCCI, 1996, p. 234).

Dessa forma, o mesmo ocorre com o gênero feminino na Biblioteconomia. Para Martucci (1996, p. 238):

[...] nesta ótica aproximativa, que busca similaridades, levanta-se a feminização da Biblioteconomia na mesma perspectiva do magistério, pois em princípio parece que o bibliotecário foi encarado como um professor informal, que exercia sua função de educador fora do espaço formalizado do ensino, ocorrendo um deslocamento físico da sala de aula para a biblioteca.

Dessa forma, a expressiva discrepância entre o gênero masculino e o feminino – este concentrando mais de 75% do total de trabalhos defendidos – é, na verdade, um reflexo da tradicional hegemonia do gênero feminino no campo profissional da Biblioteconomia.

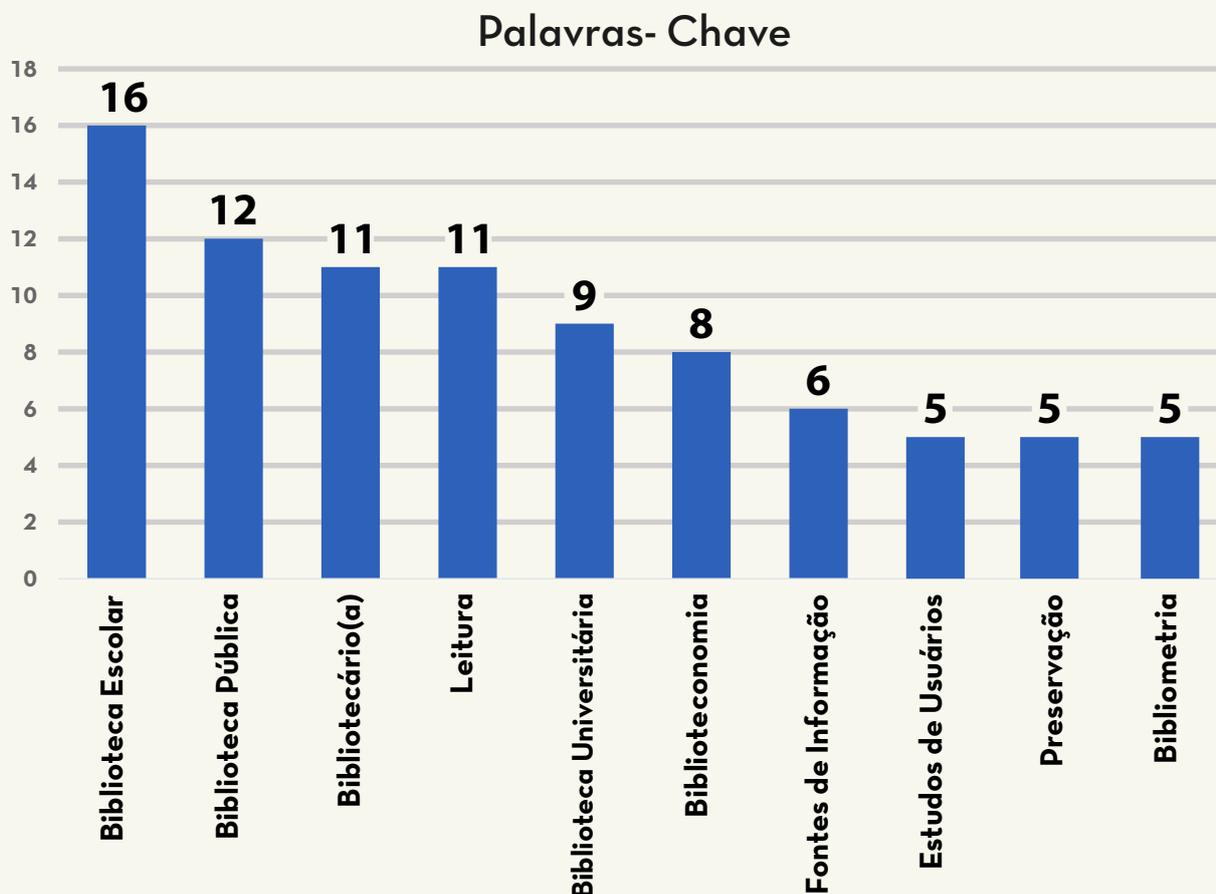
Com relação à análise das palavras-chave, para efeito quantitativo, elegemos as três primeiras palavras-chave elencadas na página do resumo dos n=121 TCCs. Ao todo, foram identificadas n=229 palavras-chave diferentes, sendo que destas apenas 105 aparecem uma vez, 19 aparecem duas vezes, 12 aparecem três vezes e 5 aparecem quatro vezes. As demais aparições podem ser observadas na Figura 3.

A Figura 3 ilustra a distribuição das palavras-chave utilizadas no resumo dos TCCs.





Figura 3 – Palavras-chave dos TCCs



Fonte: Os Autores, 2020.

A partir da Figura 3, podemos observar que as palavras-chave utilizadas com mais frequência nos TCCs envolvem o ambiente mais tradicional da prática bibliotecária: o ambiente da biblioteca; e a mais tradicional figura profissional da Biblioteconomia: o bibliotecário. Ainda, essas palavras-chave incluem atividades básicas da rotina de bibliotecas: leitura – e seu incentivo nos interagentes –, estudos de usuários e fontes de Informação e o manejo destas.

Isso indica que, historicamente, o curso de graduação em Biblioteconomia concentra a formação nas técnicas tradicionais da Biblioteconomia, a despeito da sua gênese voltada para uma técnica que está direcionada para a Ciência da Informação, que concentra, com mais veemência, práticas voltadas para a gestão da Informação, incluindo inteligência competitiva, gestão estratégica, empreendedorismo, Informação para a competitividade, gestão da qualidade e demais atividades.

Ressaltamos, nessa análise, que figuram, dentre as cinco palavras-chave utilizadas com mais constância entre os TCCs, três das principais tipologias de bibliotecas exploradas



na Biblioteconomia: Biblioteca Escolar, Biblioteca Pública e Biblioteca Universitária. Leitura e Bibliotecário(a) completam, assim, as cinco palavras-chave mais presentes, legitimando a tradição humanista do curso de Biblioteconomia da UNIR – que acompanha o legado brasileiro herdado da vertente que inaugurou o campo da Biblioteconomia no Brasil e consolidou essa técnica no solo nacional.

### CONCLUSÕES

A Biblioteconomia completa sua primeira década no Estado de Rondônia com histórico de um caminho para o reconhecimento perante a sociedade. Criada, inicialmente, sob moldes mais 'modernos', o curso viu, na formação tradicional, seu espaço de atuação no cenário contemporâneo, marcado pela popularização das TIC e pela utilização, cada vez mais expressiva, de instrumentos tecnológicos no trato com a Informação.

Os TCCs analisados apresentam-nos certo progresso em direção à consolidação do curso: há, aparentemente, progresso no quantitativo de defesas. A tradição do gênero feminino também está presente no curso que encerra, em seu perfil, formação humanista, ao menos no que tange à temática escolhida pelos alunos para desenvolver suas pesquisas de conclusão de curso.

Para a próxima década, espera-se a consolidação do objetivo do curso: o desenvolvimento social da sociedade rondoniense que deve utilizar a Informação já organizada para obter qualidade de vida, desenvolvimento e prosperidade.

### REFERÊNCIAS

ALVES, J.; THOMAZ JÚNIOR, A. A migração do trabalho para o complexo hidrelétrico do Madeira. *In: Jornada do Trabalho: a irreformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limiar do século XXI. Os novos desafios da Geografia do Trabalho*, 13., 2012, Presidente Prudente. **Anais Eletrônicos...** Presidente Prudente: UNESP – CEGET, 2012.

COELHO NETO, J. T. Do paradigma do acervo para o paradigma da Informação. *In: Simpósio Brasil- Sul de Informação*, 1., 1996, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 1996. Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/disciplinas\\_conteud\\_o.php?cod=27](http://www.ofaj.com.br/disciplinas_conteud_o.php?cod=27). Acesso em: 06 jan. 2020.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. Disponível em: <https://www.diariodaamazonia.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2020.

FERREIRA, M. M. O profissional da Informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **TransInformação**, v. 15, n. 2, p.189-201, maio 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v15n2/07.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: Curso de Ciência da Informação. Projeto Político-Pedagógico do curso de Ciência da Informação. 2008. Disponível em: <http://www.biblioteconomia.unir.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/PPC-2008.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: Departamento de Biblioteconomia. Projeto Político-Pedagógico do curso de Biblioteconomia (Bacharelado). 2018. Disponível em: <http://www.biblioteconomia.unir.br/portal/wp-content/uploads/2018/12/PPC-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil/Rondônia: panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/panorama>. Acesso em: 06 jan. 2020.

LIMA, A. M. A cidade. **Prefeitura Municipal de Porto Velho**. Disponível em: <https://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/17800/a-cidade>. Acesso em: 06 jan. 2020.

LOBÃO, I. L. *et al.* Biblioteconomia: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp., p. 2037-2050, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/998/924>. Acesso em: 06 jan. 2020.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da infometria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/2729805.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

MARTUCCI, E. M. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 225-244, jul./dez. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/642>. Acesso em: 06 jan. 2020.

OLIVEIRA, E. F. T. de; GRACIO, M. C. C. Indicadores bibliométricos em ciência da Informação: análise dos pesquisadores mais produtivos no tema estudos métricos na base Scopus. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 4, p. 16-28, out. 2011. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1299/969>. Acesso em: 06 jan. 2020.

PIRES, H. A. C. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino**. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2016.

## SOBRE OS AUTORES



### DJULI MACHADO DE LUCCA

*Professora do Departamento de Ciência da Informação/Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela mesma instituição.*



### JOLIZA CHAGAS FERNANDES

*Professora do Departamento de Ciência da Informação/Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).*



### ALEXANDRE MASSON MAROLDI

*Professor do Departamento de Ciência da Informação/Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Psicologia e Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela mesma instituição.*





# capítulo 13

---

## **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: EM FOCO A FORMAÇÃO SOCIAL E CIDADÃ DOS ACADÊMICOS E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA REGIÃO AMAZÔNICA**

---

- *Djuli Machado de Lucca (UNIR)*
- *Angerlânia Rezende (UNIR)*
- *Joliza Chagas Fernandes (UNIR)*



### **INTRODUÇÃO**

A extensão universitária, elementarmente considerada como uma “ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade” (SILVA, 1997, p. 1), é uma função básica da universidade e, inclusive, um preceito levantado na Constituição Brasileira, que menciona a indissociabilidade, no âmbito universitário, entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

O conceito de extensão, em nível básico, indica uma “via de duas mãos”. De um lado da via, há a universidade que presta, por meio dessa função “auxílio à sociedade, levando contribuições que visam a melhoria dos cidadãos” (RODRIGUES et al., 2013, p. 143). Do outro lado, há a sociedade que, além de receber assistência e conhecimentos científicos produzidos no âmbito universitário, também possibilita à universidade “propiciar o confronto da teoria com o mundo real de necessidade e desejos”, tornando o conhecimento um elemento solidificado, na medida em que é apreendido e aplicado na realidade (RODRIGUES et al., 2013, p. 144).

No âmbito da Biblioteconomia e de todas as outras áreas do conhecimento, a extensão universitária possibilita que os estudantes, os professores e os demais stakeholders do contexto universitário atuem como criadores de conhecimento de impacto na sociedade e, principalmente, como agentes de mudança social. Para os estudantes, há a formação cidadã e social que a vivência no campo propicia, e para a



sociedade, contemplada por meio dessas práticas, há o ato de receber ações que propiciem seu desenvolvimento social e, conseqüentemente, o desenvolvimento da região amazônica.

O objetivo deste texto é apresentar as contribuições da extensão para o desenvolvimento da sociedade, direcionando a discussão para os possíveis impactos dessa função universitária na formação social e cidadã dos acadêmicos. O foco compreende as ações de extensão desenvolvidas no Departamento de Ciência da Informação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) durante os 10 anos de existência do curso nessa universidade.

Para essa discussão, há pesquisa bibliográfica, realizada no Google Scholar sobre extensão universitária, sociedade e desenvolvimento social, e, ainda, há pesquisa documental nos projetos de extensão desenvolvidos no Departamento de Ciência da Informação da Fundação Universidade Federal de Rondônia durante os 10 anos de atuação do curso nessa universidade. Na próxima seção, será apresentada a extensão universitária e o seu papel para a integração entre a ciência e o desenvolvimento social.

### ***A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO INTEGRAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL***

As práticas extensionistas universitárias já fazem parte da vivência educacional há alguns anos, ou, pelo menos, deveriam ser uma constante nas universidades.

Quanto ao seu surgimento, a literatura aponta que a extensão universitária surgiu na Grécia, em suas primeiras escolas. Há quem diga que foi na Europa medieval, e ainda que ela é originária da Inglaterra em meados do século XIX (DELANTES; ARANTES, 2017).

No Brasil, como informa Paula (2013), as primeiras experiências de extensão se deram no início do século passado, mais precisamente na Universidade Aberta de São Paulo, em projetos abertos ao público. A extensão universitária é considerada no Brasil como um dos pilares do ensino superior, que fomenta não somente a formação profissional e humanística, mas também a transformação social.

Com efeito, a extensão universitária no Brasil, considerada em conjunto e numa perspectiva cronológica, pode ser vista como tendo três grandes etapas: I) a anterior a 1964, cuja centralidade foi dada pela campanha pela Escola Pública e pela aproximação com o movimento das Reformas de Base, a partir de obra e de prática de Paulo Freire; II) a etapa que vai de 1964 a 1985, polarizada pela emergência e pelas demandas dos movimentos sociais urbanos; III) a terceira etapa correspondente ao período pós-ditadura e se caracteriza pela emergência de três grandes novos elencos de demandas: 1) as decorrentes do avanço dos movimentos sociais urbanos e rurais; 2) as que expressam a emergência de novos sujeitos e direitos, que ampliaram o conceito de cidadania; 3) as demandas do setor produtivo nos campos da tecnologia e da prestação de serviços (PAULA, 2013).

Por vezes, no entanto, ainda existe um equívoco com relação ao entendimento do termo extensão no meio universitário que se confunde com cursos de extensão. Todavia, os cursos de extensão universitários, geralmente, são de carga horária curta e destinam-se a complementar conhecimentos em áreas específicas. Já as atividades de extensão são um





dever constitucional das universidades, conforme o artigo 207 da Constituição Brasileira dispõe: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

Assim, enquanto os cursos de extensão destinam-se a complementar o conhecimento em áreas específicas, as atividades de extensão são bastante amplas e compreendem uma realidade à qual os cursos de extensão podem ser inseridos dentro da extensão, mas não ensejam que extensão seja apenas cursos extensionistas (SILVA, 1997).

Ainda de acordo com Silva (1997), na realidade, a extensão universitária é uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade em que está inserida. É uma forma permanente de interação entre a universidade e os diversos setores da sociedade, funcionando como uma via de mão dupla em que a universidade leva conhecimento e/ou assistência à comunidade e recebe dela influxos positivos como retroalimentação com suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e também aprendendo com o saber dessa comunidade.

Ocorre, na realidade, uma troca de conhecimento, em que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre os valores e a cultura dessa comunidade. Assim, a universidade pode planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando esses valores e cultura. A universidade, através da extensão, influencia e é influenciada pela comunidade, possibilitando uma troca de valores entre a universidade e o meio (SILVA, 1997, p. 148).

A extensão universitária é a articulação entre o conhecimento científico proveniente do ensino e da pesquisa e as necessidades e demandas da comunidade, apresentando um papel importante na transformação da realidade social daquela comunidade por meio da troca de conhecimento e de aprendizagem, que os encontros entre instituição-comunidade proporcionam (MANUAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2009). Essa troca de conhecimento favorece ambos os envolvidos e acaba contribuindo tanto para a comunidade quanto para a universidade.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2010, p.17).

A extensão trabalha com o conhecimento, e este, como salienta Freire (2010), exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Solicita sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda busca contínua. Implica invenção e reinvenção. A extensão tem caráter de suma importância para o acadêmico, promovendo sua inserção na realidade cotidiana, política, social e econômica brasileira, e sua participação direta na vivência com a comunidade em que este está inserido, ensejando um ciclo de transformação social, “o que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas” (FREIRE, 2010, p.20).

O pensamento de Paulo Freire, sobretudo, faz-se atual, visto que leva em consideração uma educação que dialoga com a realidade dos seres em que nela se inserem.





Leva em conta aspectos econômicos, culturais e sociais, ou seja, busca compreender em sua totalidade e em todos os âmbitos o indivíduo. Partindo do processo de mediação para tornar-se uma práxis social, esse processo está intrínseco à relação da educação com o todo social.

### *A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL*

Conhecer o papel da universidade é uma etapa importante no processo de compreensão do seu compromisso social. É necessário que a universidade esteja inserida de forma permanente na comunidade, realizando a troca de experiências, assimilando, revendo valores e prioridades que permitam que a população se identifique como sujeito de sua própria história, proporcionando mudanças nas condições de vida, superando, assim, problemas sociais encontrados na própria comunidade (LIMA, 2010).

Dessa forma, a extensão universitária tem o objeto de intervenção e de mudança social. Seu compromisso deve ser com a sociedade, estabelecendo vínculos e troca de saberes, partindo das necessidades reais da comunidade e estabelecendo melhorias e troca de conhecimento.

Saraiva (2007) afirma que a extensão possibilita ao acadêmico a experiência de vivências significativas que lhe proporciona reflexões acerca das grandes questões da atualidade. Com base na experiência e nos conhecimentos produzidos e acumulados, há o desenvolvimento de uma formação compromissada com as necessidades nacionais, regionais e locais, considerando-se a realidade brasileira.

É importante ressaltar que esse estender do conhecimento acumulado pela universidade à sociedade precisa superar a postura de dominação ou de superioridade do saber universitário, isto é, o ego acadêmico, diante do saber popular. Vale lembrar que se trata de produzir uma interação, uma aliança com a sociedade (envolvendo organizações governamentais, sociais, setores, movimentos sociais etc.), gerando um novo conhecimento. É necessário que as práticas de extensão sejam configuradas em metodologias que estimulem a participação, que deem relevo a todas as contribuições (acadêmicas e não acadêmicas) (LAMY, 2013).

Assim, o papel precípua da universidade é produzir conhecimentos e soluções para os envolvidos. Uma vez produzidos, seu papel passa a fazer com que esses conhecimentos e essas soluções sejam conhecidos e colocados em prática, de forma que produzam as mudanças imaginadas ou, ao menos, possam ser testados. Toda e qualquer interação da universidade com a comunidade, em consequência, se a universidade vive a sua missão específica, acaba por ser transformadora, emancipadora.

Em tempos difíceis e com a crise educacional que o Brasil sempre vivenciou, são importantes ações que divulguem e comuniquem o papel social das universidades. A extensão é uma maneira de dialogar e tornar a sociedade mais familiarizada com o que se constrói no campo acadêmico. Freire (2010) discute que a extensão deve ser o ato do diálogo entre a sociedade e toda a comunidade acadêmica. O educador defende que, sem essa Comunicação, a universidade acaba por furtar da comunidade as condições





necessárias para que possa assumir suas responsabilidades, o que é fundamental e também imprescindível ao crescimento dos sujeitos. É preciso repensar o extensionismo universitário em uma dimensão na qual os discentes, os docentes e a população sejam atores mais ativos e que um dos objetivos dessa interação seja a construção de uma sociedade mais justa e humanizada (ROCHA, 2001).

Assim, a extensão universitária se configura como uma prática educativa, possibilitando que a universidade exerça seu papel social mediante o todo social. Amplia o diálogo entre os saberes produzidos de forma acadêmica com os que estão sendo desenvolvidos pelos sujeitos em suas práticas do cotidiano; construindo, assim, um conhecimento na práxis, almejando a transformação de realidades, otimizando o papel real da extensão como mediadora da universidade com a sociedade, na busca de uma educação que contemple e valorize os diversos saberes (SILVA; WERNER, 2019).

Na próxima seção, serão apresentadas as ações de extensão desenvolvidas pelo curso de Biblioteconomia da UNIR e suas contribuições para a formação social e cidadã do corpo discente desse curso.

### *A FORMAÇÃO SOCIAL E CIDADÃ DE ACADÊMICOS POR MEIO DAS AÇÕES DE EXTENSÃO: EM FOCO AS CONTRIBUIÇÕES DESSA FUNÇÃO PARA O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIR*

A universidade tem por natureza a função social de auxiliar na formação crítica e política dos acadêmicos, para que estes apliquem na sociedade subsídios que contribuam para uma realidade melhor, criando um ambiente propício para a boa expressão da cidadania.

Capellete e Mazzei (2008) problematizaram a formação do cidadão em seu estudo, alegando que, na trajetória histórica do nosso país, a soberania do Estado nem sempre considerou o homem comum com direitos de cidadão, isso sempre foi abordado como um privilégio que se concentrava nas mãos de poucos. Nesse sentido, a universidade se enquadra como um instrumento eficaz na luta contra esses problemas sociais, intervindo diretamente na realidade da sociedade.

No entanto, observa-se que as universidades contemporâneas cada vez mais direcionam a estrutura acadêmica para a formação tecnicista de profissionais especialistas que supram uma demanda global da sociedade, reduzindo o tempo de formação e as atividades que construiriam uma consciência humanista nos acadêmicos (DALBOSCO, 2015). O autor afirma ainda com convicção que “não se trata de negar, obviamente, a importância da formação profissional, competente técnica e cientificamente, para o desenvolvimento de qualquer país e para a Resolução de problemas que assolam a humanidade como um todo” (DALBOSCO, 2015, p.123.), muito pelo contrário, acredita-se que a consciência humanista auxiliaria sobremaneira na formação técnica, pois daria uma visão mais profunda do ser humano e, conseqüentemente, dos contextos sociais, onde a técnica e a ciência são aplicadas de forma efetiva.



Ou seja, [...] a formação para o exercício da cidadania democrática pressupõe um conceito amplo de formação cultural, alicerçado em três pilares que precisam estar presentes em qualquer currículo escolar ou universitário voltado à educação de novas gerações, a saber, o pensamento crítico, a cidadania universal e a capacidade imaginativa (DALBOSCO, 2015, p.124).

É notório que a interação com a sociedade, por meio de ações que colocam em prática os saberes construídos em sala de aula, e fazendo deles mecanismos para conhecer e suprir as necessidades da comunidade, é um método eficaz para desenvolver o pensamento crítico, a cidadania e a visão humanista do acadêmico.

Isto posto, a Biblioteconomia da UNIR, com o pensamento voltado para uma formação cidadã, busca realizar com seus alunos e professores ações qualificadas no escopo da responsabilidade social, acreditando que no espaço de aprendizagem e saber é necessário agregar aspectos de formação técnica, científica, mas também cultural e humanista para que a cidadania seja uma realidade para estes futuros profissionais no mercado de trabalho e não apenas uma palavra com belos significados, proferida de forma lúdica em sala de aula.

Assim, oferecendo meios para que cada acadêmico construísse um perfil profissional que enxergasse em si um agente de transformação social, o curso procurou cumprir o seu dever de facilitador da formação cidadã. Durante seus dez anos de existência, foram realizadas diversas atividades de extensão, efetivando a interação com a sociedade local.

Alguns dos projetos serão apresentados a seguir, como uma pequena amostra do esforço e comprometimento do corpo docente e discente com a sociedade rondoniense.

### **FEIRA DE LIVROS**

A “Feira de Livros e da Leitura: leia Zona Sul” é um projeto social fomentado e executado pela UNIR junto à Prefeitura Municipal de Porto Velho - RO, buscando promover o hábito pela leitura por meio de atividades lúdicas que envolvem a leitura e a exposição de livros em escolas municipais da zona sul da capital.

Esse evento se encontra atualmente na 6ª edição, sob a coordenação de professores de Biblioteconomia e a participação efetiva dos alunos do curso. O projeto inicialmente foi elaborado para compor um projeto social mais amplo que o município encampou em 2014, intitulado “Muda Zona Sul”, cujo objetivo foi levar para essa região da cidade entretenimento por meio da cultura, do lazer e da educação, devido ao contexto carente em que se encontrava. A feira foi uma atividade tão bem-sucedida na época que ganhou identidade própria e, mesmo sem a continuação do amplo projeto da prefeitura, continuou nos anos seguintes com o mesmo efeito e dedicação, fazendo hoje parte obrigatória do calendário cultural das escolas da Zona Sul do município de Porto Velho.

A programação do evento conta com atividades diversas em que alunos do curso de Biblioteconomia e de Letras desenvolvem ações lúdicas e de entretenimento sob a supervisão de professores do departamento. Entre as ações, o projeto de extensão destacou: teatro de fantoches, narração de histórias da literatura infanto-juvenil, sarau de poesias, palestras sobre motivação para o hábito da leitura e exposição de livros da biblioteca municipal “Viveiro das Letras”, situada também na Zona Sul1.





O principal benefício advindo desse evento é a valorização da educação e da cultura, por meio do qual os alunos de Biblioteconomia da universidade têm a oportunidade de conhecer e vivenciar a ludicidade do incentivo à leitura na prática, contribuindo para a formação de leitores na capital rondoniense.

### **PLANTÃO DO IMPOSTO DE RENDA**

O projeto Plantão Fiscal é uma proposta desenvolvida pelos departamentos acadêmicos de Ciências Contábeis, de Biblioteconomia e pelo Programa de Pós-graduação em Administração do NUCSA, objetivando orientar o cidadão comum no preenchimento da declaração do imposto de renda.

O plantão foi uma iniciativa do curso de contabilidade do campus de Cacoal/UNIR há alguns anos, e, em 2015, o curso de Ciências Contábeis do campus de Porto Velho adotou a proposta e iniciou a atividade também na capital rondoniense. O curso de Biblioteconomia iniciou uma parceria no projeto, dada a importância da participação de professores e alunos da área da CI para auxiliar as ações desenvolvidas, haja vista que a base de dados da receita federal constitui uma fonte de Informação complexa e de uma importância singular para a sociedade brasileira. Isso favoreceria duplamente a formação dos alunos e o auxílio à comunidade.

As ações desenvolvidas buscam orientar os cidadãos que precisam declarar o Imposto de Renda de Pessoa Física e sentem dificuldades para tal. Essas orientações incluem informações sobre os objetivos, as exigências e os fundamentos da declaração, assim como sobre os procedimentos para o correto preenchimento na plataforma. Na prática, essa atividade acontece durante um atendimento à comunidade, numa sala da própria universidade, em horário comercial, onde uma “equipe formada por alunos, professores e técnicos tiram as dúvidas quanto ao preenchimento e uso do software para a Declaração do Imposto de Renda de Pessoa Física” (UNIR, 2015).

Nessa oportunidade, os discentes podem vivenciar uma prestação de serviço direta à comunidade por meio de um atendimento real numa fonte de Informação de relevância para o sistema tributário brasileiro. Em essência, essa ação social auxilia sobremaneira na formação dos mesmos, trabalhando os aspectos social e técnico teorizados em sala de aula durante o curso.

### **SEMANA ACADÊMICA DE BIBLIOTECONOMIA**

O evento da semana acadêmica é importante para os alunos de qualquer área, sobretudo para os de Biblioteconomia, pois oportuniza um momento de interação com a comunidade local, haja vista que, durante a realização das atividades, eles têm a chance de conhecer novos colegas de curso e também profissionais bibliotecários convidados que atuam no mercado de trabalho e dividem experiências com os acadêmicos por meio de palestras e oficinas.

No curso de Biblioteconomia da UNIR, o evento já se encontra na sua 7ª edição, que aconteceu em dezembro de 2019, com o tema “Biblioteca, Sociedade e Educação: 10 anos de Biblioteconomia e Ciência da Informação em Rondônia”, para comemorar os 10 anos de criação do curso com a comunidade local.



As semanas acadêmicas de Biblioteconomia contam, desde as primeiras edições, com uma programação variada, buscando abordar temas que envolvem o mercado de trabalho e a formação do Bibliotecário, o que inclui palestras com profissionais da área, oficinas e apresentações de trabalhos acadêmicos, além de apresentações culturais para apreciação dos convidados e participantes.

Figura 1- Ícones de divulgação de diferentes edições da Semana Acadêmica do Curso de Biblioteconomia



Fonte: Os Autores, 2020.

A coordenação e a execução do projeto são sempre realizadas pelos acadêmicos do curso, em parceria com o departamento e com instituições de ensino da sociedade local. Isso oferece-lhes a experiência de planejamento, de elaboração e de execução de atividades promocionais da área profissional e do curso.

**PROJETO RONDON: OPERAÇÃO TEIXEIRÃO**

O Projeto Rondon é bastante conhecido pela sociedade brasileira. Existente desde meados da década de 1960, foi criado pelo Ministério da Defesa/Governo Federal para levar a juventude universitária a conhecer a realidade brasileira nos mais longínquos e necessitados lugares do norte do país (BRASIL, 2020).

A edição de 2018, intitulada Operação Teixeira, aconteceu em janeiro com a participação de professores e alunos da UNIR, inclusive do curso de Biblioteconomia, cuja programação contou com ações de assistencialismo nos municípios ribeirinhos do estado de Rondônia. Segundo dados oficiais do sítio do Ministério da Defesa (BRASIL, 2018), foram



oito os municípios assistidos pelo projeto, e cada município recebeu equipes de professores e alunos rondonistas por um período de doze dias. Essas equipes realizaram, junto às comunidades ribeirinhas, oficinas de diferentes áreas do conhecimento, incluindo Cultura, Direitos Humanos, Justiça, Educação e Saúde, Comunicação, Tecnologia e Produção, Meio Ambiente e Trabalho.

Figura 2 - Imagem da edição do Projeto Rondon



Fonte: Site oficial Ministério da defesa, 2018.

A participação nesse projeto proporcionou ao curso a oportunidade de alunos e professores vivenciarem uma experiência única de ação assistencialista, refletindo sobre a contribuição social que cada um pode oferecer às comunidades carentes, utilizando suas técnicas e habilidades profissionais. Além disso, a troca de experiências entre comunidade local e participantes do projeto é algo salutar para a formação de qualquer tipo de consciência civil e humana.

### **PROJETO AMAZON SAVIOURS**

O Projeto Amazon Saviours foi uma consequência e/ou um desdobramento do projeto Rondon - Operação Teixeira. Empolgado com a participação no projeto Rondon, o professor da Biblioteconomia, prof. Edson Modesto de Araújo Jr., também presidente da ONG Instituto Kaleo, elaborou e coordenou esse projeto social, contando também com o apoio da UNIR e do Governo do Estado, que ofereceu toda infraestrutura necessária para ancorar as ações desenvolvidas pelos professores e acadêmicos.

Assim, em maio de 2018, o projeto aconteceu em parceria com o Instituto Kaleo, sob a coordenação do Departamento de Biblioteconomia e a participação de alunos da UNIR, incluindo as áreas de educação, saúde e, em especial, a área de Biblioteconomia. Seguindo a



linha dos objetivos do projeto Rondon, o Amazon Saviors diligenciou ações sociais durante onze dias nas comunidades existentes às margens do Rio Guaporé, cuja programação contou com atividades que contemplaram a saúde, a educação e a cultura.

Figura 3 - Ilustração do Projeto Amazon Saviors



Fonte: Arquivo pessoal de Edson Modesto de Araújo Jr, 2018.

Foram dez os alunos de Biblioteconomia que participaram do projeto, cuja atuação oportunizou a realização de atividades lúdicas que levaram crianças e adultos a refletir o espaço em que viviam. Entre as atividades desenvolvidas, pode-se destacar os trabalhos em grupos com crianças ribeirinhas para a construção de mapas mentais livres em que elas demonstraram a classificação/ representação do meio em que vivem por meio de imagens/desenhos, dando sentido aos mapas. Além disso, aplicaram-se orientações voltadas à importância da Informação por intermédio de imagens satélites para que as crianças e os adolescentes pudessem identificar suas localizações e as das comunidades circunvizinhas. Pensou-se ainda em palestras sobre higiene preventiva; aconselhamentos/orientações voltados à importância da Informação; apresentação infantil com fantoches e rodas de leituras, mostrando que a biblioteca vai além das paredes físicas, levando, assim, o conhecimento e transformando mentes (DE LUCCA *et al.*, 2019).

A construção de mapas mentais, bem como as outras atividades desenvolvidas e coordenadas pelos alunos de Biblioteconomia, foi rica em experiência e conteúdos para a formação acadêmica dos alunos, considerando que foi colocado em prática o conhecimento abordado teoricamente em sala de aula. Além disso, originaram-se delas algumas publicações em revistas científicas na área de CI, contribuindo substancialmente





para a construção curricular de alunos e professores.

Assim como o projeto Rondon, o Amazon Saviours proporcionou, além da contribuição acadêmica, reflexões sobre novas estimativas da área para uma formação humanista e comprometida com o bem-estar social, onde exercer a cidadania é uma prerrogativa que deve ser preservada na nossa sociedade.

Os acadêmicos participantes do projeto, assim como as comunidades ribeirinhas assistidas, vivenciaram dias que certamente mudaram sua visão de mundo.

## CONCLUSÕES

Nesse capítulo, propomo-nos a apresentar o papel da extensão enquanto instrumento para o desenvolvimento social. Aqui, desenvolvimento social ocorre de duas formas: pela via da sociedade, que recebe as iniciativas desenvolvidas pela universidade, e pela via da universidade, que recebe os estímulos vindos da sociedade e, ainda, estimula os corpos discente, docente e técnico para uma formação social e cidadã.

Apresentamos, ainda, algumas das iniciativas de ações de extensão desenvolvidas pelo Departamento e que agem nessa 'via de mão dupla': Feira de Livros, Plantão do Imposto de Renda, Semana Acadêmica de Biblioteconomia, Projeto Rondon: Operação Teixeira e Amazon Saviours. Essas ações, por fim, contribuem para o desenvolvimento social e agem na formação de um corpo de profissionais com responsabilidade social para utilizarem os conhecimentos técnicos e científicos desenvolvidos no curso para exercerem papel de profissionais críticos, reflexivos, agentes de mudança social e criadores de conhecimento de impacto na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição **da República Federativa do Brasil**. Senado Federal: Brasília, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. Rondon realizará a Operação "Teixeirão" a partir de 19 de janeiro. Notícia de 16/01/2018. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/noticias/38685-rondon-realizara-a-operacao-teixeirao-a-partir-de-19-de-janeiro>. Acesso em: 06 jan. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. O que é o Projeto Rondon. Projeto Rondon: lição de vida e de cidadania. Disponível em: <https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>. Acesso em: 06 jan. 2020.

CAPELETTE, M. C. F.; MAZZEI, B. B. A universidade contribuindo na formação do cidadão através da extensão universitária: o caso específico do projeto “música, poesia e cidadania”. **Revista Travessias**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2902>. Acesso em: 06 jan. 2020.

DALBOSCO, C. A. Educação superior e os desafios da formação para a cidadania democrática. *Avaliação*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 123-142, mar. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772015000100123&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772015000100123&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 06 jan. 2020.

DE LUCCA, D. M. et. al. O projeto de extensão “Amazon Saviours” enquanto instrumento para o desenvolvimento da competência em Informação de povos ribeirinhos do Vale do Rio Guaporé, no sul do estado de Rondônia. *In.*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28, 2019, Vitória. **Anais...**, Vitória, FEBAB, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/2189>. Acesso em: 06 jan. 2020.

DESLANDES, M. S. S.; ARANTES, A. R. A extensão universitária como meio de transformação social e profissional. **Sinapse Múltipla**, v. 6, n. 2, dez., 179-183, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla>. Acesso em: 06 jan. 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX, 2010, Belo Horizonte. **Extensão Universitária: organização e sistematização**. Belo Horizonte: COOPMED, 2010.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LIMA, C. L. D. C. **A Extensão Comunitária e a Formação Acadêmica**. Santos: Leopoldianum, 2010.

LAMY, M. Uma nova definição de extensão universitária. *In.*: Conpedi/Unicuritiba; Horácio Wanderlei Rodrigues; Orides Mezzaroba; Ivan Dias da Motta. (Org.). **Direito, Educação, Ensino e Metodologia Jurídicos**. 1 ed. Florianópolis: FUNJAB, 2013, v. 1, p. 475-492.

MANUAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2009. **Faculdades Fundação Moca**, 2009. Disponível em: <http://docplayer.com.br/5393909-Manual-extensao-universitaria.html>. Acesso em: 06 jan. 2020.

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.



ROCHA, R. M. G. A construção do conceito de extensão universitária na América Latina. *In:* FARIA, D. S. (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001.

RODRIGUES, A. L. L. *et al.* Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de graduação: ciências humanas e sociais**, v. 1, n. 16, p. 141-148, mar. 2013.

SARAIVA, J. L. Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores. **Brasília Médica**, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000169&pid=S0102-4698201200040000700023&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000169&pid=S0102-4698201200040000700023&lng=pt). Acesso em: 06 jan. 2020.

SILVA, O. D. O que é extensão universitária? **Integração: ensino, pesquisa e extensão**, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997.

SILVA, R. C.; WERNER, R. C. A contribuição da Extensão Universitária para a formação acadêmica no serviço social e sua aproximação com a metodologia da Educação Popular. Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos, 3, 2019. **Anais eletrônicos...** [...] Londrina, 2019. Disponível em: <https://www.congressoservicosocialuel.com.br/trabalhos2019/assets/4604-223263-35536-2019-03-29-arquivo-2.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

UNIR – FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. Projeto de extensão da UNIR realizará atendimento sobre imposto de renda gratuitamente no campus de Porto Velho. Porto Velho: 24 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.unir.br/index.php?pag=noticias&id=14723>. Acesso em: 06 jan. 2020.

# SOBRE OS AUTORES



---

## DJULI MACHADO DE LUCCA

*Professora do Departamento de Ciência da Informação/Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela mesma instituição.*



---

## ANGERLÂNIA REZENDE

*Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Secretariado Executivo pela mesma instituição. Desenvolve pesquisas relacionadas à fontes de Informação especializadas e Competência em Informação.*



---

## JOLIZA CHAGAS FERNANDES

*Professora do Departamento de Ciência da Informação/Biblioteconomia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Bacharel em Biblioteconomia pela mesma instituição. Desenvolve pesquisas relacionadas à Representação da Informação.*





# capítulo 14

## **A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA EXTENSIONISTA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS:**

- *Guilhermina de Melo Terra (UFAM)*
- *Thaís Lima Trindade (UFAM)*



### *INTRODUÇÃO*

Quando se pensa em universidade, a primeira coisa que surge em nossas mentes é: produzir conhecimento, pois somente a partir dele teremos a transformação do indivíduo em cidadão. Portanto, a universidade é o local capaz de formar cidadãos para desenvolver a sociedade.

Isso implica frisar que a universidade nasceu da sociedade e para a sociedade, não estando acima dela, mas conectada a ela, tratando-se

[...] de uma instituição eminentemente social, cuja razão de ser é publicamente reconhecida e legitimada, na medida mesma em que se reporta o tempo todo à sociedade e ao Estado, à cultura, à política e à economia. De certa maneira, a universidade recebe uma 'delegação' da sociedade, que transfere a ela determinadas responsabilidades e incumbências (NOGUEIRA, 2004, p. 1).

Dentre tais incumbências, segundo o Relatório da UNESCO para educação no Século XX, a universidade deve ser um

Lugar onde se aprende, acompanha a evolução do mercado de trabalho, cultura, estudo aberto a todos, local de produção e sociabilização do conhecimento (PEREIRA; BRUM; OLIVEIRA, 2013, p. 6)

Isso implica frisar que a formação dos egressos necessita passar pelo tripé universitário, isto é, pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, pois somente desta forma o profissional construirá uma visão crítica, tendo consciência do seu papel social e transformador perante a sociedade. Afirma-se isso, pois, pelo ensino, o acadêmico adquirirá os conhecimentos teóricos e práticos para sua formação profissional. Pela pesquisa, gerará novos conhecimentos acerca de determinados fenômenos, auxiliando no melhoramento

de atividades produtivas, e com a extensão, como citado por Tartaruga (2010, p.9), estabelecerá uma relação com a comunidade, por meio da troca de conhecimentos.

Dessa forma, a instituição leva à comunidade os saberes desenvolvidos em seus espaços e presta auxílio à população, seja por meio de atendimento gratuito, clínica-escola, orientação, entre outros. (EDUCAMAMAISBRASIL, 2018, p. 2).

Em suma, o ensino, a pesquisa e a extensão são primordiais para a formação de profissionais com habilidades e competências capazes de transformar o contexto social e metodológico do meio em que atuarão. Todavia, com o propósito de atingir o objetivo deste capítulo, nosso foco de discussão se voltará apenas para as atividades de extensão universitária.

### **A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A FORMAÇÃO DO EGRESSO**

Na década de 80, Sérgio Zaccarelli “[...] cita que a função das instituições de ensino superior é 'transformar os registros do conhecimento' em 'conhecimentos disseminados e usados na sociedade.'” (ZACCARELLI, 1986, p. 86 apud CÉSAR, 2013, p. 86). Assim, entende-se por extensão universitária as atividades promovidas por instituições de nível superior, voltadas à interação da universidade com a comunidade à qual pertence, buscando, assim, promover a integração entre ambas, por meio de ações que ultrapassam o ambiente acadêmico. De forma aberta à comunidade, as atividades de extensão buscam promover o desenvolvimento do meio em que a universidade é parte integrante a partir do processo dialógico, que é responsável pelo processo de troca de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos com as ações extensionistas, o qual estimula o aprendizado com experiências vividas além das salas de aula.

As ações de extensão proporcionam o fortalecimento e o surgimento de vínculos entre a sociedade e a universidade, gerando, assim, uma contribuição direta ao exercício da cidadania por ambas as partes, uma vez que, ao oferecer atividades que promovam o crescimento e o bem estar social, a universidade cumpre parte de seu papel para com a sociedade. Em contrapartida, a sociedade, participando dessas ações, garante seus direitos civis, sociais e políticos. Nesta perspectiva, a extensão universitária é defendida como sendo

[...] ação da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2013, p. 1).

Ou seja, a extensão universitária visa contribuir com o desenvolvimento social a partir da aproximação da universidade com as comunidades adjacentes, as quais, por meio do pagamento de impostos, mantêm a universidade em funcionamento. Para a Faculdade de





Educação Física da Unicamp, as atividades de extensão, enquanto um dos pilares da formação profissional, contribuem

[...] para a complementação dos estudos realizados no âmbito do Ensino e da Pesquisa. Observa-se, assim, um entendimento de que a Extensão potencializa a relação entre a Universidade e outros setores da Sociedade, com vistas a uma atuação profissional transformadora, voltada para os interesses e necessidades da população e implementando o desenvolvimento regional e nacional na área, bem como para a promoção de políticas públicas efetivas. (BARRAGÁN; RODRIGUES; SPOLAOR; BORTOLETO, 2016, p. 42-43).

Por meio de fóruns, de discussões nos núcleos participativos da comunidade, de cursos de formação e qualificação, de apresentações culturais, de elaboração e desenvolvimento de projetos sociais, educacionais e ambientais, de atividades de ensino à distância, entre outros, sempre voltados à comunidade, a extensão universitária, ao colocar em prática o confronto das teorias aprendidas em salas de aula, proporcionará aos envolvidos não só a compreensão dos fenômenos, mas também a visão crítica, criativa e inovadora, capaz de interagir com os anseios e as necessidades do mundo real, com vistas à apresentação de soluções em prol da melhoria social. Por essa razão, para o Plano Nacional de Extensão, a Extensão Universitária passa a ser compreendida como sendo um

[...] processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1988, p.5).

A importância da ação extensionista se justifica por oportunizar a troca contínua de conhecimentos e experiências entre docentes, discentes e comunitários, garantindo, assim, novos processos de compreensão e aprendizagem que acabam por complementar as experiências vividas nas demais ações universitárias: a pesquisa e o ensino.

Corroborando com o exposto, cita-se a Constituição Federal de 1988, a qual, em seu art. 207, defende a importância da indissociabilidade de ensino, quando diz: "as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão." (BRASIL, 1988, p. 72), sendo que, como consta na nova Lei de Diretrizes e Bases, a Lei nº 9.394/1996, em seu art. 43, determina que as universidades necessitarão:

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 1996, p.28).



Portanto, a prática extensionista apresenta o mesmo grau de importância que o ensino e a pesquisa para o desenvolvimento das competências e dos objetivos das universidades, por ir ao encontro da coletividade social. Nesta perspectiva, vamos discorrer acerca da prática extensionista trabalhada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

### *EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFAM*

Pensar a prática extensionista, a partir do olhar da UFAM, é o mesmo que defender a interação dos saberes tradicional e acadêmico em prol do desenvolvimento social por meio da solução dos problemas mais urgentes, haja vista que

A extensão constitui-se em canal privilegiado para que a missão social das Instituições de Ensino Superior Públicas seja cumprida, visto que, em sendo a Universidade concebida como um espaço aberto às discussões que contribuem para a formação técnica, para o exercício da cidadania e para a superação das formas de exclusão, ratifica-se que as ações de extensão devem ser desenvolvidas em direção à autonomia das comunidades, evitando-se qualquer forma de dependência, assistencialismo ou paternalismo. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2010, p.3).

Entender a extensão universitária, portanto, passa a ser a prática estabelecida pelos docentes e discentes da UFAM, de modo a interagir com as comunidades adjacentes, buscando, assim, promover tanto a integração quanto o desenvolvimento social a partir de atividades que ultrapassam o ambiente acadêmico, atendendo, de forma aberta, a comunidade no entorno, ou não.

Em nível interno, as ações da extensão são coordenadas pela Pró- Reitoria de Extensão (PROEXT), a qual representa um órgão administrativo, responsável por gerenciar todas as modalidades de extensão ofertadas pela UFAM. Assim,

A PROEXT tem como fundamento a visão dialética de um processo de inter-relação, que implica na troca de saberes e na troca de ações entre a sociedade amazonense, em geral, e a comunidade interna universitária, de modo que a população receba da Academia ações que já são financiadas por ela própria, através do pagamento de impostos que viabilizam, além da extensão, a pesquisa e o ensino nas suas mais variadas modalidades. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2019, p.1).

No que se refere às modalidades disponíveis à comunidade acadêmica, os docentes e discentes da UFAM poderão optar por estabelecer suas ações a partir de programas institucionais sujeitos à publicação de editais ou por meio de ações de fluxo contínuo, conforme mostra o quadro a seguir:





Quadro 1 – Programas extensionistas UFAM condicionados à publicação de edital.

PROGRAMAS INSTITUCIONAIS		
PROGRAMA	OBJETIVO	PERÍODO DE REALIZAÇÃO
<b>PACE</b> Programa de Atividade curricular de Extensão	Desenvolver ações a serem executadas durante o semestre letivo, sendo concedida uma bolsa no valor de R\$ 1.500,00.	04 meses
<b>PAREC</b> Programa de Apoio à realização de Cursos e Eventos	Oferecer cursos ou eventos à comunidade, sendo concedido material gráfico para a divulgação da atividade.	Respeitar o cronograma apresentado no Edital.
<b>PIBEX</b> Programa Institucional de Bolsas de Extensão	Estimular docentes e discentes a desenvolverem ações voltadas ao desenvolvimento das atividades comunitárias.	6 a 12 meses
<b>LACAD</b> Ligas Acadêmicas	Proporcionar aos discentes maior contato com o contexto social.	Respeitar o cronograma apresentado no edital.

Fonte: Adaptado de UFAM, 2019.

Os editais de seleção do Programa PACE buscam estimular o desenvolvimento de ações de caráter educativo, social e cultural, e no fim da atividade são emitidos certificados aos participantes. Os editais do Programa PAREC, por sua vez, não dispõem de aporte financeiro, apenas oferecem materiais gráficos de divulgação para os projetos institucionais, tais como eventos e cursos de extensão. No caso do PIBEX, os editais se direcionam a ações de curto e médio prazos (6 a 12 meses) a serem realizadas nas unidades acadêmicas da capital e do interior, com a concessão de bolsa para discentes. Quanto ao LACAD, os editais deste direcionam-se exclusivamente às entidades constituídas por discentes, que buscam desenvolver ações voluntárias, evento de treinamento, encontros científicos, entre outros, voltados ao aprofundamento do ensino universitário.

Além dos programas institucionais, a UFAM ainda dispõe das modalidades de extensão em fluxo contínuo, que são desenvolvidas sem a necessidade da publicação de edital, conforme consta a seguir:



Quadro 2 – Programas extensionistas UFAM de fluxo contínuo.

<b>MODALIDADES DE FLUXO CONTÍNUO</b>		
<b>PROGRAMA</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>PRAZO DE REALIZAÇÃO</b>
<b>AS</b> Projetos de Autossustentação Financeira	Visam Desenvolver Ações Autossustentáveis, sendo Concedidos Certificados aos Participantes.	Depende das Ações Propostas.
<b>CR</b> Custo Restrito	Visam Englobar Prestação de Serviços, Aplicação e Socialização para a Comunidade, Concedendo Certificados aos Participantes.	Depende das Ações Propostas.
<b>Programa de Extensão Institucionalizado</b>	Desenvolver Ações de Extensão de Forma Multidisciplinar.	Depende das Ações Propostas.

Fonte: Adaptado de UFAM, 2019.

Cabe salientar que nas atividades de fluxo contínuo nenhuma das atividades recebe qualquer tipo de recursos financeiros ou materiais por parte do orçamento da UFAM. Tais ações não apresentam editais de seleção, podendo ser propostas a qualquer tempo, desde que aprovadas pelos Comitês de Extensão das Unidades acadêmicas da Capital e dos Campis.

### **O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E SUAS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS**

A prática extensionista sempre esteve presente nas ações do Curso de Biblioteconomia da UFAM, assim como as ações de pesquisa, por estarem conscientes da importância do tripé universitário para a formação profissional dos futuros bibliotecários. Para este capítulo, todavia, o foco se manterá no relato de experiência dos projetos de extensão voltados para o despertar do gosto pela leitura, coordenados pela Profa. Dra. Guilhermina de Melo Terra.





Desde 2004, a razão da aplicabilidade da leitura, enquanto base para as atividades extensionistas, vem sendo trabalhada, pois se defende que esta representa a mais importante atividade de aquisição de saberes. Nesse sentido, a leitura é fonte inesgotável de ideias e conhecimentos que ajudarão a desenvolver a criatividade e irão promover o crescimento intelectual do indivíduo, no sentido de transformá-lo em cidadão.

Parafraseando Martins (1992, p. 34), afirma-se que a prática de leitura representa “[...] um caminho para desenvolver hábitos saudáveis e úteis por toda a vida da criança [...]”, hábitos que serão refletidos durante a adolescência e fase adulta do indivíduo. O ato de ler permitirá ao homem adquirir novos conhecimentos e, portanto, sua transformação no meio em que é parte integrante.

Isso implica frisar que “a leitura é a chave que abre ao ignorante os segredos da natureza e da realidade, colocando-o em plena interação com um mundo que de outra sorte lhe seria absolutamente desconhecido” (FERRAZ, 1992, p. 32). Por esta razão, a leitura proporciona ao homem não só novos conhecimentos, mas também sua transformação.

Como o conhecimento corresponde a um processo contínuo estabelecido pelo homem e o seu contexto, entende-se aqui que o ato de ler acaba por ser, também, um processo, sendo defendido por Piletti (2000, p. 17) como “[...] um processo dinâmico e ativo, ou seja, ler um 'texto' implica não só apreender o seu significado, mas também trazer para esse texto nossa experiência e nossa visão de mundo como leitor”, gerando o processo de construção do conhecimento. Nesta perspectiva, a leitura não pode ser concebida como um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, pois sua prática contribui para o aprimoramento da capacidade de pensamento e de reflexão que são expressos por palavras, as quais, por sua vez, são registradas pela escrita.

No ambiente escolar, essa prática representa melhorias significativas na formação integral do discente e, em nível pessoal, uma formação para vida toda. Todavia, ao se tratar de leitura, a frase “não gosto de ler”, cada vez mais, faz parte do cotidiano das pessoas. Tal fato ocorre por vários motivos, dentre eles, a falta de prática da leitura no ambiente familiar é compreendida como sendo o motivo mais grave, haja vista que o reflexo disso é percebido no ambiente escolar.

Ademais, a obrigatoriedade da leitura de textos didáticos não muito agradáveis em sala de aula, em sua grande maioria, não consegue despertar o necessário interesse pela leitura, pois o ato de ler é mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos. Ou seja, esse processo deve ser capaz de fazer com que o leitor passe a ver e agir de forma crítica na sociedade.

Mas, para isso, a prática de leitura necessita permitir o processo dialógico entre os sujeitos envolvidos nesse processo, isto é, entre o leitor e a ideia que o autor quer passar. Isto implica frisar que apenas compreender o que está sendo exposto, não significa o atingimento do êxito esperado da prática de leitura. Para que esta seja eficaz, faz-se necessário garantir a transformação do leitor, no sentido de que este deve se posicionar, criticamente, frente ao contexto social, político e cultural em que se encontra inserido.

Assim, ao longo desses anos, os vários projetos de extensão aprovados pela PROEXT/UFAM foram desenvolvidos com o objetivo de despertar o gosto pela leitura, junto



às crianças e aos adolescentes de várias organizações da cidade de Manaus, os quais não apresentavam o hábito de leitura, devido aos contextos sociais em que viviam, sobretudo, aqueles que moravam ou frequentavam os orfanatos escolhidos para as ações.

Diante do exposto, as ações programadas vêm sendo desenvolvidas por meio de práticas voltadas para a sensibilização do ato de ler, de forma prazerosa, ou seja, através de fontes informacionais e métodos criativos como brincadeiras, narrativas, dramatizações, jogos, fantoches, hora do conto, concurso de poesias, concurso de leituras, já que “[...] a diversidade [de formas de ler] pode, inclusive, ajudar a trazer crianças [e adolescentes] mais resistentes, já marcadas pelo 'desvio' operado pela escola, para mais perto do mundo [...]” (VILLARDI, 1997, p. 68).

Busca-se o “lazer” para o desenvolvimento das ações, a fim de conseguir o envolvimento dos participantes, bem como busca-se trazer para as atividades o mesmo processo linguístico e social dos envolvidos, pois, de acordo com Freire (1994, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Assim sendo, o ato de ler é iniciado muito antes da criança participar do processo escolar, ou seja, a criança inicia a prática de leitura desde o seu nascimento através da observação de tudo o que está em seu redor.

O contexto da criança e do adolescente, isto é, tudo o que é vivenciado por eles, propicia um maior interesse pela leitura da palavra, já que desperta a curiosidade e o interesse. Assim, o processo de leitura de seu próprio mundo ajudará a criança e o adolescente no processo da leitura propriamente dita.

Diante disso, entende-se que a leitura desempenha um papel fundamental, pois ativa e integra os conhecimentos necessários para a formação do indivíduo, desenvolvendo sua capacidade de raciocínio, de pensamento, que o torna capaz de construir por meio do processo de entendimento e de interpretação um significado para o texto lido, ampliando, assim, sua leitura de mundo.

Nesta perspectiva, a tarefa de incentivo à leitura desenvolvida ao longo desses anos busca se apresentar de forma atrativa, sendo capaz de conquistar a atenção das crianças e dos adolescentes, de modo a despertá-los para um mundo interessante com imaginação e criação, pois acredita-se que, buscando uma leitura adequada à realidade de cada público, o gosto pelo ato de ler atingirá o êxito esperado e o objetivo proposto pelas ações extensionistas.

As ações extensionistas são realizadas em instituições nas quais há crianças e adolescentes que enfrentam situações de vulnerabilidade social, com vínculos familiares rompidos ou baixa renda familiar, a saber: abrigos institucionais, creches e escolas de ensino fundamental. Dentre as atividades realizadas, citam-se:

#### **a) Contação de estórias por meio da hora do conto:**

Para essa atividade, escolhia-se, primeiramente, a temática que se pretendia trabalhar. Em seguida, estudava-se o perfil do grupo social para o qual a atividade se destinaria. Com os dados nas mãos, escolhia-se a obra que seria trabalhada, segundo a faixa etária das crianças e dos adolescentes.

Para realizar a atividade, o público recebia vários tipos de incentivos para fixarem a atenção na leitura que era feita em voz alta. Ao final da narrativa, atividades de desenho ou pintura sobre a temática eram desenvolvidas com as crianças e os adolescentes.





**b) Narrar estórias por meio de fantoches:**

Para essa atividade, organizava-se o cenário e os fantoches, de acordo com a estória que seria trabalhada. Inicialmente, as estórias eram narradas do início ao fim. Mas, com o envolvimento do público, a estória passava a ser narrada de forma coletiva, inclusive o seu final. Ao término da narração, questionava-se qual seria a moral da estória, seguindo com a reflexão acerca da temática, de modo a transformar a visão das crianças acerca do assunto tratado.

**c) Desenvolver jogos e brincadeiras que sirvam como incentivo à prática de leitura:**

Durante essa atividade, escolhiam-se atividades que envolvessem jogos com conteúdo de estórias conhecidas pelas crianças e pelos adolescentes, a fim de trabalharmos os assuntos de forma prazerosa.

Com os adolescentes, os textos utilizados durante as gincanas continham tarefas que exigiam o trabalho coletivo, a confecção de poesias, as leituras de contos que se voltam para a temática regional, de modo a ser resgatada a consciência acerca da questão do meio ambiente e do desenvolvimento local.

**d) Apresentação de filmes:**

Para desenvolver essa atividade, seguia-se o mesmo padrão, ou seja, escolhia-se a temática que se pretendia trabalhar, haja vista que além de despertar o gosto pela leitura, esperava-se tratar de assuntos voltados à preservação do meio ambiente.

Durante a transmissão dos filmes, em alguns momentos, servia-se pipoca a fim de que as crianças e os adolescentes entrassem no clima do cinema. Ao final da sessão, destinava-se um momento para refletir sobre o conteúdo transmitido, de modo a ser trabalhada a temática escolhida.

**e) Atividades de desenhos e pinturas voltadas às estórias e aos filmes apresentados:**

Paralelamente às ações voltadas para o despertar do gosto pela leitura, os projetos de extensão também contribuem para o processo de coordenação motora e para a memória das crianças. Nesta perspectiva, após as atividades destinadas à apresentação dos conteúdos abordados, o grupo distribuía às crianças folhas para serem pintadas ou desenhadas.

Para trabalhar o desenvolvimento das crianças, inicialmente, eram dadas as ilustrações completas, apenas para pintar e discutir o conteúdo que estava representado nos desenhos. Posteriormente, as ilustrações se apresentavam de forma incompleta, de modo que as crianças as completassem a partir do conteúdo que havia sido transmitido nos filmes ou nas estórias narradas pelos fantoches. Por fim, as crianças tinham que desenhar e pintar o conteúdo assistido ou ouvido para, ao final, apresentar e refletir sobre os conteúdos trabalhados.

**f) Construir, junto com os alunos, jogos educativos, os quais incentivassem a prática de leitura:**

Com o auxílio das crianças e dos adolescentes, pegava-se materiais que seriam transformados em sucata ou lixo e construía-se jogos de tabuleiro, quebra-cabeça, bonecos utilizados para a contação de estórias.





Como cada instituição apresenta características específicas, cabe salientar que as atividades desenvolvidas foram selecionadas para atender às necessidades detectadas, assim como variava o tempo de realização das mesmas. O importante a frisar é que essas ações de extensão vêm permitindo o enriquecimento dos discentes do curso de Biblioteconomia da UFAM, pois não só permitem vivenciar a realidade que cerca as crianças e os adolescentes das instituições escolhidas, mas também perceber as dificuldades relativas à leitura e ao gosto por esta, sobretudo, pelo fato de que muitos não sabiam ler, bem como possuíam dificuldades de aprendizado, conforme tratado a seguir.

### ***A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A FORMAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS***

Desde que o curso de Biblioteconomia da UFAM iniciou o desenvolvimento dos projetos de extensão, independente da modalidade escolhida, a preocupação em apresentar a importância do papel de cada uma das esferas que compõem o tripé universitário para a formação dos acadêmicos sempre se manteve presente.

Com o propósito de diagnosticar a relevância da prática extensionista para a formação dos bibliotecários e para a formação dos profissionais que se encontram atuando no mercado de trabalho e que tiveram experiência com alguma ação de extensão coordenada pela Profa. Dra. Guilhemina de Melo Terra, durante sua formação acadêmica, estabeleceu-se um estudo, junto aos 12 egressos que compuseram as equipes dessas atividades de extensão, desde o ano de 2004.

Cabe ressaltar que desse universo 02 formulários não foram enviados por falta de localização dos egressos. Isto implica frisar que o estudo contou com 10 sujeitos, cujos formulários foram enviados aos seus endereços eletrônicos. Desse total, a pesquisa contou com o retorno de 07 formulários, o que totalizou 70% do universo proposto.

A aplicação do instrumento de coleta de dados foi constituída por 04 questões, com o propósito de averiguar a relevância dos projetos de extensão como vertente de formação profissional e como elemento contribuinte para o desenvolvimento da sociedade.

Com base nas repostas fornecidas pelos egressos, em relação à importância da extensão universitária, enquanto tripé universitário, destaca-se que para os sujeitos, em sua totalidade, a prática extensionista é de suma importância para a formação dos acadêmicos que se envolvem com ela, sendo definida como ponto chave para suas formações, pois proporciona experiências de integração significativa com a comunidade, como visto na resposta do sujeito 2, o qual diz que:

As atividades de extensão possibilitam contribuirmos com a transformação da sociedade, cumprindo assim um dos objetivos da universidade. Essas atividades estreitam as relações entre a universidade e a comunidade na qual está inserida, gerando uma influência mútua. (SUJEITO 2, 2019)

Também citaram a prática extensionista como “[...] o momento de sair do formato da sala (quatro paredes, o sair da caixa) e conhecer a amplitude da área na qual o acadêmico terá a sua frente como futura profissão [...]” (SUJEITO 3, 2019), no sentido de unir a universidade e a comunidade, contribuindo “[...] significativamente para que o aluno tenha





experiências tanto profissionais quanto pessoais, das quais poderá fazer uso quando formado” (SUJEITO1, 2019).

Cabe salientar que a consciência acerca da importância do processo de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão para a formação dos acadêmicos também foi mencionada por alguns sujeitos, o que é visto como sendo um aspecto positivo, pois demonstra que o discurso do curso de Biblioteconomia mantido junto aos discentes, ao longo do curso, vem surtindo os efeitos esperados. A comprovação está na resposta do Sujeito 5, o qual diz que é:

[...] de suma importância no processo de formação do acadêmico. É a porta de entrada do acadêmico com a pesquisa *in loco*, é a vivência direta com as atividades a serem desenvolvidas durante o processo o qual o direcionará para um futuro pesquisador dentro da sua área de formação (SUJEITO5, 2019).

Ao serem indagados acerca do aprendizado adquirido durante o desenvolvimento das ações de extensão junto ao público alvo, os sujeitos responderam que aprenderam muito com as ações, representando uma experiência significativa, pois

Além de colocarmos em prática o que aprendemos em sala de aula, [houve] uma troca de conhecimentos. Através da socialização desenvolvemos a criatividade, a linguagem, a capacidade de iniciativa etc. (SUJEITO 6, 2019).

Ou seja, a participação nos projetos de extensão proporcionou aos egressos o aprendizado por meio do contato com a comunidade, os quais puderam adquirir conhecimentos e habilidades essenciais à formação e à atuação dos bibliotecários. Foram citadas, ainda, as contribuições que as ações extensionistas trouxeram aos egressos. Quanto a isso, o Sujeito 1 (2019) relatou que a experiência extensionista o “[...] proporcionou novos conhecimentos práticos, ampliou meu panorama de atividades que a profissão pode contribuir para a sociedade”. Já para o Sujeito 5,

Participar desse projeto foi importante para minha formação profissional pois atualmente trabalho numa Biblioteca Escolar e muito do que aprendi no Projeto de extensão, como atividades lúdicas que envolvem contação de histórias, jogos educativos e rodas de leituras, aplico hoje no meu local de trabalho (SUJEITO 5, 2019).

Por fim, a última questão analisada apontou as percepções dos egressos quanto aos benefícios que as ações de extensão proporcionam à comunidade. Para os sujeitos, os projetos oferecidos, além de resultarem no estreitamento da relação entre a universidade e a sociedade, foram benéficos à comunidade:

[...] pois cumpriu papel crucial no desenvolvimento educacional e de amadurecimento da leitura nas séries iniciais, onde o público principal a ser atingindo durante as atividades eram as crianças. Importante ressaltar que o projeto de extensão possibilitou a troca de conhecimentos entre os funcionários e os estudantes participantes das atividades, tornando-se um espaço de mútuo aprendizado. (SUJEITO 5, 2019).



Cabe salientar que as respostas apresentadas, em sua maioria, descrevem as atividades de extensão como de grande relevância e significação para o amadurecimento profissional dos egressos, além de proporcionarem momentos de satisfação e de realização profissional aos mesmos. Ademais, “outra contribuição da extensão está no desenvolvimento da sensibilidade do bibliotecário com demandas sociais que até então estavam fora da atuação da Biblioteconomia” (SUJEITO 7, 2019).

## CONCLUSÕES

Conforme exposto aqui, o curso de Biblioteconomia da UFAM desenvolve continuamente projetos de extensão diversificados nos mais diversos campos da área central de atuação dos bibliotecários, sempre buscando promover a integração dos discentes com o fazer real da profissão de bibliotecário, a fim de reforçar os laços de integração da universidade com a sociedade por entender que tais ações são de extrema relevância para a formação integral dos egressos, no nosso caso específico, em espaços informacionais diversos. Acredita-se, ainda, que tais ações complementam, de forma efetiva, os conhecimentos produzidos na universidade, apoiando o aprendizado trabalhado em salas de aulas, nas ações de ensino e, também, nas ações de pesquisa.

Com base nos resultados apresentados, acredita-se que as atividades extensionistas desenvolvidas com vistas ao despertar do gosto pela leitura nas crianças e nos adolescentes vêm atingido seu objetivo, sobretudo, no que se refere à formação dos futuros bibliotecários. Um dos indicadores quanto a essa afirmação dá-se pela busca constante por parte dos discentes em participar de tais atividades.

Considera-se, portanto, que as atividades extensionistas aqui relacionadas são de extrema valia para a contribuição do desenvolvimento profissional dos discentes do curso de Biblioteconomia e também para o Desenvolvimento social da comunidade e da universidade, uma vez que grande é número de crianças e adolescentes que não têm acesso a nenhum tipo de atividades nesse sentido, principalmente de forma gratuita e realizada por profissionais qualificados. Conforme exposto, destaca-se a importância da continuidade na realização de projetos extensionistas como prática de construção profissional e social dos acadêmicos da UFAM.

## REFERÊNCIAS

BARRAGÁN, Teresa Ontañón; RODRIGUES, Gilson Santos; SPOLAOR, Gabriel da Costa; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 42-55, jan./ mar. 2016. DOI: DOI 10.5216/rpp.v19i1.35857. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/35857/pdf>. Acesso em: 11 dez. 2019.



BRASIL. Constituição **da República Federativa do Brasil 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 02 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 02 dez. 2019.

BURON, Roberto Montagner. O papel da Universidade na formação do perfil profissional. *In: Salão do Conhecimento: Ciência alimentando o Brasil*. 2016, Ijuí/Rio Grande do Sul. **[Anais...]**. Ijuí/Rio Grande do Sul: Unijuí, 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/7307>. Acesso em: 11 dez. 2019.

EDUCAMAMAISBRASIL. **Ensino, pesquisa e extensão**: o que são e como funcionam? Entenda como esses elementos influenciam o ensino superior. 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/ensino-pesquisa-e-extensao-o-que-sao-e-como-funcionam>. Acesso em: 9 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1994.

FERRAZ, Flávia Heloísa Unbehaum. **Leitura**: uma prática cultural a ser desmistificada. 1992. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE\\_3247.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_3247.pdf). Acesso em: 7 jul. 2014.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**: Brasil 2000 / 2001. Natal, RN: [s.n.]:1998. Disponível em: [https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao\\_extensao\\_univeristaria/colecao\\_extensao\\_universitaria\\_1\\_planonacional.pdf](https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_1_planonacional.pdf). Acesso em: 12 dez. 2019.

MARTINS, Sandra. **No vai e vem da leitura**: projetos interdisciplinares ganham apoio da família. 1992. Disponível em: [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br) . Acesso em: 25 mar.2013

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Qual o papel da universidade? Universidade, conhecimento e opinião. *In: Brito, Charles R. Simplesecomplexo*. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://marxbrito.blogspot.com/2008/02/qual-o-papel-da-universidade.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

PEREIRA, Álaba Cristina; BRUM, Élister Lílian Balestrin; OLIVEIRA, Marlize Rubin. O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. *In*: Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas, 2., 2013. **Anais** [...]. Paraná: UNIOESTE, 2013. Disponível em: [http://cac-php.unioeste.br/eventos/conape/anais/ii\\_conape/Arquivos/adm/Artigo11.pdf](http://cac-php.unioeste.br/eventos/conape/anais/ii_conape/Arquivos/adm/Artigo11.pdf). Acesso em: 2 dez. 2019.

PILETTI, Claudino. **Didática Especial**. 15. ed. São Paulo: Ática. 2000.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. As inovações nos territórios e o papel das universidades: notas preliminares para o desenvolvimento territorial no Estado do Rio Grande do Sul. **MPRA**, Porto Alegre, set. 2010, p. 2- 23. Disponível em: [https://mpr.a.ub.uni-muenchen.de/76577/1/MPRA\\_paper\\_76577.pdf](https://mpr.a.ub.uni-muenchen.de/76577/1/MPRA_paper_76577.pdf). Acesso em: 11 dez. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **O que é a extensão universitária**. Disponível em: <http://www.proex.ufes.br/o-que-%C3%A9-extens%C3%A3o-universit%C3%A1ria>. Acesso em: 11 dez. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Pró-Reitoria de Extensão PROEXT**: apresentação. 2019. Disponível em: <https://proext.ufam.edu.br/apresentacao.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Pró-Reitoria de Extensão PROEXT**: modalidades de extensão. 2019. Disponível em: <https://proext.ufam.edu.br/dados-abertos.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Resolução **N. 008/2010**. Política de extensão da UFAM. Disponível em: <http://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/733/6/resoluo%20n%20008.2010%20-%20consepe%20aprova%20a%20poltica%20de%20extenso%20da%20ufam.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler**: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

## SOBRE OS AUTORES



### **GUILHERMINA DE MELO TERRA**

*Docente do Curso de Biblioteconomia da UFAM. Pós-doutora em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutora em Museologia pela mesma faculdade. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Dom Bosco. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: guilherminaterra@ufam.edu.br.*



### **THAÍS LIMA TRINDADE**

*Docente do Curso de Biblioteconomia da UFAM. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Gestão de Arquivos Empresariais pela Universidade Federal do Amazonas. Graduada em Biblioteconomia pela mesma universidade. E-mail: thais.bibliotecaria@gmail.com.*





# capítulo 15

---

## **A VIVÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS: REFLEXÕES SOBRE O I SIMPÓSIO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, EM PORTO VELHO - RO**

---

- *Wellington Marçal de Carvalho (UNIR)*
- *Angerlânia Rezende (UNIR)*
- *Aline Vitaliano Leal (UNIR)*
- *Herta Maria Açucena do Nascimento Soeiro (UNIR)*



### **INTRODUÇÃO**

Sendo a Pesquisa um dos pilares que sustentam a missão e a visão da Universidade, considera-se de grande relevância abordar o assunto com a comunidade acadêmica para destacar a importância do profissional bibliotecário no contexto da Informação científica e do discente no contexto da pesquisa científica, apresentando os grupos de pesquisas, as modalidades dos programas de iniciação científica, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e os eventos científicos pertinentes à área de conhecimento na qual a Biblioteconomia e a Ciência da Informação estão inseridas.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018 da UNIR (2014, p. 31), no que tange ao perfil institucional, ao fazer referência aos valores e princípios, aponta-se a necessidade de integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão, valorizando a interdisciplinaridade, a aplicação dos estudos da UNIR e a educação superior inclusiva.

Seguindo ainda essa linha de pensamento, o estatuto da Universidade, em seu capítulo III, Art. 4, determina que o papel da instituição:



Estimular e proporcionar os meios para a criação e a divulgação científica, técnica, cultural e artística, respeitando a identidade regional e nacional; estimular os estudos sobre a realidade brasileira e amazônica, em busca de soluções para os problemas relacionados com o desenvolvimento econômico e social da região (PDI UNIR, 2014, p. 32).

Considera-se também necessário explicar a importância de se fazer ciência, seja enquanto profissional formado, ou profissional em formação, e o impacto dos trabalhos dos grupos de pesquisa nesse contexto. Além disso, é relevante visualizar os resultados e os produtos gerados para a sociedade local.

Rondônia é um Estado alvo de pesquisas científicas importantes, não apenas no contexto da Amazônia, mas em suas particularidades também. Nos últimos anos, o Brasil tem se empenhado na criação de agências de fomento à pesquisa científica, que nada mais são do que mecanismos criados para dar fluxo ao desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI's) no país, e isto têm sido essencial para o movimento socioeconômico. As Fundações de Amparo à Pesquisa têm como objetivo básico dar apoio aos projetos de pesquisa, ensino e extensão, bem como ao desenvolvimento institucional, científico e tecnológico.

Sendo assim, o perfil do profissional bibliotecário, diante das novas demandas e dos novos nichos do mercado de trabalho, deve se adequar e possibilitar a abertura de espaços para discussão e desenvolvimento da ciência, trabalhando na perspectiva da Informação científica.

A Comunicação científica é um importante canal de troca de conhecimento, sendo um processo vital para o desenvolvimento da ciência, conforme afirma Guimarães e Hayashi (2014). Essa Comunicação entre o público e os pesquisadores pode acontecer por meio dos canais formais e informais.

Embora se considere mais valoroso apenas o que é publicado em grandes periódicos e revistas, é preciso reconhecer que, para chegar ao estado de canal formal, o pesquisador certamente teve de passar pelos informais para que seu trabalho fosse divulgado e reconhecido, mesmo antes de concluir sua pesquisa.

O conhecimento adquirido – tácito ou explícito –, e certamente repassado durante a Comunicação nos canais informais, é de grande valor para o crescimento e a evolução da pesquisa científica. Esta área temática se torna de grande relevância também para o profissional bibliotecário, visto que o cerne da sua profissão é a divulgação do conhecimento para a sociedade.

O próprio código de ética disserta sobre essa função na Seção II – Dos Deveres e Obrigações, art. 2º: “c) cooperar intelectual e materialmente para o progresso da profissão, mediante o intercâmbio de informações com associações de classe, escolas e órgãos de divulgação técnica e científica” (RESOLUÇÃO CFB N.º 42 DE 11 DE JANEIRO DE 2002, p.1).

Sendo assim, considera-se que o I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UNIR possibilitou essa interação entre a pesquisa científica, os alunos e os



profissionais bibliotecários, pois teve a intenção de despertar o interesse dos mesmos para a ciência, abrindo os horizontes quanto aos espaços em que o bibliotecário pode atuar, sendo pesquisador ou não.

Além disso, na noite que se destinou à apresentação de trabalhos de alunos representando seus grupos de pesquisa, considera-se que mostrar quem já está nesse contexto pôde interessar aos alunos que ainda não o conhecem, os quais irão procurar saber sobre esses grupos de pesquisa na universidade, e, principalmente, pôde motivá-los a despertar para a ciência, contribuindo para sua carreira, enriquecendo e fortalecendo a participação do curso de Biblioteconomia da UNIR na pesquisa e na produção científica.

Foi esperado que os alunos pudessem se conhecer, visto que, atualmente, há cinco turmas de Biblioteconomia, mas não há interação significativa entre os alunos. Desse modo, a semana acadêmica veio justamente com o objetivo de integrar pessoas. Essa integração só tendeu a render boas ideias, como, por exemplo, a partir da reunião por interesses, em que esses alunos puderam trabalhar juntos, independentemente de estarem na mesma turma ou não.

Divulgar os trabalhos já em andamento também foi um objetivo desse evento, visto que o curso conta com grupos de pesquisa que estão produzindo e sendo financiados, mas a maioria dos alunos não os conhece ou pouco sabem sobre o funcionamento desses grupos ou dos pesquisadores envolvidos. Sobre a troca de Informação e a geração de novos produtos, Targino (2000, p.10) afirma que:

Eles trocam continuamente informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. É a Comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem. (TARGINO, 2000, p. 10).

O Simpósio é uma modalidade de evento que visa promover a integração de discentes, docentes, profissionais e da comunidade acadêmica em geral, por meio da oferta de palestras, oficinas, minicursos, mesas redondas, apresentação de trabalhos, dentre outros, com o objetivo de levar conhecimento sobre um tema específico para essa comunidade, neste caso, tendo como temática a Pesquisa Científica.

Para a realização desse evento, contou-se com o apoio da Instituição de Ensino promotora, a Fundação Universidade Federal de Rondônia, do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas, do Departamento de Ciência da Informação e do Centro Acadêmico de Biblioteconomia, com apoio, ainda, da Biblioteca Central Professor Roberto Duarte Pires, da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, bem como outras instituições colaboradoras, tais como: Conselho Regional de Biblioteconomia da 11ª Região (CRB11), Grupo de Pesquisa BibliEsc – As bibliotecas nas escolas públicas de Porto Velho RO e Sistema Fecomércio SESC/RO.

O Simpósio teve como objetivo suprir a necessidade de espaços que possibilitem a discussão e a troca de conhecimento sobre a pesquisa científica nos contextos: aluno,





instituição, bibliotecário e pesquisador em Rondônia.

O curso de Biblioteconomia da UNIR foi instaurado no ano de 2009, com uma única turma. Porém, apesar da recente instalação do mesmo, o curso tem se desenvolvido de forma positiva e atualmente conta com cinco turmas entre o 1º e o 8º período. A visão de futuro do curso remete à busca de referência na produção e disseminação de informações e conhecimento científico para o desenvolvimento socioeconômico da Região Amazônica (PPP BIBLIOTECONOMIA, 2008, p. 28).

O Departamento de Biblioteconomia, por meio de uma parceria entre o corpo docente e o discente, já organizou cinco edições de eventos acadêmicos, como forma de integrar professores e alunos no contexto de ensino-aprendizagem do curso, complementando a formação acadêmica dos mesmos. As temáticas anteriores dos eventos realizados buscaram discutir a profissão do bibliotecário, as responsabilidades e os desafios, as áreas de atuação e ainda a biblioteconomia social, temática muito abordada nas semanas acadêmicas, em que é apresentado o papel social da biblioteconomia na sociedade contemporânea e, principalmente, o papel do bibliotecário nesse espaço.

Com o passar do tempo e o crescente interesse da comunidade envolvida, a comissão resolveu ampliar o evento de Semana Acadêmica para Simpósio, dada a importância da área temática escolhida. Os eventos no formato de simpósio têm por objetivo debater, por meio de mesas de discussão com palestras, assuntos pertinentes, mas que ainda não tenham sido concluídos.

O I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação voltou-se aos alunos estudantes de Biblioteconomia e bibliotecários, de forma que o público conseguisse interagir e se integrar durante a programação oferecida. O evento contou com palestras, apresentações musicais, minicursos, sorteios, apresentação de trabalhos e mesa-redonda. Os alunos tiveram a oportunidade de fazer perguntas para os palestrantes e apresentar seus trabalhos desenvolvidos dentro dos grupos de pesquisa provenientes do curso de Biblioteconomia.

Dessa forma, o presente trabalho apresenta uma reflexão a partir dos excelentes resultados alcançados com a realização do I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o tema “Cenário e atores na pesquisa científica”, acontecido como evento da Semana Acadêmica dos graduandos em Biblioteconomia da UNIR, de 05 a 09 de novembro de 2018, em Porto Velho – RO. Ressalta-se, desde já, que a organização é responsabilidade dos discentes do curso, que contam com a supervisão/acompanhamento de parte do corpo docente do Departamento de Ciências da Informação/Biblioteconomia do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da UNIR.

## OBJETIVOS

O I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação teve por objetivo despertar e estimular a comunidade geral e acadêmica sobre a importância do desenvolvimento da



pesquisa científica no Estado, evidenciando os papéis e cenários de atores com destaque ao bibliotecário enquanto agente e disseminador da Informação científica.

Após a finalização do evento, foi possível perceber que os alunos se interessaram mais pela temática, principalmente no que tange aos grupos de pesquisa e aos espaços nos quais os bibliotecários podem atuar. Além disto, os alunos conversaram mais entre si, principalmente porque a comissão organizadora era composta por alunos de vários períodos, promovendo a integração e parceria entre os mesmos.

Dentre os objetivos específicos figuram os seguintes:

- a) Refletir sobre o papel do bibliotecário pesquisador e disseminador da Informação científica na sociedade atual. Os palestrantes trouxeram essa temática, bem como a fala dos convidados durante a mesa redonda, composta por bibliotecários, profissionais da pesquisa científica, que atuam em diferentes áreas, e puderam contribuir para essa discussão;
- b) Estimular a inserção dos acadêmicos na iniciação científica, pretende-se analisar, nos próximos semestres, se houve uma procura maior dos alunos para integrar os grupos de pesquisa já existentes no departamento de Biblioteconomia da UNIR;
- c) Possibilitar aos alunos o conhecimento dos trabalhos realizados pelos grupos de pesquisa da instituição promotora e outras. Os trabalhos apresentados eram de integrantes de diferentes grupos de pesquisa, com temáticas variadas e de acordo com o plano de trabalho de cada grupo, possibilitando ao público conhecer as temáticas trabalhadas em cada um deles, a fim de que se reconheçam em algum deles;
- d) Proporcionar aos alunos uma noite de exposição de seus trabalhos e complementar a formação acadêmica. O evento contou com nove apresentações de trabalho providas de grupos de pesquisa do próprio departamento de Biblioteconomia;
- e) Promover o debate acerca de se fazer ciência enquanto aluno-pesquisador e bibliotecário, por meio da palestra do bibliotecário-pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, Rodrigo Oliveira de Paiva, e a partir da exposição informativa do Servidor da PROPEAQ (Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa) Alex Santana, que falou sobre os programas de iniciação científica da Universidade Federal de Rondônia.

## METAS

Com relação às metas previstas, o evento atingiu:

- a) Uma estimativa de 125 participantes, que engloba alunos, professores, pesquisadores, palestrantes, técnicos envolvidos na execução do evento e a comunidade em geral;





- b) Vinda de dois palestrantes bibliotecários atuantes no contexto de Informação científica para a troca de conhecimento com o público. Os palestrantes foram: Rodrigo Oliveira de Paiva, bibliotecário-pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, e a bibliotecária professora Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho da Universidade Federal do Amazonas;
- c) Angariar recursos financeiros para a realização do evento, provindos da Fundação de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa - FAPERÓ, agência de fomento à pesquisa científica; barraca de alimentos na festa junina da UNIR; venda de camisetas personalizadas;
- d) Obter retorno positivo por parte dos participantes no que concerne à interação com o conhecimento, os palestrantes, o público e os professores; os participantes em geral elogiaram a organização do evento, bem como as atividades promovidas e previstas na programação, seguida à risca no que concerne ao horário, ao tempo para cada apresentação e ao desenvolvimento das falas.

## A ORGANIZAÇÃO DO EVENTO - O I SIMPÓSIO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

### Comissões

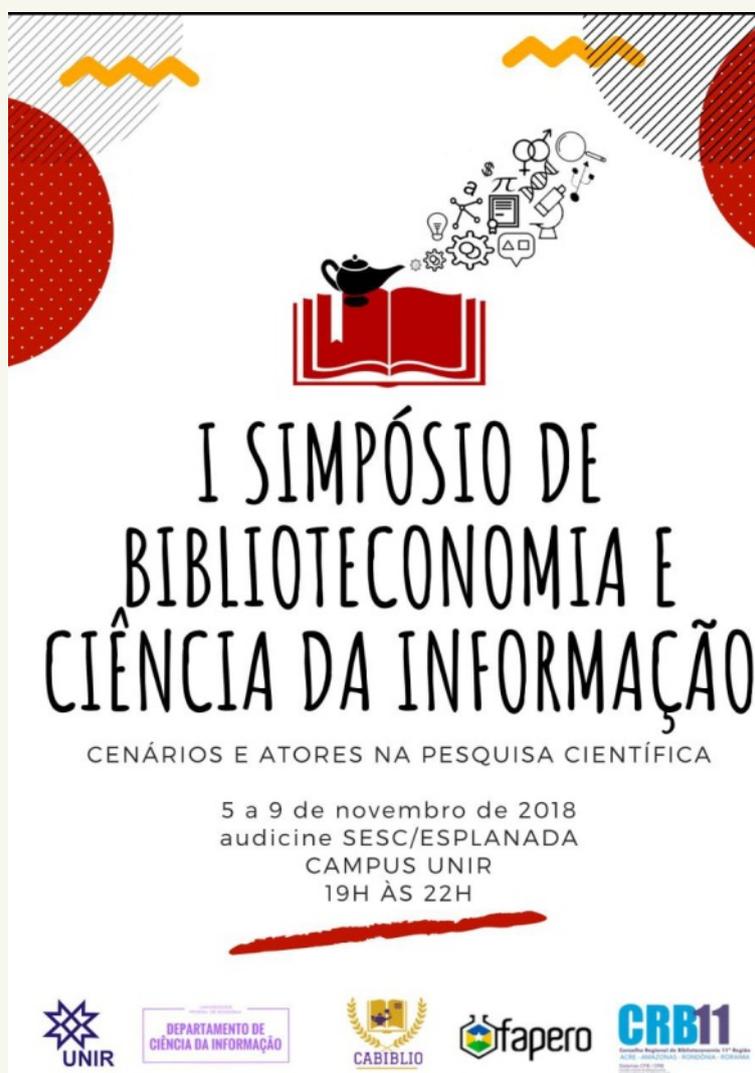
As comissões ficaram organizadas da seguinte maneira: 1) Comissão Organizadora, que reuniu todos os responsáveis pela elaboração do projeto, composta por discentes e docentes do departamento de Ciência da Informação da Unir, totalizando 27 pessoas; 2) Comitê Científico, que foi responsável pela avaliação e seleção dos trabalhos submetidos ao evento, composto por quatro docentes do departamento; 3) Palestrantes, os palestrantes escolhidos para o evento, no total de quatro convidados, sendo dois internos, um Professor do Departamento de Ciência da Informação e outro técnico em Assuntos Educacionais da Unir, e dois convidados externos, compostos por uma Professora da UFAM e um Técnico Bibliotecário do Museu Paraense Emílio Goeldi.

### Formas de Divulgação

A divulgação foi realizada da seguinte forma: por meio do *Site* do Departamento de Ciência da Informação; das mídias sociais - Página no *Facebook* do Departamento de Ciência da Informação e *Instagram* do Departamento de Ciência da Informação; Convites via *e-mail*; Divulgação através do aplicativo *WhatsApp* nos grupos de cada turma, bem como no grupo dos bibliotecários, de forma que os avisos e adendos fossem repassados mais rapidamente; Divulgação oral nas turmas; *Banners* e divulgação impressa.



Figura 01 – Chamada do Evento



Fonte: Os Autores, 2018.

### Inscrições

As inscrições para o evento foram gratuitas, realizadas mediante formulário *online*, por meio da ferramenta *Google Forms*, em data específica para abertura e encerramento, considerando o limite de participantes. O *link* das inscrições esteve disponível em todas as plataformas utilizadas para a divulgação, bem como era possível realizar a solicitação de inscrição via *e-mail* ou direto com a comissão, caso o participante não tivesse acesso à internet para preencher o formulário, por isto enfatizamos a divulgação oral.

No que tange às apresentações, foi publicada uma chamada para apresentação de trabalhos, seguido do formulário de inscrições, separado do formulário de inscrição geral do evento. O Comitê Técnico fez a avaliação dos trabalhos, divulgados em data definida. A Chamada foi feita formalmente, seguindo as normas da ABNT e do departamento,





respeitando também o formato e a temática do evento, sendo divulgada na forma impressa, oral e nas plataformas digitais.

Para o cumprimento da proposta do evento que consistiu de um dia dedicado à apresentação de trabalhos acadêmicos, foi elaborada uma chamada pública contendo todas as normas e prazos para a submissão. Segue na íntegra, no próximo parágrafo, o conteúdo da chamada pública contemplando sete itens, intitulada: Chamada pública para submissão de trabalhos acadêmicos nº 001/2018/Biblioteconomia.

As inscrições para a submissão de trabalhos acadêmicos para o I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação, trazendo a temática: Cenários e Atores na Pesquisa Científica, que ocorreu de 05 a 09 de novembro de 2018, no Audicine do SESC Esplanada, tiveram como critérios de chamada: a) 1 Público-alvo: Alunos, egressos e profissionais da Biblioteconomia e Ciência da Informação; Grupos de Pesquisas que possuam estudos alinhados aos eixos temáticos; b) Tipo do trabalho: Resumo Expandido; c) 3 Eixos temáticos: 1. Unidades de Informação no contexto atual: Biblioteca Escolar; Universitária; Comunitária; Especializada/Temáticas; Pública; Arquivos; Museus; Centros de Informação e Documentação; 2. Ciência, Tecnologia e Sociedade: bibliometria, cientometria, estudos de gênero; 3. Representação Temática da Informação; 4. Formação e Desenvolvimento de Acervo; 5. Gestão de Unidades de Informação; 6. Competência em Informação; 7. Biblioteconomia Social; 8. Formação e atuação do profissional em Biblioteconomia e Ciência da Informação; 9. Estudos de Usos e Usuários da Informação; 10. Marketing em Unidades de Informação; 11. Bibliotecas, Preservação e Memória.

### Programação

A seguir consta a programação completa do evento, contemplando em detalhes todos os locais, atividades, horários e pessoas envolvidas:

Primeiro dia de Evento - 05 de Novembro (segunda-feira).

Local: Audicine/SESC-Esplanada.

**19h** – Declaração de abertura (5')

**19h05** – Apresentação cultural – O jovem talento Gabriel Guarate (15')

**19h20** – Palavras de acolhimento e boas vindas – Composição do espaço no palco

Ordem de chamada:

1. Diretor do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas – Prof. Dr. Jonas Cardoso;

2. Chefe do Departamento de Ciência da Informação – Prof. Ms. Edson Modesto Júnior;

3. Coordenador do I Simpósio de Biblioteconomia e CI – Prof. Dr. Wellington Marçal de Carvalho;

4. Representante dos alunos de Biblioteconomia – Acadêmica Aline Vitaliano Leal.

**19h40** – Palestra (50') Professora Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho, titular da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

**20h35** – Interação com o público - perguntas e respostas (25')

**21h00** – Sorteio (15')

**21h15** – Avisos



*Sobre os minicursos:*

*Local: Campus UNIR – Horário: 19h – 22h*

**Minicurso** “Produção de artigos científicos” – Bibliotecário Rodrigo Oliveira de Paiva – Auditório do NUCSA

**Minicurso** “Repositórios Institucionais” – Prof. Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho – Laboratório de Informática ao lado da antiga DIRCA.

**21h20** - Coffeekbreak

**21h45** – Encerramento das atividades

Segundo dia de Evento - 06 de Novembro(terça-feira).

Local: Campus UNIR – BR 364.

Realização do Minicurso 1: Produção de artigo científico, orientado pelo Bibliotecário Rodrigo Oliveira de Paiva, Técnico do Museu Paraense Emílio Goeldi – Local: Sala do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas - NUCSA, das 19h às 22h.

Realização do Minicurso 2: Repositórios Institucionais, orientado pela professora Doutora Célia Regina Simonetti Barbalho da Universidade Federal do Amazonas – Local: Laboratório de Informática próximo à antiga DIRCA, das 19h às 22h.

Terceiro dia de Evento - 07 de Novembro(quarta-feira).

Local: Audicine/SESC-Esplanada.

**19h** – Palavras receptivas ao público

**19h05** – Apresentação cultural – O jovem talento do Departamento de Música da UNIR, Leonel Almeida (20')

**19h25** – Palestra (50') Rodrigo Oliveira de Paiva - Bibliotecário que atualmente é Técnico do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, lotado no Serviço de Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi

**20h15** – Interação com o público - perguntas e respostas (30')

**20h45** – Sorteio (20')

**21h05** – Avisos

**21h10** – Coffeekbreak

**21h45** – Encerramento das atividades do dia

Quarto dia de Evento - 08 de Novembro (quinta-feira).

Local: Audicine/SESC-Esplanada

**19h** – Reconhecimento à Bibliotecária Pesquisadora Aurineide Braga, vencedora do Prêmio Genesino Braga, na categoria Docente Bibliotecário, conferido pelo CRB11;





**19h15** – Palavras de acolhimento e incentivo aos trabalhos acadêmicos – Chefe do Departamento de Ciência da Informação Prof. Edson Modesto Júnior;

**19h20 – 1º trabalho (19h20 – 19h35)**

Relato de experiência: projeto de ação em busca de uma nova biblioteca escolar  
Autoras: Zillanda Teixeira Rodrigues e Jussara Santos Pimenta

**19h35 – 2º trabalho (19h35 – 19h50) -**

Biblioteca Escolar: espaço para formação de novos leitores  
Autoras: Aldineia Souza do Nascimento Reis, Priscila Brenha Abreu dos Santos e Jussara Santos Pimenta

**19h50 – 3º trabalho (19h50 – 20h05)**

O letramento informacional e o papel educacional do bibliotecário nas bibliotecas multiníveis da Rede Federal de Educação Tecnológica  
Autoras: Miriã Santana Veiga, Jussara Santos Pimenta e Luciana Semeão da Silva

**20h05 – 4º trabalho (20h05 – 20h20)**

A contribuição dos arquivos de Rondônia para a construção da História da escolarização da infância  
Autoras: Maria de Jesus de Barba e Marijâne Silveira da Silva

**20h20 – 5º trabalho (20h20 – 20h35)**

Práticas inovadoras em bibliotecas: alguns casos de sucesso com o uso de tecnologias  
Autores: Ketry Gorete Farias dos Passos, Pedro Ivo Silveira Andretta e Gregório Jean Varvakis

**20h35 – 6º trabalho (20h35 – 20h50)**

Apontamentos sobre a implantação e implementação de uma hemeroteca digital em Ciência da Informação  
Autores: Adriana Bruna Silva Albuquerque e Pedro Ivo Silveira Andretta

**20h50 – 7º trabalho (20h50 – 21h05)**

A mediação editorial, dispositivos e materialidade: algumas impressões  
Autores: Pedro Ivo Silveira Andretta e Edmir Perrotti

**21h05 – 8º trabalho (21h05 – 21h20)**

Representação de imagens: indexação e recuperação de imagens fotográficas do jornal Diário da Amazônia  
Autores: Jaira da Silva Pedrosa, Marcos Leandro Freitas Hübner e Pedro Ivo Silveira Andretta

**21h20 – 9º trabalho (21h20 – 21h35)**

A nova grade do curso de Biblioteconomia da UNIR e as exigências dos concursos das regiões Norte e Centro Oeste do Brasil  
Autores: Vannilza Torrejão Pereira, Pedro Ivo Silveira Andretta e Marcos Leandro Freitas Hübner

**21h35** – Encerramento das atividades do dia



Quinto dia de Evento - 09 de Novembro (sexta-feira).

Local: Audicine/SESC - Esplanada

**19h** – Palavras receptivas ao público

**19h05** – Apresentação cultural - O jovem talento do Departamento de Música da UNIR Leonel Almeida (15')

**19h20** – 1ª Palestra (60') Palestra proferida pelo professor do Prof. Dr. Wellington Marçal de Carvalho;

**20h20** – 2ª Palestra (40') Palestra proferida pelo técnico Alex Santana Costa, Mestre em Letras, que, atualmente, é Técnico em Assuntos Educacionais da UNIR

**21h** – Composição do espaço para interação com o público e extensão do debate dos temas das palestras. Mediador: Prof. Dr. Alexandre Masson Maroldi. (30')

**21h30** – Sorteio (15')

**21h45** – Agradecimentos/ Encerramento/Foto Lembrança/ *Coffeebreak*

Figura 02 – Programação do Evento



Fonte: Os Autores, 2018.





## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo principal, como já citado anteriormente, foi discutir a pesquisa científica no âmbito acadêmico e profissional, com o aluno pesquisador e o bibliotecário, respectivamente. Essa necessidade surgiu ao perceber que esta temática ainda não havia sido discutida nos eventos anteriores, apesar da grande importância.

Apresentamos no Quadro 01 a estatística de participação e suas respectivas categorias:

Quadro 01 – Estatística de Participantes do Evento

PARTICIPANTES	
SEGMENTO	QUANTIDADE
ALUNOS	90
PROFESSORES	17
COMUNIDADE EM GERAL	10
TOTAL ESTIMADO = 117 PESSOAS	

Fonte: Os Autores, 2018.

Observamos que a previsão de participação para o evento, estimada em 100 pessoas, foi ultrapassada, isso porque foi conseguida a divulgação para além do público de alunos matriculados em Biblioteconomia, alcançando também egressos do curso, profissionais já consolidados em suas carreiras que participaram ativamente da programação, trazendo vivências.

Outra observação é que os alunos, em sua maioria, apresentam certa dificuldade quando são abordados, durante o curso, os conteúdos referentes à pesquisa científica, bem como a falta de conhecimento sobre o que é um grupo de pesquisa, como ser um bolsista de iniciação científica, como o PIBIC, por exemplo, e não sabem que há, no próprio curso, professores pesquisadores que coordenam grupos de pesquisa na área.

Sendo assim, após discutir a pesquisa científica em vários contextos nesse simpósio, pretendeu-se apresentar aos alunos informações necessárias para despertar o interesse para se fazer ciência, não só mostrando as possibilidades e áreas de atuação, mas mostrando também o caminho que o aluno deve seguir para alcançar o que almeja, com a apresentação dos programas de iniciação científica, tal como o PIBIC, por exemplo, apresentado pelo coordenador da PROPESQ, Alex Santana.



O objetivo final é perceber, ao longo dos próximos semestres, o interesse dos alunos pela temática, não só para estudar para as disciplinas do curso, mas também para procurar os grupos de pesquisa para saber sobre suas linhas temáticas, seu funcionamento, isto é, entender o processo para, então, de acordo com seu interesse pessoal pela temática, participar ativamente destes grupos. Por isso a preocupação em mostrar, nas apresentações de trabalhos, as inúmeras possibilidades temáticas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa.

As atividades desenvolvidas nos grupos de pesquisa orientam os bolsistas, voluntários ou não, a produzir artigos e outros trabalhos acadêmicos a serem apresentados nos eventos científicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, e publicá-los em bons periódicos e revistas, melhorando não apenas seu rendimento durante o curso, mas contribuindo para o crescimento da produção científica da Universidade Federal de Rondônia através do curso de Biblioteconomia.

Os produtos desse curso serão os trabalhos que surgirão após o evento, e sua aplicação poderá ser de bom proveito pela comunidade em geral, dependendo da proposta do trabalho, ou poderá ser de interesse da comunidade acadêmica, considerando a enorme contribuição da biblioteconomia em todas as áreas do conhecimento. Logo, é possível que haja uma interação entre os grupos de Biblioteconomia e outros cursos da universidade, seja para produzir, formar parcerias ou trocar informações importantes.

Isso tudo conta como um avanço para o curso, considerado recente na UNIR, que passa ainda por um processo de consolidação, no que tange à pertinência e à importância da área para toda a sociedade.

O simpósio também teve a intenção de melhorar a Comunicação entre alunos e professores; proporcionar ao público o conhecimento de bibliotecários de institutos de referência no país, que vieram para mostrar seus trabalhos e, principalmente, abrir os horizontes dos alunos quanto à profissão; reconhecer e divulgar os trabalhos que vêm sendo feitos dentro dos grupos de pesquisa do curso, que tiveram a noite de apresentações no evento, além da oferta de minicursos; e, por fim, apresentar a importância da pesquisa científica, possibilitando a abertura de novas linhas de pesquisa para despertar o interesse dos alunos em participar delas.

## CONCLUSÕES

A realização do I Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação, desde a sua concepção, já demonstrava ser um grande desafio e, de fato, foi. Assim como consta na proposta do tema: "Cenários e atores na pesquisa científica", tivemos que realizar uma grande articulação para obter o máximo de auxílio possível.

No contexto supracitado, em que a soma de esforços foi crucial, houve uma grande força tarefa no sentido de verificar o local de realização do evento, pois se cogitava utilizar o espaço do IFRO Campus Calama, não apenas pela sua comodidade de auditório, mas também devido às ótimas instalações do laboratório de informática. Depois de tantas idas e vindas e impossibilidades, foi conseguido o Audicine do Sesc Esplanada. Desta forma, o evento ficou dividido entre o espaço do Audicine e o do laboratório de informática da UNIR, que seria necessário para realizar o minicurso de Repositório.





Com uma comissão organizadora convicta de seu propósito, conseguimos, com esforço, emprestar e deslocar materiais para o local do evento, bem como aproveitar o que cada membro da comissão tinha a oferecer, desde o tempo para o planejamento e a organização do evento, como habilidades para realizar determinadas atividades que se fizessem necessárias, e contando ainda possíveis imprevistos.

Os palestrantes foram bem sucedidos em suas atividades, interagiram com o público presente e demonstraram um ótimo domínio de conteúdo, assim como das relações possíveis entre o tema proposto pelo evento, os desafios do profissional bibliotecário e a realidade do contexto atual que tem se apresentado com um perfil cada vez mais volátil e dinâmico.

As perspectivas são as melhores possíveis para os próximos anos, haja vista que o evento recebeu muitos elogios dos variados segmentos de participação. Sendo assim, espera-se que as próximas edições possam superar essa primeira edição e possam ter objetivos cada vez mais ambiciosos e desafiadores, pois isso é muito importante para a visibilidade do curso e para a sociedade como um todo, que poderá contar com profissionais mais reflexivos e comprometidos com as pesquisas científicas e todos os aspectos ligados a esse cenário.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução **CFB N.º 42 de 11 de janeiro de 2002**: código de ética do bibliotecário. 2002. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Resolu%C3%A7%C3%A3o-42-Codigo-de-Etica-Profissional.pdf>. Acesso em: 20 de mai. de 2018.

GUIMARÃES, V. A. L. HAYASHI, M. C. P. I. Os eventos científicos: espaços privilegiados para a Comunicação da ciência. **Comunicologia**, v.7, n.2, jul./dez, 2014.

TARGINO, M. G. A. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 2, p. 37-85, 2000. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/1182>. Acesso em: 18 maio 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**. 2014. Disponível em: [http://www.pdi2.unir.br/downloads/2692\\_pdi\\_unir\\_2014\\_2018\\_versao\\_pos\\_consun\\_15\\_de\\_junho\\_2014\\_177.pdf](http://www.pdi2.unir.br/downloads/2692_pdi_unir_2014_2018_versao_pos_consun_15_de_junho_2014_177.pdf). Acesso em 20 de mai. de 2018.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA: **Curso de Ciência da Informação**. Projeto Político-Pedagógico do curso de Ciência da Informação. 2008.

# SOBRE OS AUTORES



## WELLINGTON MARÇAL DE CARVALHO

*Bibliotecário coordenador da Biblioteca da Escola de Veterinária da UFMG. Professor do Magistério Superior na Universidade Federal de Rondônia, no Departamento de Ciência da Informação / Biblioteconomia (até out./2019). Doutor em Letras 'Literaturas de Língua Portuguesa' pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Conceito CAPES 5). Integrante do Grupo de Estudos em Estéticas Diaspóricas, vinculado à Linha 'Identidade e alteridade na literatura', no projeto de pesquisa intitulado 'Migrações e deslocamentos - a constituição de 'estéticas diaspóricas' nas literaturas africanas de língua portuguesa'. Mestrado em 'Letras - Literaturas de Língua Portuguesa' pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas (2013). Graduação em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, principalmente em catalogação utilizando o formato MARC 21 para descrição de dados bibliográficos; tratamento do documento arquivístico. Especialista em Recursos Hídricos e Ambientais pelo Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais (2007). Diretor da Biblioteca Universitária / Sistema de Bibliotecas da UFMG (2013-2017). Presidente da Comissão Organizadora do XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (2014). Presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias / FEBAB (2016-2018). Desenvolve trabalhos no eixo temático: Letras (Literaturas de língua portuguesa); Africanidades; Arquivística; Organização e tratamento da Informação; Administração pública; Direito administrativo; Movimentos reivindicatórios; Assédio moral; Narrativas de desobediência à subalternidade. Biblioteconomia.*



## HERTA MARIA AÇUCENA DO NASCIMENTO SOEIRO

*Bacharela em Biblioteconomia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, inscrita no Conselho Regional de Biblioteconomia da 11ª Região sob o número 1114/11. Atualmente bibliotecária na Faculdade de Educação e Ambiente em Ariquemes/RO. Integrante do Grupo de Estudos Multidisciplinares em Educação, História e Memória MNEMOS, na Linha de Pesquisa Bibliotecas Escolares - Espaço de Ação Pedagógica da Universidade Federal de Rondônia. Tem experiência e interesse nas áreas de pesquisa em Biblioteca Escolar, Incentivo à Leitura, Bibliometria, Estudos de Gênero na ciência e Ciência, Tecnologia e Sociedade.*



## SOBRE OS AUTORES



### ANGERLÂNIA REZENDE

*Bacharel em Secretariado Executivo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Ciência da Informação pela UFPE, cursando Graduação em Biblioteconomia pelo Centro Universitário Claretiano. Professora substituta do curso de biblioteconomia - Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia (até agosto 2019). Possui curso de extensão em Docência de Educação a Distância pela UFPE. Já ministrou as disciplinas de Sistemas de Informação nas Organizações, Estudos do Usuário da Informação, Gestão de Mídias da Informação, Fontes de Informação I e II, Teoria da Ação Cultural, Metodologia da Pesquisa, Informação para o Desenvolvimento Sustentável. Tem interesse em estudos da competência em Informação, fontes de Informação, bibliotecas escolares, bibliométricos e etc. Membro dos grupos de pesquisas: Competência em Informação e Mediação, Estudos Multidisciplinares em Educação, História e Memória, Estudos Bibliométricos da Região Amazônica, vinculados a Universidade Federal de Rondônia e Certificados pela Capes.*



### ALINE VITALIANO LEAL

*Graduanda em Biblioteconomia e graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória-MNEMOS (UNIR) com a linha de pesquisa em Biblioteca Escolar.*



